

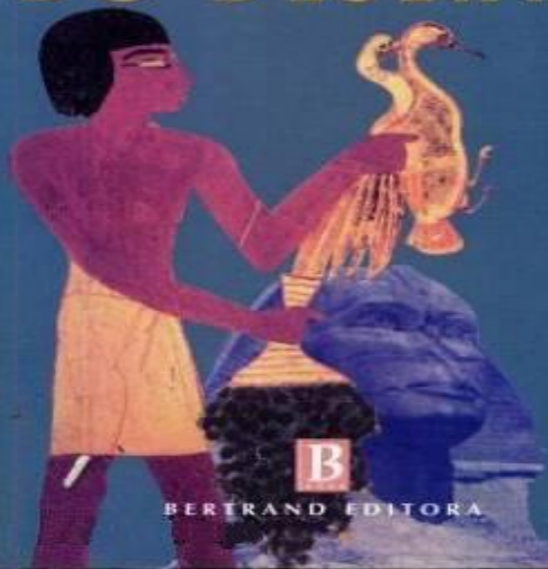
GRANDES ROMANÇOS

CustoJusto.pt

CHRISTIAN JACQ

A LEI

DO DESERTO



B

BERTRAND EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O JUIZDO EGITO II

A LEI DO DESERTO

Christian Jacq

Magna é a Regra, duradoura a sua eficácia, nada ousou perturbá-la desde o tempo de Osiris.

A iniquidade é capaz de se apossar da quantidade, mas nunca o mal levará tal empresa a bom porto.

Não te empenhes em maquinações contra a espécie humana, pois Deus castiga tal procedimento...

Se escutaste as máximas que acabo de te oferecer, cada desejo teu tornar-se-á realidade.

Ensinamentos do sábio Ptah-hotep, extratos das máximas 5 e 38.

O calor era tão avassalador que apenas um escorpião negro se aventurava na areia do pátio da prisão, que, perdida entre o vale do Nilo e o oásis de Khargeh, a mais de cem quilômetros para oeste da cidade santa de Carnaque, albergava os reincidentes que carregavam pesadas penas de trabalhos forçados. Quando a temperatura o permitia, os prisioneiros conversavam na pista que ligava o vale ao oásis, e era cruzada por caravanas de burros transportando mercadorias.

Pela décima vez, o juiz Paser apresentou o seu pedido ao chefe do campo, um colosso sempre pronto a castigar os indisciplinados.

— Não suporto o regime privilegiado de que beneficio. Quero trabalhar como os outros.

Esguio, bastante alto, de cabelos castanhos, face larga e alta e olhos verdes acastanhados, Paser, cujos traços haviam perdido a juventude, mantinha uma distinção que impunha respeito.

— Tu não és como os outros.

— Sou um prisioneiro.

— Mas não foste condenado. Estás aqui em segredo. Para mim, tu nem existes. O registro não tem nome nem número de identificação.

— Mas isso não me impede de partir pedras.

— Volta para o teu lugar.

O chefe do campo desconfiava deste juiz. Pois não tinha ele deixado o Egito inteiro boquiaberto, ao instruir o processo do famoso general Asher, acusado pelo melhor amigo de Paser, o tenente Suti, de ter torturado e assassinado um batedor, e de colaborar com inimigos de longa data, os Beduínos e os Líbios?

O cadáver do infeliz não fora encontrado no local indicado por Suti. Os jurados, não podendo condenar o general, contentaram-se em pedir um inquérito suplementar, investigação que gorou, uma vez que Paser, caindo numa armadilha, fora acusado de assassinar o seu pai espiritual, o sábio Branir, futuro sumo-sacerdote de Carnaque. Apanhado em flagrante delito, fora preso e deportado, à margem da lei.

O juiz estava sentado à escriba na areia escaldante. Não parava de pensar na mulher, Néféret. Durante muito tempo, julgara que ela nunca viria a amá-lo, depois, a felicidade chegou, forte como o sol de Verão. Uma felicidade despedaçada, um paraíso de onde fora expulso sem esperança de regressar.

Levantou-se um vento quente que fazia os grãos de areia rodopiar chicoteando a pele. Com um pano branco pela cabeça, Paser não ligava ao vento, recordava as etapas do inquérito.

Pequeno magistrado de província, perdido na grande cidade de Mênfis, tivera o azar de se mostrar demasiadamente consciencioso ao examinar em pormenor uma documentação algo estranha. Descobrira o assassinato de cinco veteranos que formavam a guarda de honra da grande esfinge de Gize uma carnificina disfarçada de acidente, o roubo de uma grande quantidade de ferro celeste destinado aos templos, e uma conspiração envolvendo altas personalidades.

Mas não conseguira provar de forma definitiva a culpa do general Asher e a sua intenção de destronar Ramsés, o Grande.

E, quando tinha finalmente conseguido obter plenos poderes para ligar entre si os elementos dispersos, o azar batera-lhe à porta.

Paser lembrava-se de todos os momentos daquela noite terrível. A mensagem anónima avisando-o de que o seu mestre Branir corria perigo, a corrida desviada pelas ruas da cidade, a descoberta do cadáver do sábio Branir, uma agulha de madrepérola espetada no seu pescoço, a chegada do chefe da polícia, que não hesitou em considerar Paser um assassino, a sórdida cumplicidade do deão do pórtico, o mais alto magistrado de Mênfis, o seu transporte em segredo para a prisão e, quando o seu fim chegasse, uma morte solitária sem que a verdade viesse a ser conhecida.

A trama fora organizada com a máxima perfeição. Com o apoio de Branir, o juiz poderia ter investigado nos templos e identificado os ladrões do ferro celeste. Mas o seu mestre tinha sido eliminado, tal como os veteranos, por misteriosos agressores cujos fins continuavam obscuros. O juiz chegara à conclusão de que entre eles figuravam uma mulher e vários homens de origem estrangeira, as suas suspeitas recaíam sobre o químico Chéchi, o dentista Qadash e a mulher do transportador Denes, homem rico, influente e desonesto, mas não tinha certeza de nada.

Paser resistia ao calor, às tempestades de areia e à comida intragável, porque queria sobreviver, apertar Néféret nos braços e ver a justiça florescer de novo.

O que teria inventado o deão do pórtico, seu superior hierárquico, para explicar o seu desaparecimento? E que calúnias espalharia a seu respeito?

Fugir, era uma utopia, ainda que o campo se abrisse sobre as colinas vizinhas. A pé, não iria longe. Tinham-no mandado para ali, para que ali definhasse. Quando estivesse fraco, consumido, quando tivesse perdido a última réstia de esperança, divagaria, como um pobre louco repetindo incoerências.

Nem Néféret nem Suti o abandonariam. Recusariam qualquer mentira e qualquer calúnia, procurá-lo-iam por todo o Egito. Tinha de ser otimista e deixar o tempo correr-lhe nas veias.

Os cinco conjurados encontraram-se na quinta abandonada onde era costume reunirem-se. A atmosfera era de júbilo, o plano desenrolava-se como previsto.

Depois de terem violado a grande pirâmide de Quéops e roubado as maiores insígnias do poder e o còvado em ouro e o testamento dos deuses, sem o qual Ramsés, o Grande, perdia toda a sua legitimidade cada dia que passava mais se aproximavam do seu objetivo.

O assassinato dos veteranos que guardavam a esfinge de onde partia o corredor subterrâneo, que lhes permitira introduzirem-se na pirâmide, bem como a eliminação do juiz Paser eram incidentes menores, já esquecidos.

— Ainda falta o mais importante — disse um dos conjurados — Ramsés continua no poder.

— Não sejamos impacientes.

— Fala por ti.

— Falo por todos, precisamos de tempo para assegurarmos as fundações do nosso futuro império. Quanto mais preso Ramsés se sentir, incapaz de agir, consciente da queda, mais fácil se tornará a nossa vitória. Ele não pode revelar a ninguém que a grande pirâmide foi assaltada e que o centro de energia espiritual, do qual ele é o único responsável, já não funciona.

— Em breve, as suas forças enfraquecerão, ver-se-á obrigado a viver o ritual da

regeneração.

— Quem o obrigará a isso?

— A tradição, os sacerdotes e ele próprio! É impossível fugir a esse dever.

— No fim da festa, deverá mostrar o testamento dos deuses ao povo!

— Ou seja, este testamento que está nas nossas mãos.

— Então, Ramsés ver-se-á obrigado a abdicar e entregar o trono ao seu sucessor.

— Precisamente aquele que foi designado por nós.

Os conjurados sentiam já o sabor da vitória. Ramsés, o Grande, reduzido a escravo, não teria alternativa. Todos os membros da conspiração seriam recompensados segundo os seus méritos e, no futuro, todos ocupariam uma posição privilegiada. O maior país do mundo pertencer-lhes-ia, modificariam as suas estruturas, alterariam o sistema e modelá-lo-iam segundo a sua visão, radicalmente oposta à de Ramsés, prisioneiro de valores decadentes.

Enquanto o fruto amadurecia, eles alargavam a sua rede de relações, simpatizantes e aliados. Crimes, corrupção, violência... Nada disto os conjurados rejeitavam. Era esse o preço do poder.

O pôr do Sol rosava as colinas. Àquela hora, Bravo, o cão de Paser, e Vento do Norte, o burro, deviam estar a apreciar a refeição servida por Néfêret após um longo dia de trabalho. Quantos doentes teria ela curado, quantos doentes teria ela acolhido na sua casa de Mênfis, com o escritório de Paser no térreo? Ou teria ela regressado à sua aldeia, na região de Tebas, para aí exercer a profissão de médica, longe da agitação da cidade?

A coragem do juiz esmorecia.

Ele, que dedicara toda a sua vida à justiça, sabia que a mesma nunca lhe seria feita. Nenhum tribunal reconheceria a sua inocência. Supondo que saía da prisão, que futuro poderia ele oferecer a Néfêret?

Um velho veio sentar-se ao seu lado. Magro, desdentado, com a pele crestada e enrugada, soltou um suspiro.

— Para mim acabou-se. Estou muito velho. O chefe tirou-me do transporte de pedras. Ocupar-me-ei da cozinha. Boa notícia, hem?

Paser abanou a cabeça.

— Porque é que tu não estás a trabalhar? — perguntou o velho.

— Não me deixam.

— Quem é que tu roubaste?

— Ninguém.

— Para cá só vêm os grandes ladrões. Roubaram tantas vezes que nunca sairão da prisão, pois não cumpriram o juramento de não voltarem a fazê-lo. Os tribunais não brincam com a palavra dada.

— Achas que procedem mal?

O velho cuspiu para a areia.

— Isso é um caso complicado! Tu estás do lado dos juizes?

— Eu sou juiz.

A notícia de que iria ser posto em liberdade não teria espantado mais o interlocutor de Paser.

— Estás a gozar?

— Achas que sim?

— Esta agora... Um juiz, um juiz de verdade! Olhava-o, inquieto e reverente.

— O que foi que tu fizeste?

— Iniciei um inquérito e quiseram calar-me a boca.

— Deves ter-te metido num lindo sarilho. Eu sou inocente. Um concorrente desleal acusou-me de ter roubado o mel que me pertencia.

— Apicultor?

— Eu tinha cortiços no deserto, as minhas abelhas davam o melhor mel do Egito. Os concorrentes tiveram inveja, e prepararam uma tramóia na qual eu caí. Durante o processo enervei-me. Recusei o veredito a meu favor, pedi um segundo julgamento e preparei a minha

defesa com um escriba. Estava certo de ganhar.

— Mas foste condenado.

— Os meus concorrentes esconderam em minha casa objetos roubados de uma loja. Provas de reincidência! O juiz nem abriu o inquérito.

— Foi injusto. No seu lugar, eu teria examinado os motivos dos acusadores.

— E se fosses para o lugar dele? Se mostrasses que as provas são falsas?

— Primeiro era preciso sair daqui.

O apicultor voltou a cuspir para a areia.

— Quando um juiz trai as suas funções, não vai em segredo para um campo como este. Nem sequer te cortaram o nariz. Deves ser espião ou coisa parecida.

— Como queiras.

O velho levantou-se e afastou-se.

Paser não tocou no caldo agulado de costume. Já não queria lutar. O que poderia ele oferecer a Néféret senão a degradação e a vergonha? Seria melhor que ela nunca mais o visse e o esquecesse. Assim, guardaria na memória a recordação do magistrado inabalável, do amante ardente, do sonhador que acreditara na justiça.

Deitado de costas, contemplava o céu lápis-lazúli. No dia seguinte desapareceria.

Velas brancas vogavam sobre o Nilo. Com o cair da tarde, os marinheiros divertiam-se saltando de um barco para o outro, enquanto um vento norte imprimia velocidade às embarcações. Caíam à água, riam-se, insultavam-se.

Sentada na margem, uma jovem não ouvia os gritos dos lutadores. De cabelos acastanhados, rosto puro e de linhas muito doces, olhos do azul do Verão, bela como um lótus desabrochado, Néféret invocava a alma de Branir, seu mestre assassinado, e suplicava-lhe que protegesse Paser, o homem que ela amava com toda a sua alma e cuja morte havia sido oficialmente proclamada, sem que ela conseguisse acreditar.

— Posso falar contigo por um instante? — Ela virou a cabeça.

Junto dela estava o médico-chefe do reino, Nébamon, um cinquentão de bom aspecto.

O seu maior inimigo.

Já por várias ocasiões lhe tentara destruir a carreira. Néféret detestava este cortesão ávido de riquezas e de conquistas femininas, que se servia da medicina como um meio de exercer poder sobre os outros e fazer fortuna.

Com um olhar libidinoso, Nébamon admirava a jovem cujo vestido de linho deixava adivinhar formas tão perfeitas quanto estimulantes. Seios firmes e altos, pernas compridas e esbeltas, pés e mãos delicados, um deslumbramento para o olhar. Néféret estava resplandecente.

— Deixa-me, peço-te.

— Devias dar-me mais atenção, o que sei interessar-te-á muito.

— As tuas intrigas não me interessam.

— Trata-se de Paser.

Néféret não conseguiu esconder a emoção.

— Paser morreu.

— Não é verdade, minha querida.

— Estás a mentir!

— Conheço a verdade.

— Terei de te implorar que ma contes?

— Gosto mais de ti intratável e arrogante. Paser está vivo, mas foi acusado de ter assassinado Branir.

— Isso... é um absurdo! Não acredito.

— Fazes mal. Mentmosé, o chefe da polícia, prendeu-o em segredo.

— Paser não matou o mestre.

— Mentmosé está convencido do contrário.

— Querem humilhá-lo, arruinar-lhe a reputação e impedi-lo de dar seguimento ao inquérito.

— Isso pouco me importa.

— Porque me fazes todas estas revelações?

— Porque sou o único que pode inocentar Paser.

No arrepio que agitou o corpo de Néféret, misturavam-se a esperança e a angústia.

— Se queres que leve a prova ao deão do pórtico, tens de casar comigo, Néféret, e esquecer esse juízeco. É esse o preço da sua liberdade. O teu verdadeiro lugar é junto de mim. A decisão é tua. Ou libertas Paser ou o condenas à morte.

Oferecer-se ao médico-chefe horrorizava Néféret, mas recusar a proposta de Nébamon era transformar-se no carrasco de Paser.

Onde estaria ele prisioneiro, a que crueldades seria submetido? Se demorasse muito a decidir, a prisão destruí-lo-ia. Néféret não confiou o segredo a Suti, amigo fiel de Paser e seu irmão espiritual, ele mataria o médico-chefe de imediato.

Decidiu ceder ao pedido do chantagista na condição de rever Paser. Desonrada, desesperada, confessar-lhe-ia tudo antes de se envenenar.

Kem, o polícia núbio às ordens do juiz, aproximou-se da jovem. Na ausência de Paser, ele continuava a fazer as rondas em Mênfis, na companhia de Matador, o seu temível babuíno, especialista na captura de ladrões, que imobilizava cravando-lhes as presas nas pernas.

Kem sofrera o corte do nariz por estar implicado na morte de um oficial, culpado de se dedicar ao tráfico de ouro, quando reconheceram a boa-fé do núbio, fizeram-no polícia. Uma prótese de madeira pintada atenuava os efeitos da mutilação.

Kem admirava Paser. Ainda que não tivesse a mínima confiança na justiça, acreditava na integridade do jovem magistrado, causa do seu desaparecimento.

— Tenho possibilidade de saber onde se encontra Paser — declarou Néféret com gravidade.

— No reino dos mortos, de onde ninguém regressa. O general Asher não te entregou um relatório, segundo o qual Paser morreu na Ásia, à procura de uma prova?

— Esse relatório era falso, Kem. Paser está vivo.

— Então, mentiram-te?

— Paser foi acusado de ter assassinado Branir, mas o médico-chefe Nébamon tem a prova da sua inocência.

Kem agarrou Néféret pelos ombros.

— Está salvo!

— Com a condição de eu me tornar esposa de Nébamon.

Colérico, o núbio bateu com o punho da mão direita na palma da mão esquerda.

— E se ele esteve a zombar de ti?

— Quero voltar a ver Paser.

Kem tocou no nariz de madeira.

— Não te arrependerás de me teres contado isso.

Depois dos forçados terem partido, Paser introduziu-se na cozinha, um barracão de madeira coberto com uma tela. Aí, roubaria um dos pedaços de sílex com que se acende o lume, e cortaria as veias. Seria uma morte lenta, mas eficaz, em pleno sol, sucumbiria lentamente num torpor benfazejo. À noite, um vigilante dar-lhe-ia um pontapé e atiraria o cadáver para a areia escaldante. Durante estas últimas horas, vivera com a alma de Néféret, na esperança de que ela, invisível, mas sempre presente, o ajudasse nesta última travessia.

Quando se apoderou da pedra cortante, recebeu um golpe violento na nuca e caiu ao pé de uma panela.

De colher de madeira em punho o velho ironizava.

— Com que então, o juiz tornou-se ladrão. O que te preparavas tu para fazer com esse sílex? Não te mexas que apanhas mais! Derramares o teu próprio sangue e deixares este maldito lugar através da má morte! Seria uma estupidez, e indigno de um homem de bem. — O apicultor baixou a voz.

— Presta bem atenção, juiz, conheço uma maneira de saíres daqui. Eu não teria força para atravessar o deserto, mas tu és jovem. Digo-te qual é, se aceitares defender-me e anulares a minha condenação.

Paser recom pôs-se.

— É inútil.

— Recusas?

— Mesmo que consiga fugir, não voltarei a ser juiz.

— Volta a sê-lo por mim.

— Impossível. Acusam-me de um crime.

— A ti? Isso é ridículo!

Paser massajou a nuca. O velho ajudou-o a levantar-se.

— Amanhã é o último dia do mês. Um carro de bois chega do oásis para trazer alimentos, e partirá vazio. Mete-te lá dentro e salta quando avistares o primeiro curso de água à tua direita. Sobe esse curso de água até ao sopé da colina, aí, encontrarás uma nascente no meio de um pequeno palmar. Enche o odre. Depois, caminha em direção ao vale e tenta encontrar nômades. Pelo menos, terás tentado a tua sorte.

O médico-chefe Nébamon tinha, pela segunda vez, esvaziado os tumores sebáceos da senhora Silkis, jovem esposa do abastado Bel-Tran, fabricante de papiros e alto funcionário, cuja influência não parava de aumentar. Na qualidade de cirurgião plástico, Nébamon cobrava honorários elevadíssimos, que os clientes pagavam sem protestar. Pedras preciosas, peças de tecido, gêneros alimentícios, mobiliário, utensílios, bois, burros e cabras, tudo isso vinha aumentar a sua fortuna, à qual faltava apenas um tesouro inestimável: Néféret. Havia outras igualmente belas, mas nela existia uma harmonia única, onde a inteligência se aliava ao encanto pessoal, irradiando uma luz incomparável.

Como poderia ela ter-se apaixonado por um ser tão insignificante como Paser? Um devaneio de juventude que lamentaria para o resto da vida, se Nébamon não tivesse intervido.

Por vezes, sentia-se tão poderoso quanto o faraó. Quem, melhor do que ele, conhecia os segredos que salvavam as vidas ou as prolongavam? Não era ele rei entre os médicos e os farmacêuticos? Não era a ele que os altos dignatários recorriam para recuperarem a saúde perdida? Se os seus assistentes trabalhavam incógnitos para descobrirem os melhores tratamentos, era Nébamon, e mais ninguém, quem daí retirava os louros. Ora, Néféret possuía um gênio médico que ele devia explorar.

Após uma operação bem sucedida, Nébamon concedia a si mesmo uma semana de descanso na sua casa de campo, no Sul de Mênfis, onde um exército de servos satisfazia os seus menores

desejos. Deixando as tarefas subalternas à sua equipe médica, que ele controlava com rigor, preparava a lista das futuras promoções a bordo do seu novo barco de recreio. Estava ansioso por saborear um vinho branco do Delta, das suas próprias vinhas, e as últimas receitas do seu cozinheiro.

O mordomo veio anunciar a visita de uma jovem belíssima. Intrigado, Nébamon foi recebê-la ao vestibulo.

— Néféret! Que surpresa maravilhosa... Almoças comigo?

— Estou com pressa.

— Estou certo de que em breve poderás visitar a minha casa de campo. Vens trazer-me a resposta?

Néféret baixou a cabeça. O entusiasmo apoderava-se do médico-chefe.

— Eu sabia que ias escutar a voz da razão.

— Preciso de tempo.

— Uma vez que vieste, é porque a decisão está tomada.

— Dás-me o privilégio de voltar a ver Paser?

Nébamon amuou.

— Queres submeter-te a uma experiência inútil. Salva Paser mas esquece-o.

— Devo-lhe um último encontro.

— Como queiras. Mas as minhas condições são as mesmas: primeiro tens de me provar o teu amor. Depois, eu intervenho. Mas só depois. Percebeste bem?

— Não estou em posição de negociar.

— Admiro a tua inteligência, Néféret, apenas a tua beleza a iguala.

E pegou-lhe carinhosamente na mão.

— Não, Nébamon, aqui não, agora não.

— Onde e quando?

— No grande palmar, perto do poço.

— Algum local que te é caro?

— Vou para lá meditar muitas vezes.

Nébamon sorriu.

— A natureza e o amor dão-se bem. Tal como tu, gosto da poesia das palmeiras. Quando, então?

— Amanhã à noite, depois do pôr do Sol.

— Aceito a escuridão para a nossa primeira união, mas depois viveremos à luz do dia.

Paser rebolou para fora da galera quando viu o curso de água serpenteando entre os rochedos, em direção a uma colina batida pelo vento. Não fez qualquer ruído ao cair na areia, e o veículo seguiu viagem na poeira e no calor. O condutor, adormecido, deixava-se conduzir pelos bois.

Ninguém se lançaria no encalço do evadido, pois o calor e a sede não lhe dariam qualquer chance de sobrevivência. Na devida altura, uma patrulha recolheria as suas ossadas. Descalço e com uma tanga velha, o juiz via-se obrigado a avançar muito devagar, para poupar energias. Aqui e além, ligeiras ondulações na areia testemunhavam a passagem de uma áspide, a terrível víbora do deserto, cuja mordedura era mortal.

Paser imaginava que caminhava na companhia de Néféret num campo verdejante, animado pelo canto dos pássaros e percorrido por canais, a paisagem parecia-lhe menos hostil e o seu andamento mais rápido. Seguiu o leito seco do curso de água até ao sopé de uma colina com forte inclinação onde, incongruentes, três palmeiras teimavam em crescer.

O juiz ajoelhou-se e escavou com as mãos, alguns centímetros abaixo da crosta fendida, a terra estava úmida. O velho apicultor não lhe havia mentido. Ao cabo de uma hora de esforços apenas interrompidos por breves pausas, encontrou água. Depois de matar a sede, despiu a tanga, limpou-a com areia e esfregou a pele. Em seguida, encheu o odre de que se munira com o precioso líquido.

À noite, partiu em direção a leste. À sua volta ouvia o sibilar das serpentes, que saíam com o cair da noite. Se pisasse alguma, não escaparia a uma morte atroz. Apenas um médico experimentado, como Néféret, conhecia os antídotos. O juiz esqueceu os perigos e continuou, sob a proteção da Lua. Deliciava-se com a frescura da noite. Quando raiou a aurora, bebeu um pouco de água, abriu uma cova na areia, tapou-se e dormiu em posição fetal.

Quando acordou, o Sol já começava a baixar. Com os músculos doloridos e a cabeça a arder, continuou em direção ao vale, tão longínquo e tão inacessível. Quando a reserva de água acabasse, tinha de encontrar um poço assinalado por um círculo de pedras. Começava a cambalear naquela vastidão desértica, ora rasa, ora ondulante. Com os lábios secos e a língua entumescida, estava a chegar ao limite das suas forças. Que mais poderia fazer senão esperar a intervenção de uma divindade benfazeja?

Nébamon ordenou que o levassem até à orla do grande palmar e mandou a liteira regressar. Saboreava já antecipadamente aquela noite maravilhosa, em que Néféret se lhe ofereceria. Teria preferido que ela viesse de livre vontade, mas os métodos utilizados pouco lhe importavam, uma vez que ia ter aquilo que desejava, como era já hábito.

Os guardas do palmar, encostados aos troncos das grandes árvores, tocavam flauta, bebiam água fresca e cavaqueavam. O médico-chefe meteu por um arruamento largo, virou à esquerda e dirigiu-se para o velho poço. O local era solitário e aprazível.

Ela parecia nascida do clarão do ocaso, que tingia de tons alaranjados a longa túnica de linho.

Néféret soçobrava. A mulher orgulhosa que o havia desafiado obedecia-lhe como uma escrava. Quando ele a conquistasse, ela ser-lhe-ia dedicada e esqueceria o passado. Seria forçada a admitir que apenas Nébamon podia oferecer-lhe a vida com que sonhava sem saber.

Ela amava demais a medicina para se refugiar por mais tempo num serviço subalterno, tornar-se esposa do médico-chefe era, obviamente, o mais invejável dos destinos?

Ela não se mexeu. Ele avançou.

— Poderei ver Paser?

— Tens a minha palavra.

— Liberta-o, Nébamon.

— É essa a minha intenção, se aceitares ser minha.

— Porque és tão cruel? Sê generoso, suplico-te.

— Estás a brincar comigo?

— Apelo à tua consciência.

Néféret, serás minha mulher, porque eu assim o decidi.

— Desiste, Nébamon.

Ele avançou e parou a um metro da presa.

— Gosto de olhar para ti, mas exijo outros prazeres.

— E destruir-me faz parte desses prazeres?

— Livrar-te de um amor ilusório e de uma vida medíocre.

— Pela última vez, desiste.

— Tu pertences-me, Néféret.

Nébamon estendeu a mão para Néféret.

Mal lhe tocou, foi atirado brutalmente para trás e caiu no chão. Transtornado, viu o seu agressor, um enorme babuíno, de dentes arreganhados, a espumar. O animal fincou a mão direita, peluda e tenaz, na garganta do médico, enquanto a esquerda lhe agarrava os testículos e os puxava. Nébamon soltava gritos de dor.

Kem pôs o pé sobre a cara do médico-chefe. O babuíno, sem soltar a presa, imobilizou-se.

— Se te recusas a colaborar conosco, o meu babuíno castra-te. Eu faço de conta que não vi nada, e ele não terá quaisquer remorsos.

— O que querem de mim?

— A prova da inocência de Paser.

— Não, eu...

O babuíno soltou um grunhido surdo. Os dedos serraram-se.

— Aceito. Aceito!

— Sou todo ouvidos.

Nébamon arquejava.

— Quando examinei o cadáver de Branir, reparei que a morte ocorrera muitas horas antes, talvez um dia inteiro. O estado dos olhos, o aspecto da pele, a crispação da boca, o aspecto do golpe... Os sinais clínicos não enganavam. Relatei as minhas constatações num papiro. Não houve flagrante delito, Paser era apenas uma testemunha. Não havia qualquer acusação séria contra ele.

— Porque ocultaste a verdade?

— Era uma ótima oportunidade... Néféret ficava à minha mercê.

— Onde está Paser?

— Eu...Eu não sei.

— Estou certo de que sabes.

O babuíno grunhiu de novo. Aterrorizado, Nébamon cedeu.

— Comprei o chefe da polícia para que ele poupasse a vida de Paser. Era preciso mantê-lo vivo para eu ser bem sucedido na minha chantagem. O juiz está preso em regime de segredo, ignoro onde.

— Conheces o verdadeiro assassino?

— Não, juro que não!

Kem não duvidou da sinceridade da resposta. Quando o babuíno procedia a um interrogatório, os suspeitos não mentiam.

Néféret rezou, agradecendo à alma de Branir. O mestre protegera o discípulo.

O parco jantar do deão do pórtico compunha-se de figos e queijos. À falta de sono juntava-se a falta de apetite. Não suportando qualquer presença, mandara o servo embora. De que poderia ele censurar-se, senão do desejo de manter o Egito longe da desordem? Não estava, porém, de consciência tranquila. Nunca, em toda a sua longa carreira, se tinha desviado tanto da Regra.

Enjoado, empurrou a tigela de madeira.

Lá fora, ouviam-se gemidos. Segundo os mágicos, seriam os fantasmas, vindos para torturar as almas indignas.

O deão saiu.

Kem arrastava o médico-chefe Nébamon por uma orelha, com o babuíno ao lado.

— Nébamon tem uma confissão a fazer.

O deão não gostava do núbio. Conhecia o seu passado de violência, desaprovava os seus métodos e deplorava o fato de ele fazer parte das forças de segurança.

— Nébamon age sobre coação. O seu depoimento não terá qualquer valor.

— Não se trata de um depoimento, mas sim de uma confissão.

O médico-chefe tentou libertar-se. O babuíno abocanhara-lhe a barriga da perna sem enterrar as presas.

— Tem cuidado — recomendou Kem. Se o irritas, tudo pode acontecer.

— Vai-te embora! — ordenou o deão, enfurecido.

Kem empurrou o médico para a frente do deão.

— Rápidk, Nébamon. Os babuínos não são nada pacientes.

— Tenho um indício sobre o caso Paser — declarou a notável personagem com a voz enrouquecida.

— Não se trata de um indício — corrigiu Kem — mas sim da prova da inocência de Paser.

O deão empalideceu.

— O que vem a ser isto, uma provocação?

— O médico-chefe é um homem sério e respeitável.

Nébamon tirou de dentro da túnica um papiro enrolado e selado.

— Redigi as minhas constatações em relação ao cadáver de Branir. O flagrante delito é um erro de apreciação. Esqueci-me... de lhe transmitir este relatório.

O magistrado recebeu o documento contra vontade, era como se estivesse a pegar em brasas.

— Enganámo-nos — lamentou o deão do pórtico. — Para Paser, já é muito tarde.

— Talvez não — objetou Kem.

— Esqueces-te de que ele morreu?

O núbio sorriu.

— Um outro erro de apreciação, sem dúvida. Abusaram da tua boa fé.

Com o olhar, o núbio ordenou ao babuíno que largasse o médico-chefe.

— Estou... estou livre?

— Desaparece.

Nébamon fugiu a coxear. Tinha gravadas na barriga da perna as marcas dos dentes do macaco cujos olhos brilhavam na noite.

— Kem, ofereço-te um emprego tranquilo, se aceitares esquecer estes acontecimentos deploráveis.

— Não digas mais nada, deão do pórtico, caso contrário, não segurarei o Matador. Em breve será preciso contar a verdade, toda a verdade.

No coração da paisagem de areia dourada e montanhas negras e brancas, erguia-se uma nuvem de poeira. Aproximavam-se dois homens a cavalo. Paser encontrava-se à sombra de um enorme bloco de pedra, destacado de uma pirâmide natural. Sem água, era-lhe impossível ir mais longe.

Se fosse a polícia do deserto, levavam-no de novo para a prisão. Se fossem beduínos, agiriam conforme a disposição do momento: ou o torturavam ou faziam dele seu escravo. A exceção dos nômades, ninguém mais se aventurava nas profundezas do deserto. Na melhor das hipóteses, Paser trocaria a prisão pela escravatura.

Eram dois beduínos! Vestiam túnicas às riscas coloridas. Tinham os cabelos compridos e as barbas curtas.

— Quem és tu?

— Fugi do campo dos ladrões.

O mais jovem desceu do cavalo e examinou Paser dos pés à cabeça.

— Não pareces muito forte.

— Tenho sede.

— A água, tens de fazer por merecê-la. Levanta-te e luta.

— Estou sem forças.

O beduíno desembainhou um punhal.

— Se não consegues lutar, morrerás.

— Sou um juiz, não um soldado.

— Um juiz! Então não vens do campo dos ladrões.

— Acusaram-me injustamente. Alguém quer a minha ruína.

— O sol fez-te mal à cabeça.

— Se me matares, serás amaldiçoado no além, e os juizes dos infernos cortar-te-ão a alma em pedaços.

— Quero lá saber!

O mais velho segurou o braço armado.

— A magia dos Egípcios é tremenda. Vamos pô-lo de pé, depois, será nosso escravo.

Pantera, a líbia de cabelos loiros e olhos claros, não se acalmava. A Suti, amante feroso e inventivo, sucedia um Suti molengão, piegas e circunspecto. Inimiga irredutível do Egito, Pantera caíra nas mãos do tenente dos carros de combate, transformado em herói desde a sua primeira campanha na Ásia. Ele concedera-lhe a liberdade, da qual ela não beneficiava, de tanto que gostava de fazer amor com Suti. Até quando fora expulso do exército, depois de ter tentado estrangular o general Asher, a quem vira a assassinar um batedor, mas que o tribunal não pudera condenar por o cadáver ter desaparecido, o jovem não havia perdido o seu dinamismo.

Porém, após o desaparecimento do seu amigo Paser, remetera-se ao silêncio, não comendo

nem olhando para ela.

— Quando voltarás a ser o mesmo?

— Quando Paser regressar.

— Paser, sempre Paser! Não vês que os seus inimigos o mataram?

— Não estamos na Líbia. Matar é um ato tão grave que condena ao aniquilamento. Um criminoso não ressuscita.

— Só há uma vida, Suti. Aqui e agora! Esquece essas balelas.

— Esquecer um amigo?

Era o amor que alimentava Pantera. Privada do corpo de Suti, definhava.

Suti era um homem de boa figura, rosto esguio, olhar franco e sincero e longos cabelos negros, força, sedução e elegância caracterizavam geralmente o seu mínimo gesto.

— Sou uma mulher livre e não aceito viver com uma pedra. Se continuas assim, deixo-te.

— Está bem, então deixa-me.

Ela ajoelhou-se e abraçou-o pela cintura.

— Já não sabes o que dizes.

— Se Paser sofre, eu também sofro, se ele está em perigo, a angústia aperta-me o coração. Tu não podes mudar nada.

Pantera despiu a tanga de Suti. Este não protestou. Nunca um corpo de homem fora tão belo, tão forte, tão harmonioso. Desde os treze anos, Pantera tivera muitos amantes, mas nenhum a fascinara tanto como este egípcio, inimigo figadal do seu povo. Acariciou-lhe suavemente o peito, os ombros, tocou-lhe de leve nos mamilos, desceu em direção ao umbigo. Os seus dedos, ágeis e sensuais, faziam crescer nele o prazer.

Por fim, Suti reagiu. Com uma mão vigorosa, quase irritada, arrancou as alças da curta túnica que ela vestia.

Nua, ela encostou-se a ele ternamente.

— Sentir-te, estar contigo mais uma vez que seja será o bastante.

— Mas para mim não.

E, num repente, Suti virou-a de barriga para baixo e deitou-se por cima dela. Lânguida, triunfante, ela acolheu o seu desejo como um elixir da juventude, oleoso e quente.

Lá fora, uma voz chamou-o. Uma voz grave, autoritária. Suti precipitou-se para a janela.

— Anda — disse Kem. — Sei onde está Paser.

O deão do pórtico regava o pequeno canteiro de flores, à entrada de casa. Com a idade, tinha cada vez mais dificuldade em curvar-se.

— Posso ajudar-te?

O deão voltou-se e viu Suti. O antigo tenente não perdera a arrogância.

— Onde está o meu amigo Paser?

— Está morto.

— Mentira.

— Foi redigida uma declaração oficial.

— Isso não importa.

— A verdade desagrada-te, mas ninguém pode modificá-la.

— A verdade é que Nébamon comprou, a ti e ao chefe da polícia.

O deão do pórtico empertigou-se.

— Não, a mim não!

— Então, fala.

O deão hesitou. Podia mandar prender Suti por injúria a um magistrado e por violência verbal, mas envergonhava-se da sua própria conduta. Sem dúvida, o juiz Paser metia-lhe medo: determinado demais, apaixonado demais, enamorado demais pela justiça. E não tinha o velho magistrado, habituado a todas as intrigas, traído a confiança da juventude de Paser? A sorte do jovem juiz incomodava-o. Talvez já estivesse morto, incapaz de resistir à reclusão.

— Na prisão dos ladrões, perto de Khargeh — murmurou.

— Dá-me uma credencial.

— Isso já é pedir muito.

— Rápido, que tenho pressa.

Suti deixou o cavalo na última pousada, na orla da pista dos oásis. Só um burro seria capaz de suportar o calor, a poeira e o vento. Com um arco, cerca de cinquenta flechas, uma espada e dois punhais, Suti sentia-se preparado para enfrentar o adversário, fosse ele quem fosse. O deão do pórtico dera-lhe uma tabuinha de madeira, declarando que devia conduzir o juiz Paser a Mênfis.

Embora contra vontade, Kem ficara com Néféret. Quando Nébamon se recompusesse do susto, não ficaria inativo. Apenas o babuíno e o seu dono poderiam proteger a jovem eficazmente. O núbio, que tanto desejava libertar o juiz, entendeu que devia ficar e proteger Néféret.

A notícia da partida do amante irritou Pantera. Se ele se ausentasse por mais de uma semana, enganá-lo-ia com o primeiro que aparecesse e proclamaria a sua infelicidade aos quatro ventos. Mas Suti não prometera nada, exceto regressar com o amigo.

O burro transportava os odres e os cestos cheios de carne e peixe seco, fruta e pão, coisas que se conservariam comestíveis por vários dias. Homem e burro descansariam pouco, pois Suti tinha pressa de atingir o seu objetivo.

Ao avistar o campo prisional, um conjunto de barracões miseráveis dispersos no meio do deserto, Suti evocou o deus Min, padroeiro dos caravaneiros e dos exploradores. Ainda que achasse os deuses inacessíveis, mais valia garantir a sua proteção em certas circunstâncias.

Suti acordou o chefe do campo, que estava a dormir debaixo de um toldo. O colosso praguejou.

— Sei que tens aqui prisioneiro o juiz Paser.

— Esse nome não me diz nada.

— Sei que ele não está registrado.

— Não o conheço, já disse.

Suti mostrou-lhe a tabuinha, o que não despertou no homem qualquer interesse.

— Aqui não há nenhum Paser. Só ladrões reincidentes, nada de juizes.

— Venho em missão oficial.

— Espera que os prisioneiros voltem e verás com os teus próprios olhos.

O chefe do campo voltou a adormecer.

Suti perguntou a si mesmo se o deão do pórtico não o teria enviado uma vez mais para um beco sem saída.

Entrou na cozinha para se reabastecer de água.

O cozinheiro, um velho desdentado, acordou sobressaltado.

— Quem és tu?

— Venho libertar um amigo. Infelizmente, não te pareces com Paser.

— Que nome disseste?

— Juiz Paser.

— O que lhe queres?

— Libertá-lo.

— Bem, para isso... chegaste tarde demais!

— O que queres tu dizer?

O velho apicultor falou em voz baixa.

— Graças a mim, ele evadiu-se.

— Em pleno deserto! Não sobreviverá mais de dois dias. Que direção tomou?

— O primeiro curso de água, a colina, o palmar, a fonte, o planalto rochoso e, depois, sempre direto em direção ao vale! Se tem a alma bem pregada ao corpo, há-de lá chegar.

— Paser não tem qualquer resistência.

— Vai depressa procurá-lo, prometeu inocentar-me.

— Não serás tu, por acaso, um ladrão?

— Nem por isso, e bastante menos do que outros. Quero cuidar das minhas colméias, e que o teu juiz me leve de volta a casa.

Mentmosé recebeu o deão do pórtico na sua sala de armas, onde tinha em exposição escudos, espadas e trofeus de caça. Cínico, de nariz pontiagudo e voz roufenha, o chefe da polícia era completamente calvo e tinha o crânio um pouco avermelhado devido às erupções cutâneas que frequentemente o afligiam. Corpulento, fazia regime para preservar uma certa elegância. Presença assídua nas grandes recepções, dotado de um vasto leque de amizades, homem prudente e hábil, Mentmosé reinava sem restrições sobre as diferentes corporações da polícia. Ninguém podia apontar-lhe o mínimo erro, e velava pela sua reputação de alto dignitário intocável com o maior zelo.

— Visita de cortesia, meu caro deão?

— Discreta, como gostas.

— É a garantia de uma carreira longa e tranquila, não é verdade?

— Quando prendi Paser secretamente, impus uma condição.

— Falha-me a memória.

— Teres de revelar o móbil do crime.

— Não te esqueças de que surpreendi Paser em flagrante delito.

— Por que razão teria ele matado o seu mestre, um sábio que viria a ser o sumo-sacerdote de Carnaque e, conseqüentemente, o seu melhor apoio?

— Inveja ou tolice.

— Não me tomes por um pobre de espírito.

— Mas por que te preocupas tanto com o móbil? Livrámo-nos de Paser, é o que importa.

— Estás seguro da sua culpabilidade?

— Eu repito, ele estava debruçado sobre o corpo de Branir quando o interceptei. No meu lugar, que conclusões terias tirado?

— Mas qual o móbil?

— Até tu o admitiste: um processo seria bastante prejudicial. O país deve respeitar os seus juizes e ter confiança neles. Paser gosta de escândalos. O seu mestre Branir deve ter certamente tentado acalmá-lo, mas ele exaltou-se e agrediu-o. Qualquer júri o condenaria à morte. Nós fomos até muito generosos com ele, visto que salvaguardamos a sua reputação. Oficialmente, morreu no desempenho de uma missão. Não te parece a solução mais satisfatória, tanto para ele como para nós?

— Suti conhece a verdade.

— Como...

— Kem obrigou Nébamon, o médico-chefe, a falar. Suti sabe que Paser está vivo e eu consenti que lhe revelassem o lugar onde está detido.

O deão do pórtico ficou estupefato com a cólera do chefe da polícia. Mentmosé era considerado um homem ponderado.

— Insensato, completamente insensato! Tu, o mais alto magistrado da cidade, inclinares-te perante um soldado exonerado! Kem e Suti não podem fazer absolutamente nada.

- Estás a esquecer-te do depoimento escrito de Nébamon.
- As confissões obtidas sob tortura não têm qualquer valor.
- Mas estas foram datadas e assinadas bem antes disso.
- Destrói-as.
- Quem pediu ao médico-chefe que redigisse uma cópia, autenticada por dois servidores seus. A inocência de Paser está estabelecida. Durante as horas que precederam o crime, ele esteve a trabalhar no seu escritório. Os testemunhos comprová-lo-ão, eu já verifiquei.
- Admitamos que sim... Mas por que razão revelaste o local onde o escondemos? Nada nos obrigava a isso.
- Para poder ficar em paz comigo mesmo.
- Com a tua experiência, e na tua idade, tu...
- Justamente na minha idade. O juiz dos mortos pode chamar-me a qualquer momento. E, no caso de Paser, eu traí o espírito da lei.
- Tomaste o partido do Egito, sem te preocupares com os privilégios de um indivíduo.
- O teu discurso já não me ilude, Mentmosé.
- Vais abandonar-me?
- Se Paser voltar...
- Morre-se muito na prisão.

Há já algum tempo que Suti ouvira o galope dos cavalos. Vinham de leste, eram dois e aproximavam-se a grande velocidade.

Eram beduínos que andavam em pilhagem, à procura de uma presa fácil.

Suti esperou que eles se aproximassem um pouco mais, esticou o arco, fincou um joelho em terra e fez pontaria para o da esquerda.

Atingido no ombro, o homem caiu de costas. O seu companheiro precipitou-se em direção ao agressor. Suti fez novamente pontaria. A flecha atingiu o segundo nômade na coxa. O beduíno, soltando um grito de dor, perdeu o controle da montaria e caiu violentamente sobre um rochedo, perdendo os sentidos. Os dois cavalos ficaram desnorreados.

Suti encostou a ponta da espada de dois gumes à garganta do nômade cambaleante, que tinha acabado de se levantar.

- De onde vens?
- Da tribo dos Corredores da Areia.
- Onde fica o teu acampamento?
- Atrás das rochas negras.
- Capturaram algum egípcio nestes últimos dias?
- Capturamos um desvairado que se julga juiz.
- E como é que o têm tratado?
- Está a ser interrogado pelo chefe da tribo.

Suti saltou para o dorso do cavalo mais robusto e agarrou o outro pelas rédeas rudimentares que os beduínos utilizavam. Os dois feridos que se salvassem como pudessem.

Os cavalos enveredaram por um carreiro bordado de seixos, que se tornava cada vez mais abrupto, resfolegando, e com a manta que os cobria completamente suada, atingiram o cume de uma colina de pequenos rochedos irregulares.

O local era sinistro.

Entre as rochas enegrecidas, crestadas pelo sol, cavavam-se bacias onde a areia rodopiava, evocando os caldeirões do inferno onde os danados eram mergulhados de cabeça, para baixo.

Ao fundo da ladeira ficava o acampamento nômade. A tenda mais alta e mais colorida devia ser a do chefe. Havia cavalos e cabras dentro de uma cerca. Duas sentinelas, uma a sul outra a norte, vigiavam as redondezas.

Contrariamente às leis da guerra, Suti esperou o cair da noite. Os beduínos, que se entregavam à invasão das terras inimigas, destruindo e saqueando, não mereciam qualquer consideração. O egípcio rastejou em silêncio, palmo a palmo, e só se levantou quando se acercou da sentinela do posto sul, que matou com um golpe certo nas vértebras cervicais. Os da tribo dos Corredores da Areia trilhavam ininterruptamente o deserto à procura de uma presa, por menor que fosse, apesar de haver poucos em cada acampamento. Suti esgueirou-se até à tenda do chefe, onde entrou sorrateiramente por uma abertura oval que lhe servia de porta. Tenso, concentrado, sentia-se prestes a usar toda a violência de que era capaz.

Ficou, porém, estupefacto ao contemplar um espetáculo inesperado.

O chefe beduíno, reclinado sobre almofadas, ouvia atentamente o discurso de Paser, sentado à escriba. O juiz parecia livre de executar qualquer movimento.

O beduíno levantou-se. Suti atirou-se imediatamente para cima dele.

— Não o mates — gritou Paser. — Começávamos a entender-nos.

Suti atirou o adversário para cima das almofadas.

— Interroguei o chefe sobre os seus costumes — explicou Paser — e tentei demonstrar-lhe que estava errado. Ficou admirado com a minha recusa em me tornar seu escravo, mesmo sabendo que com essa atitude arriscava a própria vida. E, agora, queria saber como funciona a nossa justiça...

— Quando deixasses de lhe interessar, amarrava-te à cauda de um cavalo e serias arrastado sobre pedras cortantes que te dilacerariam.

— Como me encontraste?

— Da mesma forma que te perdi. — Suti amarrou e amordaçou o beduíno. — Temos de sair daqui o mais depressa possível. Estão dois cavalos à nossa espera no alto da colina.

— Para quê? Não posso regressar ao Egito.

— Vem comigo, em vez de dizeres besteiras.

— Não terei forças para tal.

— Tu as encontrarás quando souberes que estás ilibado e Néféret se impacienta com a tua ausência.

O deão do pórtico não ousava sequer encarar o juiz Paser.

— Estás livre — declarou, num tom arrogante.

O deão já estava à espera de uma dura censura e uma acusação devidamente elaborada. Contudo, Paser limitou-se a olhá-lo demoradamente.

— Evidentemente que a queixa é anulada. Quanto ao resto, peço-te um pouco de paciência... vou tratar de regularizar o mais rapidamente possível a tua situação.

— E o chefe da polícia?

— Pede imensa desculpa. Estávamos os dois enganados.

— E Nébamon?

— O médico-chefe não é propriamente culpado. Tratou-se de uma simples negligência administrativa... Foste vítima de um infeliz conjunto de circunstâncias, meu caro Paser. Se quiseres apresentar queixa...

— Vou refletir sobre o assunto.

— Por vezes é necessário saber perdoar...

— Devolve-me o meu posto o mais rapidamente possível.

Os olhos azuis de Néféret assemelhavam-se a duas pedras preciosas nascidas no coração das Montanhas do Ouro, no país dos deuses, ao pescoço, uma turquesa protegia-a dos malefícios. Envergava um vestido longo, de linho branco, com alças, que delineava a sua silhueta perfeita.

Ao aproximar-se, o juiz aspirou os perfumes de lótus e jasmim que aromatizavam a sua pele acetinada. Tomou-a nos braços e assim permaneceram, sem conseguirem articular uma palavra, durante longos minutos.

— Ainda me amas um pouco?

Néféret afastou-se para olhar melhor para ele.

Era orgulhoso, apaixonado, um pouco louco, jovem e velho ao mesmo tempo, sem beleza aparente, frágil, mas enérgico. Aqueles que o julgavam fraco e fácil de abater estavam redondamente enganados. Apesar do seu ar severo, da fronte alta e austera e do seu carácter exigente, a felicidade seduzia-o.

— Nunca mais quero separar-me de ti. — Apertou-a contra o peito. A vida tinha agora um novo sabor, pujante como o jovem Nilo. Uma vida, porém, tão próxima da morte, naquela imensa necrópole de Saqqarah onde Paser e Néféret caminhavam de mãos dadas, lentamente. Queriam ir prestar, sem mais demora, uma última homenagem ao túmulo de Branir, o seu mestre assassinado. Afinal, não fora ele quem transmitira os segredos da medicina a Néféret e encorajara Paser a concretizar a sua vocação?

Entraram na sala de mumificação, onde Djuí, sentado no chão e encostado a uma parede caiada de branco, comia carne de porco com lentilhas, apesar do consumo dessa carne ser interdito durante os períodos de maior calor. Não tendo sido circuncidado, o mumificador não fazia caso das prescrições religiosas, de rosto comprido, sobranceiras espessas e negras, unidas

sobre o nariz, lábios finos privados de sangue, mãos intermináveis e pernas esguias, vivia num mundo à parte dos mortais.

Sobre a mesa de embalsamamento jazia a múmia de um homem idoso em que Djuí tinha acabado de fazer uma incisão no flanco com uma faca de obsidiana.

— Estou a reconhecer-te — disse, erguendo os olhos na direção de Paser. — És o juiz que fez o inquérito sobre a morte dos veteranos.

— Mumificaste Branir?

— É esse o meu ofício.

— Não notaste nada de anormal?

— Não.

— Veio alguém visitar o túmulo?

— Depois da inumação não veio cá ninguém, só o sacerdote encarregado do serviço fúnebre entrou no templo.

Paser ficou desapontado. Esperava que o assassino, atormentado pelo remorso, tivesse vindo implorar a perdão da vítima, para evitar a punição do além. Mas nem mesmo essa ameaça o assustava.

— O inquérito chegou a alguma conclusão?

— A seu tempo chegará.

O mumificador, indiferente, cravou os dentes num naco de carne de porco.

A pirâmide em degraus dominava a paisagem desde o começo dos tempos. Uma grande quantidade de túmulos estavam orientados na sua direção, de forma a participarem da imortalidade do faraó Djéser, cuja sombra imensa subia e descia todos os dias a gigantesca escadaria de pedra.

Geralmente, escultores, gravadores de hieróglifos e desenhadores davam vida a inúmeras obras, aqui cavava-se um jazigo, ali restaurava-se um outro. Filas de trabalhadores puxavam zorras de madeira carregadas de blocos de calcário ou granito, enquanto os aguadeiros matavam a sede aos trabalhadores.

Nesse dia de festa, em que se venerava Imotep, o mestre de obras da pirâmide em degraus, o local estava deserto. Paser e Néfêret passeavam entre fiadas de túmulos datados das primeiras dinastias, zelosamente conservados por um dos filhos de Ramsés, o Grande. Quando o seu olhar pousava nos nomes dos defuntos, escritos em hieróglifos, trazia-os de novo à vida, ultrapassando a barreira do tempo. O poder da palavra superava o poder da morte.

A sepultura de Branir, próximo da pirâmide em degraus, tinha sido construída com bonita pedra branca proveniente da pedreira de Turah. O acesso ao poço funerário que conduzia às câmaras subterrâneas onde repousava a múmia tinha sido obstruído por uma enorme laje, ao passo que a capela permanecia aberta aos vivos que viessem banquetear-se em companhia da estátua e das representações do defunto, carregadas da sua energia imperecível.

O escultor tinha criado uma magnífica efígie de Branir, imortalizando-o com o aspecto de um homem idoso, de rosto sereno e grande robustez. O texto principal, escrito em linhas horizontais sobrepostas, desejava ao ressuscitado as boas-vindas no belo ocidente, depois de uma longa

viagem, ele estava agora junto dos seus irmãos, os deuses, alimentava-se de estrelas e purificava-se com água do oceano primordial. Guiado pelo seu coração, trilhava os caminhos perfeitos da eternidade.

Paser leu em voz alta a dedicatória destinada ao hóspede do túmulo:

— Vivos que andais na terra e passais por este sepulcro, que amais a vida e odiais a morte, pronunciai o meu nome para que eu viva, dissei por minha intenção a prece da oferenda. Hei-de descobrir o assassino prometeu Paser.

Néféret tinha sonhado com uma felicidade serena, longe dos conflitos e das ambições, mas o seu amor nascera na tormenta, e nem Paser nem ela própria poderiam ter paz enquanto não descobrissem a verdade.

Quando as trevas foram vencidas, a terra resplandeceu de luz. As árvores e as ervas reverdesceram, os pássaros saíram dos ninhos, os peixes saltaram das águas, os barcos subiram e desceram o rio. Paser e Néféret saíram da capela cujos baixos-relevos refletiam a luz tênue da aurora. Tinham passado a noite junto da alma de Branir, sentindo-a próxima, vibrante e calorosa.

Jamais se separariam dele.

Terminada a festa, os artífices regressaram ao local. Os sacerdotes celebravam os ritos matinais, para perpetuar a memória dos desaparecidos. Paser e Néféret seguiram ao longo do caminho coberto do rei Unas, que terminava num templo situado num nível inferior, e sentaram-se à sombra das palmeiras, na orla dos campos cultivados. Uma menina sorridente trouxe-lhes tâmaras, pão fresco e leite.

— Podíamos ficar aqui para sempre, esquecer os crimes, a justiça e os homens.

— Tornaste-te num sonhador, juiz Paser?

— Quiseram livrar-se de mim da maneira mais vil possível e não vão desistir. Será sensato empreender uma guerra perdida à partida?

— Por Branir, pelo espírito que veneramos, temos o dever de lutar sem pensar em nós mesmos.

— Não passo de um juiz insignificante que a hierarquia colocará nos confins da mais longínqua província. Vão destruir-me sem dó nem piedade.

— E não tens medo?

— Falta-me a coragem. A prisão foi uma prova aterradora.

Néféret encostou a cabeça ao ombro de Paser.

— Agora, estamos juntos. Não perdeste a tua força, sei-o, sinto-o.

Um doce calor invadiu Paser. O sofrimento abrandou, a fadiga atenuou-se. Néféret tinha poderes mágicos.

— Todos os dias, durante um mês, vais beber água recolhida num recipiente de cobre. É um remédio eficaz contra a fraqueza e o desespero.

— Quem poderia ter-me armado esta cilada, senão aquele que sabia que, em breve, Branir seria o sumo-sacerdote de Carnaque e, como tal, o nosso mais fiel aliado?

— A quem confiaste os teus segredos?

— Ao teu perseguidor, o médico-chefe Nébamou, para o impressionar.

— Nébamon... Nébamon possuía a prova da tua inocência e obrigava-me a casar com ele!

— Cometi um erro terrível. Ao revelar-lhe a nomeação de Branir, ele decidiu matar dois coelhos de uma cajadada: eliminar Branir e acusar-me do crime.

Uma ruga sulcou a testa de Paser.

— Ele não é o único possível culpado. Uma vez que foi Mentmosé, o chefe da polícia, quem me prendeu, tinha forçosamente de estar combinado com o deão do pórtico.

— A polícia e a magistratura aliadas no crime...

— Um conluio, Néfêret, um conluio que reuniu homens de poder e influência. Branir e eu tornamo-nos incômodos, pois eu tinha reunido indícios decisivos e ele ter-me-ia permitido levar o inquérito até o fim. Por que razão é que a guarda de honra da esfinge foi exterminada? Eis uma questão a que devo responder.

— Não te estarás a esquecer do químico Chéchi, do roubo do ferro celeste e de Asher, o general traidor?

— Sinto-me incapaz de estabelecer qualquer ligação entre os suspeitos e os delitos cometidos.

— Acima de tudo, preocupemo-nos com a memória de Branir.

Suti tinha querido festejar condignamente o regresso do seu amigo Paser, convidando o juiz e a mulher para jantarem com ele numa taberna respeitável de Mênfis, onde serviam um vinho tinto da colheita do ano um de Ramsés, borrego grelhado de primeira qualidade, legumes com um molho especial e bolos inesquecíveis. Transbordante de alegria, tentara fazê-los esquecer durante algumas horas o assassinato de Branir.

De volta a casa, a cambalear e com a cabeça a andar à roda, foi de encontro a Pantera. A líbia de cabelos loiros agarrou-o pelos cabelos.

— De onde vens?

— Da prisão.

— Meio bêbado?

— Meio, não, completamente, mas Paser está são e salvo.

— E eu? Então, comigo não te preocupas?

Suti agarrou-a pela cintura e levantou-a do chão, colando-a ao seu corpo.

— Voltei, não é milagre suficiente?

— Nem dei pela tua falta.

— Mentas. Os nossos corpos ainda têm muitos segredos por revelar.

Deitou-a docemente na cama, levantou-lhe o vestido curto com a delicadeza de um velho amante, e penetrou-a com um arrebatamento de adolescente. Pantera gritou de prazer, incapaz de resistir à investida que tanto desejava.

Quando estavam a descansar, lado a lado, ofegantes e em êxtase, ela pousou a mão no peito de Suti.

— Tinha prometido trair-te durante a tua ausência.

— E foste bem sucedida?

- Nunca o saberás. A dúvida far-te-á sofrer.
- Não te iludas. Para mim só contam o instante que passa e o prazer.
- És um monstro!
- Tens razão de queixa?
- Vais continuar a ajudar o juiz Paser?
- Claro, fizemos um pacto de sangue.
- Continua decidido a vingar-se?
- Antes de ser homem, ele é juiz. A verdade pesa mais que os seus sentimentos.
- Pelo menos desta vez, dá ouvidos ao que te digo. Não o encorajes e, se ele persistir, afasta-te.
- Por que razão me fazes esse aviso?
- Estás a incomodar gente muito importante.
- Que percebes tu disso?
- É só um pressentimento.
- Estás a esconder-me alguma coisa?
- Haverá mulher capaz de te enganar?

O gabinete do chefe da polícia parecia uma colméia fervilhante de zumbidos. Mentmosé não parava de andar de um lado para o outro, dando por vezes ordens contraditórias, apressando os empregados, para transportarem os rolos de papiro, as tabuinhas de madeira e qualquer arquivo que se tivesse acumulado após a sua entrada ao serviço. De olhar febril, Mentmosé coçava a cabeça calva e praguejava contra a lentidão da sua própria administração.

No momento em que saiu à rua para verificar o carregamento de uma galera, viu-se subitamente frente a frente com o juiz Paser.

- Meu caro juiz...
- Estás a olhar para mim como se eu fosse um fantasma.
- Que idéia! Espero que a tua saúde...
- Ficou um pouco abalada com a estada na prisão, mas a minha mulher tratará de me restabelecer rapidamente. Vais mudar de instalações?
- Os serviços de irrigação previram uma grande cheia. Devo tomar as minhas precauções.
- Não me parece que este bairro vá ficar inundado.
- O seguro morreu de velho.
- Onde te vais instalar?
- Bem... em minha casa, coisa provisória, claro.
- Coisa sobretudo ilegal. O deão do pórtico foi consultado?
- O nosso querido deão está muito cansado. Teria sido inconveniente ir importuná-lo.
- Não achas que devias suspender essa transferência de relatórios?

A voz de Mentmosé tornou-se roufenha e estridente.

— Talvez estejas inocente do crime de que és acusado, mas a tua posição é ainda incerta e não te autoriza a dares-me ordens.

— Tens razão. Em contrapartida, a tua obriga-te a ajudares-me.

Os olhos do chefe da polícia semicerraram-se como os de um gato.

— Que queres tu, afinal?

— Examinar de perto a agulha de madre pérola que matou Branir.

Mentmosé coçou a cabeça.

— A meio da mudança...

— Não se trata dos arquivos, mas de uma prova do crime, que, como tal, deve estar apensa ao processo com a mensagem que me traiu: “Branir corre perigo, vem depressa.”

— Os meus homens não encontraram nada.

— E a agulha?

— Espera um momento.

O chefe da polícia eclipsou-se.

A agitação acalmou. Os carregadores de papiros pousaram a carga nas prateleiras e retomaram o fôlego.

Passados cerca de dez minutos, Mentmosé reapareceu. Estava perplexo.

— A agulha desapareceu.

Assim que Paser começou a beber a água medicinal contida dentro da copela de cobre, Bravo mendigou a sua parte. Sentado nas patas traseiras, com a longa cauda enrolada, as grandes orelhas caídas, para só arrebitem à hora da refeição, e trazendo ao pescoço uma coleira de couro cor-de-rosa e branca onde se podia ler: “Bravo, companheiro de Paser”, o cão lambeu o líquido benéfico, logo seguido do burro, que dava pelo nome de Vento do Norte. Diabrete, a sagui de Néféret, saltou para o dorso do burro, puxou a cauda ao cão e refugiou-se atrás da dona.

— Como posso eu restabelecer-me nestas condições?

— Não te queixes, juiz Paser. Tens o privilégio de teres em casa uma médica conscienciosa, permanentemente ao teu lado.

Paser beijou-a no pescoço, precisamente no lugar que a fazia arrepiar-se toda. Mas Néféret encheu-se de coragem e repeliu-o.

— A carta.

Paser sentou-se à escriba e desenrolou sobre os joelhos um papiro da melhor qualidade com cerca de vinte centímetros de largura. Dada a importância da mensagem, escreveria somente no rosto do documento. À sua esquerda, a parte enrolada, à direita, a extremidade desenrolada. Para dar um caráter respeitável ao texto, dispôs-lo em linhas verticais separadas por um traço bem apumado, desenhado os hieróglifos com a sua melhor tinta e um cálamo cuja ponta tinha sido afiada com perfeição.

A mão estava absolutamente firme.

Para o vizir Bagey, da parte do juiz Paser.

Possam os deuses proteger o vizir, Ra iluminá-lo com os seus raios, Ámon preservar a sua integridade, Ptah dar-lhe coerência. Espero que o vizir se encontre de boa saúde e a prosperidade não lhe seja usurpada. Se a ele recorro, na minha qualidade de magistrado, é com o intuito de informá-lo de fatos da maior gravidade. Não só fui acusado injustamente do assassinato do sábio Branir e deportado para um campo de degredo, como, também, a arma do crime desapareceu enquanto estava na posse de Mentmosé, o chefe da polícia.

Como mero juiz de bairro creio ter posto em evidência o comportamento suspeito do general Asher e demonstrado que os cinco veteranos encarregados da guarda de honra da esfinge desapareceram sem deixar rasto.

Pessoalmente, penso que a própria justiça foi ridicularizada. Tentaram desembaraçar-se de mim com a cumplicidade do chefe da polícia e do deão do pórtico, com o intuito de travarem o meu inquérito e protegerem os conspiradores, cujo objetivo ignoro.

Não me importa a minha sorte, mas quero identificar o, ou, os culpados pela morte do meu mestre. Que me seja ainda permitido expressar a minha apreensão pelo futuro do país, se tantas mortes atrozess permanecerem impunes, não serão o crime e a mentira, dentro em breve, os novos guias do povo? Somente o vizir tem poder para arrancar as raízes do mal. Por esta razão, solicito a sua intervenção, sob o olhar vigilante dos deuses, e juro sobre a Regra a veracidade dos meus propósitos.

Paser datou e apôs o seu sinete à carta, enrolou o papiro, atou-o e fechou-o com um cunho de argila, inscreveu nele o seu nome e o do destinatário, e, em menos de uma hora, entregou-o ao empregado dos correios que nesse mesmo dia o entregaria no gabinete do vizir.

O juiz levantou-se, inquieto.

— Esta carta pode significar o nosso exílio.

— Tem confiança. A reputação do vizir não é infundada.

— Se nos enganarmos, ficaremos separados para sempre.

— De modo nenhum, pois partirei contigo.

Não havia ninguém no pequeno jardim.

Encontrando aberta a porta da casinha caiada de branco, Paser entrou. Nem Suti nem Pantera estavam em casa, apesar do adiantado da hora. Como faltava pouco para o pôr do Sol, talvez os amantes se tivessem ido sentar debaixo do caramanchão, junto ao poço, a apanhar o fresco da tarde.

Paser, intrigado, atravessou a sala principal. Finalmente, ouviu ruídos. Não provinham do quarto, mas da cozinha ao ar livre, situada nos fundos da casa. Sem dúvida alguma, Pantera e Suti estavam a trabalhar!

A líbia de cabelos loiros fabricava manteiga, que conservava na parte mais fresca da cave, à qual misturava alforba e alcaravia, sem lhe adicionar água nem sal para não escurecer.

Suti fazia cerveja. Com farinha de cevada moída e amassada, tinha feito uma pasta que cozera superficialmente em formas dispostas à volta de uma lareira.

Os pães assim obtidos eram depois postos a macerar numa água açucarada com tâmaras, após a fermentação, era necessário mexer e filtrar o líquido e depois transvazá-lo para uma bilha de barro vidrado, indispensável à conservação da bebida.

Três bilhas foram introduzidas nos buracos de uma tábua colocada sobre tacos e fechadas com um rolhão de limos secos.

— Vais dedicar-te ao artesanato? — perguntou Paser.

Suti voltou-se.

— Nem te ouvi chegar! Pois é, a Pantera e eu decidimos fazer fortuna. Ela fabricará manteiga, e eu cerveja.

Irritada, a líbia empurrou o bloco de gordura para o lado, limpou as mãos a um pano escuro e desapareceu sem cumprimentar o juiz.

— Não lhe ligues, é o mau gênio. Esqueçamos a manteiga. Felizmente, há cerveja! Ora prova lá isto.

Suti retirou a bilha maior do buraco, tirou a rolha e introduziu um tubo ligado a um filtro para não deixar passar senão o líquido e reter as partículas de massa flutuantes.

Paser bebeu um gole, mas parou de imediato.

— Que azedo!

— Azedo como? Segui a receita à risca.

Suti também bebeu, e cuspiu.

— Está horrível! Vou abandonar o fabrico de cerveja, não é ofício para mim. Como vão as coisas?

— Escrevi ao vizir.

— É muito arriscado.

— Mas indispensável.

— Olha que se fores preso outra vez, não vais resistir.

— A justiça triunfará.

— A tua credulidade é comovente.

— O vizir Bagey terá de agir.

— Por que razão não poderá ele ser também corrupto e estar comprometido, tal como o chefe da polícia e o deão do pórtico?

— Porque ele é o vizir Bagey.

— Esse velho carcomido é inacessível a qualquer forma de sentimento.

— Ele privilegiará os interesses do Egito.

— Que os deuses te ouçam!

— Esta noite, revivi o momento de pavor em que vi a agulha de madrepérola cravada no pescoço de Branir. Trata-se de um objeto precioso, de custo muito elevado, que somente uma mão hábil pode manejar.

— Tens alguma pista?

— Simples intuição, talvez desprovida de interesse. Aceitarias fazer uma visita à principal tecelagem de Mênfis?

— Eu, de novo em missão?

— Parece-me que lá as mulheres são muito bonitas.

— Não me digas que tens medo de lá ir?

— É que a tecelagem fica fora da minha jurisdição, e um passo em falso desse calibre seria proveitoso para Mentmosé.

Sendo monopólio real, a tecelagem empregava um grande número de homens e mulheres, que trabalhavam em teares de liços baixos, constituídos por dois cilindros sobre os quais se enrolavam os fios da urdidura, e teares de liços altos, formados por um quadro retangular colocado verticalmente, em que o fio da urdidura se ia enrolando num cilindro superior, e a peça tecida num cilindro inferior. Certos tecidos ultrapassam os vinte metros de comprimento, podendo a altura variar entre um metro e vinte e um metro e oitenta.

Suti observou um tecelão, com os joelhos encostados ao peito, que rematava um galão para a túnica de um nobre, fixou em primeiro lugar a atenção nas garotas que torciam e enrolavam num novelo as fibras de linho curtido. Outras garotas, não menos sedutoras, dispunham uma urdidura sobre o cilindro superior de um tear horizontal, antes de entrecruzarem duas séries de fios esticados. Uma fiandeira utilizava um fuso com um disco de madeira, que manejava com espantosa destreza.

Suti não passou despercebido, o seu rosto esguio, o olhar discreto, os longos cabelos negros e um andar marcado pela força e pela elegância, deixavam poucas mulheres indiferentes.

— Que desejas? — perguntou a fiandeira, que molhava as fibras de forma a obter um fio fino e resistente.

— Gostaria de falar com o diretor da tecelagem.

— A senhora Tapeni só recebe visitas com recomendação do palácio.

— Nunca abre exceções? — murmurou Suti. Impressionada, a fiandeira abandonou o trabalho.

— Vou ver.

A tecelagem era ampla e muito limpa. A inspeção do trabalho assim o exigia. A luz penetrava por clarabóias retangulares abertas no telhado plano, e a circulação de ar era obtida graças a uma sábia disposição de lucarnas oblongas. No Inverno era quente e, no Verão, fresca. Os operários especializados, com vários anos de experiência, recebiam salários elevados, sem discriminação entre homens e mulheres.

No momento em que Suti sorria a uma tecelã, a fiandeira reapareceu.

— Vem comigo.

A senhora Tapeni, cujo nome significava “a ratinha”, estava sentada numa sala imensa cheia de teares, correntes, lançadeiras, agulhas, fusos e demais instrumentos necessários à prática da sua arte. Pequena, de longos cabelos negros, olhos verdes, tez morena e aspecto jovial, dirigia os operários com pulso militar. A sua doçura aparente escondia um autoritarismo muitas vezes marcante. Todavia, os produtos que saíam da sua tecelagem eram de uma beleza tal que nenhum defeito se lhes podia apontar. Celibatária aos trinta anos, Tapeni só pensava no seu ofício. Família e filhos apareciam-lhe como obstáculos ao progresso da sua carreira.

Mal deparou com Suti, sentiu o medo apoderar-se dela.

Medo de se apaixonar estupidamente por um homem a quem bastava aparecer diante de uma mulher para seduzi-la. O seu receio transformou-se imediatamente num outro sentimento, deveras excitante: a atração irresistível da caçadora pela sua presa. A sua voz tornou-se afável.

— Em que posso ser-te útil?

— Trata-se de um assunto privado.

Tapeni dispensou os seus ajudantes. O perfume do mistério fazia aumentar a sua curiosidade.

— Estamos sós.

Suti deu uma volta pela sala e parou diante de uma fiada de agulhas de madreperola dispostas sobre uma tabuinha coberta com pano.

— São soberbas. Quem está autorizado a utilizá-las?

— Interessas-te pelos segredos do ofício?

— Apaixonam-me.

— És inspetor do palácio?

— Está descansada, procuro apenas uma pessoa que utilizou este tipo de agulhas.

— Uma amante atraídoada.

— Quem sabe?

— Os homens também as usam. Espero que não sejam...

— Que as tuas dúvidas sejam dissipadas.

— Como te chamas?

— Suti.

— Profissão?

— Viajo muito.

— Mercador e um pouco espião... És muito atraente.

E tu és deslumbrante.

— Achas?

Tapeni correu a peça de madeira que fazia de ferrolho.

— É possível encontrar este tipo de agulhas em qualquer tecelagem?

— Só nas grandes tecelagens.

— Então a lista de utilizadores é limitada.

— Certamente.

Tapeni aproximou-se dele e tocou-lhe nos ombros.

— És forte. Deves ser um grande lutador.

— Sou um herói. Concordas em dar-me os nomes?

— Talvez. Estás assim com tanta pressa?

— Identificar o proprietário de uma agulha como aquela...

— Cala-te, falaremos mais tarde. Aceito ajudar-te, mas com a condição de seres meigo, muito meigo...

Tapeni pousou os seus lábios nos de Suti, que, após uma breve hesitação, se viu obrigado a corresponder ao convite. A delicadeza e o sentido de reciprocidade contavam entre os valores mais intangíveis da civilização. Nunca recusar um presente era ponto de honra para Suti.

A senhora Tapeni untou o sexo do amante com uma pomada à base de sementes de acácia moídas e mel, assim, e uma vez o esperma esterilizado, desfrutaria com toda a tranquilidade daquele magnífico corpo de homem, esquecendo o barulho dos teares no seu eterno vaivém e as recriminações dos trabalhadores.

“Fazer inquéritos por conta de Paser não traz senão perigos”, pensou Suti.

O juiz Paser e Kem, o polícia núbio, abraçaram-se. O colosso negro estava acompanhado do seu babuíno, cujo olhar inquiridor assustava os transeuntes. Comovido quase até às lágrimas, o núbio apalçou a prótese de madeira que substituíra o nariz mutilado.

— Néféret contou-me tudo. Se estou livre, devo-o a vocês dois.

— O babuíno mostrou-se persuasivo.

— Há notícias de Nébamon?

— Está a descansar na casa de campo.

— Vai retomar a ofensiva.

— Quem duvida disso? Mas vai mostrar-se mais prudente contigo.

— Se ainda for juiz. Escrevi ao vizir: ou se ocupa do inquerito e me confirma nas funções, ou vai julgar o meu pedido insolente e inadmissível.

Corado, bochechudo, com os braços carregados de papiros, o escrivão Larrot entrou no gabinete do juiz.

— Eis o que fiz na tua ausência! Devo retomar o trabalho?

— Ignoro o que o futuro me reserva, mas detesto que os processos fiquem parados. Como não me proibiram, coloco-lhes o meu sinete. Como vai a tua filha?

— Teve um princípio de sarampo e envolveu-se numa zaragata com um rapaz odioso que a arranhou a cara. Apresentei queixa contra os pais. Por sorte, dança cada vez melhor. Mas a minha mulher... que harpia!

Sempre a resmungar, Larrot arrumou os papiros nos respectivos lugares.

— Até o vizir me dar uma resposta, não saio deste escritório.

— Vou dar uma volta para os lados da casa de Nébamon — disse o núbio.

Néféret e Paser tinham decidido não ir viver para a casa de Branir, pois onde a desgraça tinha grassado, jamais alguém devia morar. Contentar-se-iam com a pequena residência oficial, da qual, metade estava ocupada com os arquivos do juiz. Se fossem ali apanhados, voltariam para a região de Tebas.

Néféret levantava-se mais cedo do que Paser, que gostava de trabalhar até tarde. Depois de se lavar e pintar, dava de comer ao cão, ao burro e à saguí. Bravo, que tinha uma pequena infecção numa pata, era tratado com lodo do Nilo, cujas virtudes desinfetantes eram bem conhecidas pela sua rapidez e eficácia.

A jovem pousava a maleta dos medicamentos na garupa de Vento do Norte e, com um sentido inato de orientação, o burro levava-a pelas vielas do bairro, onde os doentes aguardavam a sua intervenção. Como retribuição, enchiam-lhe com os mais variados alimentos as cangalhas que o burro transportava com evidente satisfação.

Não havia bairros separados para ricos e pobres. Nas mesmas ruelas buliçosas, por onde circulavam pessoas e animais, coexistiam pequenas casas de adobes encimadas por terraços sombreados de árvores e grandes casas rodeadas de magníficos jardins. As pessoas trocavam insultos, regateavam, riam, mas Néféret não tinha tempo nem para tertúlias nem para alegrias.

Depois de três dias de luta incerta, conseguira finalmente expulsar uma febre maligna do corpo de uma menina que os demônios da noite tinham invadido. A pequena enferma já podia chupar o leite da ama conservado numa garrafa em forma de hipopótamo, o ritmo do seu coraçãozinho voltara ao normal, e as pulsações eram regulares. Néféret colocou à volta do pescoço da bebé um colar de flores, e nas orelhas umas argolas leves, o sorriso da paciente foi a melhor das recompensas.

Quando voltou para casa, extenuada, Suti discutia com Paser.

— Falei com a senhora Tapeni, a diretora da principal tecelagem de Mênfis.

— Com bons resultados?

— Aceitou ajudar-me.

— Alguma pista importante?

— Ainda não. Inúmeras pessoas podem ter utilizado este tipo de agulha.

Paser baixou os olhos.

— Diz-me Suti... Essa tal senhora Tapeni é bonita?

— Não é desagradável de todo.

— E este primeiro contato foi só... amigável?

— A senhora Tapeni é uma mulher independente e afetuosa.

Néféret perfumou-se e deu-lhes de beber.

— Esta cerveja não tem qualquer tipo de riscos — disse Paser. — Se calhar, não se pode dizer o mesmo da tua ligação com Tapeni.

— Estás a pensar na Pantera? Ela vai compreender a necessidade deste inquérito.

Suti beijou Néféret nas duas faces.

— Vocês não se esqueçam de que eu sou um herói.

Denes, o rico transportador altamente reputado, gostava de repousar na sala da sua suntuosa casa de Mênfis. Nas paredes, flores de lótus, no chão, lousas coloridas, evocando peixes a brincarem num lago. Dispersos sobre mesas redondas, uma boa dezena de cestos repletos de romãs e cachos de uvas. Quando regressava das docas, onde controlava a partida e a chegada dos seus barcos, Denes gostava de saborear coalhada com sal e de beber água mantida fresca numa bilha de barro. Estava reclinado sobre almofadas, uma serva massajava-o e o seu barbeiro privativo barbeava-o, aparando-lhe os pêlos da barba branca. De rosto quadrado e carrancudo, Denes parou de dar ordens quando a mulher, Nénofar, se intrometeu, opulenta e majestosa, vestida na última moda, era dona de três quartos da fortuna do casal. Como tal, Denes achava sempre preferível ceder durante as frequentes desavenças do casal.

Nessa tarde, nenhuma zanga se desenhava no horizonte. Denes estava com dores de cabeça e nem ouvia o discurso inflamado de Nénofar, vociferando contra o fisco, o calor e as moscas.

Quando o servo mandou entrar o dentista Qadash, Denes levantou-se e cumprimentou-o com um abraço.

— Paser voltou — declarou o dentista, sombrio.

Choroso, de testa baixa e maçãs do rosto salientes, esfregava as mãos, vermelhas da má

circulação. No nariz, as veias violáceas pareciam prestes a rebentar. Com os cabelos brancos em desalinho, Qadash mostrava-se muito agitado.

Ele e o seu amigo Denes estavam sob suspeita do juiz e haviam suportado os seus ataques, sem que ele conseguisse provar que eram culpados.

— Mas afinal o que se passa? Então um relatório oficial não tornou público o falecimento de Paser?

— Acalma-te — recomendou Denes. — Ele voltou, mas não ousa empreender mais nenhuma ação contra nós. A detenção abalou-o.

— Sabe-se lá! — protestou Nénofar, que se pintava, retirando um pouco de unguento de um boião com a cavidade de uma colherinha, cujo cabo representava um negro deitado com as mãos cruzadas atrás das costas. — Este juiz é um obstinado. Ele vai vingar-se.

— Não creio.

— Porque és cego, como sempre.

— A tua posição nos tribunais permite-nos estar permanentemente informados das maquinações de Paser.

A senhora Nénofar, que dirigia com ímpeto uma equipe de agentes comerciais encarregados de vender produtos egípcios no estrangeiro, tinha obtido os lugares de intendente de matérias-primas para fabrico e inspetora do Tesouro.

— O aparelho judicial não tem qualquer ligação com as exigências econômicas — objetou ela. — E se ele for até ao vizir?

— Bagey é tão teimoso quanto intratável. Não se vai deixar manipular por um magistrado ambicioso cujo único objetivo é fazer escândalo para aumentar a sua notoriedade.

A chegada do químico Chéchi interrompeu a conversa. Franzino, com o lábio superior debruado por um bigodinho preto, pouco expansivo, a ponto de se remeter dias inteiros ao silêncio, avançava como uma sombra.

— Estou atrasado.

— Paser está em Ménfis! — revelou Qadash atabalhoadamente.

— Estou ao corrente.

— Que pensa o general Asher?

— Está tão surpreendido como tu e eu. Tínhamos acolhido com tanta alegria o anúncio da morte do juiz...

— Quem o libertou?

— Asher não sabe quem foi.

— Que medidas pensa ele tomar?

— Não me confidenciou os seus intentos.

— E o programa de armamento? — perguntou Denes.

— Continua.

— Alguma expedição em vista?

— Adafi, o líbio, fomentou algumas desordens perto de Biblos, mas as forças de segurança

foram suficientes para sustentar a revolta das duas aldeias.

— Então, Asher continua a ter a confiança do faraó.

— Uma vez que a culpabilidade dele não foi provada, o rei não pode demitir um herói que ele mesmo condecorou e nomeou chefe dos instrutores dos exércitos da Ásia.

A senhora Nénofar colocou ao pescoço um colar de ametistas.

— A guerra faz muitas vezes prosperar o comércio. Se Asher prever uma campanha contra a Síria ou contra a Líbia, avisa-me quanto antes. Assim, mudo os meus circuitos comerciais e saberei mostrar-me generosa contigo.

Chéchi anuiu, inclinando-se.

— Estás a esquecer-te de Paser! — protestou Qadash.

— Um homem sozinho contra as forças que o irão esmagar — ironizou Denes. — Temos de continuar a ser astutos.

— E se ele descobre?

— Deixemos Nébamon agir. Afinal, não é o nosso médico-chefe a parte mais interessada?

Nébamon tomava, por dia, uma dezena de banhos frios numa grande cuba de granito cor-de-rosa onde os servos deitavam um líquido perfumado. Depois, envolvia os testículos com uma pomada calmante que, pouco a pouco, lhe apaziguava as dores.

O maldito babuíno de Kem, o polícia núbio, quase lhe tinha arrancado a virilidade. Dois dias depois da agressão, uma forte erupção cutânea tinha-lhe atacado a pele delicada do escroto. Receando uma supuração, o médico-chefe tinha-se isolado na casa de campo mais bonita que possuía, depois de anular as operações de cirurgia estética prometidas às belezas da corte que se sentiam a envelhecer.

Quanto mais odiava Paser, mais amava. Néféret. Ela tinha troçado dele, sem dúvida, mas não lhe guardava rancor. Sem este juiz medíocre, pernicioso à força de tanta obstinação, a jovem teria cedido e ter-se-ia tornado sua mulher.

Nébamon nunca havia sido recusado, e sofria agora na carne esta afronta insuportável.

O melhor aliado de Nébamon ainda era Mentmosé. A posição do chefe da polícia, que tinha destruído a mensagem, destinada a atrair Paser, e também a arma do crime, tinha-se tornado muito delicada. O rigoroso inquérito instaurado tinha demonstrado, pelo menos, a sua incompetência. Mentmosé, que passara a vida engendrando intrigas para obter o cargo, não suportaria uma demissão. No entanto, nem tudo estava perdido.

O general Asher era ele próprio o comandante-em-chefe das tropas de elite que, mal recebessem ordens, partiriam para a Ásia. De baixa estatura, rosto de fuinha, cabelo rapado, cara coberta de pêlos pretos e hirsutos, pernas curtas e grande cicatriz a retalhar-lhe o peito, sentia um verdadeiro prazer em ver sofrer os seus homens, carregados com sacos cheios de pedras e obrigados a rastejar na areia e no pó e a defenderem-se de um agressor armado com uma faca. Sem piedade, eliminava os vencidos. Nem os oficiais gozavam de qualquer privilégio, também eles tinham de provar as suas aptidões físicas.

— Que pensas destes futuros heróis, Mentmosé?

O chefe da polícia, embrulhado numa manta de lã, suportava mal o ar fresco da alvorada.

— Parabéns, general.

— A maioria destes imbecis está inapta para o serviço, e os outros estão pouco melhor! O nosso exército é muito farto e muito frouxo. Já não possuímos o gosto da vitória.

Mentmosé espirrou.

— Terás apanhado frio?

— As preocupações, a fadiga...

— E o juiz Paser?

— A tua ajuda será preciosa, general.

— No Egito ninguém pode opor-se à justiça. Em outros países, teríamos as vantagens da liberdade.

— Um relatório afirmava que ele estava morto na Ásia.

— Um erro administrativo banal, pelo qual não sou responsável. O processo que Paser me instaurou não foi encerrado e fui mantido em funções. O resto não me interessa.

— Devias ter sido mais prudente.

— Mas esse juizeco não está desacreditado?

— As acusações formuladas contra ele foram retiradas. Não poderíamos considerar juntos... uma solução?

— Tu és polícia, eu sou soldado. Não misturemos as coisas.

— No interesse de ambos...

— O meu interesse consiste em manter-me o mais longe possível desse juiz. Até breve, Mentmosé, os meus oficiais esperam-me.

A hiena atravessou o subúrbio do Sul, lançou o seu grito sinistro, desceu o talude e matou a sede no canal. Assustadas, as crianças gritaram. As mães meteram-nas em casa e trancaram as portas. Ninguém ousou enfrentar a enorme fera que nada parecia temer. Nem mesmo os caçadores mais experientes ousaram aproximar-se. Satisfeita, a hiena voltou para o deserto.

E todos recordaram a velha profecia, segundo a qual, “quando as bestas selvagens vierem beber ao rio, a injustiça reinará e a felicidade abandonará o país”.

O povo começou a murmurar e as suas queixas, repetidas de bairro em bairro, chegaram aos ouvidos de Ramsés, o Grande. O invisível começava a falar, ao incarnar no corpo de uma hiena, desacreditava o rei aos olhos do país. Por todas as províncias o povo se mostrava inquieto com este mau presságio, e começava a interrogar-se sobre a legitimidade do reinado de Ramsés.

O faraó tinha de agir quanto antes.

Néféret varria o quarto com uma pequena vassoura, de joelhos, segurava com firmeza o cabo duro enquanto agitava, com pulso ágil, as longas fibras de junco amarradas com várias voltas de baraço.

— A resposta do vizir nunca mais chega — desabafou Paser, sentado num banquinho.

Néféret pousou a cabeça nos joelhos do juiz.

— Para que te atormentas? Essa inquietação destrói-te e enfraquece-te.

— O que irá Nébamon fazer contra ti?

— Não vais proteger-me?

Ele acariciou-lhe os cabelos.

— Tudo o que desejo encontro ao teu lado. Como é belo este momento! Quando durmo ao teu lado, sinto-me inundado por uma felicidade sem limites. Ao amares-me engrandeceste o meu coração. Tu pertences-lhe, a tua presença dá-lhe vida. Nunca te afastes de mim. Quando te vejo, os meus olhos já não precisam de outra luz.

Os seus lábios uniram-se com a doçura de uma primeira emoção. E, nessa manhã, Paser chegou com um considerável atraso ao escritório.

Néféret preparava-se para ir fazer as suas consultas quando uma jovem, ofegante, correu na sua direção.

— Espera, peço-te! — chamou Silkis, a mulher do alto funcionário Bel-Tran.

O burro, carregado com a maleta dos medicamentos, consentiu em manter-se imóvel.

— O meu marido queria ver com urgência o juiz Paser. — Bel-Tran, fabricante e vendedor de papiros, tinha-se tornado notado pelas suas qualidades de gestor e subido ao cargo de diretor do Tesouro. Paser tinha-o ajudado num momento difícil e ele devotava-lhe reconhecimento e amizade. Silkis, muito mais nova do que o marido, tinha sido cliente do médico-chefe Nébamon, que adelgacera com sucesso o seu rosto e as ancas bastante avantajadas. Bel-Tran queria exibir-se ao lado de uma esposa digna das mais belas mulheres do Egito, mesmo se a custo de uma cirurgia estética. De pele clara e traços agora mais finos, Silkis parecia uma adolescente com as formas ainda a desabrochar.

— Se ele aceitar vir comigo, levo-o ao Tesouro onde Bel-Tran vai recebê-lo antes de partir para o Delta. E, de agora em diante, gostava de receber os teus serviços de médica.

— De que sofres?

— De horríveis enxaquecas.

— O que comes?

— Confesso que muitos doces. Adoro sumo de figo, sou louca por sumo de romã, e rego os pastéis com sumo de alfarroba.

— E legumes?

— Não gosto tanto.

— Come mais legumes e menos doces. As enxaquecas devem atenuar-se. No lugar onde dói, vais aplicar uma pomada.

Néféret recebeu-lhe um remédio composto de caule de junco, junípero, seiva de pinheiro, bagas de loureiro e terebintina, tudo esmagado e reduzido a uma massa compacta, misturada com um unguento.

— O meu marido vai retribuir-te generosamente.

— Como entenderes.

— Aceitarias tornares-te nossa médica?

— Se a minha terapia vos convém, porque não?

— O meu marido e eu ficar-te-emos muito gratos. Posso levar o juiç?

— Com a condição de não o perderes.

Quanto mais depressa Bel-Tran trabalhava, mais processos meticulosos e delicados lhe confiavam. A sua prodigiosa memória para números e a sua capacidade de fazer cálculos a uma velocidade siderante, tornavam-no indispensável. Algumas semanas após ter começado a trabalhar com os altos funcionários do Tesouro, beneficiou de uma promoção e tornou-se num dos colaboradores mais próximos do diretor da Casa do Ouro e da Moeda, como encarregado das finanças do reino. Os elogios não tinham fim, preciso, rápido, metódico e trabalhador obstinado, dormia muito pouco, pois era sempre o primeiro a chegar às instalações do Tesouro e o último a ir embora. Alguns auguravam-lhe uma carreira fulgurante.

Bel-Tran estava rodeado por três escribas a quem ditava cartas administrativas, quando sua mulher mandou entrar Paser. Deu-lhe um abraço vigoroso, terminou o que tinha em mãos, mandou sair os escribas e pediu à mulher que lhe preparasse um almoço abundante.

— Nós temos um cozinheiro, mas a Silkis é irredutível no que diz respeito à qualidade dos alimentos. A sua opinião é soberana.

— Parece-me muito ocupado.

— Nunca imaginei que as minhas novas funções fossem tão agradáveis. Mas falemos antes de ti!

De cabelos muito pretos colados a uma cabeça muito redonda por um unguento perfumado, de ossatura pesada e mãos e pés rechonchudos, Bel-Tran falava depressa e nunca estava quieto. Parecia incapaz de gozar um momento de repouso, sempre com o espírito atravessado por mil

projetos e inquietações.

— Tu viveste um calvário. Como só fui informado muito mais tarde, não tive chance alguma de intervir.

— Não te censuro. Só Suti podia tirar-me de uma situação tão difícil.

— Quem achas tu que são os culpados?

— O deão do pórtico, Mentmosé e Nébamon.

— O deão deve pedir a demissão. O caso de Mentmosé é mais difícil, ele vai jurar que foi enganado. Quanto a Nébamon, esconde-se nas propriedades que possui, mas não é homem para desistir. Não estarás a esquecer-te do general Asher? Ele odeia-te. Na altura do processo, tu não conseguiste destruir-lhe a reputação, o seu poder continua mais ao menos intacto e a sua influência não diminuiu. Não será ele quem, na sombra, manipula os outros?

— Escrevi ao vizir a pedir-lhe que reabrisse o inquérito.

— Excelente idéia.

— Ainda não respondeu.

— Estou confiante de que o fará. Bagey não vai aceitar ver a justiça injuriada desta maneira. Ao atacarem-te, os teus inimigos estão a opor-se a ele.

— Mesmo que ele me retire do caso, mesmo que eu deixe de ser juiz, hei-de descobrir o assassino de Branir. Sinto-me responsável pela sua morte.

— O que pensas fazer?

— Fui demasiado falador.

— Não te tortures dessa maneira.

— Acusarem-me de culpado da morte dele foi o golpe mais cruel que me podiam ter dado.

Mas eles não conseguiram, Paser! Eu queria ver-te, para te oferecer o meu apoio. Quaisquer que sejam as provações que tenhas de enfrentar no futuro, estou do teu lado. Não gostarias de mudar de casa e ires viver para uma mais espaçosa?

—guardo a resposta do vizir.

Kem, mesmo durante o sono, mantinha-se alerta. Dos anos de infância, passados nas longínquas regiões da Núbia, conservava o instinto de caçador. Quantos dos seus companheiros, muito mais seguros de si, não tinham sido mortos na savana, dilacerados pelas garras de um leão?

O núbio acordou sobressaltado e tateou o nariz de madeira. Às vezes, sonhava que a matéria inerte se transformava em carne, e que pulsava. Mas não era altura para fantasias, alguns homens subiam a escada. O babuíno também tinha aberto os olhos. Kem vivia rodeado de arcos, espadas, punhais e escudos, quando dois polícias começaram a arrombar a porta da habitação, equipou-se num instante. A princípio, era ele quem batia, ajudado pelo babuíno, mas uma vintena de novos agressores entrou de roldão pela porta dentro.

— Foge! — gritou ele ao macaco.

O babuíno lançou-lhe um olhar onde se misturavam a indignação e a promessa de vingança. Escapando ao bando armado, saiu por uma janela, saltou para o telhado da casa contígua e desapareceu.

Kem, lutando até ao limite das suas forças, foi difícil de dominar, depois, já deitado de costas e amarrado, viu entrar Mentmosé.

O chefe da polícia passou, ele mesmo, uma peia em forma de amêndoa à volta dos seus pulsos atados.

— Finalmente — disse, sorrindo. — Aqui temos o assassino.

Pantera moeu restos de safiras, esmeraldas, topázios e hematites, peneirou o pó obtido por um crivo de junco fino, deitou-o numa caldeira e ateou uma fogueira com madeira de sicômoro. Depois, juntou um pouco de terebintina para obter um unguento de luxo que moldaria em forma de cone e com o qual untaria perucas, coifas e cabelos, e perfumaria todo o corpo.

Suti surpreendeu a bela loira no momento em que ela se inclinava para a mistura.

— Ficas-me cara, minha vaidosa, e olha que ainda não encontrei um meio de fazer fortuna. Já nem sequer te posso vender como escrava. Foste para a cama com uma egípcia! Como sabes? Sinto-o.

O odor dela entranhou-se no teu corpo.

— Paser confiou-me um inquérito delicado.

— Paser, sempre Paser! Ele também te ordenou que me enganasses?

— Estive a conversar com uma mulher notável, diretora da principal tecelagem da cidade.

— E o que tem ela assim de tão... notável? As nádegas, o sexo, os seios, o...

— Não sejas vulgar.

Pantera atirou-se ao amante com tal violência que o imobilizou contra a parede, cortando-lhe a respiração.

— No teu país não é crime ser-se infiel? Mas nós não somos casados. Claro que somos, vivemos debaixo do mesmo teto. Devido às tuas origens, precisaríamos de um contrato, e eu detesto papeladas. Se não a deixares imediatamente, mato-te.

Suti inverteu a situação, e foi a vez de a líbia ficar contra a parede.

— Ouve bem, Pantera. Nunca ninguém me impôs normas de conduta. Se for obrigado a casar com esta ou aquela, para cumprir os meus deveres de amigo, faço-o sem hesitações. Ou entendes isto, ou vais-te embora.

Os olhos dela abriram-se desmedidamente, mas não verteu nem uma lágrima.

Ela ia matá-lo, disso não tinha quaisquer dúvidas.

Com a letra mais bonita que sabia fazer, Paser preparava-se para redigir uma segunda carta ao vizir, a reforçar a gravidade dos fatos ocorridos e a solicitar uma intervenção urgente da parte do mais alto magistrado do Egito, quando o chefe da polícia entrou no seu gabinete.

Mentmosé trazia a satisfação estampada no rosto.

— Juiz Paser, mereço as tuas felicitações.

— Por que razão?

— Prendi o assassino de Branir.

Continuando sentado à escrivaninha, Paser observou Mentmosé.

— O assunto é demasiado grave para se prestar a brincadeiras.

— Não estou a brincar.

— Qual o seu nome?

— Kem, o teu polícia núbio.

— Isso é um absurdo.

— O homem é um brutamontes! Lembra-te do seu passado. Ele já matou.

— As tuas acusações são extremamente graves. Em que provas se baseiam?

— Testemunha ocular.

— Que venha à minha presença.

Mentmosé pareceu incomodado.

— Infelizmente, isso é impossível e, sobretudo, inútil.

— Inútil?

— O processo já seguiu o seu caminho e foi feita justiça.

Paser levantou-se, confuso.

— Tenho um documento assinado pelo deão do pórtico.

O juiz leu o papiro. Kem, condenado à morte, tinha sido levado para um calabouço da grande prisão.

— O nome da testemunha não aparece.

— Não tem importância... Ele viu Kem matar Branir e afirmou-o sob juramento.

— Quem é ele?

— Esquece a testemunha. O assassino será punido, isso é o que importa.

— Estás a perder o sangue frio, Mentmosé! Há algum tempo atrás não terias sequer ousado mostrar-me um documento tão miserável.

— Não compreendo...

— A sentença foi proferida sem a presença do acusado, e esta ilegalidade tem como consequência a anulação do processo.

— Eu trago-te a cabeça do culpado e tu falas-me de técnicas judiciais.

— De justiça — corrigiu-o Paser.

— Sê razoável, ao menos uma vez na vida! Há certos escrúpulos que são estéreis.

— A culpabilidade de Kem não está provada.

— Pouco importa. Quem vai ter pena de um negro mutilado e criminoso?

Se não fosse a sua dignidade de juiz, Paser não teria conseguido conter a violência de que se sentiu tomado.

— Conheço a vida melhor do que tu — continuou Mentmosé. — Há certos sacrifícios que são necessários. Contudo, a tua função obriga-te a pensar no reino, no seu bem-estar e na sua segurança.

— E acaso Kem os fez perigar?

— Nem tu nem eu temos interesse em levantar a ponta do véu. Osiris acolherá Branir no paraíso dos justos e o crime será punido. Que mais podes querer?

— A verdade, Mentmosé.

— Pura ilusão!

— Sem ela, o Egito morreria.

— Tu é que vais desaparecer, Paser.

Kem não receava a morte, mas sentia a falta do seu babuíno. Privado de um irmão, depois de tantos anos de trabalho em comum, já não podia trocar com ele olhares cúmplices e reconhecer-se devedor das suas intuições. Apesar disso, alegrava-se por sabê-lo em liberdade. A ele, tinham-no fechado numa espécie de cave de teto muito baixo onde o calor era sufocante. Não tinha havido julgamento, apenas uma condenação imediata e uma execução sumária: desta vez não escaparia aos seus inimigos. Paser não teria tempo de intervir e mais não poderia fazer do que lamentar o desaparecimento do núbio, a que Mentmosé daria a aparência de um acidente.

Kem não nutria qualquer estima pela raça humana. Achava-a corrupta, vil e dissimulada, excelente para servir de pasto ao monstro que, ao lado da Justiça no juízo final, devorava os condenados às penas do inferno. Uma das suas poucas alegrias fora ter conhecido Paser, que, com o seu caráter, assegurava a existência de uma justiça na qual Kem há muito deixara de acreditar. Com Néféret, sua companheira para a eternidade, Paser empenhava-se numa luta desde logo perdida, sem se preocupar com o seu destino. O núbio teria gostado de ajudá-lo até o fim, até o desenlace final, quando a mentira, como sempre acontece, acabasse por silenciá-lo.

A porta da cela abriu-se.

O núbio levantou-se e endireitou-se. Não ia dar ao carrasco a imagem de um homem abatido. Com um golpe de rins, saiu da sua reclusão, afastando o braço que se estendia na sua direção.

Cego pelo sol, pensou que os seus olhos o estavam a trair.

— Mas não és...?

Paser cortou a corda que prendia os punhos de Kem.

— Anulei a tua sentença, devido às suas numerosas irregularidades. Estás livre.

O colosso ergueu o juiz do chão e abraçou-o, com risco de sufocá-lo.

— Não são já inúmeras as tuas preocupações? Devias ter-me deixado nesta enxovia.

— Terá o cárcere afetado as tuas faculdades?

— O meu macaco?

— Anda fugido.

— Ele voltará.

— Também ele está ilibado. O deão do pórtico reconheceu a justa fundamentação dos meus protestos e contradisse o chefe da polícia.

— Vou torcer o pescoço de Mentmosé.

— Davas-te por culpado de homicídio. Temos coisas mais importantes para fazer,

especialmente identificar a misteriosa testemunha ocular que foi a causa da tua prisão.

O Núbio levantou os punhos cerrados.

— Quanto a essa, deixa-a comigo!

O juiz não respondeu. Kem sentiu-se animado por um regozijo selvagem quando voltou a ver a sua moça e o seu escudo revestido de couro.

— O babuíno é um matador — acrescentou ele, galhofeiro. — A esse, nenhuma lei o consegue prender.

À frente do sarcófago pilhado de Quéops, Ramsés, o Grande, entregava-se a meditações piedosas. Com um nó na garganta e o coração apertado, o homem mais poderoso do mundo tinha-se tornado escravo de um bando de assassinos e ladrões. Ao apoderarem-se das insígnias sagradas da realeza, ao privá-lo da grande magia do Estado desejada pelos deuses, tornavam o seu poder ilegítimo e condenavam-no, mais cedo ou mais tarde, a abdicar em favor de um intriguista que iria destruir a obra empreendida há já tantas dinastias.

Os criminosos não atacavam só a sua pessoa, mas também o ideal do governo e os valores tradicionais que ele encarnava. Se havia egípcios entre os culpados, não agiam sozinhos, líbios, hititas ou sírios ter-lhes-iam sugerido o mais maléfico dos planos para fazer o Egito tombar do seu pedestal, abrindo as portas à ingerência estrangeira, a ponto de conduzirem-no à perda da independência.

O testamento dos deuses havia sido transmitido de faraó em faraó e conservado intacto. Hoje, mãos impuras detinham-no e cérebros diabólicos manipulavam-no. Durante muito tempo, Ramsés, o Grande, teve esperança de que o céu o protegesse e o povo ignorasse o drama até ele descobrir uma solução.

Mas a estrela do grande monarca começava a empalidecer.

A próxima cheia seria medíocre. Claro que as reservas dos celeiros reais iriam alimentar as províncias mais desfavorecidas e nenhum egípcio morreria de fome. Mas os camponeses ver-se-iam forçados a abandonar os campos, e ia dizer-se à boca cheia que o rei já não possuía a capacidade de repelir a desgraça, a não ser que celebrasse uma festa de regeneração, durante a qual deuses e deusas lhe iriam instilar uma energia renovada, uma energia reservada ao depositário do testamento, legitimando o seu reino.

Ramsés, o Grande, implorou a ajuda da luz, da qual era filho, não se renderia sem combate.

Com o cabo de madeira da navalha bem seguro na mão, o barbeiro passou a lâmina de cobre pela face, pelo queixo e pelo pescoço do juiz Paser, sentado num banco à porta de sua casa, ao lado de Vento do Norte, que observava a cena com um olhar plácido, enquanto Bravo dormia deitado entre as patas do burro.

Como todos os barbeiros, também este era muito falador.

— Se te estás a pôr tão bonito, é porque te convocaram para ires ao palácio.

— Como poderia esconder?

Paser não precisou que tinha acabado de receber uma resposta muito breve do vizir, em que o mandava ir falar com ele sem demora, nessa bela manhã de Verão.

— Uma promoção?

— É pouco provável.

— Que os deuses te sejam favoráveis! Na verdade, um bom juiz é seu aliado.

— Com efeito, é preferível que assim seja.

O barbeiro mergulhou a lâmina numa taça de pé alto que continha água com natrão. Afastou-se do freguês, contemplou a sua obra e, com delicadeza, rapou alguns pêlos rebeldes do queixo.

— Os emissários do faraó transmitiram-nos decretos muito curiosos nestes últimos dias, porque é que Ramsés, o Grande, continua a afirmar que é ele a única proteção contra a desgraça e os cataclismos? Ninguém no país duvida disso. Enfim, quase ninguém... No entanto, diz-se que o seu poder entrou em declínio. A hiena que veio beber no rio, a cheia nociva, as chuvas do Delta nesta época do ano... Tudo sinais tangíveis do descontentamento dos deuses. Alguns acham que Ramsés devia celebrar uma festa de regeneração para reencontrar a plenitude do seu poder mágico. Que momento magnífico! Quinze dias de repouso, distribuição de alimentos, muita cerveja, bailarinas em plena rua... Enquanto o rei está fechado no templo com as divindades, nós passamos uns belos dias!

Os decretos reais tinham intrigado Paser. Que adversário obscuro temia Ramsés? Ele sentia que o monarca se mantinha na defensiva, sem dizer qual o adversário, visível ou invisível, que combatia, portanto, o Egito mantinha-se calmo, sem nenhum sinal de desestabilização, a não ser a misteriosa conspiração que Paser tinha desmantelado, pelo menos em parte. Mas de que forma iria o roubo do ferro celeste colocar em perigo o trono do faraó?

Restava o general Asher, que o testemunho de Suti indicava como traidor e aliado dos Asiáticos, sempre prontos a invadir o Egito, terra de todas as riquezas. Será que, ocupando ele um dos mais altos cargos militares, iria revoltar as tropas contra o soberano? A hipótese parecia pouco provável. O traidor preocupava-se com vantagens pessoais, não com a força de um governo que ele seria incapaz de assumir.

Desde o assassinato do seu mestre Branir, Paser não sabia o que fazia. Raciocinava no vazio, sentia-se tão agitado como a carga de um burro. Tinha instaurado um processo sólido contra o general Asher e os seus prováveis cúmplices, mas estava tão obcecado pelo rosto martirizado do ser venerado, a quem tinham usurpado a existência, que lhe faltava perspicácia.

— Está perfeito — avaliou o barbeiro. — No palácio, fala-lhes no meu nome, bem gostaria de barbear alguns nobres.

O juiz deu o seu parecer sobre o chefe. Por sua vez, Néféret olhou-o.

Com os cabelos penteados, o corpo lavado e perfumado e uma tanga de luminosa brancura, o exame foi concludente.

— Estás pronto? — perguntou ela.

— Bem preciso de estar. Achas-me com um ar assustado?

— Aparentemente não.

— A carta do vizir não deixa entrever qualquer esperança.

— Não esperes cordialidade, assim, não ficarás desiludido.

— Se ele me demitir, vou exigir que o inquérito prossiga.

— Não vamos deixar impune a morte de Branir.

A expressão sorridente da sua indomável força de vontade tranquilizou-o.

— Tenho medo, Néféret.

— Eu também. Mas não vamos recuar agora.

Os nove amigos do faraó, de farta cabeleira preta e toga branca, plissada e ornamentada com um laço à altura do umbigo, tinham estado reunidos durante toda a manhã, convocados pelo vizir Bagey. No fim de acesos debates, a unanimidade fora obtida. O portador da Regra, o superintendente da Dupla Casa branca, o encarregado dos canais e diretor dos depósitos de água, o superintendente das escrituras, o superintendente dos campos, o diretor das missões secretas, o escriba do cadastro e o intendente do rei, após mudanças de pontos de vista e aprofundados exames, tinham aprovado a surpreendente proposta do vizir, à primeira vista irrealista e até perigosa. Mas a urgência da situação e o seu carácter dramático justificavam uma decisão rápida e pouco habitual. Quando Paser foi anunciado, os nove amigos instalaram-se na grande sala de audiência, de paredes brancas e nuas, onde tomaram os seus lugares em compridos bancos de pedra almofadados, colocados de um lado e outro de Bagey, que se sentava numa cadeira de espaldar baixo.

Ao pescoço, trazia o imponente coração em cobre, única jóia ritual que ele se permitia usar. Debaixo dos pés, uma pele de pantera evocava os instintos selvagens dominados.

O juiz Paser inclinou-se perante a insigne assembléia e farejou o ambiente. Os rostos gélidos dos nove amigos não pressagiavam nada de bom.

— Levanta-te — ordenou Bagey.

Paser ficou de pé, frente ao vizir. Suportar o peso de nove olhares desprovidos de indulgência era uma prova terrível.

— Juiz Paser, admites que só a prática da justiça mantém a prosperidade do nosso país?

— Essa é a minha mais profunda convicção.

— Se não agirmos em conformidade com a justiça, se ela for considerada uma mentira, os rebeldes acabarão por erguer a cabeça, a fome destruir-nos-á e os demônios rugirão. Ainda é esta a tua convicção?

— As tuas palavras exprimem a verdade que eu vivo.

— Recebi as tuas duas cartas, juiz Paser, e comuniquei-as a este conselho para que cada um

dos membros que o constituem fosse juiz da tua conduta. Consideras que foste fiel à tua missão?

— Julgo não a ter traído. Sofri na carne, senti na boca o gosto do desespero e da morte, mas tais sofrimentos são insignificantes comparados com o ultraje infligido à minha função de juiz. Desonraram-na, espezinham-na.

— Quando souberes que o chefe da polícia, Mentmosé, e o deão do pórtico foram convocados por esta assembléia com a minha aprovação, irás manter as tuas acusações?

Paser engoliu em seco.

Tinha ido longe demais. Mesmo com todas as evidências a seu favor, mesmo munido de provas irrefutáveis, um simples juiz não devia atacar os notáveis. O vizir e o seu conselho tomariam o partido dos seus diretos colaboradores.

— Sejam quais forem as consequências, mantenho as minhas acusações. Fui deportado injustamente, o chefe da polícia não procedeu a uma investigação séria, o deão do pórtico apagou a verdade em favor da mentira. Quiseram eliminar-me, para que os inquéritos sobre o assassinato de Branir, a morte misteriosa dos veteranos e o desaparecimento do ferro celeste não prosseguissem. Vós, os nove conselheiros do faraó, ouvirão esta verdade e não a esquecerão. A corrupção saiu do seu covil e corrompeu parte do aparelho de Estado. Se os membros doentes não forem expurgados, o mal espalhar-se-á por todo o corpo.

Paser não baixou os olhos, e sustentou o olhar do vizir, que poucos homens ousariam enfrentar.

— A precipitação e a intransigência atraíam o melhor dos juizes — disse Bagey. — Destes dois caminhos, qual escolherias, alcançares o sucesso ou servires a justiça?

— Por que razão deveriam eles ser opostos?

— Porque a existência de um homem raramente se concilia com a lei de Maât.

— A minha foi-lhe oferecida sob juramento.

O vizir guardou um longo silêncio. Paser percebeu que ele ia pronunciar uma sentença sem recurso.

— O portador da Regra, o intendente do rei e eu próprio, analisamos os fatos, procedemos a interrogatórios e chegamos às mesmas conclusões. O deão do pórtico cometeu incontestavelmente faltas muito graves. Devido à sua avançada idade, à sua experiência e aos serviços prestados à justiça, condenamo-lo ao exílio no oásis de Khargeh, onde acabará os seus dias na solidão e no recolhimento. Nunca mais voltará ao vale. Estás satisfeito?

— Porque iria alegrar-me com a desgraça de um juiz em decadência?

— Condenar é um dever.

— O prosseguimento do inquérito também o é.

— Confio-o ao novo deão do pórtico. Tu, Paser.

O juiz empalideceu.

— A minha pouca idade...

— A dignidade de “deão” não implica anos de serviço, mas a competência que esta assembléia te reconhece. Duvidas do poder deste cargo a ponto de renunciáres?

— Eu não esperava...

— O destino bate-nos à porta de um momento para o outro, tão vivo quanto o crocodilo que se lança ao rio. Qual é a tua resposta?

Paser levantou as mãos juntas em sinal de respeito e de aceitação, e inclinou-se.

— Juiz do pórtico — declarou Bagey, — não tens nenhum direito. Só os teus deveres contam. Que Tot guie o teu pensamento e oriente o teu julgamento, uma vez que só um Deus pode preservar o homem de uma conduta torpe. Conhece a tua posição, orgulha-te dela e não te glorifiques. Põe a tua honra acima da multidão, sê discreto e útil ao teu semelhante. Não largues a roda do leme, sê um pilar na tua função, ama o bem e repudia o mal. Não digas uma só mentira, não sejas nem fraco nem confuso, não tenhas um coração ávido. Explora as profundezas dos seres que vais julgar, graças ao olhar de Ra, a luz celeste. Estende o braço direito e abre a mão.

Paser obedeceu.

— Aqui está o teu anel de sinete. Ele autenticará os documentos nos quais aponhas o teu selo. De hoje em diante, exercerás funções à porta do templo, para aí distribuíres a justiça e protegeres os desvalidos. Farás respeitar a ordem em Mênfis, velarás pelo pagamento atempado dos impostos, pelo bom funcionamento dos trabalhos agrícolas e pelo transporte das mercadorias. Se for necessário, exercerás no mais alto tribunal de justiça. Em qualquer circunstância, não te contentes com o que ouves e penetra no segredo dos corações.

— Se é justiça que queres, quem irá ocupar-se de Mentmosé, o chefe da polícia, cuja velhacaria é imperdoável?

— Que o teu inquérito especifique as suas faltas.

— Prometo-te não ceder a nenhuma paixão e demorar o tempo que for necessário.

O portador da Regra levantou-se.

— Em nome deste conselho, confirmo a decisão do vizir. A partir deste momento, Paser, o novo deão do pórtico, será reconhecido como tal em todo o Egito. Ser-lhe-ão atribuídos uma casa, bens materiais, servos, escritórios e funcionários.

A seguir, levantou-se o superintendente da Dupla Casa branca.

— De acordo com a lei, o deão do pórtico será responsável, sob penhor dos seus bens, por todas as decisões iníquas que tomar. Se houver cabimento a uma reparação ao queixoso, ele mesmo a pagará, sem recorrer às finanças públicas.

O vizir emitiu um gemido insólito.

Todos se voltaram para ele. Bagey levou a mão ao seu lado direito, agarrou-se ao espaldar da cadeira, tentou em vão segurar-se e caiu inanimado.

Quando Néfêret viu Paser chegar a correr, com a testa coberta de suor e os olhos rasos de angústia, julgou que ele tinha fugido do palácio.

— O vizir acabou de ter uma indisposição.

— O médico-chefe está com ele?

— Nêbamon está doente. Nenhum dos seus assistentes ousa intervir sem a sua autorização.

A jovem pegou no relógio, colocou-o no pulso e pôs a maleta na garupa de Vento do Norte. O burro tomou o caminho certo.

Bagey estava estendido em cima de almofadas.

Néféret auscultou-o, escutou-lhe a voz do coração dentro do peito, nas veias e nas artérias. Descobriu duas correntes, uma que aquecia o lado direito do corpo e outra que gelava o lado esquerdo. O mal era inacessível e estendia-se a todo o organismo. Utilizando a sua clépsidra de pulso, calculou o ritmo cardíaco e o tempo de reação dos órgãos principais.

Os cortesãos esperavam o diagnóstico com ansiedade.

— Trata-se de uma doença que conheço e vou curar — disse ela. — O fígado está ferido, a veia porta obstruída. As artérias hepáticas e o dueto colédoco, que ligam o coração ao fígado, estão em mau estado, já não deixam passar água e ar suficientes e transportam um sangue demasiado espesso.

Néféret fez o doente beber chicória, cultivada nos jardins dos templos. A planta, de grandes flores azuis que se fechavam ao meio-dia, possuía inúmeras virtudes curativas, misturada com vinho velho, tratava inúmeras infecções do fígado e da vesícula. O remédio magnetizava o órgão bloqueado, o vizir acordou muito pálido e vomitou.

Néféret pediu-lhe que bebesse vários copos de chicória, até que ele conservasse o líquido no estômago, o corpo do doente refrescou-se, por fim.

— O fígado está aberto e lavado — constatou ela.

— Quem és tu? — perguntou Bagey.

— Sou a doutora Néféret, mulher do juiz Paser. Deves vigiar a tua alimentação — disse ela, com voz calma — e beber diariamente chicória. Para evitar que se repita uma obstrução desta gravidade, que te deixaria inconsciente, vais beber uma poção à base de figos, uvas, frutos entalhados de sicômoro, sementes de briônia, tâmaras, goma e resina. Eu mesma vou preparar a mistura, que é preciso deixar ao orvalho durante a noite e filtrar de manhã cedo.

— Salvaste-me a vida.

— Fiz o meu dever, e tivemos sorte.

— Onde exerces?

— Em Mênfis.

O vizir levantou-se. Apesar das pernas entorpecidas e de uma forte enxaqueca, deu alguns passos.

— O repouso é indispensável — disse Néféret, ajudando-o a sentar-se. — Nébamon...

— Tu é que vais tratar de mim.

Passada uma semana, o vizir Bagey, completamente restabelecido, enviou ao novo deão do pórtico uma esteia em calcário, na qual estavam gravados três pares de orelhas, um em azul carregado, outro em amarelo e o último em verde-pálido. Assim se evocavam o céu de lápis-lazúli, onde reinavam as estrelas dos sábios, o ouro, de que era feita a carne das divindades, e a turquesa do amor, desta forma, estavam anunciados os deveres do juiz mais importante de Mênfis: ouvir os queixosos, respeitar a vontade dos deuses, mostrar-se benevolente, mas sem fraquejar.

Saber ouvir era a base da educação, saber ouvir permanecia a maior virtude de um magistrado. Sério, concentrado, Paser aceitou a esteia e ergueu-a à altura dos olhos, diante de todos os juizes da grande cidade, reunidos para felicitar o novo deão.

Néféret chorou de alegria.

Situada no centro de um bairro modesto composto por pequenas casas brancas de dois andares, onde viviam operários e funcionários públicos, a casa atribuída ao deão do pórtico maravilhou o jovem casal. Acabada de fazer e destinada a um dignitário que não ficaria a perder com a troca, nunca tinha sido habitada. Coberta em toda a sua extensão por um terraço, tinha oito divisões com paredes decoradas com pinturas de pássaros multicores a brincar entre tufos de papiros.

Paser não se atreveu a entrar. Deixou-se ficar no átrio, onde um servo dava grandes quantidades de comida aos gansos, alguns patos chafurdavam num lago salpicado de lótus azuis. Abrigados numa cabana, dois rapazes encarregados de deitar comida às aves domésticas dormiam com as mãos fechadas. O novo dono do património real não os acordou. Também Néféret estava feliz por dispor de semelhante riqueza. Contemplou a terra compacta e glutinosa que os vermes arejavam, e cujas dejeções constituíam excelente adubo para os cereais. Nenhum camponês os matava, pois sabiam que as minhocas asseguravam a fertilidade da terra.

Bravo foi o primeiro a exercitar-se, correndo e saltando no magnífico jardim, imediatamente seguido por Vento do Norte. O burro deitou-se debaixo de uma romanzeira, árvore cuja beleza era a mais duradoira, visto que uma nova flor se abria por cada uma já velha que caía. O cão preferiu um sicômoro, onde o restolhar das folhas evocava a doçura do mel. Néféret acariciou os ramos finos e os frutos maduros, quase vermelhos, quase turquesa, e puxou o marido para si, para debaixo da sombra da árvore, abrigo da deusa do céu. Maravilhados, contemplaram um renque de figueiras importadas da Síria e um pavilhão feito de canas onde poderiam apreciar o esplendor dos poentes.

O seu sossego não durou muito, Diabrete, a pequena saguí de Néféret, soltou um grito de dor e pulou para os braços da dona. Assustada, estendeu-lhe a pata, onde estava enterrado um espinho de acácia. A ferida não devia ser menosprezada, se o corpo estranho se mantivesse debaixo da pele, provocaria com o passar do tempo uma hemorragia interna, que já tinha confundido muitos médicos. Sem que ninguém lhe ordenasse, Vento do Norte levantou-se e aproximou-se. Néféret tirou da maleta um bisturi, retirou o espinho com infinita doçura e untou a ferida com uma pomada feita de mel, colocintida, ossos de siba esmagados e casca de sicômoro reduzida a pó. Se uma pequena infeção se declarasse, ela tratá-la-ia com sulfureto de arsênico. Mas Diabrete não parecia nada aflita, mal se livrou do espinho, trepou em uma palmeira-tamargueira em busca de um fruto maduro.

— E se entrássemos? — sugeriu Néféret.

— O assunto tornou-se sério.

— Que queres dizer?

— Nós casámo-nos, é certo, mas não possuíamos nada. Agora a situação mudou.

— Já te terás cansado?

— Nunca te esqueças, doutora, de que fui eu quem te foi arrancar à tua tranquilidade.

— Pois as minhas recordações são diferentes, não fui eu quem primeiro reparou em ti?

— Deveríamos estar sentados lado a lado, rodeados por uma multidão de familiares e amigos, a ver desfilar à nossa frente arcas de roupas, vasos, objetos vários, sandálias, sei lá o que mais! Tu terias sido conduzida num palanquim, e vestida com roupas de festa, ao som de flautas

e tamborins.

— Prefiro este momento em que estamos só nós dois, sem alarido e sem luxo.

— Logo que tivermos transposto o limiar da nossa casa, seremos responsáveis por ela. A hierarquia vai censurar-me por não ter redigido um contrato que proteja o teu futuro.

— A tua proposta é honesta?

— Curvo-me perante a lei. Eu, Paser, deixo-te todos os meus bens, a ti, Néféret, que vais manter o teu nome. Como decidimos viver juntos debaixo do mesmo teto, estamos casados e devo-te reparação em caso de separação. Um terço do que vai ser adquirido por nós a partir de hoje ser-te-á entregue por obrigação natural, e eu devo alimentar-te e vestir-te. Quanto ao resto, o tribunal decidirá.

— Devo confessar ao deão do pórtico que estou loucamente apaixonada por um homem e que tenho a firme intenção de ficar unida a ele até ao meu último suspiro.

— Talvez, mas a lei...

— Cala-te e vamos ver a casa.

— Antes, porém, só uma retificação: eu é que estou loucamente apaixonado por ti.

Abraçados, transpuseram o limiar da sua nova morada.

Na primeira divisão, pequena e baixa, destinada ao culto dos antepassados, recolheram-se durante bastante tempo, venerando a alma de Branir, o seu mestre assassinado. Depois, descobriram a sala de visitas, os quartos, a cozinha, os lavabos com canalizações de barro e um gabinete equipado com um banco de calcário.

A casa de banho maravilhou-os. De um lado e outro da laje de calcário assente a um canto, estavam colocados dois bancos de tijolo, onde se encarapitavam os servos e as servas, para deitarem a água sobre quem quisesse tomar um banho. As paredes de tijolo eram revestidas com calcário para evitar a umidade. Um ligeiro declive, que conduzia ao orifício de um cano de barro, profundamente enterrado, permitia o escoamento.

O quarto, bem arejado, tinha um mosquitoireiro a cobrir uma grande cama de ébano maciço com pés em forma de patas de leão. Dos lados, ostentava a face jovial do deus Bés, encarregado de proteger o sono e proporcionar sonhos felizes aos que ali dormissem. Refastelado, Paser saboreou a esteira de cordas vegetais entrançadas, de excepcional qualidade. As numerosas cordas menores tinham sido dispostas sabiamente para suportarem um grande peso durante muitos anos.

Na cabeceira da cama estava um vestido de linho branco, o pano da noiva, que seria também o seu lençol.

— Nunca teria acreditado que ia dormir uma só noite que fosse numa cama destas.

— Para quê esperar? — perguntou ela, insinuante. Estendeu o precioso tecido sobre a esteira, despiu o vestido que envergava e estendeu-se, nua, feliz, por acolher sobre o seu o corpo de Paser.

— Este momento é tão doce que nunca o esquecerei, pelo teu olhar, vais torná-lo eterno. Não te afastes de mim, pertence-te como um jardim que vais enriquecer com flores e perfume. Quando nos transformamos num só ser, a morte deixará de existir.

Desde a manhã do dia seguinte, Paser sentiu saudades da sua pequena casa de juiz principiante, e compreendeu por que razão o vizir Bagey se contentava com uma casa modesta

no centro da cidade. Sem dúvida, as escovas e as vassouras de bambu eram enormes e favoreciam uma limpeza profunda, mas ainda era preciso uma mão experiente para utilizá-las. Nem ele nem Néféret tinham tempo para se entregarem a tais tarefas, e estava fora de questão pedir ajuda ao jardineiro ou ao moço do galinheiro, que não iriam abandonar os seus trabalhos especializados! E ninguém tinha pensado em contratar uma serva para as limpezas.

Néféret e Vento do Norte partiram cedo para o palácio, o vizir queria ser consultado antes da primeira audiência. Sem escrivão, sem escritório montado, e sem servos, o deão do pórtico sentia-se completamente perdido na gestão de uma propriedade demasiado vasta para ele. Ao elegerem a mulher “dona da casa”, os sábios não se tinham enganado.

O jardineiro aconselhou-lhe uma mulher com uns cinquenta anos que alugava os seus serviços aos patrões desesperados, por seis dias de trabalho, não exigia menos de oito cabras e dois vestidos novos! Sangrado até ficar exangue, convicto de estar a pôr em perigo o equilíbrio financeiro do casal, o deão do pórtico foi obrigado a aceitar. Até Néféret voltar, ia viver numa constante inquietação.

Suti esbugalhou os olhos e tateou as paredes.

— Parecem verdadeiras.

— A construção é recente, mas de boa qualidade.

— Pensei que era o maior pantomíneiro do Egito, mas tu levas-me a palma. Quem te emprestou esta casa?

— O Estado — respondeu Paser.

— Tu não continuas a fingir que és o novo deão do pórtico?

— Se não acreditas, ouve Néféret.

— Ela é tua cúmplice.

— Vai ao palácio.

Suti ficou hesitante.

— Quem te nomeou?

— Os nove conselheiros do faraó, com o vizir no comando.

— Terá esse velho insensível do Bagey sido mesmo capaz de mandar embora o teu antecessor, um dos seus estimados colegas, com tão boa reputação?

— As falhas existiam. Bagey e o conselho supremo agiram de acordo com a justiça.

— Um milagre, um sonho...

— O meu pedido foi atendido.

— Porque será que te nomearam, a ti, para um lugar tão importante?

— Também já pensei nisso.

— E chegaste a alguma conclusão?

— Vamos supor que uma parte do conselho supremo está convencida da culpabilidade do general Asher, e a outra não, não achas astucioso confiar um inquérito cada vez mais perigoso ao juiz que primeiro levantou a ponta do véu? Logo que se tenha uma certeza, num sentido ou no outro, será fácil condenarem-me ou felicitarem-me.

— Não és tão estúpido quanto pareces.

— Esta atitude não me choca, e está de acordo com o direito do Egito. Visto que inicie a tarefa, cabe a mim terminá-la, senão, não passaria de um provocador. De que posso queixar-me? Deram-me meios com os quais não contava. E a alma de Branir protege-me.

— Não contes com os mortos. Kem e eu dar-te-emos melhor proteção.

— Achas que corro perigo?

— E cada vez mais. Normalmente, o deão do pórtico é um homem com muitos anos de serviço, prudente, decidido a não correr quaisquer riscos e a gozar dos privilégios. Em suma, o oposto do que tu és.

— Que posso eu fazer? O destino quis assim.

— Talvez eu não seja afinal o mais louco de nós dois, mas esta situação agrada-me. Tu vais prender o assassino de Branir e eu vou oferecer a mim mesmo a cabeça de Asher.

— E a senhora Tapani?

— Uma amante espantosa. Não tanto como Pantera, mas com uma imaginação...! Ontem à tarde caímos da cama abaixo no momento crucial. Outra qualquer teria concordado com uma pausa, mas ela não. E eu tive de me mostrar à altura, apesar de ter ficado por baixo.

— Ganhaste a minha admiração. E o que foi que ela te contou na intimidade?

— Bem se vê que não és um especialista em sedução. Se lhe fizer perguntas demasiado diretas, ela se fechará como uma boa-noite ao meio-dia. Começamos por evocar senhoras ilustres que praticam a arte da tecelagem. Algumas têm imenso talento com a agulha. A pista é boa, sinto-o.

Finalmente ela voltou, precedida de Vento do Norte. Bravo acolheu o burro com latidos de alegria e os dois companheiros saborearam, um uma costela de boi, o outro luzerna fresca. Diabrete já não tinha fome, tinha o ventre tão cheio de frutas roubadas no pomar que resolveu fazer uma longa sesta.

Néféret estava radiosa. Nem a fadiga nem a inquietação a venciam. Frequentemente, Paser sentia-se indigno da mulher que tinha.

— Como está o vizir?

— Muito melhor, mas é preciso tratá-lo até o fim dos seus dias. O fígado e a vesícula estão num estado lastimoso, e não estou certa de conseguir evitar o inchaço das pernas e dos pés quando estiver cansado. Devia caminhar bastante em vez de ficar sentado dias inteiros, e devia apanhar o ar do campo.

— Pedes-lhe o impossível. Ele falou-te em Nébamón?

— O médico-chefe está doente. A intervenção do babuíno-polícia parece ter deixado marcas.

— Será conveniente mostrar consternação?

O zurro de Vento do Norte interrompeu-os. A ração diária não era suficientemente abundante.

— Excedi-me — confessou Paser. — Contratei uma serva de limpezas temporária, a preço de ouro, mas perco-me nesta casa enorme. Não temos cozinheira, o jardineiro só faz o que lhe dá na cabeça, e não percebo nada do uso das múltiplas escovas. Os meus processos estão ao

abandono, não...

Néféret abraçou-o.

Envergando uma tanga engomada, semelhante a um avental, e uma soberba camisa plissada de mangas compridas, Bel-Tran cumprimentou Néféret e Paser efusivamente.

— Desta vez ajudar-te-ei diretamente. Fui encarregado da reorganização dos escritórios da administração central. Na qualidade de deão do pórtico, terás prioridade.

— É-me impossível aceitar o mínimo privilégio.

— Mas não se trata de um privilégio, apenas de uma disposição da lei que te permitirá possuir o conjunto dos processos. Trabalharemos juntos, em locais amplos e espaçosos. Suplico-te, não me impeças de advogar a nossa eficácia!

A rápida ascensão de Bel-Tran surpreendeu os cortesãos mais indiferentes, mas nenhum a criticou. Deu novo alento aos serviços estagnados pela rotina, livrou-se dos funcionários preguiçosos ou incompetentes e resolveu os mil e um problemas técnicos que surgiam diariamente. Dotado de um entusiasmo contagioso, não poupava insultos aos seus subordinados. Os filhos das famílias nobres deploravam as suas origens modestas, mas aceitavam obedecer-lhe, sob pena de serem recambiados para os lares paternos. Nenhum obstáculo desanimava Bel-Tran: tomava providências, combatia-o com uma energia inesgotável e acabava por ultrapassá-lo. Dos seus sucessos fazia parte uma notável reorganização da cobrança do imposto sobre a madeira a que, durante muito tempo, os grandes proprietários, esquecidos do bem público, haviam conseguido esquivar-se. Nessa ocasião, Bel-Tran não se esqueceu de recordar a judiciosa intervenção de Paser. Sempre que uma dificuldade insolúvel se lhe apresentava, Bel-Tran arcava forçosamente com toda a responsabilidade.

Paser reconhecia em Bel-Tran um aliado de grande importância. Graças a ele, conseguiria evitar as armadilhas.

— A minha mulher anda muito melhor — confiou Bel-Tran a Néféret. — Está-te muito grata e considera-te sua amiga.

— E as enxaquecas?

— São menos frequentes. Assim que dão sinal, aplicamos a tua pomada, é de uma eficácia extraordinária! Apesar das tuas recomendações, a Silkis continua muito gulosa. Eu bem escondo o sumo de romã e o mel, mas ela acaba por encontrar o sumo de alfarroba ou o de figos. Tal como tu, também o intérprete dos sonhos a preveniu contra o abuso do açúcar.

— Nenhum remédio substitui a força de vontade.

Bel-Tran fez uma careta.

— Há uma semana que sinto os pés doloridos. Até me custa calçar as sandálias.

Néféret examinou os pés pequenos e rechonchudos.

— Coze gordura de boi com folhas de acácia, prepara uma pasta e aplica-a nos locais mais sensibilizados. Se o remédio não te trazer alívio, avisa-me.

A serva perguntou por Néféret, que se adaptava às mil maravilhas ao seu papel de dona de casa. Em breve instalaria o seu consultório numa das alas da casa. No palácio, aumentava a sua reputação, a cura do vizir valeu-lhe um título de glória concedido pelos médicos da corte, ainda

paralisados pela ausência de Nébamon.

— Esta casa é encantadora — observou Bel-Tran, enquanto saboreava uma talhada de melancia.

— Se não fosse a Néféret, eu não estaria aqui.

— Não te falta ambição, meu caro Paser! A tua mulher é um ser excepcional. Fazes sem dúvida inveja a muita gente.

— Já me basta a de Nébamon.

— O seu mutismo é passageiro. Foi humilhado por ti e por Néféret, e só pensa em vingar-se. Mas certamente a tua posição torna mais difícil a sua tarefa.

— Que pensas dos recentes decretos-lei?

— Enigmáticos. Por que razão precisa o rei de reafirmar assim um poder que ninguém contesta?

— A última cheia foi medíocre, uma hiena veio beber em um canal, várias mulheres deram à luz crianças com deformações...

— Superstições populares!

— São por vezes temíveis.

— Os servidores do Estado que provem que elas não têm fundamento. Vais prosseguir com as investigações contra Asher e com o inquérito sobre a morte misteriosa dos veteranos?

— Não foram essas as principais razões da minha nomeação?

— No palácio, muitos esperavam que o esquecimento acabasse por apagar estes tristes acontecimentos. Alegro-me de constatar que não foi assim e devo dizer-te que não esperava menos da tua coragem.

— Maât é uma deusa sorridente, mas implacável. Nela reside a fonte de toda a felicidade, desde que não seja traída. Não procurar a verdade me impediria de respirar.

O tom de Bel-Tran entristeceu.

— Inquieta-me a serenidade de Asher. É um homem violento, partidário de ações brutais. Devia ter reagido de forma visível à tua promoção.

— A sua margem de manobra não se reduz?

— Certamente, mas não te entusiasmes.

— Não é costume meu entusiasmar-me.

— Hoje não estás só, mas os teus inimigos não desapareceram. Terás conhecimento de tudo o que eu vier a saber.

Durante duas semanas, Paser viveu em permanente agitação. Consultou os vastos arquivos do deão do pórtico, procedeu à reclassificação individual das tabuinhas de argila crua, de calcário e de madeira, das minutas das atas, dos inventários do mobiliário, do correio oficial, dos rolos de papiro lacrados e do material de escriba, consultou a lista do seu pessoal, convocou cada um dos escribas, zelou pelo pagamento e ajustamento dos salários, considerou as queixas em atraso e retificou os inúmeros erros da administração. Surpreendido com a vasta tarefa de que era incumbido, Paser não se insurgiu e depressa obteve a benévola confiança dos seus subordinados. Todas as manhãs se reunia com Bel-Tran, cujos conselhos lhe eram preciosos.

Estava Paser a resolver um problema delicado de cadastro, quando um escriba vermelhusco, de traços grosseiros, surgiu de repente à sua frente.

— Larrot! Por onde tens andado?

— A minha filha há-de ser dançarina profissional, tenho a certeza. Como a minha mulher não concorda, sou obrigado a divorciar-me.

— Quando retomas o teu trabalho?

— O meu lugar não é aqui.

— Pelo contrário! Tu és um bom escritor...

— Tornaste-te numa pessoa demasiado importante. Nestes escritórios, os escribas são obrigados a trabalhar e os horários têm de ser respeitados. Isso não me convém. Prefiro ocupar-me da carreira da minha filha. Andaremos de terra em terra e participaremos nas festas de aldeia antes de conseguirmos um contrato numa companhia com experiência. A pobrezinha tem de ser protegida.

— É essa a tua última palavra?

— Trabalhas demasiado, e deparar-te-ás com interesses demasiado poderosos. Prefiro abandonar a tempo o meu bastão, a minha veste de função e a esteia funerária, e viver longe dos dramas e dos conflitos.

— Tens mesmo certeza de que queres abandonar o cargo?

— A minha filha venera-me e ouvir-me-á sempre. Quero fazê-la feliz.

Denes saboreava a sua gloriosa vitória. A luta fora renhida e a mulher tivera de recorrer a todas as suas amigas para afastar os inúmeros concorrentes, amargamente frustrados com a derrota. Seria então Denes e Nénofar a organizarem o banquete em honra do novo deão do pórtico. A habilidade do transportador e a força de persuasão de sua mulher valeram-lhe, mais uma vez, o título de anfitrião das recepções da alta sociedade de Mênfis. A nomeação de Paser foi de tal maneira surpreendente que era digna de uma verdadeira festa em que os membros da melhor sociedade rivalizassem em elegância.

Paser preparava-se sem grande entusiasmo.

— Esta recepção aborrece-me — confessou ele a Néféret.

— Tu és muito estimado, meu querido.

— Preferia passar a noite contigo. A minha função não admite este género de mundanidades.

— Recusamos os convites de todos os notáveis, mas este é de carácter oficial.

— Aquele Denes... não lhe falta atrevimento! Sabe que desconfio de que ele faz parte de uma conspiração e mostra-se satisfeito!

— Excelente estratégia para te lisonjear.

— Achas que vai resultar?

O riso de Néféret fascinou-o. Como estava linda, com um vestido moldado ao corpo, que lhe deixava os seios a descoberto! E a sua cabeleira negra, com reflexos lápis-lazúli, fazia sobressair o rosto gracioso, levemente pintado.

Toda ela era juventude, graça e amor.

Paser tomou-a nos braços.

— Apeetece-me enclausurar-te.

— Estás com ciúmes?

— Se alguém pousar os olhos em ti, estrangulo-o.

— Deão do pórtico, como ousas proferir tais injúrias?

Paser envolveu o busto de Néfêret com um colar de pérolas de ametista, com peças em ouro, trabalhado com a forma de uma cabeça de pantera.

— Estamos arruinados, mas tu és a mais bela.

— Julgo que não se trata de uma tentativa de sedução.

— Fui desmascarado.

Paser baixou a alça esquerda do vestido dela.

— Já estamos atrasados — advertiu Néfêret.

A senhora Nénofar, antes de vestir o seu traje de cerimônia, passou pelas cozinhas onde os carneiros, depois de desmancharem o boi, preparavam as peças de carne, que penduravam numa trave suspensa por pilares. Ela própria escolheu os pedaços para grelhar e os que serviriam para estufar, provou os molhos e assegurou-se de que as várias dezenas de gansos estariam prontos a tempo. Depois, desceu à cave, onde o copeiro lhe mostrou os vinhos e as cervejas. Segura da qualidade das iguarias e das bebidas, Nénofar inspecionou a sala do banquete, onde servas e servos dispunham taças de ouro em mesas baixas, travessas de prata e pratos de alabastro. Toda a casa cheirava a lótus e jasmim. A recepção seria inesquecível.

Uma hora antes de chegarem os primeiros convidados, os jardineiros colheram frutos que seriam servidos frescos, guardando assim todo o seu sabor, um escriba verificou a quantidade de jarros de vinho colocados na sala do banquete, de forma a evitar qualquer fraude. O jardineiro-chefe verificou o estado das áleas, enquanto o porteiro endireitava a tanga e a peruca. Guardião irredutível daqueles domínios, deixaria entrar apenas as personalidades conhecidas e as pessoas que fossem portadoras de convite.

Ao cair da tarde, enquanto o Sol se apressava em direção à montanha do Ocidente, surgiu o primeiro casal. O porteiro identificou um escriba real e a mulher, pouco depois, seguidos pela elite da grande cidade. Os hóspedes da senhora Nénofar passeavam no quintal coberto de romanzeiras, figueiras e sicômoros, conversavam à volta dos pequenos lagos, nas pérgulas e nas tendas de madeira, admiravam os ramos de flores dispostos no cruzamento das veredas. A presença do vizir Bagey, que nunca assistia a recepções, e de todos os conselheiros do faraó, impressionou a assistência, seria uma noite memorável.

Depois do disco solar desaparecer, os servos acenderam lampiões que iluminaram o jardim e a casa. A senhora Nénofar e Denes fizeram então a sua entrada. Ela, de pesada cabeleira, túnica branca debruada a ouro, colar de pérolas com dez voltas, argolas em forma de gazela e sandálias douradas, e ele, de cabeleira em tons claros, túnica comprida e plissada, com capa, e sandálias de couro adornadas a prata, eram o casal de anfitriões da moda, felizes por ostentarem a sua riqueza com o manifesto intuito de suscitar inveja.

De acordo com o protocolo, o vizir foi o primeiro a dirigir-se aos donos da casa. Com as pernas pesadas, contentava-se com umas sandálias velhas, uma tanga grande e deselegante, e

um sobrepeliz de mangas curtas.

Satisfeitos, a senhora Nénofar e Denes inclinaram-se.

— Que calor! — queixou-se o vizir. — Somente o Inverno é suportável. Alguns instantes ao sol e fico com a pele a arder.

— Um dos nossos tanques está à tua disposição, se quiseses refrescar-te antes do banquete — propôs Denes.

— Não sei nadar e tenho horror à água.

O anfitrião conduziu o vizir ao lugar de honra. Seguiram-se os conselheiros do faraó, depois os altos dignitários, os restantes escribas reais e as personalidades que tiveram a sorte de serem convidadas para a festa mais prestigiada do ano. Bel-Tran e Silkis figuravam entre os últimos, a senhora Nénofar saudou-os distraidamente.

— O general Asher virá? — perguntou Denes ao ouvido de sua mulher.

— Acaba de confirmar que não vem. Um imperativo de serviço.

— E Mentmosé, o chefe da polícia?

— Está doente.

Na sala do banquete, com o teto ornamentado com folhas de videira, os convidados sentaram-se em confortáveis cadeiras almofadadas. À sua frente, taças, pratos e travessas em mesas de pé-de-galo. Uma orquestra feminina tocava flauta, harpa e alaúde com leveza e alegria.

Rapariguinhas núbias, todas nuas, circulavam entre os convidados e colocavam-lhes nas cabeleiras um pequeno cone de pomada perfumada que, ao derreter, exalava odores suaves e afastava os insetos. A cada um foi oferecida uma flor de lótus. Um sacerdote deitou água por cima de uma mesa de oferendas, colocada no centro da sala, para purificar os alimentos.

De repente, a senhora Nénofar reparou que os heróis da festa não estavam presentes.

— Este atraso é inadmissível.

— Não te preocupes. Paser trabalha até muito tarde, algum processo deve tê-lo retido.

— Numa noite como esta! Os nossos convidados estão impacientes, é preciso começar a servir o jantar.

— Não estejas assim tão nervosa.

Perturbada, Nénofar pediu à melhor bailarina profissional de Mênfis para atuar mais cedo do que o previsto. Com vinte anos, e aluna de Sababu, a proprietária da locanda mais famosa da cidade, trazia apenas um cinto de pequenas conchas que se entrechocavam deliciosamente a cada movimento que fazia. Na coxa esquerda, uma tatuagem representava o deus Bés, anão hílare e barbudo que concedia o dom da alegria a todas as mulheres. A artista captou a atenção da assembléia desenhando as mais acrobáticas figuras. Entretanto, chegaram Paser e Néféret.

Enquanto os convidados mordiscavam bagos de uva e fatias finas de melão para abrir o apetite, Nénofar, cada vez mais irritada, reparou numa certa agitação junto à entrada da propriedade.

— Ei-los, enfim!

— Venham, depressa.

— Estou desolado — desculpou-se Paser.

Como explicar que não tinha conseguido resistir à vontade de despir Néféret, que o seu arrebatamento o tinha levado a rasgar-lhe a alça do vestido, que aconteceu ter de esquecer os imperativos horários e que o seu amor era muito mais importante do que o mais ilustre convite? Despenteadada, Néféret fora obrigada a escolher uma nova túnica à pressa e a convencer Paser a abandonar o leito de prazer.

A bailarina retirou-se e a orquestra parou de tocar assim que o jovem casal atravessou o corredor da sala do banquete, sendo, nesse curto lapso de tempo, apreciado dos pés à cabeça por dezenas de olhos pouco indulgentes.

Paser vestira-se deselegantemente: a cabeleira curta, busto nu e uma tanga curta, lembravam a rudeza de um escriba do tempo das pirâmides. Única concessão para a época: um avental plissado que atenuava minimamente a austeridade da indumentária. O homem correspondia ao rigor da sua reputação. Jogadores inveterados apostavam no dia em que, como qualquer outro, ele cederia à corrupção. Outros entretinham-se comentando os vastos poderes do deão do pórtico, cuja juventude, de certa maneira incongruente, fatalmente o conduziria ao abuso. E criticava-se a decisão do velho vizir, cada vez mais ausente e demasiado pronto a delegar parcelas da sua autoridade. Inúmeros cortesãos tentavam persuadir Ramsés a substituí-lo por um administrador experiente e ativo.

Néféret não suscitava as mesmas discussões. Uma simples grinalda de flores sobre os cabelos, um colar largo a esconder os seios, uns brincos leves em forma de lótus, pulseiras nos pulsos e nos tornozelos, uma longa túnica de linho transparente que revelava as suas formas, que ela não escondia. Contemplá-la encantava os mais insensíveis e amenizava os mais azedos, além da juventude e da beleza, possuía o luxo de uma inteligência muito viva, que ostentava sem desdém no olhar alegre. Disso ninguém tinha dúvidas, o seu encanto pessoal não excluía a força de carácter que poucos conseguiriam fazer vibrar. Por que razão se teria ela apaixonado por um simples juiz cujo ar severo não passava de uma garantia para o futuro? Na verdade, ele tinha conseguido um lugar eminente, mas não seria capaz de conservá-lo por muito tempo. A paixoneta desapareceria e Néféret escolheria um partido mais promissor. Onde o infeliz médico-chefe Nêbamon falhara, outro seria bem sucedido. Algumas grandes damas já de certa idade lastimaram a audácia do traje da mulher de um alto magistrado, ignorando que não tinha mais nenhuma túnica para vestir.

O deão do pórtico e sua mulher sentaram-se ao lado do vizir. Os servos apressaram-se a servir fatias de carne de vaca grelhadas e um vinho tinto generoso.

— A tua mulher está doente? — inquiriu Néféret.

— Não, mas ela nunca sai de casa. A cozinha, os filhos e a casa no centro da cidade são-lhe suficientes.

— Quase sinto vergonha em ter aceitado uma casa tão grande — confessou Paser.

— Procederias mal se o não fizesses. Se recusei o palácio que o faraó dá ao vizir, foi porque detesto o campo. Depois de quarenta anos passados no mesmo lugar, não pretendo mudar de casa. Gosto da cidade. Os espaços abertos, os insetos, os campos a perder de vista são-me indiferentes ou incomodam-me.

— Como médica — lembrou Néféret — aconselho-te, apesar de tudo, que andes o máximo possível.

— Vou e venho a pé para o escritório.

— Precisas repousar mais.

— Até a situação dos meus filhos estabilizar, trabalharei menos tempo.

— Algum problema?

— Com a minha filha, não. Só uma pequena desilusão: tinha entrado no templo de Hathor como aprendiz de tecedeira, mas não lhe agradou o fato de existirem rituais sucessivos durante todo o dia. Empregou-se por isso numa quinta a contar grãos de cereal e aí fará carreira. Com o meu filho é mais difícil lidar, atraí-o o jogo das damas e nele perde metade do seu salário de conferidor de tijolos cozidos. Felizmente, vive em nossa casa e a mãe dá-lhe de comer. Se conta comigo para melhorar a sua situação, engana-se. Não tenho nem o dever nem a vontade de fazê-lo. Que estes problemas, tão banais, não te desencorajem, ter filhos é uma das maiores alegrias do mundo.

As iguarias e os vinhos, tudo de excelente qualidade, deixaram maravilhados os convidados, que trocaram trivialidades até ao breve discurso do deão do pórtico, cujo tom surpreendeu toda a assistência.

— Apenas a função conta, não o indivíduo que a exerce de forma transitória. Maât será a minha única guia, a deusa da Justiça, que traça o caminho dos magistrados deste país. Se se cometeram erros num passado recente, sinto-me responsável por eles. Uma vez que o vizir deposita em mim a sua confiança, desempenharei as minhas funções sem me preocupar com os interesses alheios. Os assuntos pendentes não ficarão esquecidos, mesmo que neles estejam envolvidos alguns notáveis. A Justiça é o tesouro mais precioso do Egipto, desejo que todas as minhas decisões tornem este país mais próspero. — Na voz de Paser havia vigor, clareza e determinação. Quem duvidasse ainda da sua autoridade, já devia estar esclarecido. A juventude aparente do juiz não seria uma desvantagem, pelo contrário, proporcionar-lhe-ia uma energia indispensável, prova de uma maturidade impressionante. Muitos mudaram de opinião, afinal, o reinado do novo deão do pórtico talvez não fosse efêmero. Era já tarde quando os convidados partiram, o vizir Bagey, que gostava de se deitar cedo, foi o primeiro a despedir-se. Todos iam cumprimentar e felicitar Paser e Néféret. Finalmente libertos, foram para o jardim. Um alarido chamou-lhes a atenção. Aproximando-se de um tufo de tamarizes, perceberam uma discussão entre Bel-Tran e a senhora Nénofar.

— Espero nunca mais te encontrar aqui.

— Então não me convidasses.

— Não seria delicado da minha parte.

— Nesse caso, porquê toda essa raiva?

— Não só persegues o meu marido com os avisos dos impostos, como também me impedes de assumir a inspeção do Tesouro!

— Tratava-se de uma honra. O Estado concedia-te um salário que não correspondia a um trabalho real. Estou a organizar os serviços administrativos, que são demasiado dispendiosos, e não voltarei atrás. Podes estar certa de que o novo deão do pórtico aprovará a minha atitude e de que ele teria agido exatamente da mesma maneira, dando-te, além disso, voz de prisão. Graças a mim livraste-te de boa.

— Bela maneira de te justificares. És mais perigoso do que um crocodilo, Bel-Tran.

— Os sáurios limpam o Nilo e devoram os hipopótamos excedentários. Denes devia tomar cuidado.

— As tuas ameaças não me assustam. Intriguistas mais astutos do que tu nunca conseguiram nada.

— Nesse caso, espero ter melhor sorte.

A senhora Nénofar, furiosa, afastou-se do seu interlocutor e Bel-Tran foi procurar a sua mulher, já impaciente.

Paser e Néféret saudaram a alvorada no terraço da sua nova casa. Meditavam sobre a alegria do dia que começava e os iluminava de um amor tão doce quanto um perfume festivo. Quando as gerações desaparecessem, não só na terra como no outro mundo, ele enfeitaria de flores a mulher amada e plantaria sicômoros junto ao lago de água fresca onde jamais se saciariam de contemplá-los. E as suas almas, unidas, viriam beber à sombra, animadas pelo canto das folhas ondulando ao vento.

Paser estava obcecado por uma emergência: um processo que declararia de uma vez por todas a inocência de Kem lhe restituiria a dignidade. Identificaria a suposta testemunha do chefe da polícia e culparia este último de apresentar falsas provas. Mal se levantava, e ainda antes de beijá-lo, Néféret fazia-o beber duas grandes taças de água cobreada, uma constipação latente provava que a linfa do deão do pórtico continuava infectada e frágil depois da sua tomada de posse.

Paser engoliu rapidamente o pequeno-almoço e precipitou-se para o seu gabinete onde foi logo cercado por um exército de escribas que brandiam um interminável rol de queixas graves, oriundas de duas dezenas de aldeias. Devido à recusa de um vigilante dos celeiros reais, o óleo e os cereais, indispensáveis ao bem-estar dos habitantes prejudicados por uma cheia insuficiente, não tinham sido distribuídos. Apoiando-se num regulamento obsoleto, o pequeno funcionário fazia troça dos camponeses esfomeados.

O deão do pórtico, com a ajuda de Bel-Tran, consagrou dois longos dias à resolução deste assunto, tão simples na aparência, sem cometer erros administrativos. O vigilante dos celeiros foi nomeado vigilante do canal que passava por uma das aldeias que ele se recusara a abastecer.

Depois, surgiu uma outra dificuldade, um conflito entre produtores de frutos e escribas do Tesouro encarregados de contabilizá-los: para evitar intermináveis processos judiciais, Paser dirigiu-se ele próprio aos pomares, aplicou sanções aos responsáveis pela fraude e refutou as acusações injustificadas dos agentes do fisco. Percebeu então de como o equilíbrio econômico do país, aliança entre um setor privado e uma planificação estatal, era um milagre constantemente renovado. Cabia ao indivíduo trabalhar conforme a sua vontade e, para além de um determinado limite, recolher o fruto do seu trabalho, cabia ao Estado assegurar a irrigação, a segurança dos bens e das pessoas, o armazenamento e a distribuição de alimentos na eventualidade de uma cheia insuficiente e todas as restantes obrigações de interesse comunitário.

Percebendo que ficaria sufocado de trabalho se não controlasse o seu horário, Paser programou “o processo Kem” para a semana seguinte. No momento em que o dia foi anunciado, um sacerdote do templo de Ptah imediatamente se opôs: tratava-se de um dia nefasto, aniversário do combate cósmico entre Hórus, luz celeste, e seu irmão Seth, a tempestade. Mais valia não sair de casa e não iniciar uma viagem, Mentmosé utilizaria certamente esse argumento para não comparecer.

Irritado consigo próprio, Paser teve de baixar os braços quando lhe foi submetido um assunto alfandegário que implicava comerciantes estrangeiros. Uma vez passado o desânimo, começou a ler o processo, como esquecer o infortúnio do polícia núbio que procurava o seu babuíno nos recantos mais obscuros da cidade?

Mentmosé, o chefe da polícia, abordou Paser numa rua apinhada de gente, onde o novo deão do pórtico comprava flores vermelhas da Núbia para preparar uma tisana apreciada pelo seu cão.

Pouco à vontade, Mentmosé tornou-se melífluo.

— Fui enganado — confessou. — No fundo, sempre te julguei inocente.

— De qualquer maneira mandaste-me para o degredo.

— Não terias tu agido da mesma maneira no meu lugar? Os juizes devem aplicar a justiça de

forma imparcial, senão já não é credível.

— Neste caso, não foi feita justiça.

— Infeliz concurso de circunstâncias, meu caro Paser. Hoje, o destino está a teu favor e todos nos alegramos. Soube que tens em teu poder, sob a alçada do pórtico, o processo do lamentável caso do Kem.

Nota: Existem papiros com listas dos dias fastos e nefastos, que correspondem a acontecimentos mitológicos. (N. A.)

Nota: Trata-se do Carcadé, uma bebida ainda hoje consumida no Egito, As flores são as do hibisco. (N. A.)

— Estás bem informado, Mentmosé. Falta-me apenas fixar uma data para o julgamento, que desta vez não será um dia nefasto.

— Não seria melhor esquecermos estes incidentes deploráveis?

— O esquecimento é o princípio de toda a injustiça. Não será o pórtico o local onde devo proteger os fracos e livrá-los dos poderosos?

— O teu polícia núbio não é um fraco.

— Mas tu és o poderoso que tenta destruí-lo ao acusá-lo de um crime que não cometeu.

— Aceita um acordo que evite dissabores.

— De que gênero?

— Alguns nomes podiam ser mencionados... Os notáveis respeitam-nos.

— O que pode temer um inocente?

— Os boatos, aquilo que se diz, a malevolência...

— Serão destruídos no pórtico. Cometestes um erro grave, Mentmosé.

— Sou o braço diligente da justiça. Afastares-te de mim seria um erro grave.

— Quero o nome da testemunha ocular que acusa Kem de ter assassinado Branir.

— Inventei-o.

— Claro que não. Não terias utilizado esse argumento se essa personagem não existisse. Considero os falsos depoimentos um ato criminoso susceptível de arruinar uma vida. O processo continuará, colocará em evidência o teu papel de manipulador e permitir-me-á interrogar a tua famosa testemunha na presença de Kem. Qual o seu nome?

— Recuso-me a revelar-te.

— Está assim tão altamente colocada?

— Sou obrigado a guardar silêncio. Essa pessoa correria muitos riscos e poderia nem comparecer.

— Seria considerado recusa de colaboração numa investigação, e tu sabes qual é a pena.

— Enganas-te! Não sou um zé-ninguém, sou o chefe da polícia!

— E eu sou o deão do pórtico.

De repente, Mentmosé, cuja voz tinha adquirido um tom azedo e a cara uma cor vermelho-escuro, percebeu que já não tinha à sua frente um insignificante juiz da província, sequioso de integridade, mas o mais alto magistrado da cidade que, ao seu ritmo, progredia em direção ao objetivo que ele próprio tinha fixado.

— Devo refletir.

— Espero-te amanhã de manhã no meu gabinete. Revelar-me-ás então o nome da tua falsa testemunha.

Ainda que o banquete celebrado em honra do deão do pórtico tivesse sido realmente um sucesso, Denes já não pensava nessa festa aparatosa que tinha posto em questão a sua reputação. Preocupava-se antes em acalmar o seu amigo Qadash, tão excitado que até gaguejava. De trás para diante, o dentista endireitava as mechas impertinentes da cabeleira branca. O fluxo de sangue tornava-lhe as mãos vermelhas e as veias do nariz pareciam prestes a rebentar.

Os dois homens tinham-se refugiado na parte mais recuada do jardim, longe dos ouvidos indiscretos. O químico Chéchi, que tinha combinado o encontro, assegurou-se de que ninguém podia ouvi-los. Sentado junto a uma palmeira-tamargueira, o homem do bigodinho preto, sempre a recriminar a agitação de Qadash, partilhava os seus receios.

— A tua estratégia é uma catástrofe! — censurou Qadash a Denes.

— Estávamos todos de acordo em utilizar Mentmosé, acusar Kem e acalmar os ânimos do juiz Paser.

— E falhamos, de forma lamentável! Não sou capaz de trabalhar por causa das mãos que tremem, e tu, ainda por cima, não me deixaste utilizar o ferro celeste! Quando me comprometi a entrar nesta trama, prometeste-me um alto cargo no Estado.

— Primeiro o de médico-chefe, no lugar de Nébamon — lembrou Denes para o acalmar — e depois algo ainda melhor.

— Adeus, sonhos de grandeza!

— Claro que não.

— Esqueces-te de que Paser é o deão do pórtico, que quer organizar um processo que libere Kem de qualquer suspeita e que exige a presença da testemunha ocular, ou seja, eu próprio!

— Mentmosé não pronunciará o teu nome.

— Estou menos seguro disso do que tu.

— Ele meteu-se em intrigas para obter o lugar que ocupa, se nos trair, condena a si próprio.

O químico Chéchi meneou a cabeça, num gesto de aprovação. Qadash, tranquilizado, aceitou uma taça de cerveja. Denes, que tinha comido demais no banquete, friccionou o ventre inchado.

— Esse chefe da polícia é um incompetente — lamentou-se. — Logo que tomarmos o poder, afastá-lo-emos.

— Qualquer precipitação seria prejudicial — precisou Chéchi, com uma voz que mal se ouvia. — O general Asher finge que trabalha e eu não estou descontente com os meus resultados. Logo que possível, dispostemos de um excelente exército e controlaremos os principais arsenais. Sobretudo, é importante não aparecermos. Paser está convencido de que Qadash quis roubar-me

o ferro celeste e de que somos inimigos, ignora as nossas ligações e não as descobrirá se formos prudentes. Graças às declarações públicas de Denes, ele julga que a atual estratégia militar é o fabrico de armas inquebráveis. Corroboraremos esta idéia.

— Será assim tão ingênuo?

— Pelo contrário. Um projeto desta envergadura chamar-lhe-á a atenção. Não há nada mais importante do que uma espada capaz de quebrar capacetes, armaduras e escudos sem se danificar. Com ela, Asher fomentará uma conspiração para se apoderar do poder. Eis a verdade que se imporá ao espírito do juiz.

— Mas isso implica a tua cumplicidade — acrescentou Denes.

— A minha obediência enquanto especialista liberta a minha responsabilidade.

— Continuo inquieto — insistiu Qadash, novamente a caminhar para a frente e para trás. — Quando ele se meter no nosso caminho, trataremos desse Paser. Por agora, é deão do pórtico!

— A próxima tempestade o destruirá — profetizou Denes.

— Cada dia que passa é-nos favorável — lembrou Chéchi.

— O poder do faraó extingue-se como pedra corroída.

Nenhum dos três conjurados, porém, se percebeu a presença de uma testemunha que não tinha perdido uma palavra da conversa.

Empoleirado no alto de uma palmeira, Matador, o babuíno-policia, fitava-os com os seus olhos vermelhos.

Escandalizada com o comportamento faccioso e agressivo de Bel-Tran, a senhora Nénofar não permaneceu inativa. Convocou para sua casa os solicitadores das cinquenta famílias mais ricas de Mênfis, para lhes expor claramente a situação. Os seus patrões, tal como eles próprios, usufruíam de uma série de cargos honoríficos, que não eram obrigados a exercer, mas que lhes permitiam obter informações confidenciais e permanecer em contato privilegiado com a administração. No seu impulso para tudo organizar, Bel-Tran estava a suprimi-los uns a seguir aos outros. Desde os primórdios da sua história, o Egito tinha rejeitado sempre os excessos de autoritarismo dos novos-ricos, tão perigosos como uma víbora do deserto.

O discurso animado da senhora Nénofar foi aprovado por unanimidade. Um homem havia que tinha a obrigação de tomar o partido da razão e da justiça, e esse homem era Paser, o deão do pórtico. Assim, uma delegação, composta por Nénofar e dez representantes eminentes da nobreza, conseguiu marcar uma audiência para a manhã do dia seguinte. E ninguém se apresentou de mãos vazias. Todos depuseram aos pés do juiz vasos de unguentos, um lote de tecidos preciosos e um cofre cheio de jóias.

— Recebe estas dádivas em homenagem à tua função — disse o mais velho.

— A tua generosidade comove-me, mas sinto-me obrigado a recusá-la.

O velho dignitário ficou indignado.

— Por que razão?

— Tentativa de corrupção.

— Jamais nos ocorreu tal pensamento! Dá-nos o prazer de aceitares.

— Leva estes presentes e oferece-os aos teus servidores mais dignos.

A senhora Nénofar achou indispensável intervir.

— Deão do pórtico, exigimos que respeites a hierarquia e os valores tradicionais.

— Encontrarás em mim um aliado.

Tranquilizada, a mulher escultural do transportador Denes exprime-se acaloradamente.

— Bel-Tran, sem qualquer razão aparente, acaba de anular o meu cargo de inspetora do Tesouro e prepara-se para lesar muitos membros das famílias mais consideradas de Mênfis. Ele causa, assim, graves prejuízos aos nossos costumes e opõe-se a privilégios muito antigos. Exigimos a tua intervenção para pões cobro a esta perseguição.

Paser leu uma passagem da Regra:

— Tu, aquele que julgas, não distingas nunca um rico de um homem do povo. Não te deixes impressionar pela beleza das roupagens, não desprezes aquele cujo traje é simples por causa dos seus fracos recursos. Não aceites presentes de quem possua bens, e não desfaveças o fraco em proveito do primeiro. Assim, o país estabelecer-se-á solidamente, se te preocupares apenas com os atos quando emitires a tua sentença.

Os princípios, conhecidos por toda a gente, geraram contudo alguma inquietação.

— O que significa essa advertência? — perguntou, espantada, a senhora Nénofar.

— Que estou ao corrente da situação e que concordo com Bel-Tran. Além disso, os vossos “privilégios” não são muito antigos, uma vez que remontam aos primeiros anos do reinado de Ramsés.

— Estás a criticar o rei?

— Era seu intuito incitar-vos, enquanto nobres, a desempenharem novas obrigações, e não a beneficiarem de um título. O vizir não manifestou nenhuma oposição em relação à nova organização administrativa de Bel-Tran. Os primeiros resultados são encorajadores.

— Considerarias então empobrecer a nobreza?

— Restituir-lhe a sua verdadeira grandeza, para que seja um exemplo.

Bagey, o rigoroso, Bel-Tran, o ambicioso, Paser, o idealista: a senhora Nénofar arrepiou-se com a idéia de os três serem aliados! Felizmente, o velho vizir não tardaria a reformar-se, o chagal de dentes afiados quebrá-los-ia numa pedra, e o juiz incorrupto acabaria por ceder às tentações.

— Trégua de sentenças feitas, para que lado pendes?

— Não fui já bastante claro?

— Nenhuma pessoa notável pôde construir a sua carreira sem o nosso apoio.

— Resigno-me a ser a exceção.

— Serás mal sucedido.

Tapeni estava ávida de amor. Não tinha o arrebatamento inimitável de Pantera, mas demonstrava uma imaginação soberba, não só nas atitudes, mas também na afabilidade. Para não desiludi-la, Suti foi obrigado a acompanhar as suas divagações e até mesmo a antecipar-se-lhe. Tapeni sentia uma profunda afeição pelo rapaz para o qual reservava tesouros de ternura. Morena, pequena, nervosa, praticava a arte do beijo, ora com sutileza, ora com violência.

Felizmente, Tapeni andava muito ocupada com seu trabalho, e Suti beneficiava de períodos de repouso que aproveitava para tranquilizar Pantera e provar-lhe intacta a sua paixão.

Tapeni enfiava o vestido, Suti endireitava a tanga.

— És um homem belíssimo e um galanteador fogoso.

— “Gazela saltadora” ia te matar mesmo.

— A poesia não me interessa, mas a tua virilidade fascina-me.

— Sabes falar-lhe com gestos convincentes, mas já nos esquecemos do motivo da minha primeira visita.

— A agulha de madrepérola?

— Exatamente.

— É um belo objeto, raro, precioso, manejado apenas pelas pessoas de qualidade, peritas em tecelagem.

— Possuis essa lista?

— Claro.

— Importa-se de me mostrares?

— São todas mulheres, rivais... Estás a pedir demais.

Suti receava esta resposta.

— Como poderia seduzir-te?

— És o homem que eu queria. Sinto a tua falta à tarde e à noite. Sou obrigada a ficar sozinha, a pensar em ti. Não achas insuportável este sofrimento?

— Poder-te-ia conceder de vez em quando uma noite.

— Quero as noites todas.

— Talvez querias...

— Casar, meu querido.

— Por princípio moral, sou avesso ao casamento.

— Terás de abandonar as tuas amantes, ficares rico, viveres em minha casa, esperares por mim, estares sempre disposto a satisfazer os meus mais loucos desejos.

— Há coisas mais difíceis.

— Oficializaremos a nossa união na próxima semana.

Suti não protestou. Facilmente encontraria um método de fugir a esta escravatura.

— Quem utiliza as agulhas?

Tapeni fez uma careta.

— Dás-me a tua palavra?

— Só tenho uma.

— Essa informação é assim tão importante?

— Para mim, é. Mas se recusas...

Ela agarrou-se ao braço dele.

— Não te zangues.

— Torturas-me.

— Estou a brincar contigo. Agulhas deste tipo, poucas senhoras nobres sabem utilizá-las com perfeição e sem tremer. O instrumento exige habilidade e precisão. Só vejo três, e a mulher do antigo supervisor dos canais é a melhor.

— Onde está ela?

— Tem oitenta anos e mora na ilha de Elefantina, perto da fronteira sul.

Suti fez um beicinho.

— E as outras duas?

A viúva do diretor dos celeiros, pequena e frágil, tinha, no entanto, uma força incrível. Mas quebrou o braço há dois anos e...

— E a terceira?

— A sua aluna preferida, que, apesar da enorme fortuna que possui, continua a tecer a maior parte dos vestidos que usa: a senhora Nénofar.

A audiência começaria a meio da manhã. Embora Kem não tivesse encontrado o babuíno, tinha aceitado comparecer.

Mal o dia raiou, Paser ocupou o seu posto no pórtico, para onde o destino o chamava. Enfrentar Mentmosé não seria fácil, o chefe da polícia, disposto a tudo, não se deixaria apanhar como um canário amedrontado. O juiz temia a reação violenta de um alto funcionário pronto a espezinhar os outros para preservar os seus privilégios.

Paser saiu do pórtico e observou o templo ao qual o mesmo estava encostado. Por trás dos altos muros, trabalhavam os especialistas da energia divina, conscientes das fraquezas humanas, recusavam-se a aceitá-las como uma fatalidade. O homem era argila e palha. Só Deus construía as moradas da eternidade onde residiam as forças da criação, para sempre inacessíveis e, no entanto, presentes no mais modesto sílex. Sem o templo, a justiça mais não seria do que uma grande maçada, um ajuste de contas e o domínio de uma casta. Graças a ele, a deusa Maât assumia o comando e cuidava da balança. Ninguém possuía a justiça, só Maât, leve como uma pluma de avestruz, conhecia o peso dos actos. Cabia aos magistrados servi-la com a ternura que uma criança dedica à sua mãe.

Saído da noite que acabava de findar, surgiu Mentmosé. Paser, algo friorento apesar da estação, envergava uma capa de lã. O chefe da polícia contentava-se com uma veste ajustada, que envergava com orgulho. Preso à cinta, tinha um punhal de cabo curto e lâmina fina. O seu olhar era gélido.

— Estás muito madrugador, Mentmosé.

— Não faço tenções de desempenhar o papel do acusado.

— Chamei-te como testemunha.

— A tua estratégia é clara: destruíres-me com provas mais ou menos imaginárias. Devo lembrar-te de que, tal como tu, também eu faço aplicar a lei.

— Esquecendo-te de a aplicares a ti mesmo.

— Um inquérito não se faz com bons sentimentos. Por vezes é preciso sujar as mãos.

— Não te terias esquecido de purificá-las?

— O momento não se compadece com uma moral de pacotilha. Não prefiras um negro perigoso ao chefe da polícia.

— Nada de desigualdades perante a justiça, prestei juramento nesse sentido.

— Quem és tu, então, Paser?

— Um juiz do Egipto.

Paser pronunciou estas palavras com tanta força e solenidade que Mentmosé estremeceu. Teve o azar de encontrar no seu caminho um magistrado de rija têmpera, à moda antiga, um desses homens representados nos baixos relevos em ouro das pirâmides, de cabeça erguida, respeitadores da retidão, amantes da verdade, insensíveis à censura e à adulação. Ao fim de tantos anos passados na alta administração, o chefe da polícia estava convencido de que, com o vizir Bagey, esta raça se extinguiria definitivamente. Que pena, a erva daninha que pensava aniquilada, renascia com Paser.

— Porque me persegues?

— Não és uma vítima inocente.

— Fui manipulado.

— Por quem?

— Não sei.

— Então, vejamos, Mentmosé! Tu és o homem mais bem informado do Egito e estás a tentar convencer-me de que alguém mais maquiavélico do que tu engendrou toda esta trama de forma a incriminar-te?

— Se é a verdade que queres, aí a tens. Reconhece que ela não me favorece.

— Continuo incrédulo.

— Estás enganado. Não sei nada sobre a verdadeira causa da morte dos veteranos, e nada sei sobre o roubo do ferro celeste. O assassinato de Branir oferecia-me a ocasião de me livrar de ti através de uma denúncia anónima. Não hesitei, porque te odeio. Odeio a tua inteligência, a tua vontade de chegares ao fim custe o que custar, a tua recusa em fazeres acordos. Mais cedo ou mais tarde, acabarias por me atacar. A minha última alternativa era Kem, se o tivesses aceiteado como bode expiatório, teríamos selado um pacto de não agressão.

— O manipulador não terá sido a tua falsa testemunha?

Mentmosé coçou o crânio rosado.

— Existe certamente uma conspiração cujo cérebro é o general Asher, mas não consegui dar com o fio da meada. Temos inimigos comuns. Porque não nos aliamos?

O silêncio de Paser parecia um bom augúrio.

— A tua intransigência será sol de pouca dura — afirmou Mentmosé. — Permitiu-te subir muito alto na hierarquia, mas não persistas nesse caminho. Conheço bem a vida, ouve os meus conselhos e não terás problemas.

— Duvido.

— Em boa hora o farás! Estou pronto a esquecer ressentimentos e a considerar-te meu amigo.

— Se não estás metido na conspiração — observou Paser em voz alta, — então, ainda é mais grave do que eu suponha.

Mentmosé ficou perturbado. Esperava outra conclusão.

— O nome da tua falsa testemunha é um dado muito importante.

— Não insistas.

— Então, cairás sozinho, Mentmosé.

— Não ousarias acusar-me...

— De conspirares contra a segurança do Estado.

— Os jurados não te darão ouvidos.

— Veremos. Há queixas que chegam para alertá-los.

— Se te der esse nome, deixas-me em paz?

— Não.

— Não estás a ser sensato.

— Não cederei a chantagem alguma.

— Nesse caso, não tenho o mínimo interesse em falar.

— Como queiras. Daqui a pouco começa o julgamento.

Os dedos de Mentmosé apertaram o cabo do punhal. Pela primeira vez na sua carreira, o chefe da polícia sentia-se aprisionado numa armadilha.

— Que futuro me reservas?

— O que tu escolheste.

— És um excelente juiz, e eu um bom polícia. Um erro pode sempre remediar-se.

— Qual é o nome da falsa testemunha?

Mentmosé não cairia sozinho.

— O dentista Qadash.

O chefe da polícia aguardou a reação de Paser. Como o deão do pórtico continuasse calado, hesitou em ir embora.

— Qadash — repetiu ele.

Mentmosé virou as costas, na esperança de que esta revelação o salvasse. Não tinha, porém, percebido a presença de uma testemunha atenta, cujos olhos avermelhados não o haviam largado um só instante. O babuíno, empoleirado no telhado do pórtico, parecia uma estátua do deus Tot. Sentado, com as mãos espalmadas sobre os joelhos, parecia meditar.

Paser percebeu que o chefe da polícia não tinha mentido. De outro modo, o macaco teria se atirado a ele. O juiz chamou Matador. O babuíno hesitou, deixou-se escorregar do alto de uma coluna, pôs-se diante de Paser e estendeu-lhe a mão.

Quando encontrou Kem, o animal saltou ao pescoço do homem que chorava de alegria.

As codornizes sobrevoavam os campos e desciam nas plantações de trigo. Cansada de uma longa migração, a chefe do bando não tinha percebido o perigo. Calçados com sandálias de papiro, rasteiros, os caçadores desenrolaram uma rede de malhas apertadas, enquanto os ajudantes agitavam panos para espantar os pássaros. Assustados, foram capturados em grandes quantidades. Assadas, as codornizes seriam uma iguaria apreciada nas melhores mesas.

Paser não gostava deste espetáculo. Ver um ser vivo privado de liberdade fazia-o realmente sofrer, mesmo tratando-se de uma simples codorniz. Néféret, capaz de perceber o seu mais íntimo sentimento, levou-o para longe daquele local. Caminharam até um lago de águas tranquilas, cercado de sicômoros e tamargueiras, que um rei tebano ali tinha mandado plantar para a sua esposa real. Segundo a lenda, a deusa Hathor vinha ali banhar-se ao pôr do Sol. A jovem esperava que a visão desse paraíso pudesse acalmar o juiz.

Não era a confissão do chefe da polícia prova de que, desde os primeiros dias do inquérito levado a cabo em Mênfis, Paser tinha apontado para uma das almas danadas da conspiração? Qadash não tinha hesitado em subornar Mentmosé de forma a enviar o juiz para o degredo. Apanhado como numa vertigem, o deão do pórtico interrogava-se se não estaria a ser o instrumento de uma vontade superior, que lhe traçava o caminho e o obrigava a seguir acontecesse o que acontecesse.

A incriminação de Qadash levava-o a colocar-se questões às quais não devia responder com precipitação e sem provas. Uma ânsia, por vezes insuportável, atormentava-o. Ansioso por descobrir a verdade, não se arriscava a desvalorizá-la indo muito depressa?

Néféret tinha decidido arrancá-lo do escritório, onde se encontravam os processos, e ao trabalho, sem dar ouvidos aos seus protestos, levando-o para um lugar solitário e aprazível nos campos ocidentais.

— Estou a perder horas preciosas.

— Será a minha companhia assim tão desagradável?

— Desculpa.

— Tens de te distanciar dos problemas.

— O dentista Qadash vai levar-nos ao químico Chéchi, e daí ao general Asher e ao assassinato dos cinco veteranos, e, sem dúvida, ao transportador Denes e sua mulher! Os conspiradores pertencem à elite deste país. Querem tomar o poder através de uma revolta militar, assegurando para tal o monopólio de armas novas. Eis o motivo por que fizeram desaparecer Branir, futuro sumo-sacerdote de Carnaque, que me autorizou a fazer investigações nos templos sobre o roubo do ferro celeste. Foi também por isso que tentaram fazer-me desaparecer, acusando-me da morte do meu mestre. O processo é complicado, Néféret! Contudo, não sei se tenho razão. Duvido das minhas próprias afirmações.

Ela conduziu-o por uma vereda que contornava o lago. A meio da tarde, e suportando um calor excessivo, os camponeses dormitavam à sombra das árvores ou das choupanas.

Néféret ajoelhou-se na margem do lago e colheu uma flor de lótus, que colocou no cabelo. Um peixe prateado de ventre bojudo saiu da água e voltou a desaparecer num círculo de gotinhas cintilantes.

A jovem entrou na água, molhada, ficou com o vestido de linho colado ao corpo, o que revelava todas as suas formas. Mergulhou, nadou com agilidade e, para brincar, seguiu com a mão os movimentos de um peixe que ziguezagueava à sua frente.

Quando saiu da água, o seu perfume era mais intenso, acentuado pelo banho.

— Não vens para ao pé de mim?

Tinha um olhar tão belo que Paser esqueceu-se até de se mexer. Tirou a tanga enquanto ela tirava o vestido. Nus e enlaçados, deixaram-se escorregar para cima de um tufo de papiros onde fizeram amor, plenos de felicidade.

Paser tinha-se oposto firmemente à partida de Néféret. Por que motivo a teria convocado o médico-chefe, Nébamou, senão para lhe armar uma cilada e se vingar?

Kem e o babuíno seguiram Néféret com a finalidade de garantir a sua segurança. O macaco introduzir-se-ia no jardim de Nébamou, e, se o médico-chefe se tornasse ameaçador, interviria da forma mais brutal.

Néféret não sentia medo, regozijava-se, pelo contrário, por conhecer as intenções do seu mais cruel inimigo. Apesar da oposição de Paser, aceitava as condições de Nébamou: uma conversa a sós.

O porteiro deixou passar a jovem, que meteu por um caminho de tamargueiras, cujos ramos abundantes e entrelaçados tocavam o solo, os seus frutos, de longos filamentos açucarados,

deviam ser colhidos ainda húmidos do orvalho e depois secos ao sol. Com a madeira, fabricavam-se sarcófagos de renome, parecidos com o de Osíris, e bastões que afastavam os inimigos da claridade. Surpreendida pelo silêncio invulgar que reinava na imensa propriedade, Néféret lamentou, de repente, não vir munida com essa arma.

Nem um jardineiro, nem um aguadeiro, nem um só servo... As entradas do suntuoso palacete estavam desertas. Hesitante, Néféret entrou. O vestibulo era fresco e bem arejado, se bem que mal iluminado por escassos feixes de luz.

— Aqui estou — disse ela.

Ninguém respondeu. A casa parecia abandonada. Será que Nébamon tinha voltado para a cidade, esquecendo-se do encontro? Incrédula, explorou os vários compartimentos.

O médico-chefe dormia, estendido na cama espaçosa, no seu quarto com paredes decoradas com canários esvoaçantes e garças em repouso. Tinha um ar cansado e a respiração era curta e irregular.

— Voltei — repetiu ela docemente.

Nébamon acordou. Incrédulo, esfregou os olhos e endireitou-se.

— Foste corajosa... Nunca o teria imaginado!

— És assim tão perigosa?

Ele contemplava-a, delicada.

— Era... Desejava o desaparecimento de Paser e a vossa desgraça. Saber-vos juntos e felizes era para mim uma tortura, queria-te a meus pés, pobre, suplicante. A tua felicidade impedia a minha. Porque não havia eu de te seduzir? Tantas outras sucumbiram ao meu assédio! Mas tu não te pareces com elas.

Nébamon tinha envelhecido muito, a voz, enfraquecida, tornara-se trêmula.

— De que mal sofres?

— Sou um animal desprezível. Gostarias de saborear os meus bolos em forma de pirâmide, recheados com compota de tâmaras?

— Não sou gulosa.

— Mas gostas de viver, ofereces-te à vida sem modéstia! Teríamos formado um par formidável. Paser não te serve, e tu sabe-lo bem, não será deão por muito tempo, e tu passarás ao largo da riqueza.

— Considera-a assim tão indispensável?

— Um médico pobre não progride.

— Acaso a tua riqueza te protege do sofrimento?

— Tenho um tumor vascular.

— Nada que não tenha remédio. Para aliviar a dor, recomendo aplicações de suco de sicômoro, extraído da árvore no início da Primavera, antes de dar fruto.

— Excelente receita. Conheces bem o teu ofício.

— A operação é inevitável. Farei uma incisão com um caníço afiado, retirarei o tumor aquecendo-o ao fogo e depois cauterizo a ferida com uma lanceta.

— Tudo isso estaria muito certo, se o meu organismo fosse capaz de suportar a intervenção.

— Encontras-te assim tão debilitado?

— Tenho os dias contados. Por isso, mandei embora a minha família e os serviços. Todos me aborrecem. O palacete deve estar num caos. Ninguém toma a iniciativa na minha ausência. Os imbecis que me obedecem a torto e a direito não sabem o que fazer. Que farsa lamentável... Rever-te ilumina a minha agonia.

— Posso auscultar-te?

— Se isso te diverte.

Néféret escutou a voz do seu coração, fraco e desordenado. Nébamon não mentia. Estava gravemente doente. Permanecia imóvel, respirando o perfume de Néféret, sentindo a doçura da mão dela sobre a sua pele, a ternura da orelha dela no seu peito. Teria vendido a sua eternidade para que aqueles instantes não fossem interrompidos. Mas já não dispunha de tal tesouro, ao lado da balança do julgamento, a devoradora esperava-o.

Néféret desviou-se.

— Quem cuida de ti?

— Eu, o ilustre médico-chefe do reino do Egipto!

— Como?

— Desprezando-me. Detesto-me, Néféret, porque não sou capaz de conquistar o teu amor. A minha existência foi um interminável rol de sucessos, de mentiras e de infâmias, mas falta-me o teu rosto, a paixão que deveria ter-te trazido até mim. Morro por ti.

— Não tenho o direito de te abandonar.

— Não hesites nem um segundo, aproveita a tua sorte! Se eu me curasse tornar-me-ia numa fera, e não descansaria enquanto não fizesse desaparecer Paser, para te capturar.

— Um doente merece cuidados.

— Aceitarias essa função?

— Em Mênfis há excelentes médicos.

— Só te quero a ti, mais ninguém.

— Não te portes como uma criança.

— Ter-me-ias amado sem o Paser?

— Conheces a resposta.

— Peço-te que mintas.

— A partir desta noite, os teus servos voltarão. Recomendo uma alimentação leve.

Nébamon endireitou-se.

— Juro-te que não participei em nenhuma das conspirações que preocupam o teu marido. Ignoro tudo o que diz respeito ao assassinato de Branir, à morte dos veteranos e às intrigas do general Asher. O meu único objetivo era enviar Paser para a prisão e obrigar-te a seres minha mulher. Por muito que viva, não terei outra.

— Não achas que é preciso renunciar ao impossível?

— Outros ventos soprarão, tenho certeza.

Radiante, Pantera acariciava o peito de Suti. Tinham feito amor com o ímpeto de uma cheia crescente e tão avassaladora que as suas ondas se lançavam ao assalto das montanhas.

— Porque estás tão triste?

— Inquietações sem importância.

— Fala-se muito.

— De quê?

— Da sorte de Ramsés, o Grande. Alguns dizem que mudou. No mês passado, houve um incêndio nas docas, vários acidentes nos rios, e apareceram acácias rachadas de alto a baixo por faíscas.

— Banalidades.

— Não para os teus compatriotas. Acreditam que o poder mágico do faraó se está a esgotar.

— Olha a grande coisa? Ele vai celebrar uma festa de regeneração e o povo manifestará a sua alegria.

— Porque espera ele então?

— Ramsés tem o sentido da oportunidade.

— E os teus aborrecimentos?

— Não têm importância, já disse.

— Existe outra mulher.

— Faz parte da minha investigação.

— Que quer ela?

— Vejo-me obrigado a...

— Um casamento, com contrato e tudo! Quer isso dizer que me repudias!

Desvairada, a líbia de cabelos loiros quebrou algumas tigelas de barro e virou de pernas para o ar uma cadeira de palha.

— Como é ela? Alta, baixa, nova, velha?

— Baixa, de cabelo muito escuro, e menos bonita do que tu.

— Rica?

— Bem relacionada.

— Já não te chego, não tenho fortuna! Já não te divertes com a tua puta loira e tornas-te num homem honrado com a tua burguesa morena!

— Preciso obter informações.

— E és obrigado a casar?

— É uma simples formalidade.

— E eu?

— Sê um pouco mais paciente. Quando estiver satisfeito, pedirei o divórcio.

- Como irá ela reagir?
- Para ela, é apenas um capricho. Esquecerá tudo depressa.
- Recusa, Suti. Vais cometer um erro muito grave.
- É impossível.
- Pára de obedecer a Paser!
- O contrato de casamento já está assinado.

Paser, deão do pósito, primeiro magistrado de Mênfis e autoridade moral incontestada, amou como um adolescente contrariado. Não concordava com os esforços de Néféret em prol de Nébamon. A jovem tinha chamado vários terapeutas que se tinham postado à cabeceira do médico-chefe, reconduzira os seus serviços à propriedade e velava para que o doente fosse tratado e rodeado de cuidados. E esta atitude enraivecia-o.

- Os inimigos não se ajudam — praguejou ele.
- Será que um juiz se pode exprimir dessa maneira?
- Deve fazê-lo, pelo menos.
- Eu sou médica.
- Esse monstro tentou destruir-nos, a ti e a mim.
- Mas fracassou. E hoje, é ele que se destrói interiormente.
- O mal não apaga as suas faltas.
- Tens razão.
- Então, se o admites, não te preocupes mais com ele.
- Ele não habita os meus pensamentos, cumprí apenas o meu dever.

Paser sentiu-se um pouco mais aliviado.

— Ciumento?

Ele abraçou-a.

- Ninguém o é mais do que eu.
- Dás-me autorização para tratar de outro doente além do meu marido?
- Se a lei me permitir, não.

Bravo, de olhar inquieto, estendeu a pata direita a Néféret e a esquerda a Paser. As desavenças entre os seus donos deixavam-no infeliz. A sua postura de acrobata deu razão para uma gargalhada que o cão, tranquilizado, partilhou com latidos.

Suti afastou dois copistas e, com os braços cheios de papiros, empurrou um escrívão e forçou a porta do gabinete de Paser, que bebia um copo de água cobreada. Os seus longos cabelos negros estavam em desalinho e o antigo herói espumava de raiva.

- Algum aborrecimento, Suti?
- Sim, tu!

O deão do pósito levantou-se e fechou a porta. A tempestade seria violenta.

— Podemos discutir em outro lugar qualquer.

— Nem pensar! Este lugar é precisamente a causa da minha cólera.

— És vítima de alguma injustiça?

— Estás um burguês, Paser! Olha à tua volta: escribas, funcionários sem capacidade, espíritos mesquinhos preocupados apenas em progredir. Esqueces-te da nossa amizade, negligencias o inquérito sobre o general Asher, não procuras a verdade, como se não acreditasses mais em mim! Foste apanhado na cilada dos títulos e da respeitabilidade. No entanto, vi Asher torturar e matar um egípcio, e sei que é um traidor, e tu, pavoneias-te como um notável!

— Estiveste a beber.

— Cerveja de má qualidade e em demasia. Estava a precisar. Ninguém se atreve a falar-te como eu.

— O tato não é o teu forte, mas não te sabia tão estúpido.

— Ainda por cima, insultas-me! Nega o que eu disse, se és capaz.

— Senta-te.

— Eu não pactuo com a tua atitude!

— Aceita ao menos uma trégua.

Algo cambaleante, Suti conseguiu sentar-se no chão sem perder o equilíbrio.

— É inútil tentares seduzir-me. Percebi bem o teu jogo.

— Tens sorte. Pois eu sinto-me perdido.

Admirado, Suti voltou-se para Paser.

— O que queres dizer com isso?

— Vê bem: Estou afogado em trabalho. No meu bairro em Mênfis, na qualidade de juiz de casos de pouca monta, tinha algum tempo para investigar. Aqui, devo responder a cem solicitações, despachar pilhas de processos, acalmar as cóleras de uns e as impaciências de outros.

— Aí está a cilada. Pede a demissão e vem comigo.

— Quais são os teus planos?

— Estrangular o general Asher e livrar o Egito do mal que o destrói.

— O mal não será atingido.

— Certamente que sim! Cortando a cabeça à conspiração, põe-se fim à revolta.

— E o assassino de Branir?

Suti sorriu cruelmente.

— Eu fui um bom investigador. Mas tive de me casar com a senhora Tapeni.

— Aprecio o teu sacrifício.

— Senão, ela não teria falado.

— Finalmente, estás rico.

— Pantera não aceita a minha decisão.

— Um sedutor como tu deveria acomodar-se.

— Eu, casado... É pior que o degredo! Logo que possa, divorcio-me.

— A cerimônia correu bem?

— Na mais estrita intimidade. Ela não quis convidar ninguém. Mas na cama foi uma loucura completa. Para Tapani, sou uma guloseima inesgotável.

— Então, e a investigação?

— Só algumas pessoas de elevada posição utilizam o tipo de agulha que matou Branir. Entre elas, a mais habilidosa e notável é a senhora Nénofar. Se o lugar que ocupa de inspetora do Tesouro é apenas honorífico, é ela no entanto quem administra tudo, e conhece a matéria como ninguém.

A dama Nénofar, a mulher do transportador Denes, a inimiga figadal de Bel-Tran, a mais acérrima partidária do juiz! No entanto, enquanto membro do júri, durante o processo Asher, ela não tinha criticado Paser. De novo, o juiz se sentia a pisar em falso. A sua culpabilidade parecia evidente, mas isso nem por isso tornava mais sólida a sua convicção.

— Prende-a imediatamente — aconselhou Suti.

— Ainda não há uma prova definitiva.

— Tal como com o Asher! Porque recusas incessantemente a evidência?

— Eu não, Suti, mas o tribunal. Para considerar uma pessoa culpada de assassinio, os jurados exigem um processo irrepreensível.

— Mas eu casei e tudo!

— Então, empenha-te em conseguires mais informações.

— Estás cada vez mais exigente e fechas-te num círculo de leis que te afastam da realidade. Recusas a verdade, Asher é um traidor e um criminoso que tenta deitar a mão ao exército da Ásia. Nénofar assassinou o teu mestre.

— Porque é que o general não fez nada?

— Porque coloca os seus apaniguados em postos estratégicos, nos protetorados e mesmo no Egito. Enquanto instrutor dos oficiais asiáticos, tem um conjunto de escribas e militares que lhe são dedicados. Rapidamente, e com a ajuda do seu amigo Chéchi, terá nas mãos armas de difícil destruição que lhe permitirão enfrentar sem medo qualquer exército. E quem controla o exército governa o país.

Paser continuava cético. Um golpe de Estado militar não tem qualquer hipótese de sucesso.

— Já não estamos na idade do ouro, mas sim no reinado de Ramsés! Nas nossas províncias, há milhares de estrangeiros, os nossos queridos compatriotas sonham muito mais em enriquecer do que em satisfazer os deuses. O velho código moral está morto.

— A pessoa do faraó continua sagrada. O general Asher não tem envergadura para tanto. Não será apoiado por nenhum clã, o país rejeitá-lo-á.

O argumento surtiu efeito. Suti admitiu que o seu raciocínio, inatacável num país da Ásia, de nada valia no Egito de Ramsés, o Grande. Uma facção, mesmo superiormente armada, não conseguiria obter o apoio dos templos e muito menos a adesão do povo. Para governar as duas terras, não bastava a força. Era preciso um ser mágico, capaz de fazer um pacto com os deuses e de fazer reinar na terra o amor pelo além. Propósito ridículo aos ouvidos de um grego, de um líbio ou de um sírio, mas essencial aos ouvidos de um egípcio. Quaisquer que fossem as suas

qualidades de estratégia e intriguista, Asher não possuía as essenciais.

— É estranho — comentou Paser. — Capturamos três presumíveis culpados pela morte de Branir: o deão do pórtico, exilado e a sofrer de inanição, Nébamon, atingido por grave doença, Mentmosé, à beira do abismo. Todos três podiam ter-me enviado a mensagem, ordenando-me que fosse encontrar-me com o meu mestre, e preparado uma encenação destinada a incriminar-me. E tu, incluis ainda a senhora Nénofar. Mas o antigo deão parece-me fora de questão, teve o comportamento de um magistrado gasto, fraco, esmagado pelos seus compromissos. Nébamon jurou a Néféret que não estava metido em conspiração alguma. E o chefe da polícia, habitualmente tão habilidoso e tão seguro de si, parecia ser o manipulado e não o manipulador. Se com estes nos enganamos fortemente, porque não hesitar também quanto à senhora Nénofar?

— Aí tens a conspiração! Os soldados de elite não são suficientes para o general Asher. Necessita do apoio de nobres e ricos. Teve o da senhora Nénofar e o de Denes, os negociantes mais abastados de Mênfis! Graças à sua fortuna, Asher pôde comprar silêncios, consciências e cumplicidades. O cérebro do esquema é duplo.

— Mas Denes não organizou um banquete para celebrar a minha investidura?

— E não tentou também comprar-te? Quando não o consegue, encontra a verdade que lhe convém. Tu, assassino de Branir, e Qadash, testemunha ocular do mesmo homicídio, de forma a afastar definitivamente Kem, o teu polícia fiel.

Desta vez, apesar da sua embriaguez, Suti mostrava-se convincente.

— Se estás certo, os nossos adversários são ainda mais numerosos e poderosos do que imaginávamos. Terá Denes o perfil de um chefe de estado?

— Certamente que não! Consciente de si mesmo e indiferente aos outros, tem uma visão das coisas muito limitada, as finanças e o lucro pessoal são os seus únicos horizontes. Em contrapartida, a senhora Nénofar é mais temível do que parecia, julgo-a capaz de segurar as rédeas de um governo. Sejamos realistas, deão do pórtico! Cinco cadáveres de veteranos, Branir assassinado, várias tentativas de homicídio... Há dez anos que o Egito não conhece tantas e tais acusações. O teu inquérito está a emaranhar-se. Já que tens poder, usa-o! Os teus papéis podem esperar.

— São eles que garantem o equilíbrio do país e o bem-estar quotidiano da população.

— Se a conspiração for bem sucedida, o que restará?

Paser levantou-se, decidido.

— O desleixo afeta-te, Suti.

— Um herói precisa de façanhas.

— E tu, estás pronto a correr riscos?

— Tanto como tu. Quero assistir ao castigo do general Asher.

A cólica de Silkis tinha tomado proporções alarmantes. Receando disenteria, Bel-Tran tinha vindo buscar Néféret a meio da noite.

A médica, embebeu sementes de funcho aromático para dar à doente. As suas propriedades sedativas e digestivas atenuariam os espasmos. Como medicamento, e misturadas com briónia e coentro, aliviavam as enxaquecas. O belo umbelífero de flores amarelas não seria o suficiente, dado que as diarreias eram muito dolorosas, assim, de quarto em quarto de hora, Silkis devia

tomar um copo cheio de cerveja de alfarroba, feita das vagens, e misturada com azeite e mel. Uma hora depois do início do tratamento, os sintomas abrandaram.

— És maravilhosa — balbuciou a paciente.

— Fica tranquila. A partir de amanhã estarás restabelecida. Bebe a cerveja de alfarroba durante uma semana.

— Devo recear complicações?

— Nenhuma. Uma banal intoxicação alimentar. Mal tratada, ter-se-ia tornado inquietante. Durante alguns dias, faz uma alimentação à base de cereais.

Bel-Tran despediu-se calorosamente de Néféret e chamou-a de parte.

— Não estás a mentir, pois não?

— Não te preocupes.

— Permite-me que te ofereça uma bebida.

Néféret não recusou uns momentos de descanso, antes de começar um longo dia em que teria de visitar mais de uma dúzia de doentes, ricos e pobres. Brevemente seria dia, era inútil tentar adormecer.

— Desde que entrei no Tesouro — revelou Bel-Tran fiquei com insónias. — Enquanto a Silkis dorme, fico a trabalhar nos processos para o dia seguinte. Por vezes, forma-se-me uma bola no estômago e tenho espasmos terríveis.

— Estás a dar cabo do teu sistema nervoso.

— O Tesouro não me dá descanso. Agradeço as tuas advertências, mas... não se passa o mesmo contigo? Passas a vida a correr de um lado para o outro da cidade e não resistes a nenhuma súplica. O teu lugar não é aqui. O palácio tem falta de médicos da tua qualidade. Foi precisamente por se rodear de mediocres que Nébamon ficou sozinho. Se ele te excluiu da equipe principal de médicos é porque és competente.

— É o médico-chefe quem decide as nomeações, nem tu nem eu podemos fazer seja o que for.

— Curaste o vizir e várias outras personalidades. Vou reunir os seus testemunhos e apresentá-los à comissão disciplinar. Até os mais estúpidos vão ser obrigados a reconhecer os teus méritos.

— Não tenho muita vontade de lutar por mim mesma.

— Paser, por ser deão do pósito, não pode intervir a teu favor, sob pena de ser acusado de parcialidade, o que não é o meu caso. Farei por ti tudo o que estiver ao meu alcance.

Tebas estava em alvoroço. A grande cidade do Sul, responsável pelas mais antigas tradições, mostrava-se sempre hostil às inovações económicas que Mênfis, a rival do Norte, aceitava com toda a complacência, esperava com impaciência o nome do novo sumo-sacerdote, que teria às suas ordens mais de oitenta mil subordinados, sessenta e cinco cidades e aldeias, um milhão de homens e mulheres que trabalham quase diretamente para o templo, quatrocentas mil cabeças de gado, quatrocentos e cinquenta vinhedos e pomares e noventa navios. Competia ao faraó fornecer os objetos de culto, os alimentos, o azeite, os incensos, os unguentos e o vestuário, e distribuir as terras, cuja posse seria corroborada por grandes esteiras enterradas na terra, em cada canto, nos limites dos campos, e, ao sumo-sacerdote, cobrar os impostos sobre as mercadorias e

sobre os pescadores. O pontífice de Ámon geria um Estado dentro de um Estado. O rei devia também nomear um homem fiel e obediente, mas que não fosse uma personagem apagada, desprovida de autoridade. Branir era um homem dessa têmpera. O seu brutal desaparecimento tinha perturbado Ramsés, o Grande. Na véspera da entronização, a sua escolha ainda não era conhecida.

Paser e Suti tinham-se, por sua vez, afastado, por curiosidade e necessidade. Uma vez consultado, o sumo-sacerdote de Ptah, em Mênfis, não tinha podido fornecer qualquer informação sobre o roubo do ferro celeste. Sem dúvida alguma, o metal precioso era oriundo de um templo do Sul, e só o sumo-sacerdote de Carnaque orientaria os investigadores numa pista credível. Mas quem teria Paser diante de si?

Na qualidade de deão do pórtico, Paser foi admitido no cais, na companhia de Suti, que apresentou como seu assistente. Uma grande quantidade de barcos ocupava a bacia cavada entre o Nilo e o templo, renques de árvores preservavam a frescura.

Os dois amigos, conduzidos por um sacerdote, passaram entre as esfinges de cabeça humana, cujo olhar afastava os profanos. Diante de cada um dos guardas, um rego transportava água para uma cavidade de cinquenta centímetros onde cresciam flores. Deste modo, a estrada sagrada que ligava o mundo exterior ao templo estava ornamentada com as mais vivas e variadas cores.

Paser e Suti tiveram acesso ao primeiro grande átrio, onde alguns celebrantes, de cabeças rapadas e envergando túnicas de linho, guarneciam o altar de flores. Quaisquer que fossem os acontecimentos, o culto devia ser assegurado. Os fiéis, os pais divinos, os servos de Deus, os mestres dos segredos, os encarregados dos rituais, os astrólogos e os músicos abandonavam as suas ocupações, determinadas pela Regra, em vigor desde o tempo das pirâmides. Só um número muito restrito de pessoas vivia permanentemente no interior do santuário, os outros celebravam lá os rituais, durante períodos mais ou menos longos que podiam ir de uma semana a três meses. Duas vezes por dia e duas vezes por noite, faziam purificações, pois achavam que a ascese interior se reforçava com o asseio do corpo.

Os dois amigos sentaram-se num banco de pedra. A tranquilidade do lugar, a sua excelência e a paz profunda inscrita nas pedras da eternidade, fizeram-nos esquecer inquietações e problemas. Ali, a vida, preservada da erosão da durabilidade, tinha um outro sabor. Até Suti, que não acreditava em deuses, encheu a alma de plenitude.

O novo sumo-sacerdote de Carnaque tinha recebido do rei as insígnias do seu cargo. Um bácuio em ouro e dois anéis. Apesar de ser chefe do mais rico e grandioso dos templos do Egito, velaria por ele de forma a preservar os seus tesouros. Todas as manhãs, abriria os batentes das portas do santuário secreto, a zona de luz onde Ámon se regenerava no mistério do Oriente. Tinha prestado juramento de respeitar o ritual, renovar as oferendas, cuidar da morada divina onde a criação dos primeiros instantes se mantinha em equilíbrio. No dia seguinte, pensaria no seu numeroso pessoal auxiliar, que compreendia o diretor de toda a sua casa, o mordomo, o camareiro, escribas, secretários e chefes de gabinete. Na manhã seguinte, teria saudades da anterior existência tranquila, a que a vontade do faraó o arrancara. Nesse momento de tanta intensidade, pensava no princípio mais importante da Regra:

Não eaves a voz no templo, pois Deus detesta gritos. Que o teu coração saiba amar. Não interpeles Deus por tudo e por nada, pois ele preza o silêncio. O que sabe guardar silêncio assemelha-se à árvore que cresce no pomar: os seus frutos são doces, a sua sombra aprazível, cresce verdejante e acaba os seus dias no pomar onde nasceu.

O sumo-sacerdote recolheu-se longamente diante do Santíssimo, único ponto do sacrário onde

havia uma imagem de Deus. Nunca esperara viver tal emoção, aniquilando todas as suas aspirações passadas e esperanças irrisórias. A veste de primeiro servo de Ámon despojava-o da sua humanidade e fazia dele um desconhecido, mesmo aos seus próprios olhos. Isso já pouco importava, uma vez que não mais podia questionar-se acerca dos seus gostos ou das suas dúvidas.

O sumo-sacerdote recuou, apagando as suas pegadas. A partir do momento em que se afastasse do Santíssimo, voltaria a enfrentar o universo do templo.

Alguns aplausos saudaram o aparecimento do novo sumo-sacerdote no limiar da imensa sala com colunas, construída por Ramsés. Cabia-lhe a ele, de agora em diante, abrir caminho com o seu báculo de ouro e governar um exército pacífico, consagrado à glória de Ámon.

Paser teve um sobressalto.

— É incrível.

— Conheces? — perguntou Suti.

— É Kani, o jardineiro.

Quando recebia no átrio as homenagens dos altos dignitários, Kani deteve-se longamente em frente de Paser. O juiz inclinou-se respeitosamente e, na troca de olhares que se seguiu, era visível que os dois homens partilhavam da mesma profunda alegria.

— Gostaria de te consultar o mais cedo possível.

Receber-te-ei esta tarde — prometeu Kani.

O palácio do sumo-sacerdote, próximo da entrada do templo, era uma maravilha de arquitetura e decoração. A beleza das pinturas, glorificando a presença das divindades na natureza, era um deleite para os olhos. Kani recebeu Paser no seu gabinete particular, já repleto de papiros.

Os dois homens abraçaram-se calorosamente.

— Estou feliz pelo Egito — afirmou o juiz.

— Assim tu possas dizê-lo! Branir era o escolhido para o lugar que agora ocupo. Sábio entre os sábios, quem se lhe poderá comparar? Cada dia que passar honrarei a sua memória e deporei oferendas aos pés da sua estátua, erigida no templo.

— Ramsés não se enganou.

— Na verdade, amo este lugar como se sempre aqui tivesse vivido. Se aqui estou, a ti o devo.

— A minha ajuda foi insignificante.

— Mas decisiva. No entanto, sinto-te preocupado.

— O inquérito em que estou empenhado revela-se dos mais difíceis.

— Em que posso ajudar-te?

— Gostaria de proceder a algumas investigações no templo de Coptos, na esperança de descobrir a origem do ferro celeste entregue ao químico Chéchi, cúmplice do general Asher. Para incriminar o primeiro e provar a culpabilidade do segundo, preciso retroceder até às origens, o que será impossível sem a tua autorização.

— Será possível que sacerdotes sejam cúmplices de criminosos?

— Tudo é possível.

— Não fugiremos às dificuldades. Dá-me uma semana.

Paser, com o corpo inteiramente rapado, alojou-se numa pequena casa perto do lago sagrado de Carnaque e participou nos ritos como “sacerdote puro”. Todos os dias escrevia a Néfêret, elogiando o esplendor e a paz que se respirava no templo. Suti, que não consentira em sacrificar os seus longos cabelos, refugiou-se em casa de uma amiga que ele encontrara enquanto assistia a uma regata. A beldade ainda não se tinha casado e sonhava com Mênfis. Naturalmente, Suti dedicou-se de alma e coração a distraí-la.

Na data prevista, o sumo-sacerdote recebeu os dois amigos na sala de audiências. Kani já tinha mudado, se as feições do antigo jardineiro, especialista em plantas medicinais, continuavam curtidas pelo sol e sulcadas de rugas profundas, a sua expressão tornara-se majestosa. Ao escolhê-lo, Ramsés vislumbrara o pontífice por debaixo do homem humilde. Não precisara sequer se adaptar, ao fim de tão poucos dias, Kani já estava plenamente identificado com as suas

novas funções.

Paser apresentou-lhe Suti, bem pouco à vontade num lugar tão austero.

— É de fato em Coptos que as investigações devem continuar — disse o sumo-sacerdote. — Os especialistas em metais preciosos e raros dependem do superior do templo, ele próprio antigo mineiro e depois polícia do deserto. Se alguém te pode elucidar sobre a origem desse ferro celeste, é sem dúvida ele. Coptos é o ponto de partida de todas as grandes expedições às minas e às pedreiras.

— Estará ele implicado?

— De acordo com os relatórios que recebi, não está. Ele vigia, mas também é vigiado, e encarrega-se da entrega de materiais preciosos em todos os templos do Egito. Desempenha o cargo há vinte anos, sem qualquer irregularidade. Tem acima de tudo a responsabilidade da rota do ouro. Não obstante, lavrei uma ordem por escrito que te dará acesso aos arquivos do templo. A meu ver, a fraude ocorreu em outro lugar, não será arriscado investigar junto dos mineiros e dos prospectores?

Um vento muito forte agitava os cabelos negros de Suti, de pé na proa do barco que singrava em direção a Mênfis, a sua cólera não abrandava e mostrava-se indignado com a calma de Paser.

— Coptos, o deserto, os tesouros das areias... Mas que loucura!

— Com o documento que Kani me entregou, posso revistar o templo de Coptos de alto a baixo.

— Isso é absurdo! Ladrões deste quilate não são estúpidos ao ponto de deixarem pistas das suas proezas.

— A tua opinião parece-me sensata. No entanto...

— No entanto, é preciso armarmo-nos em heróis e partir à aventura, na companhia de indivíduos sem fé nem lei que não hesitam em matar um homem por uma pepita! Antigamente, a experiência parecer-me-ia tentadora, mas hoje sou um homem casado, e...

— Tu... armado em burguês!?

— Já agora gostava de usufruir um pouco da fortuna da Tapeni em troca dos meus bons serviços e lealdade. Além disso, não me mandaste tentar extorquir-lhe mais informações?

— Viver à custa de uma mulher... Isso nem parece teu.

— Manda o teu núbio!

— Depressa o reconheceriam. Quem vai seguir essa pista sou eu.

— Deliras, com certeza! Nem dois dias ias conseguir aguentar.

— Sobrevivi ao degredo.

— Os pesquisadores de pedras preciosas estão habituados a morrer de sede, a suportar o sol mais abrasador e a lutar contra escorpiões, serpentes e feras! Esquece essa loucura!

— A verdade é o meu ofício, Suti.

Néféret foi chamada de urgência aos aposentos de Nébamon. Apesar de ter

permanentemente três médicos à cabeceira, o doente acabara de entrar em coma, depois de ter chamado pela jovem médica.

Vento do Norte aceitou conduzi-la, a bom ritmo, o burro tomou a direção da casa do médico-chefe.

Com a chegada de Néféret, Nébamon recobrou a consciência. Doía-lhe o estômago e queixava-se de dores no braço e no peito. “Uma crise cardíaca”, diagnosticou Néféret. Pousou-lhe a mão sobre o peito e magnetizou-o até a dor passar. Depois, mandou cozer raiz de bríonia em óleo e acabou de preparar a poção com folhas de acácia, figos e mel.

— Tens de beber isto quatro vezes por dia — recomendou.

— Quanto tempo me resta de vida?

— O teu estado é grave.

— Não sabes mentir, Néféret. Quanto tempo?

— Só Deus é senhor do nosso destino.

— Não me venhas com frases bombásticas! Tenho medo de morrer e quero saber quantos dias me restam, para mandar buscar as rameiras e beber o meu vinho!

— A escolha é tua.

Nébamon, pálido como cera, agarrou-lhe o braço.

— É tudo mentira, Néféret! É a ti que eu quero. Beija-me, suplico-to. Uma vez, apenas uma vez..

Ela soltou-se sem brusquidão.

O rosto de Nébamon cobriu-se de suor.

— O julgamento do além será severo. A minha vida foi medíocre, mas tive a felicidade de dirigir a mais ilustre das equipas médicas. Faltou-me apenas uma mulher, uma mulher de verdade, que fizesse de mim um homem menos perverso. Antes de ir ao encontro de Osíris, ajudarei Paser, aquele que me derrotou. Diz-lhe que Qadash comprou o meu testemunho com amuletos, peças excepcionais que estão à guarda do seu antigo intendente. Para pagar semelhante preço, a cabala deve ser monumental. Monumental...

Esta foi a última palavra proferida pelo médico-chefe Nébamon, que expirou bebendo Néféret com os olhos.

Paser lembrou-se do intendente corrupto do dentista Qadash, de fato, ele já estivera implicado no tráfico desses objetos que o próprio patrão cobiçava. Afinal, não era uso trocar um belo amuleto em lápis-lazúli por um cabaz de peixe fresco? Vivos e mortos ansiavam por esta proteção mágica contra as forças das trevas. Em forma de olho, de perna, mão, escada subindo para o céu, utensílios vários, flor de lótus ou de papiro, ou representando divindades, os amuletos eram receptáculos de energias positivas. Muitos egípcios, sem distinção de idades ou classes sociais, os traziam ao pescoço, em contato direto com a pele.

Qadash ganhava importância. Paser pôs também a sua administração no enalço do seu intendente. As investigações foram rápidas e férteis, o homem tinha arranjado um emprego semelhante numa grande propriedade do Médio Egito, uma propriedade que pertencia a um amigo íntimo de Qadash, o transportador Denes.

Durante a audiência hebdomadária que o vizir concedia aos seus colaboradores mais próximos, as questões debatidas eram numerosas. Bagey gostava de intervenções concisas e detestava os que esbanjavam as palavras, as suas conclusões eram sempre breves e sem apelo. Um escriba registrava-as e um outro transformava-as em decisões administrativas que o vizir autenticava com o seu sinete.

— Tens propostas a apresentar, — juiz Paser?

— Apenas uma: a substituição do chefe da polícia. Mentmosé é indigno do cargo que ocupa. As faltas que cometeu são demasiado graves para lhe serem perdoadas.

O secretário do vizir insurgiu-se.

— Mentmosé prestou grandes serviços ao país. Soube manter a ordem com uma presença de espírito exemplar.

— O vizir conhece os meus argumentos — explicou Paser. — Mentmosé mentiu, forjou processos e zombou da justiça. E só o antigo deão do pórtico foi castigado, por que razão deveria o seu cúmplice ficar impune?

— O chefe da polícia não se ia comportar como um cordeirinho inocente!

— Chega — atalhou o vizir. — Os fatos são conhecidos e estão provados. Este caso não contém quaisquer ambiguidades. Começa a ler, escriba.

As acusações eram esmagadoras. Paser, sem precisar de recorrer à mentira ou ao exagero, tinha posto em relevo as torpezas de Mentmosé.

— Quem deseja manter Mentmosé no seu posto? — perguntou o vizir, depois de ouvida a queixa.

Nem uma voz se elevou a favor do polícia.

— Mentmosé está demitido — decidiu o vizir. — Se desejar apelar, terá de comparecer perante mim. E se, de novo, for considerado culpado, a pena será o degredo. Passemos imediatamente à nomeação do seu sucessor. Quem propões?

— Kem — declarou Paser, pausadamente.

— Mas isso é escandaloso! — protestou um dos escribas. Também outras vozes discordantes se manifestaram.

— Kem possui uma larga experiência — insistiu Paser. — Sofreu na carne o que ele considera uma injustiça, mas apesar disso manteve-se sempre ao lado da ordem. É certo que não nutre qualquer espécie de amor pela humanidade, mas desempenha as suas funções como um sacerdote.

— Um núbio de baixa estirpe, um...

— Um homem prático, sem ilusões. Ninguém conseguirá corrompê-lo.

O vizir deu os debates por terminados.

— Kem é nomeado chefe da polícia de Mênfis. Se alguém se opõe, que apresente os seus argumentos perante o meu tribunal. Se eu os considerar inaceitáveis, será condenado por injúrias. Está encerrada a audiência.

Na presença do deão do pórtico, Mentmosé entregou a Kem o bastão de marfim encimado por uma mão, que simboliza o poder do chefe da polícia, e um amuleto em forma de quarto

crescente, onde estavam gravados um olho e um leão, as insígnias da vigilância. Apesar da sua nomeação, o núbio recusara trocar o arco, as flechas, a espada e o escudo pela vestimenta dos notáveis.

Kem não fez quaisquer agradecimentos a Mentmosé, que estava à beira de uma apoplexia, e nenhum discurso foi proferido. O núbio, desconfiado, experimentou imediatamente o sinete, não fosse o antigo chefe da polícia tê-lo falsificado.

— Estás satisfeito? — perguntou Mentmosé com a sua voz roufenha.

— Sou testemunha da observância do decreto promulgado pelo vizir — respondeu Paser, serenamente. — Na minha qualidade de deão do pórtico, limito-me a registrar a transferência de poderes.

— Foste tu quem persuadiu Bagey a demitir-me!

— O vizir agiu em conformidade com o seu dever. Foram as tuas faltas que te condenaram.

— Eu devia ter te...

Mentmosé não se atreveu a dizer a palavra que lhe queimava os lábios. O olhar do Núbio impediu-o de fazê-lo.

— Uma ameaça de morte é um delito grave — declarou Kem, com voz severa.

— Eu não proferi qualquer ameaça.

— Não tentes nada contra o juiz Paser. Senão, ver-me-ei obrigado a intervir.

O teu pessoal espera-te — disse o juiz — Será melhor saíres de Mênfis o mais depressa possível.

Nomeado superintendente das pescarias no Delta, Mentmosé passaria a viver numa pequena cidade costeira onde não se fomentavam outras conspirações além do cálculo do preço dos peixes, em função do seu tamanho e do seu peso.

Mentmosé bem tentou encontrar uma réplica contundente, mas a expressão hierática do núbio cortou-lhe a inspiração.

Kem tinha guardado a sua mão da justiça e o amuleto oficial no fundo de um cofre de madeira, por baixo da sua coleção de punhais asiáticos. Delegara as tarefas administrativas aos escribas, hábeis nesses exercícios rotineiros, e fechara a porta do gabinete de Mentmosé, decidido a só lá entrar muito raramente. A rua, os campos e a natureza eram os seus domínios prediletos e assim continuaria a ser, não era a ler papiros que se prendiam os culpados. Também lhe agradava muito viajar na companhia de Paser.

Desembarcaram em Hermópolis, a cidade sagrada do deus Tot, mestre da língua sagrada, escarranchados em burros especializados no transporte de altas individualidades, atravessaram campos esplêndidos e plenos de serenidade. Estava-se na época das sementeiras, depois das cheias, a terra fertilizada pelos Iodos oferecia-se às charruas e às enxadas que desfaziam os torrões. Os semeadores, com grinaldas de flores à volta do pescoço e na cabeça, lançavam os grãos à terra, esvaziando com gestos largos os seus saquitéis de fibras de papiro. Depois, as vacas, as ovelhas e os porcos, ao pisarem-nas, enterravam fundo as sementes. Por vezes, o lavrador desalojava um peixe aprisionado num charco. Os carneiros guiavam os seus rebanhos através dos melhores terrenos, se necessário, os pastores manejavam uma correia fina, cujo barulho chamava os mais indisciplinados ao bom caminho. Uma vez cobertas de terra, por um processo alquímico análogo à morte e ressurreição de Osiris, as sementes fariam do Egito uma terra fértil

e rica.

A propriedade de Denes era imensa. Tinha três aldeias sob as suas ordens. Na maior, Paser e Kem beberam leite de cabra e provaram um iogurte salgado conservado em boiões, barrando com ele fatias de pão de ervas aromáticas. Os camponeses usavam o alúmen, proveniente do oásis de Khargeh, para fazer coalhar o leite sem se azedar, e assim prepararem queijos de grande nomeada. Com a fome saciada, os dois homens caminharam até à enorme quinta de Denes, composta por vários edifícios: silos, celeiros, lagares, estábulos, cavalariças, capoeiras, padaria e oficinas. Depois de lavarem os pés e as mãos, o juiz e o polícia exigiram a presença do intendente da propriedade. Um palafreireiro foi procurá-lo à cavalariça.

Mal a importante personagem avistou Paser, fugiu a sete pés. Kem nem se mexeu. O babuíno deu um salto e atirou ao chão o fugitivo. Quando as presas afiadas se enterraram nas suas costas, o intendente deixou de lutar. Kem entendeu que tal comportamento aconselhava um interrogatório cerrado.

— Folgo em ver-te — disse Paser. — A nossa presença, porém, parece perturbar-te.

— Tirem daqui esse macaco!

— Quem te contratou?

— O transportador Denes.

— Por recomendação de Qadash?

O intendente hesitou. As mandíbulas do macaco cerraram-se.

— Sim, sim!

— Nesse caso, ele não te guardou rancor por o teres roubado. Ou talvez a explicação seja mais simples: Denes, Qadash e tu próprio são cúmplices. Se tentaste fugir, é porque certamente tens peças escondidas nesta propriedade. Ora eu redigi um mandato de busca, para execução imediata. Aceitas ajudar-nos?

— Estás enganado.

Kem teria, de boa vontade, pedido a ajuda do macaco, mas Paser preferiu uma solução menos drástica e mais metódica. O intendente foi levado, amarrado e colocado sob a vigilância de vários camponeses que odiavam a sua tirania. Foram esses mesmos camponeses que informaram o juiz de que o acusado impedia o acesso a um armazém que fechava a sete chaves com vários ferrolhos de madeira. Kem quebrou-os com a ajuda do punhal.

No interior, havia inúmeros cofres, cujas tampas, ora rasas, ora abauladas, ora em bico, estavam amarradas com cordas passadas à volta de dois grampos, um de cada lado e outro sobre a tampa. Os diversos móveis, de vários tamanhos, eram muito valiosos. Kem cortou as cordas. Os vários cofres de madeira de sicômoro continham peças de linho de primeira qualidade, vestidos e tecidos.

— Será este o tesouro da senhora Nénofar?

— Vamos pedir-lhe os documentos de saída das oficinas.

Os dois homens viraram-se para os cofres de madeira macia, folheados a ébano e ornados de embutidos. Continham centenas de amuletos em lápis-lazúli.

— Uma verdadeira fortuna! — exclamou o núbio.

— O trabalho é tão perfeito que vai ser fácil descobrir a origem das peças.

— Eu trato disso.

— Denes e os seus cúmplices vendem-nos ao preço do ouro na Líbia, na Síria e no Líbano, e em outros países ávidos da magia egípcia. Talvez até os vendam aos beduínos, com a garantia de os tornarem invulneráveis.

— Atentado contra a segurança do Estado?

— Denes negará e acusará o intendente.

— Mesmo sendo deão do pórtico, duvidas da justiça.

— Não sejas tão pessimista, Kem, então a nossa visita não é oficial?

Escondido debaixo de três cofres de tampa rasa, descobriram um objeto insólito que os deixou estupefatos.

Um cofre maciço de madeira de acácia, todo dourado, com trinta centímetros de altura por vinte de largura e quinze de profundidade. Sobre a tampa em ébano, dois grampos de marfim, talhados com perfeição.

— Esta obra-prima é digna de um faraó — murmurou Kem.

— Dir-se-ia tratar-se de uma peça funerária.

— Nesse caso, não temos o direito de lhe tocar.

— Tenho de investigar o seu conteúdo.

— E não irás cometer um sacrilégio?

— Não contém qualquer inscrição.

Kem deixou o juiz tirar ele mesmo o fio que ligava os grampos de marfim aos que estavam embutidos nos lados. Paser levantou a tampa muito devagar.

O brilho do ouro ofuscou-o.

Tratava-se de um enorme escaravelho em ouro maciço! E, de cada lado, um cinzel de escultor, em miniatura, feito com ferro celeste, e um olho em lápis-lazúli.

O olho do ressuscitado, o cinzel utilizado para lhe abrir a boca no outro mundo, e o escaravelho, colocado no lugar do coração, para que as suas metamorfoses sejam eternas.

Sobre o ventre do escaravelho, via-se uma inscrição em hieróglifos que fora martelada tão profundamente que se tornava impossível decifrá-la.

— É um rei profanado — afirmou Kem. — Um rei cujo túmulo foi pilhado.

Na época de Ramsés, o Grande, uma tal façanha parecia impossível. Vários séculos atrás, os beduínos tinham invadido o Delta e pilhado as necrópoles. Mas depois da libertação, os faraós eram enterrados no Vale dos Reis, que era guardado noite e dia.

— Só um estrangeiro pode ter engendrado um plano tão monstruoso — continuou o núbio, com voz trêmula.

Perturbado, Paser voltou a fechar o cofre.

— Vamos levar este tesouro a Kani. Em Carnaque, estará em segurança.

O sumo-sacerdote de Carnaque ordenou aos artesãos que examinassem o pequeno cofre e o seu conteúdo. Assim que recebeu o resultado da vistoria, convocou Paser. Os dois homens passeavam para trás e para a frente debaixo de um pórtico, para se protegerem do sol.

— É impossível identificar o proprietário destas maravilhas.

— Será um rei?

— O tamanho do escaravelho é intrigante, mas há poucos indícios.

— Kem, o novo chefe da polícia, pensa tratar-se de uma violação de sepulcro.

— Impossível. Teria sido notada e ninguém teria conseguido abafar o escândalo. Como é que tal crime, o mais grave de todos, poderia passar despercebido? Há mais de cinco séculos que tal crime não ocorre! Ramsés tê-lo-ia denunciado e o nome dos culpados teria sido denegrido publicamente.

Kani tinha razão. O desvario do núbio não se justificava.

— É possível — previu Kani — que estas peças admiráveis tenham sido roubadas das oficinas, fosse para Denes as negociar, fosse para as colocar no seu próprio túmulo.

Sabendo como Denes era presunçoso, Paser inclinava-se mais para a segunda hipótese.

— Já investigaste em Coptos?

— Ainda não tive tempo — respondeu o juiz. — Além disso, tenho dúvidas quanto ao método a utilizar.

— Sê prudente.

— Descobriram mais alguma coisa?

— Os ourives de Carnaque são claros: o ouro do escaravelho é oriundo da mina de Coptos.

Coptos, situada a pouca distância de Tebas, para norte, era uma cidade estranha. Nas ruas cruzavam-se mineiros, pedreiros e exploradores do deserto, uns a partir, outros a chegar de uma temporada passada no inferno dos ermos abrasadores e rochosos. Todos se comprometiam a descobrirem o maior filão na próxima tentativa. Viam-se caravaneiros vendendo as suas mercadorias, provenientes da Núbia, caçadores trazendo o produto da caçada ao templo e aos nobres, nômades tentando integrar-se na sociedade egípcia.

Todos aguardavam o próximo decreto real, que determinava os voluntários que iriam seguir uma das numerosas estradas que conduziam às pedreiras de jaspe, de granito ou de pórfiro, para os lados do porto de Kossier, no Mar Vermelho, ou ainda em direção aos jazigos de turquesas do monte Sinai. Sonhava-se com o ouro, com as minas secretas ou por explorar, com o tesouro dos deuses, que o templo reservava aos deuses e aos faraós. Mil vezes se haviam urdido intrigas para alcançá-los, e mil vezes haviam fracassado, devido à o, nipresença de um corpo de polícia especializado, mais conhecido por “os de olho perspicaz”, acompanhados de cães temíveis e incansáveis, ferozes e cruéis, que identificavam a menor pista, o menor curso de água, e se orientavam sem problemas num mundo hostil onde um profano não sobreviveria muito tempo. Caçadores de homens e animais, matabam bodes selvagens e gazelas e apanhavam os furtivos evadidos das prisões. As suas presas favoritas eram os beduínos que tentavam atacar as

caravanas e assaltar os viajantes, numerosos, bem treinados, “os de olho perspicaz.” não lhes davam a mínima chance de levar a bom termo as suas vis empreitadas. Se, por azar, um grupo de beduínos mais astutos alcançava os seus objetivos, a polícia do deserto passava a mensagem: apanhá-los e exterminá-los. Há já alguns anos que nenhum larápio podia se gabar das suas proezas. A vigilância aos mineiros era cerrada, e os próprios ladrões não tinham qualquer oportunidade de roubar qualquer quantidade de metal precioso que valesse a pena.

Enquanto se dirigia para o magnífico templo de Coptos, onde estavam guardados os mapas mais antigos, que revelavam a localização dos tesouros minerais do Egito, Paser cruzou-se com um grupo de polícias que empurrava à sua frente alguns prisioneiros maltratados pelos cães.

O deão do pórtico estava impaciente e pouco à vontade. Impaciente, porque queria fazer progressos e saber se Coptos lhe traria revelações inesperadas, pouco à vontade, porque receava que o Superior do Templo estivesse de conluio com os conjurados. Antes de tomar qualquer iniciativa, tinha de dissipar essa dúvida ou confirmá-la.

A recomendação vigorosa do sumo-sacerdote de Carnaque foi das mais eficazes, assim que o documento foi lido, as portas abriram-se umas atrás das outras e o Superior recebeu-o imediatamente.

Era um homem já de certa idade, corpulento e seguro de si, a dignidade de sacerdote não lhe tinha apagado as marcas de um passado de homem ativo.

— Que honra, e quanta preocupação! — ironizou ele, com uma voz grave que fazia estremecer os seus subordinados. — Um deão do pórtico autorizado a remexer no meu modesto templo, eis um sinal de estima, com a qual eu não contava. O teu corpo de polícia está pronto para invadir o templo?

— Vim sozinho.

O Superior de Coptos franziu as sobrancelhas hirsutas.

— Não entendo muito bem a tua atitude.

— Gostaria que me ajudasses.

— Tanto aqui como lá fora, falou-se muito do processo que instauraste contra o general Asher.

— Em que termos?

— O general tem mais aliados do que adversários.

— De que lado te encontras?

— O homem é um corsário!

Paser disfarçou o alívio que sentiu. Se o Superior não estivesse a mentir, nem tudo estava perdido.

— De que o acusas?

— Sou um antigo mineiro e pertenci à polícia do deserto. Há cerca de um ano que Asher tenta controlar “os de olho perspicaz”. Mas, enquanto eu for vivo, jamais conseguirá!

A cólera do Superior não era mera encenação.

— Só tu me poderás informar sobre o estranho percurso de uma grande quantidade de ferro celeste encontrada em Mênfis, no laboratório de um químico chamado Chéchi. É evidente que ele diz que ignorava a presença do metal precioso e afirma ter sido vítima de uma cilada.

Contudo, tenta fabricar armas inquebráveis, sem dúvida a mando do general Asher. Chéchi necessita por isso deste ferro excepcional.

— Quem te contou isso quis certamente rir-se à tua custa.

— Porquê?

— Porque o ferro celeste não é inquebrável! Provém dos meteoritos.

— Não é inquebrável...?

— Essa história espalhou-se, mas não passa de uma mentira.

— Conhece-se o local onde caem os meteoritos?

— Podem cair em qualquer lugar, mas eu possuo um mapa. Apenas uma expedição oficial, sob o controle da polícia do deserto, está habilitada a retirar o ferro celeste e a transportá-lo para Coptos.

— Mas um bloco inteiro foi desviado.

— Não me espanta. Um grupo de ladrões deve ter encontrado um meteorito cujo local não tinha sido registrado.

— E Asher servir-se-ia dele?

— Para quê? Ele sabe que o ferro celeste está reservado à prática de rituais. Ao mandar fazer armas deste metal, expor-se-ia a graves problemas. Em contrapartida, vendê-lo ao estrangeiro, sobretudo aos hititas, onde é fortemente valorizado, proporcionar-lhe-ia novos lucros.

Vender, especular, negociar... Essa não era a especialidade de Asher, mas sim a do transportador Denes, sempre tão ávido de bens materiais! E, pelo caminho, Chéchi receberia a sua comissão. O químico era apenas um receptor, a serviço de Denes. Contudo, o general Asher desejava associar-se à polícia do deserto.

— Foi cometido algum roubo nas vossas reservas de metais preciosos?

— Sou vigiado por um exército de polícias, de sacerdotes e de escribas, e eu vigio-os também, observam-nos mutuamente. Tinhas suspeitado de mim?

— Tinha, confesso.

— Aprecio a tua franqueza. Passe aqui alguns dias e compreenderás por que razão qualquer ato de pilhagem é impossível.

Paser decidiu depositar a sua confiança no Superior.

— Entre os bens acumulados por um traficante de amuletos, descobri um grande escaravelho em ouro maciço. Ouro das minas de Coptos.

O antigo mineiro pareceu perturbado.

— Quem faz tal afirmação?

— Os ourives de Carnaque.

— Então deve ser verdade.

— Suponho que essa peça esteja registrada nos teus arquivos.

— Qual o nome do proprietário?

— A inscrição foi martelada.

— Que pena. Cada parcela de ouro proveniente da mina, desde a época dos mais antigos, tem

sido realmente registrada e encontrarás informações sobre ela nos arquivos. O destino está também indicado tal templo, tal faraó, tal ourives Mas, sem o nome, não chegarás a lado nenhum.

— Há algum trabalho manual na própria mina.

— Às vezes alguns ourives tallaram objetos nos locais de extração. Este templo é todo teu, pesquisa-o de alto a baixo.

— Tal não será necessário.

— Desejo-te boa sorte. Livra o Egito desse general Asher, ele atrai a desgraça.

Paser estava convencido de que o Superior de Coptos estava inocente. Provavelmente, seria melhor deixar de tentar averiguar a origem do ferro celeste, objeto de um novo negócio escuro de Denes, cuja aptidão na matéria parecia inesgotável, mas era evidente que mineiros, ourives ou policiais do deserto pilhavam pedras ou metais preciosos, fosse a mando de Denes, fosse de Asher, ou mesmo dos dois. Aliados, não amealhariam eles uma imensa fortuna para passarem à ofensiva, de que o juiz não conseguiria nunca discernir a verdadeira natureza?

Se Paser conseguisse provar que o general assassino comandava um grupo de ladrões de ouro, Asher não escaparia à mais dura condenação. Mas como conseguiu-lo sem se introduzir entre os prospectores? Encontrar um homem suficientemente destemido seria difícil, quase impossível. A missão anunciava-se deveras perigosa. Tinha-a proposto a Suti só para provocá-lo.

A única solução consistia em ir ele próprio, depois de ter convencido Néféret do fundamento da sua decisão.

Os latidos de Bravo alegraram-no. O cão lançou-se em louca correria e parou ofegante aos pés do dono, que o cobriu de festas. Conhecendo bem o caráter ciumento do seu burro, Paser foi em seguida demonstrar-lhe também toda a sua afeição. O olhar feliz de Vento do Norte reconfortou-o.

Quando beijou Néféret, o juiz sentiu-a preocupada e tensa.

— É grave — disse ela. — Suti refugiou-se em nossa casa. Há uma semana que se meteu no quarto e se recusa a sair.

— O que fez ele?

— Só falará contigo. Já bebeu muito esta noite.

— Paser. Finalmente chegaste! — exclamou Suti, excitado.

— Kem e eu descobrimos indícios importantíssimos — explicou.

— Se Néféret não me tivesse escondido, teria sido deportado para a Ásia!

— De que delito és acusado?

— O general Asher acusa-me de deserção, de injúria a um oficial superior, de abandono do meu posto, perda de armas homologadas, covardia perante o inimigo e denúncia caluniosa.

— Ganharás o processo.

— Claro que não.

— Que receias então?

— Ao deixar o exército, não preenchi determinados documentos que me libertavam de todas

as obrigações. E o prazo legal já passou. Asher acusou-me, e com razão, de negligência. Sou na verdade um desertor, e passível de prisão militar.

— Que maçada!

— Um ano num campo de trabalhos na Ásia, eis o que me espera. Podes imaginar como os escribas do general vão me tratar! Não conseguirei sair de lá vivo!

— Intercederei por ti.

— Cometi um erro, Paser! Tu, o deão do pórtico, serias capaz de agir contra a lei?

— Corre-nos o mesmo sangue nas veias.

— Cairás comigo! A armadilha está bem montada. Resta-me apenas uma saída: aceitar a tua proposta e partir como prospector, desaparecer no deserto. Fugirei de Tapeni, de Pantera, desse general assassino, e enriquecerei. A rota do ouro! Não será este o mais belo dos sonhos?

— Como tu mesmo disseste, não existe nada mais perigoso do que isso.

— Não fui feito para levar uma vida sedentária. Vou sentir a falta das mulheres, mas confio na minha sorte.

— Não te queremos perder — objetou Néféret.

Comovido, Suti olhou-a demoradamente.

— Voltarei. Voltarei rico, poderoso e estimado! Todos os Ashers do mundo tremerão ao verme e rastejarão perante mim, mas eu serei impiedoso e esmagá-los-ei, calcando-os aos pés. Voltarei para vos beijar nas duas faces e saborear o banquete que terão preparado em minha honra.

— Na minha opinião — atalhou Paser, — mais valia festejares agora e abandonares esses teus projetos de bêbado.

— Nunca estive tão lúcido na minha vida. Se ficar, serei condenado e arrastar-te-ei na queda, teimoso como és, persistirias em defender-me e em lutar por uma causa perdida. Assim, todos os nossos esforços teriam sido em vão.

— É mesmo necessário correr tais riscos? — perguntou Néféret.

— Sem uma proeza que dê nas vistas, como poderei apagar o mau passo que dei? A partir de agora, o exército está-me vedado, resta-me apenas enveredar pela maldita profissão de pesquisador de ouro! Não, não enlouqueci. Desta vez, farei fortuna. Sinto-o, na cabeça, nos dedos, nas entranhas.

— A tua decisão é mesmo irrevogável?

— Há uma semana que dou voltas e mais voltas na cama, já tive tempo de sobra para pensar. Nem tu conseguirás convencer-me do contrário.

— Nesse caso, tenho uma informação para te dar.

— Sobre Asher?

— Kem e eu desmantelamos um tráfico de amuletos em que Denes e Qadash estão implicados. É possível que o general esteja implicado nos roubos do ouro. Isso quer dizer que os conjurados estão a acumular riquezas.

— Asher, ladrão de ouro! É espantoso! Isso dá pena de morte, não dá?

— Se se provar.

— És meu irmão, Paser!

E Suti caiu nos braços do juiz.

— Essa prova, serei eu quem vai trazer. Não só me tornarei rico, como também farei cair esse monstro do pedestal em que se encontra!

— Não te entusiasmes, trata-se apenas de uma hipótese.

— Não, trata-se da verdade!

— Já que insistes, vou tornar a tua missão oficial.

— De que maneira?

— Com o consentimento de Kem, há quinze dias que foste integrado na polícia do deserto.

— Quinze dias... Ou seja, antes das acusações do general!

— Kem detesta burocracia. Ela estará em ordem, que é o que interessa.

— Bebamos! — exigiu Suti. Néféret inclinou-se, resignada.

— Infiltra-te entre os mineiros — recomendou Paser — e não digas a ninguém que és polícia. Revela-o apenas em caso de perigo, para te salvares.

— Suspeitas de alguém em particular?

— Asher gostaria de ter a polícia do deserto sob o seu comando. Por isso, deve ter introduzido espões entre os polícias ou comprado alguns deles. O mesmo se passa com os mineiros. Tentaremos estar em contacto permanente, quer pelo correio, quer por qualquer outro meio que não te coloque em perigo. Deveremos estar mutuamente informados dos progressos dos nossos inquéritos. O meu código de identificação será... “Vento do Norte”.

— Se reconheces ser burro, o caminho da sabedoria permanece e ficar-te-á vedado.

— Mas tens de me prometer uma coisa.

— Está prometida.

— Não abuses da tua famosa sorte. Se o perigo apertar, regressa.

— Tu me conheces.

— Por isso mesmo.

— Atuarei em segredo, tu, sim, tu é que és um alvo exposto.

— Estarás tu a tentar demonstrar que eu corro mais riscos do que tu?

— Se os juizes se tornarem inteligentes, este país terá o futuro garantido.

Denes contou e voltou a contar os figos secos. Depois de várias contagens, constatou o roubo. Faltavam oito frutos em relação à contagem feita pelo escriba que se ocupava das árvores de fruto. Furioso, convocou o pessoal e ameaçou-os com os piores castigos se o culpado não se acusasse. Uma cozinheira já de meia-idade, que desejava acima de tudo paz e sossego, empurrou para a frente um garoto com cerca de dez anos, o filho do próprio escriba! Este último foi condenado a 10 chicotadas e o rapaz a 15. O transportador prezava acima de tudo a moralidade, todos os seus bens deveriam ser tratados como tal. Na ausência da senhora Nénofar, ocupada a exercer as suas influências nos serviços do Tesouro, para tentar diminuir o poder de Bel-Tran, Denes estava encarregado de manter a ordem em casa.

A fúria tinha-lhe feito fome. Mandou servir carne de porco assada, leite e queijo fresco. Porém, a visita inesperada de Paser fê-lo perder o apetite. Simulando alegria, convidou-o, no entanto, a partilhar com ele a refeição. O deão do pórtico sentou-se no muro de pedras secas que cercava a pérgula, e observou o transportador com olhar grave.

— Porque contrataste o antigo intendente de Qadash, sabendo que tinha sido acusado de desonestidade?

— O meu gabinete de emprego cometeu um erro. Qadash e eu estávamos convencidos de que esse desgraçado tinha deixado a província.

— Deixar, deixou, mas para se tornar o responsável da tua maior exploração agrícola, perto de Hermópolis.

— Deve ter usado um nome falso. Podes ter certeza de que amanhã mesmo será despedido.

— Isso não será necessário. O homem está preso.

O transportador alisou o fino fio de barba que lhe debruava a cara e de que se destacavam alguns pêlos mal aparados.

— Preso? Que delito cometeu?

— Não sabias que ele era receptor?

— Receptor, mas que palavra tão feia!

Denes parecia indignado.

— Tráfico de amuletos, que guardava em cofres — precisou Paser.

— Na minha exploração? Inacreditável, é uma loucura! Peço-te a maior discrição possível, meu caro deão, a minha reputação não deve ser abalada pelos crimes desse miserável.

— És uma das suas vítimas.

— Serviu-se de mim da forma mais vil, pois sabia que eu nunca lá ia. Os meus negócios prendem-me em Mênfis e não aprecio nada a província. Ouso esperar que lhe seja aplicado um castigo bastante severo.

— Não tens em teu poder nenhuma informação sobre a atuação do teu intendente?

— Nenhuma.

— Sabias que estava escondido um tesouro nessa mesma quinta?

O transportador pareceu atordoado.

- Um tesouro, nos nossos dias! De que tipo?
- É segredo. Não saberás por acaso onde se encontra o teu amigo Qadash?
- Aqui mesmo. Por causa do seu estado de fadiga, ofereci-lhe a minha hospitalidade.
- Se a saúde dele o permitir, será possível vê-lo?

Denes, muito enervado, mandou chamar o dentista. Gesticulando, completamente descontrolado, Qadash lançou-se numa série de explicações desordenadas em que se defendia de ter contratado o intendente, e apenas afirmava tê-lo expulsado das suas terras.

Quanto às perguntas de Paser, limitava-se a responder com frases pomposas e desarticuladas. Ou o dentista de cabelos brancos estava a ficar louco, ou a representar.

O juiz interrompeu-o.

— Parece-me que nem um nem outro sabiam de nada. O tráfico de amuletos realizava-se, pois, sem o vosso conhecimento.

Denes felicitou o juiz pelas suas conclusões. Qadash desapareceu sem se despedir.

— Tens de desculpá-lo, sabes, é da idade, um esgotamento passageiro...

— O inquérito vai prosseguir — acrescentou Paser. — O intendente não passa de um peão de xadrez, descobrirei quem planejou o jogo e quem ditou as regras. Está descansado que te mantereii informado.

— Deves-me isso.

— Gostaria de me encontrar com a tua mulher.

— Não sei a que horas regressará.

— Voltarei ao fim da tarde.

— É mesmo necessário?

— Indispensável.

A senhora Nénofar dedicava-se ao seu prazer favorito, a confecção de vestidos. O juiz foi conduzido à sua oficina particular. Com a cara pintada a preceito, estava a cozer a manga de um vestido comprido e manifestou a sua irritação.

— Estou cansada. Ser importunada na minha própria casa é muito desagradável.

— Sinto muito. O teu trabalho é esplêndido.

— Os meus dons para a costura impressionam-te?

— Fascinam-me.

Nénofar pareceu desconcertada.

— Que significa...

— De onde vêm estas peças de tecido que utilizas?

— Isso só a mim diz respeito.

— Enganas-te.

A mulher do transportador pousou o vestido e levantou-se indignada.

— Exijo que te expliques.

— Na tua propriedade do Médio Egito, entre objetos suspeitos, encontravam-se peças de linho, vestidos e lençóis. Suponho que sejam teus.

— Tens alguma prova do que afirmas?

— Concreta, não.

— Nesse caso, poupa-me às tuas suposições e retira-te!

— Vejo-me obrigado a fazê-lo, mas insisto num ponto: não sou parvo.

Pantera tinha terminado.

Alguns cabelos de um doente morto na noite anterior, alguns grãos de cevada roubados de um caixão de uma criança antes de ser fechado, pevides de maçã, sangue de um cão preto, vinho azedo, urina de burro e serrim: o filtro seria eficaz. Durante quinze dias, a líbia de cabelos loiros empenhou-se afinadamente para conseguir obter todos estes ingredientes. A bem ou a mal, a sua rival beberia a poção. Louca de amor, mas nunca frígida, seduziria Suti, e ele deixaria a outra num instante.

Pantera ouviu barulho.

Alguém acabara de entrar pelo jardim na pequena casa caiada de branco.

Apagou a lamparina que iluminava a cozinha e munuiu-se de uma faca. Ela tinha tido a coragem de vir! A malvada desafiava-a debaixo do seu próprio teto, certamente com a intenção de eliminá-la!

O intruso entrou no quarto, abriu um saco de viagem e atirou de forma desordenada algumas peças de roupa lá para dentro. Pantera ergueu a arma.

— Suti!

Ele virou-se. Julgando-se ameaçado, atirou-se para o chão. A líbia largou a faca.

— Enlouqueceste?

Suti levantou-se, imobilizou-lhe os punhos e pôs os pés em cima da lâmina.

— Isto é uma faca, não?

— Para a trespassar, a ela!

— De quem estás tu a falar?

— Daquela com quem casaste.

— Esquece-a e esquece-me também.

Pantera sobressaltou-se.

— Suti...

— Como vês, estou de partida.

— Para onde?

— Missão secreta.

— Mentas, vais ter com ela!

Ele deu uma gargalhada, afastou-se dela, enfiou uma última peça de roupa no saco e pô-lo ao ombro.

— Podes ficar descansada, que ela não me seguirá.

Pantera agarrou-se ao amante.

— Assustas-me. Explica-te, suplico-te!

— Fui dado como desertor e tenho de deixar Mênfis o mais depressa possível. Se o general Asher me apanha, morrerei no exílio.

— O teu amigo Paser não te protege?

— Fui negligente e estou em falta. Se desempenhar bem a tarefa que Paser me confiou, vencerei Asher e regressarei.

Suti beijou Pantera com arrebatamento.

— Se estás a mentir — ameaçou ela — mato-te.

Kem fez inquéritos nas fábricas de amuletos mais prestigiadas, ajudado por subordinados diretos de Kani. Mas as investigações a nada conduziram. O chefe da polícia deixou Tebas e apanhou um barco para Mênfis onde prosseguiu com o mesmo tipo de investigações, também elas infrutíferas.

O núbio refletiu.

Os maravilhosos amuletos, objeto de um tráfico ilegal, não provinham de uma oficina privada. Interrogou igualmente numerosos informantes, sensíveis à presença do babuíno. Um deles, um anão de origem síria, aceitou falar com a condição de receber três sacos de cevada e um burro com menos de três anos. Redigir um requerimento escrito e seguir os trâmites legais teria levado demasiado tempo. O núbio sacrificou o seu ordenado e ameaçou o anão de lhe partir as costelas se tentasse enganá-lo. O anão evocou a existência de uma oficina clandestina, aberta há cerca de dois anos no bairro norte, perto de um estaleiro.

Disfarçado de aguadeiro, Kem observou o movimento durante vários dias. Após o encerramento do estaleiro, alguns operários de ar suspeito entravam numa ruela sem saída aparente e saíam antes do amanhecer com um cesto fechado que entregavam a um barqueiro.

Na quarta noite, o núbio desapareceu na passagem estreita. Acabava numa parede de juncos cobertos de lama seca, a imitar um muro. Com um murro, deitou-a abaixo.

Quatro homens, estupefatos, assistiram à invasão do colosso negro, seguido pelo babuíno. Kem espancou o mais fraco, o macaco mordeu o segundo na barriga das pernas, e o terceiro fugiu. Quanto ao último, o mais velho, permaneceu imóvel. Na mão esquerda, segurava um magnífico nó de ísis em lápis-lazúli. Quando Kem se aproximou dele, deixou-o cair.

— És tu o patrão?

Ele abanou a cabeça. Baixo, barrigudo, estava apavorado. Kem apanhou o nó de ísis.

— Excelente trabalho. Dir-se-ia que não és um aprendiz, onde aprendeste esta arte?

— No templo de Ptah — balbuciou ele.

— Porque saíste de lá?

— Fui despedido.

— Porquê?

O artesão baixou a cabeça.

— Roubo.

A oficina, de teto baixo, era abafada. Ao longo das paredes de lama seca estavam empilhados cofres contendo blocos de lápis-lazúli oriundos das longínquas regiões montanhosas e, em cima de uma mesa baixa, os amuletos já prontos, num cesto, as peças defeituosas e as aparas.

— Quem te contratou?

— Já... já não me lembro.

— Então, rapaz! É muito feio mentir. E, além disso, irritas o meu macaco. Não tem o nome de Matador por acaso. Quero o nome daquele que dirige este tráfico.

— Vais proteger-me?

— Na prisão reservada aos ladrões estarás em segurança.

O homem sentia-se feliz por deixar Mênfis, nem que fosse para o inferno. Mas esqueceu-se de responder.

— Estou à espera — insistiu Kem.

— A prisão... Não há mesmo maneira de escapar?

— Isso depende de ti. E sobretudo do nome que me deres.

— Não deixou rastro e negará tudo, o meu testemunho será insuficiente.

— Não te preocupes com as diligências legais.

— Mais valia libertares-me.

Acreditando na passividade do núbio, o artesão esboçou um passo em direção à rua. Uma mão pesada apertou-lhe o pescoço.

— O nome, e já!

— Chéchi. O químico Chéchi.

Paser e Kem caminhavam ao longo do canal onde circulavam os cargueiros. Os marinheiros insultavam-se e entoavam canções, uns a chegar, outros a partir. O Egito era um país próspero, feliz e em paz. Contudo, o deão do pórtico sofria de insónias e pressentia uma tragédia, sem conseguir identificar as causas desse mal. Todas as noites falava delas a Néfêret, a quem comunicava a sua inquietação. Apesar do seu otimismo inato, a jovem admitia que a angústia do marido tinha fundamento.

— Tens razão — disse Paser ao chefe da polícia, — o processo de Chéchi acabaria num beco sem saída. Ele vai declarar-se inocente, e a palavra de um ladrão, expulso de um templo, de nada valerá.

— Contudo, o homem não mentiu.

— Disso não duvido.

— Afinal, a justiça — rosnou o núbio — para que serve?

— Dá-me mais algum tempo. Neste momento, já conhecemos os laços de amizade que unem Denes a Qadash e Qadash a Chéchi. Os três são cúmplices. Além disso, Chéchi é provavelmente um fiel servidor de Asher. Eis quatro conjurados, responsáveis por vários crimes. Suti deve trazer-nos provas de que Asher está implicado, estou convencido de que foi ele quem

roubou o ferro celeste e de que é ele o organizador do tráfico de metais preciosos, como o lápis-lazúli e até mesmo o ouro. O cargo que ocupa, de especialista dos negócios asiáticos, dá-lhe todo o espaço de manobra de que precisa. Denes é ambicioso, ávido de fortuna e de poder, manipula Qadash e Chéchi, que contribuiu com os seus conhecimentos técnicos. E não posso esquecer-me da senhora Nénofar, tão hábil a manejar a agulha como a furar a nuca do meu mestre.

— Quatro homens e uma mulher... Como é possível que eles sozinhos consigam desestabilizar Ramsés?

— Essa pergunta não me sai da cabeça, mas não sou capaz de responder. Porque será que, e caso se trate dos mesmos indivíduos, pilharam um túmulo real? Persistem ainda tantas incertezas, Kem, o nosso trabalho está longe de ficar concluído.

— Apesar da minha posição, continuarei a investigar sozinho. Só confio em ti.

— Dispensar-te-ei das tarefas administrativas.

— Se...

— Diz.

— Tem tanto cuidado como eu.

— Só faço confidências a Suti e à Néféret.

— Ele é teu irmão de sangue, ela é tua irmã para a eternidade. Se algum deles te trair, serão castigados tanto cá embaixo como lá em cima.

— Porquê tanta desconfiança?

— Porque te esqueces de fazer uma pergunta essencial: os conjurados são só cinco, ou mais?

A meio da noite, com a cabeça coberta com um xaile, ela aventurou-se a ir ao armazém onde, a pedido dos seus amigos, tinha marcado um encontro com o devorador de sombras. O destino tinha-a escolhido a ela para se encontrar com ele e lhe transmitir as ordens. Normalmente não procediam assim, mas a urgência da situação exigia um contacto direto e a certeza de que as ordens seriam perfeitamente compreendidas. Exageradamente pintada, irreconhecível, vestida com um grosso vestido de camponesa e sandálias de papiro, não corria o risco de ser identificada.

Devido à descoberta do juiz Paser, o transportador Denes tinha convocado os amigos para uma reunião de emergência. Se o confisco do bloco de ferro celeste representava apenas uma perda financeira, a descoberta dos objetos funerários que pertenciam a Quéops revelava-se preocupante. É evidente que Paser não poderia nem identificar o rei, cujo nome tinha sido cuidadosamente martelado, nem perceber a chantagem a que Ramsés estava a ser submetido. Nem uma só palavra saíria da boca do homem mais poderoso do mundo, solitário, incapaz de confessar que já não possuía os símbolos do governo, sem os quais a sua legitimidade estava destruída.

Denes votou a favor do imobilismo, o crescente interesse do deão do pórtico não o assustava, mas a maioria dos conjurados tinha votado contra. Mesmo que Paser não tivesse nenhuma chance de descobrir a verdade, estava cada vez mais preocupado com as respectivas atividades de cada um deles. O químico Chéchi foi o mais virulento, afinal, não tinha ele acabado de perder os benefícios substanciais do seu tráfico de amuletos clandestino? Obstinado, paciente, rigoroso, o juiz acabaria por organizar um processo, uma ou mais personalidades seriam acusadas, talvez

condenadas e até mesmo encarceradas. Por um lado, a conjura sofreria um duro golpe, e, por outro, as vítimas da fúria do magistrado perderiam a honorabilidade de que tanto necessitavam no dia seguinte à abdicação de Ramsés.

A mulher estremeceu ao ver-se escolhida, mas depois o seu coração encheu-se de júbilo. O seu corpo fora percorrido por um arrepio empolgante, idêntico ao que sentira ao desnudar-se diante do guardião-chefe da esfinge de Gize. Ao atrair o seu olhar, levava-o a abrandar a vigilância e abrir as portas da morte. Tinham sido os seus encantos que os haviam conduzido à vitória.

Não sabia nada sobre o devorador de sombras, a não ser que praticava crimes por encomenda, mais pelo prazer de matar do que pelas chorudas retribuições. Assim que o viu, sentado em cima de uma caixa, a descascar uma cebola, sentiu-se ao mesmo tempo horrorizada e fascinada.

— Estás atrasada. A Lua já ultrapassou a extremidade do porto.

— É necessário agir de novo.

— Quem?

— Trata-se de uma tarefa delicada.

— Mulher, criança?

— Um juiz.

— Não se assassinam juizes no Egito.

— Não terás de matá-lo, mas apenas de o incapacitar.

— Isso é difícil.

— Que desejas em troca?

— Ouro. Muito ouro.

— Tê-lo-ás.

— Quando?

— Faz o trabalho como deve ser. Que todas as pessoas fiquem convencidas de que Paser foi vítima de um acidente.

— O deão do pórtico em pessoa! Isso faz aumentar a quantidade de ouro.

— Não toleraremos falhas.

— E eu muito menos. Paser está protegido, não posso fixar uma data.

— De acordo. Mas quanto mais cedo melhor.

— Falta só um pormenor.

— Qual?

Atento como uma víbora, ele agarrou-lhe o braço até quase partir, e obrigou-a a virar-se de costas.

— Quero um adiantamento.

— Não ousarias...

— Um adiantamento carnal.

Ele levantou-lhe o vestido. Ela não gritou.

— És louco!

— E tu imprudente. Não me interessa quem possas ser. Se cooperares, será melhor para os dois.

Assim que sentiu o sexo dele entre as suas coxas, ela deixou de resistir. Fazer amor com um assassino excitava-a muito mais do que as investidas habituais. Sobre este episódio, nada diria aos outros. A penetração foi rápida e violenta, como é costume em casos tais.

— O teu juiz não te incomodará mais — prometeu o devorador de sombras.

Palmeira,, figueiras e alfarrobeiras sombreavam o jardim. Depois do jantar e antes de retomar as consultas, Néfêret aproveitava a calma do jardim, logo quebrada pelos saltos, trepedelas e gritos da saguí, radiante por trazer um fruto à sua dona. Diabrete não descansava enquanto Néfêret não se sentava, tranquila, deixava-se escorregar na cadeira e observava as idas e vindas do cão.

Afinal, não se assemelhava o Egito a um jardim onde a sombra benéfica do faraó permitia às árvores desabrochar tanto na alegria da manhã como na paz do entardecer? Não raras vezes, Ramsés em pessoa se ocupava da plantação de oliveiras. Gostava de passear nos jardins cobertos de flores e contemplar os pomares. Os templos gozavam da proteção das altas ramadas onde os pássaros, mensageiros sagrados, faziam os seus ninhos. Um ser agitado é, segundo os sábios, uma árvore que vai morrendo lentamente na secura do seu coração, a calma, pelo contrário, produz frutos e espalha à sua volta uma doce frescura.

Néfêret plantou um sicómoro no meio de um pequeno buraco, uma bilha porosa conservaria a humidade e protegeria a jovem planta. Pressionado pelas raízes, o frágil recipiente acabaria por rebentar e os fragmentos de barro, ao misturarem-se com a terra, reforçariam o húmus. Néfêret teve o cuidado de consolidar o rebordo de lama seca, destinada a reter a água depois da planta ser regada.

Os latidos de Bravo anunciavam a chegada de Paser, um quarto de hora antes de Paser transpor a soleira da porta, fosse a que horas fosse, o cão pressentia que o dono estava para chegar. E, quando Paser se ausentava durante muito tempo, Bravo perdia o apetite e não respondia às provocações de Diabrete. Esquecendo-se da posição que ocupava, o deão do pórtico correu ao encontro do cão, que lhe saltou para a tanga e a sujou com as patas enlameadas. O juiz mudou de roupa e deitou-se na esteira, ao lado da mulher.

— Como é bom este sol.

— Parece cansado.

— A dose habitual de aborrecimentos foi excedida.

— Lembreste-te da tua água cobreada?

— Nem tive tempo. O meu gabinete esteve um verdadeiro inferno: da viúva de guerra ao escriba com ânsia de progredir, não faltou ninguém.

Ela chegou-se mais para ele.

— Não estás a ser uma pessoa racional, juiz Paser. Contempla este jardim.

— Suti tem razão, cai numa cilada. Quero voltar a ser um simples juiz de província.

— Não te está no sangue voltar atrás. Suti já foi para Coptos?

— Partiu esta manhã de armas e bagagens. Prometeu que voltaria com a cabeça de Asher e muito ouro.

— Rezaremos todos os dias a Min, protetor dos exploradores, e a Hathor, a soberana dos desertos. A nossa amizade não conhecerá limites.

— E os teus doentes?

— Estou preocupada com alguns deles. Estou à espera de algumas plantas raras para fabricar

os remédios, mas a farmácia do hospital central não atende às minhas exigências.

Paser fechou os olhos.

— Há mais alguma coisa que te preocupa, meu querido.

— Como posso esconder-te? Diz-te respeito.

— Será que infringi a lei?

— A sucessão ao posto de médico-chefe do reino está aberta. Como deão do pórtico, cabe-me a mim examinar a validade jurídica das candidaturas que serão apresentadas ao conselho de especialistas. E fui obrigado a aceitar a primeira.

— Quem foi o requerente?

— O dentista Qadash. Se for eleito, o processo que Bel-Tran preparou a teu favor de nada valerá.

— Tem alguma chance de ser bem sucedido?

— Nébamon escreveu uma carta indicando-o como o seu sucessor favorito.

— Falsa?

Duas testemunhas autenticaram o documento e atestaram o bom estado mental de Nébamon: Denes e Chéchi. Aqueles bandidos já nem se dão ao trabalho de disfarçar!

— Pouco importa a minha carreira. Gosto muito de tratar dos doentes. O meu consultório particular chega-me perfeitamente.

— Farão o possível para fechá-lo. E tu mesma serás atingida.

— Será que o melhor juiz de todos não me vai defender?

— Qadash... Há já algum tempo que me interrogo sobre qual será o seu papel nisto tudo, aos poucos, o mistério começa a desvendar-se. Quais são as obrigações do médico-chefe?

— Tratar do faraó, nomear os cirurgiões, os médicos e os farmacêuticos que formam o corpo clínico do palácio, receber e controlar as substâncias tóxicas, os venenos e os medicamentos perigosos, adotar as diretivas relativas à saúde pública e fazê-las cumprir com o acordo do vizir e do rei.

— Qadash com tais poderes... É mesmo o lugar que lhe convém!

— Não será fácil influenciar o comitê que vai decidir.

— Não te iludas. Denes tentará corromper os membros do comitê. Qadash está velho, é uma pessoa respeitável, dotada de longa prática, e... Ramsés apenas sofre de uma coisa: artrite dentária! Esta nomeação é uma fase do plano. É preciso travar-lhes o passo.

— De que forma?

— Ainda não sei.

— Receias que Qadash possa vir a atentar contra a saúde do faraó?

— Não! Seria demasiado arriscado.

Diabrete saltou para a barriga de Paser e arrancou-lhe um pêlo no plexo. Dolorido, o juiz soltou um grito, mas a sua mão direita, quando se cerrou, já não encontrou a saguí que se tinha entretanto refugiado debaixo da cadeira da dona.

— Se este maldito animal não estivesse ligado ao nosso primeiro encontro, já lhe tinha dado

uma boa tarefa.

Para se desculpar, Diabrete subiu a uma palmeira e atirou uma tâmara que Paser agarrou no ar. Bravo acorreu e engoliu-a. A tristeza apoderou-se do rosto de Néféret.

— Estás triste porquê?

— Tinha concebido um projeto insensato.

— Que projeto?

— Já renunciei a ele.

— Revela-me.

— Para quê?

Ela encostou-se a ele. — Gostaria de ter... um filho.

— Também eu penso nisso.

— Queres mesmo?

— Mas enquanto não descobrirmos toda a verdade, não vale a pena.

— Revolta-me semelhante idéia, mas creio que tens razão.

— Ou renuncio a este inquérito ou teremos de esperar.

— Se esquecermos o assassinato de Branir, estaremos condenados a ser o mais vil dos casais.

Ele abraçou-a.

— Achas necessário continuar vestida, com uma temperatura tão amena?

A tarefa do devorador de sombras não seria fácil. Em primeiro lugar, abandonar o seu posto oficial durante tanto tempo e tão frequentemente chamaria a atenção, agia sozinho, sem cúmplices, sempre prontos a fazer denúncias, e tinha de conhecer os hábitos de Paser, pelo que devia mostrar-se paciente. Em segundo lugar, tinham-lhe ordenado que incapacitasse o deão do pórtico, mas sem o matar, em fazer o atentado parecer um acidente, para que não fosse aberto nenhum inquérito.

A execução deste plano apresentava grandes dificuldades. O devorador de sombras tinha exigido em troca três barras de ouro, uma bela fortuna que lhe permitiria estabelecer-se no Delta, comprar uma herdade e aí passar o resto dos seus dias. Mataria por prazer e contentar-se-ia em comandar um exército de empregados, prontos a satisfazer-lhe as suas mais vis necessidades.

Assim que recebesse o ouro, começaria a busca, excitado com a idéia de executar a sua obra-prima.

O forno estava aquecido ao rubro. Chéchi tinha preparado vários moldes, para onde o metal liquefeito escorreria, tomando a forma de barras de grandes proporções. No laboratório, a temperatura era insuportável, no entanto, o químico do bigodinho preto não transpirava, ao passo que a cara de Denes se cobria de grossas gotas de suor.

— Todos os nossos amigos concordaram — declarou.

— Sem objecções?

— Não tínhamos outra saída.

O transportador tirou de dentro de um saco de linho a máscara de ouro de Quéops e o colar do mesmo metal que tinha ornamentado o busto da sua múmia.

— Isto dá bem duas barras de ouro.

— E a terceira?

— Comprá-la-emos do general Asher. Os desvios de ouro estão organizados até ao mais infimo pormenor, mas eu conheço todo o processo.

Chéchi contemplou o rosto do edificador da grande pirâmide. Os traços eram serenos e severos, de uma beleza extraordinária. O ourives tinha-lhe transmitido uma expressão de eterna juventude.

— Mete-me medo — confessou Chéchi.

— É apenas uma máscara funerária.

— Os olhos... Têm vida!

— Não te deixes arrastar pela fantasia. Este juiz já nos fez perder uma fortuna ao subtrair o bloco de ferro celeste que queríamos vender aos hititas e o escaravelho de ouro que eu tinha reservado para o meu próprio túmulo. Conservar a máscara e o colar é muito arriscado, além disso, precisamos deles para pagar ao devorador de sombras. Vá, despacha-te.

Chéchi obedeceu, como sempre. A máscara sublime e o colar desapareceram no forno. Em breve o ouro fundido escorreria por uma calha e encheria os moldes.

— O côvado em ouro? — perguntou o químico.

O semblante de Denes iluminou-se.

— Poderia ser... a terceira barra! Poderíamos assim prescindir dos serviços do general Asher.

Chéchi parecia hesitar.

— Mais vale vermo-nos livres disto — afirmou o transportador. — Ficaremos apenas com o essencial: o testamento dos deuses. Onde o guardamos, Paser não tem a mínima chance de o encontrar.

Denes soltou uma gargalhada sinistra ao ver o côvado de Quéops desaparecer na fornalha.

— Amanhã, meu bom Chéchi, serás uma das pessoas mais importantes do reino. Esta noite, a primeira parte do pagamento será entregue ao devorador de sombras.

O polícia do deserto media mais de dois metros. Na cinta da sua tanga, dois punhais de cabo muito gasto. Nunca usava sandálias, já estava tão habituado a andar sobre o areão que nem um espinho de acácia conseguia perfurar a calosidade que lhe protegia a sola dos pés.

— Nome?

— Suti.

— De onde vens?

— De Tebas.

— Profissão?

— Aguadeiro, apanhador de linho, criador de porcos, pescador. — Um cão de olhar ausente farejou Suti. Não devia pesar menos de setenta quilos. Tinha o pêlo raso e as costas crivadas de cicatrizes. Parecia prestes a atirar-se a ele.

— Porque queres ser mineiro?

— Gosto da aventura.

— Também gostas de sentir sede, das canículas, das víboras, dos escorpiões negros, das caminhadas forçadas, do trabalho árduo nas galerias estreitas onde quase não passa o ar?

— Cada profissão tem os seus contras.

— Enveredaste pela profissão errada, rapaz.

Suti sorriu da forma mais sonsa possível. O polícia deixou-o entrar.

Na fila que se formava à porta do gabinete das contratações, Suti salientava-se pelo seu aspecto. O seu ar de conquistador e a sua musculatura impressionante contrastavam com o aspecto franzino da maior parte dos candidatos, visivelmente inaptos.

Dois mineiros, já idosos, fizeram-lhe as mesmas perguntas que o polícia, às quais deu exatamente as mesmas respostas. Sentiu que estava a ser examinado como se fosse um criminoso.

— Está a organizar-se uma expedição. Estás disponível?

— Estou. Qual o destino?

— Na nossa corporação obedece-se e não se fazem perguntas. Metade dos novatos ficam pelo caminho e tentam voltar ao vale. Não nos preocupamos com os frouxos. Partimos esta noite, duas horas antes do amanhecer. Aqui tens o teu equipamento.

Suti recebeu um bordão, uma esteira e uma manta enrolada. Com uma corda fina, amarraria a manta e a esteira à volta do bordão, indispensável no deserto. Ao martelar o solo, espantaria as serpentes.

— Água?

— Receberás a tua ração. Não te esqueças do essencial.

Suti colocou ao pescoço a bolsa de couro onde o pesquisador, se tivesse sorte, iria guardar o ouro, a coralina, o lápis-lazúli ou outras pedras preciosas. O conteúdo da bolsa pertencia-lhe, além do salário estipulado.

— Não leva grande coisa.

— Muitas bolsas ficam vazias, rapaz.

— São todos uns desajeitados.

Tens a língua muito comprida, o deserto ensinar-te-á a ficares calado.

Mais de duzentos homens se juntaram na saída oriental da cidade, no início da pista do deserto. A maioria rezava ao deus Min, formulando três desejos: regressarem sãos e salvos, não morrerem de sede e trazerem as bolsas de couro cheias de pedras preciosas. Ao pescoço, todos levavam amuletos. Os mais letrados tinham consultado um astrólogo, outros tinham renunciado à viagem devido a um decano desfavorável. Aos incrédulos e aos desconfiados, os anciãos transmitiam o lema da corporação: “Partimos sem Deus para o deserto, mas regressamos com ele para o vale.”

Efraim, o chefe da expedição, era um colosso barbudo com uns braços infundáveis. Com o corpo coberto de pêlos pretos e fartos, mais parecia um urso da Ásia. Assim que o avistaram, muitos candidatos desistiram, dizia-se que Efraim era brutal e cruel. Passou revista às suas tropas, detendo-se diante de cada um dos voluntários.

— És tu o Suti?

— Parece que sim.

— Parece que és ambicioso.

— Não me alistei para recolher calhaus.

— Enquanto esperas, vais carregar o meu saco.

Efraim deu-lhe um saco pesado que Suti colocou no ombro esquerdo. Efraim afirmou em tom de chacota:

— Aproveita. Não tarda muito, toda essa tua pose acabará.

O grupo partiu antes do amanhecer e caminhou até meio da manhã, atravessando uma paisagem desnudada e árida. Os camponeses, pouco habituados ao terreno, ficaram logo com os pés a sangrar. Efraim evitava a areia quente e seguia por caminhos salpicados de lascas de rocha, tão cortantes como metal. As primeiras montanhas surpreenderam Suti, pareciam formar uma barreira intransponível, impedindo aos humanos o acesso a um país secreto onde se formavam os blocos de pedra pura reservada à morada dos deuses. Aí, concentrava-se uma energia tremenda, era na montanha que nascia a rocha repleta de minérios preciosos que apenas desvendava as suas riquezas aos amantes pacientes e obstinados. Fascinado, Suti pousou o seu fardo.

Um pontapé nos rins fê-lo rebolar na areia.

— Não te dei autorização para descansares — disse Efraim, com ar trocista.

Suti levantou-se.

— Limpa o saco. E, durante a refeição, não o pouses no chão. Como me desobedeceste, não terás água.

Suti perguntou-se se não teria sido denunciado, mas também outros voluntários foram vítimas de bravatas semelhantes. Efraim gostava de pôr à prova o seu pessoal. Um núbio, que fez menção de responder, foi prontamente espancado e abandonado na beira da estrada.

Ao fim da tarde, o grupo chegou a uma pedreira de grés. Os pedreiros partiam os blocos que marcavam com um sinal próprio, identificando cada equipe. Eram cuidadosamente cavadas pequenas valas ao longo de cada veio, à volta do bloco desejado, o contramestre introduzia então com um maço calços de madeira nas fendas alinhadas pelo cordel, para separar o bloco da pedra-mãe sem o rachar.

Efraim cumprimentou-o.

— Levo para as minas um bando de preguiçosos. Se precisares de ajuda, não hesites em pedir.

— Não é que eu não queira, mas eles não caminharam já o dia todo?

— Se querem comer, que façam alguma coisa de útil.

— Não é bem assim.

— Aqui quem manda sou eu.

Era necessário fazer descer uma dezena de blocos do alto da pedreira e, com a ajuda de cerca de trinta homens seria mais rápido.

Efraim escolheu-os um a um, entre os quais Suti, a quem pediu de volta a sua bagagem.

— Bebe e toca a trepar por aí acima.

O contramestre tinha arranjado uma corrediça, mas estava quebrada a meio da rampa. Era por isso necessário prender os blocos com cordas, antes de os deixar seguir o seu caminho. Um cabo grosso, seguro por cinco homens de cada lado, estava esticado na horizontal, para impedir uma descida demasiado abrupta. Quando a corrediça tivesse sido reparada, esta manobra seria desnecessária. Mas o contramestre estava atrasado e a proposta de Efraim era providencial. O acidente ocorreu quando o sexto bloco desceu com demasiada força até ao cabo.

Os homens, cansados, não conseguiram travá-lo. O bloco bateu com tal força no cabo que os trabalhadores foram projetados para os lados, exceto um homem de cinquenta anos que deslizou de cabeça pela corrediça abaixo. Em vão, o homem tentou agarrar-se ao braço de Suti, que foi violentamente puxado para trás por dois colegas.

Os berros do infeliz depressa foram abafados. O bloco esmagou-o, desviando-se da sua trajetória e partindo-se em bocados, com um estrondo semelhante ao de um trovão. O contramestre chorou.

— Apesar de tudo, conseguimos fazer metade do trabalho — disse Efraim.

Altaneiro, sobre um rochedo escarpado, com os dois longos cornos arqueados apontados para o céu e a queixada guarnecida de curta barbicha, o bode contemplava os mineiros que caminhavam debaixo de um sol escaldante. Na linguagem hieroglífica, este animal era o símbolo da nobreza serena, adquirida ao fim de uma existência vivida segundo a lei divina.

— Ali ao fundo! — gritou um dos trabalhadores. — Vamos matá-lo!

— Cala-te, imbecil — retorquiu Efraim. — É o protetor da mina. Se lhe fizermos mal morreremos todos.

O grande macho trepou a encosta abrupta e, com um salto prodigioso, desapareceu do outro lado da montanha.

Os cinco dias de caminhada forçada tinham deixado o grupo exausto, apenas Efraim parecia tão cheio de vigor como quando partira. Suti permanecia inabalável, o esplendor cruel da paisagem dava-lhe novas forças. Nem a brutalidade do chefe da expedição, nem a dureza da viagem eram obstáculos à sua determinação.

O colosso barbudo ordenou aos seus homens que se reunissem e saltou para cima de um bloco de pedra. Assim, esmagava aqueles zés-ninguém.

— O deserto é incomensurável — declarou com voz retumbante — e vocês são mais insignificantes do que formigas. Queixam-se constantemente de sede, como se fossem velhas impotentes. Não são dignos de ser mineiros e cavar as entranhas da terra. Porém, trouxe-vos até aqui. Mas os metais bem valem mais do que vocês. Quando retalharem a montanha, fá-la-ão sofrer e ela tentará vingar-se, engolindo-vos. Tanto pior para os incapazes! Montem o acampamento, o trabalho começa amanhã de madrugada.

Os trabalhadores montaram as tendas, começando pela do chefe da expedição, que, de tão pesada que era, levou à exaustão cinco dos homens. Foi desenrolada com precaução, elevada sob o olhar atento de Efraim, e pontificava no meio do acampamento. Preparou-se a refeição, unedeceu-se o solo para fazer assentar a poeira, e todos se saciaram com a água que os odres tinham conservado fresca. O precioso líquido não faltaria, graças ao poço escavado perto da mina.

Suti dormitava, quando um pontapé lhe dilacerou o flanco.

— Levanta-te ordenou Efraim.

O jovem conteve a raiva e obedeceu.

— Todos os que aqui estão têm algo a esconder. E tu?

— Isso é cá comigo.

— Fala.

— Deixa-me em paz.

— Detesto gente misteriosa.

— Cansei-me do trabalho rotineiro.

— Onde?

— Na minha aldeia, perto de Tebas. Queriam levar-me para Mênfis, para limpar os canais.

Preferi fugir e tentar a minha sorte como mineiro.

— Não gosto nada da tua cara. Tenho certeza de que estás a mentir.

— Quero ficar rico. E ninguém, nem mesmo tu, me irá impedir.

— Irritas-me, rapaz. Vou dar cabo de ti. Vamos bater-nos só com os punhos.

Efraim escolheu um árbitro. A sua função consistiria em desqualificar o adversário que ofendesse o outro com palavras, todos os outros golpes eram permitidos.

Sem aviso prévio, o barbudo atirou-se impetuosamente sobre Suti, agarrou-o pelo tronco, levantou-o do chão, fê-lo girar por cima da cabeça e arremessou-o a alguns metros de distância.

Esfoldado e com um ombro machucado, o jovem ergueu-se. Efraim, de mãos nos quadris, observava-o com desdém. Os mineiros riam.

— Ataca, se tens coragem.

Vendo-se desafiado, Efraim não hesitou. Desta vez, os seus longos braços não conseguiram agarrar nada. Suti, que se esquivara no último momento, ganhou novo alento. Demasiado seguro da sua força, Efraim só conhecia um caminho.

Mesmo que eles não existissem, Suti agradecia aos deuses o terem-lhe dado uma infância belicosa ao longo da qual aprendera a bater-se. Uma boa dezena de vezes, ele evitou os ataques desordenados do adversário, o seu crescente mau-humor cansava-o e fazia-o perder a lucidez. O jovem não se podia dar ao luxo de errar, na situação em que se encontrava, seria prontamente esmagado. Confiando na sua rapidez, desequilibrou o adversário, passando-lhe uma rasteira, esquivou-se por debaixo do corpo em queda do colosso e utilizou a sua própria energia para lhe aplicar um golpe no pescoço, imobilizando-o.

Efraim caiu pesadamente no chão. Suti sentou-se sobre a sua nuca e ameaçou-o de parti-la, o vencido batia com o punho na areia, admitindo a derrota.

— Pronto, rapaz!

— Tu mereces morrer.

— Se me matares, a polícia do deserto não te poupará.

— Quero lá saber. Não serás tu o primeiro que mando para o inferno.

Efraim ficou apavorado.

— Que queres tu de mim?

— Jura que não irás martirizar mais os homens do nosso grupo.

Os mineiros já não riam, e aproximaram-se cautelosamente.

— Rápido, ou torço-te o pescoço.

— Juro pelo deus Min!

— E por Hathor, senhora do Ocidente. Vá, repete o juramento!

Suti soltou o prisioneiro. Um juramento, e perante tantas testemunhas, não podia ser quebrado. Se traísse a sua palavra, Efraim veria o seu nome destruído por toda a eternidade e seria condenado à humilhação.

Os mineiros soltaram gritos de alegria e carregaram Suti aos ombros entre exclamações triunfantes. Quando o júbilo diminuiu, ele falou-lhes com firmeza.

— O chefe, aqui, é Efraim. Só ele conhece as pistas, os locais exatos onde se encontram a água e as minas. Sem ele, não voltaríamos de novo para o vale. Devemos obedecer-lhe, que ele tenha a palavra, e tudo correrá bem.

Atônito, o barbudo pousou a mão sobre o ombro de Suti.

— És forte, rapaz, mas também inteligente. — Efraim chamou-o de parte. — Julguei-te mal.

— Quero ficar rico.

— Podemos tornar-nos amigos.

— Na condição de que isso me seja útil.

— Poderá vir a sê-lo, meu rapaz.

As mulheres que traziam as oferendas, envergando um vestido branco com uma alça que lhes passava entre os seios descobertos, e um avental revestido com uma rede de pérolas dispostas em losango, entraram vagarosamente no palácio da princesa Hattusa. Com uma peruca em forma de puxo, estavam tão frescas e belas que Denes sentiu o sangue alvoroçar-se. Sempre que viajava, Denes traía a senhora Nénofar com perfeita e obrigatória discrição, um escândalo tê-lo-ia desacreditado. Por outro lado, não tinha uma amante preferida, satisfazendo-se com breves encontros sem futuro. De vez em quando, fazia amor com a sua mulher, mas a bem conhecida friquidez de Nénofar justificava as suas aventuras extraconjugais.

O intendente do harém veio ao seu encontro no jardim.

Denes ainda pensou pedir que lhe mandasse uma garota, mas desistiu, um harém era um centro econômico onde primava o sentido do trabalho, e não da boêmia.

Na sua qualidade de transportador, Denes tinha pedido uma audiência oficial à esposa hitita de Ramsés. Ela recebeu-o numa sala com quatro colunas e paredes pintadas de amarelo-claro. O chão era um mosaico de ladrilhos verdes e vermelhos.

Hattusa estava sentada num cadeirão de madeira de ébano, com braços almofadados e pés dourados. De olhos negros, pele muito clara, mãos longas e delgadas, tinha o encanto estrangeiro dos asiáticos, Denes mostrou-se reservado.

— Não esperava a tua visita — disse ela, com azedume.

— Sou transportador e tu diriges um harém. Quem iria estranhar o nosso encontro?

— Pensas então que pode ser perigoso.

— A situação mudou muito, Paser tornou-se deão do pórtico e, em virtude do seu novo cargo, está apto a obstruir as minhas atividades.

— Em que é que isso me diz respeito? Será que mudaste de opinião?

— Ramsés escarneceu de mim, humilhou o meu povo! Exijo vingança.

Satisfeito, Denes cofiou os pêlos brancos da barbicha.

— Tê-la-ás, princesa. Os nossos propósitos são idênticos. Este rei é um déspota e um incapaz, está acorrentado a tradições há muito ultrapassadas e não tem visão do futuro. O tempo é nosso aliado, mas alguns dos meus amigos começam a ficar impacientes, por essa razão, decidimos aumentar a impopularidade de Ramsés.

— E será isso o suficiente para desestabilizá-lo?

Denes, nervoso, não tencionava falar demasiado. A hitita era sua aliada de momento, mas seria afastada o mais depressa possível, logo após a queda do soberano.

— Tenhamos confiança, a nossa estratégia é infalível.

— Não estejas assim tão confiante, Denes, Ramsés é um guerreiro hábil e corajoso.

— Ele está atado de pés e mãos. Não tem saída possível.

Uma vaga excitação animou o olhar de Hattusa.

— Não achas que eu deveria saber mais detalhes?

— Seria inútil e imprudente.

Hattusa amuou, a cólera reprimida tornava-a ainda mais atraente.

— Qual é o plano?

— Desorganizar o tráfico de mercadorias. Em Mênfis, serei bem sucedido e sem dificuldade. Mas em Tebas, vou precisar da tua ajuda. O povo vai ficar revoltado e o faraó será considerado responsável. E o enfraquecimento da economia do país fará vacilar o trono.

— Quantas consciências mais será preciso comprar?

— Poucas, mas caras. Os principais escribas que controlam o encaminhamento das mercadorias deverão cometer erros consecutivos. As informações administrativas serão longas e complicadas, a discórdia se instalará durante muitas semanas.

— Os meus homens de confiança vão agir.

Denes acreditava muito pouco na eficácia deste plano, seria um novo golpe contra o rei, mas de consequências muito limitadas. Tinha, porém, a vantagem de acalmar a desconfiança de Hattusa.

— Tenho outra confidência a fazer-te — murmurou.

— Sou toda ouvidos.

Denes aproximou-se e falou em voz baixa.

— Daqui a alguns meses, irei dispor de uma importante quantidade de ferro celeste.

O olhar da hitita refletiu o seu interesse. Utilizado para fins mágicos, o metal raro seria uma nova arma contra Ramsés.

— Qual é o teu preço?

— Três barras de ouro na altura da encomenda e outras três na altura da entrega.

— Quando deixares o harém, levá-las-ás na tua bagagem.

Denes inclinou-se respeitosamente. Esta transação não era do conhecimento dos seus aliados, e a princesa nunca iria receber o ferro celeste. Vender o que ele já não possuía e obter uma recompensa desta envergadura fazia Denes rejubilar. Fazer esperar a princesa seria fácil. Se ela se mostrasse demasiado impaciente, ele atiraria a culpa em Chéchi. O servilismo do químico de bigodinho preto já lhe havia sido útil em muitas outras ocasiões.

Uma serva trouxe azeitonas, rabanetes e alface. Silkis preparou, ela mesma, o tempero da salada.

— Obrigado por terem aceitado o nosso convite — disse Bel-Tran a Néféret e a Paser. — Tê-

los aos dois à nossa mesa é uma honra.

— Mas nada de cerimônias — sublinhou o juiz.

O cozinheiro dispôs costeletas de borrego grelhadas, aboborinhas e ervilhas numa bandeja de cobre assente sobre três pés. A frescura dos alimentos era um deleite para o paladar dos convivas. Silkis ostentava uns brincos magníficos, em forma de discos ornamentados com rosetas e espirais.

— Tive um sonho incrível — confessou ela. — Por várias vezes seguidas, vi-me a beber cerveja quente. Fiquei tão angustiada que consultei o intérprete dos sonhos, e o seu diagnóstico apavorou-me! Este sonho significa que os meus bens vão ser roubados.

— Não fiques aflita — recomendou Néféret. — Os intérpretes dos sonhos enganam-se muitas vezes.

— Que os deuses te ouçam!

— A minha mulher está muito ansiosa — comentou Bel-Tran. — Não poderias dar-lhe algum remédio?

No fim da refeição, enquanto Néféret prescrevia tisanas calmantes a Silkis, Bel-Tran e o juiz foram passear para o jardim.

— Tenho pouco tempo para apreciar a natureza — lamentou-se o financeiro. — O meu trabalho é cada vez mais esgotante. Quando chego em casa, à noite, os meus filhos já estão deitados. Não poder vê-los crescer, nem brincar com eles, são sacrifícios muito penosos para mim. A gestão dos celeiros, a minha exploração de papiros, o serviço do Tesouro... Os dias são muito curtos! Não sentes o mesmo?

— Sim, com muita frequência. Ser deão do pórtico não é uma benesse.

— Estás a pensar levar por diante a tua investigação sobre o general Asher?

— Pouco a pouco.

— Gostaria de te relatar um acontecimento insólito que me inquieta profundamente. Como sabes, a princesa Hattusa tem um temperamento belicoso e não perdoa Ramsés por tê-la afastado do seu país.

— Uma hostilidade quase declarada.

— E onde poderá levá-la tal hostilidade? Opor-se abertamente ao rei, tentar conspirar contra ele seriam situações suicidas. No entanto, acabou de receber uma visita estranha: a do transportador Denes.

— Tens a certeza do que a firmas?

— Um dos meus colaboradores, em visita ao harém, julgou reconhecê-lo. Surpreso, assegurou-se de que não tinha se enganado.

— Parece-te assim tão estranha a visita de Denes?

— Hattusa possui o seu próprio contingente de navios de mercadorias. E o harém é uma instituição do Estado, onde um transportador privado não teria qualquer função a desempenhar. Se se trata de uma visita de amizade, que significado poderá ter?

— Uma aliança entre a princesa hitita, segunda esposa do rei, e um dos membros da conspiração... — A revelação de Bel-Tran revestia-se de certa importância. Não seria Hattusa o cérebro e Denes, um dos executores? A conclusão parecia demasiado prematura. Ninguém

conhecia o conteúdo da conversa cuja existência deixava, no entanto, entrever uma conjunção de interesses hostis ao bem-estar do reino.

— Essa conclusão é suspeita, Paser.

— Como calcular o seu alcance?

— Ignoro-o. Não desconfias de que estará em preparação uma tentativa de invasão pelo Norte? Ramsés derrotou sem dúvida os Hititas, mas irão eles renunciar para sempre às suas pretensões expansionistas?

— Nesse caso, o general Asher é altamente suspeito.

Quanto mais os contornos do inimigo se precisavam, tanto mais difícil se anunciava o combate e incerto o futuro.

Nesse mesmo dia, ao fim da tarde, um mensageiro do palácio entregou a Néféret uma carta autenticada com o selo de Tuya, a mãe de Ramsés, o Grande. A grande dama desejava consultar a médica o mais depressa possível. Embora vivesse em clausura, Tuya continuava a ser uma das personalidades mais influentes no palácio. Ativa, detestando a mediocridade e a mesquinhez, aconselhava sem nunca dar ordens e velava com zelo pela glória do país. Ramsés tinha por ela grande afeto e admiração, desde o desaparecimento da mulher amada, Nefertari, fizera de sua mãe a sua maior confidente. Diziam até alguns que não tomava nenhuma decisão sem primeiro a consultar.

Tuya reinava numa grande casa real e dispunha de um palácio em cada cidade importante. O de Mênfis era composto por vinte divisões e um amplo salão com quatro colunas onde recebia os seus hóspedes de maior prestígio.

Um camareiro conduziu Néféret ao leito da rainha-mãe.

Com sessenta anos, Tuya era uma mulher franzina, de olhos encovados, nariz fino e retilíneo, faces marcadas por sinais e um queixo pequeno e quase quadrado. Ostentava a peruca ritual correspondente à sua função, imitando a pele de um abutre cujas penas lhe emolduravam a face.

— A tua reputação chegou até mim. O vizir Bagey, sempre pouco disposto a elogios, fala muito dos teus milagres.

— Eu poderia enumerar uma longa lista de fracassos, Majestade. Um médico que se vangloria dos seus sucessos devia mudar de profissão.

— Estou doente e preciso dos teus talentos. Os assistentes de Nébamon são uns ignorantes.

— De que te queixas?

— Dos olhos. Além disso, tenho dores violentas que me trespassam o ventre, ouço mal, e sinto a nuca um pouco rígida.

Sem se mostrar preocupada, Néféret diagnosticou secreções anormais do útero, e receitou-lhe fumigações de terebintina misturada com óleo da melhor qualidade.

O exame aos olhos deixou-a mais apreensiva. Tratava-se de uma conjuntivite granulosa, um tracoma com complicações nas pálpebras, e risco de glaucoma.

A rainha-mãe percebeu a preocupação da médica.

— Sê franca.

— Trata-se de uma doença que conheço e vou curar. Mas o tratamento será longo e exige

muita vigilância.

Ao levantar, a rainha-mãe devia lavar os olhos com uma solução à base de cânhamo, muito eficaz contra o glaucoma. O mesmo produto, sob a forma de um unguento misturado com mel e aplicado localmente, iria atenuar as dores do útero. Um outro remédio, em que o principal agente era um sílex negro, faria desaparecer a infecção do canto do olho, assim como os humores malignos. Para suprimir o tracoma, a doente aplicaria nas pálpebras uma pomada composta por ládano, galena, bílis de tartaruga, ocre e terra da Núbia. Por fim, devia aplicar um colírio nos olhos com a ajuda de uma pena de abutre. Devia ainda misturar aloés, crisócolo, farinha de colocintida, folhas de acácia, raspas de ébano e água fria, reduzindo tudo a uma pasta que seria posta a secar e depois diluída em água. O produto assim obtido deveria passar uma noite ao relento, para adquirir um tom rosado, e só então ser filtrado. Além de introduzi-lo diretamente nos olhos, a rainha-mãe devia utilizá-lo também em compressas, que seriam aplicadas sobre os olhos quatro vezes por dia.

— Vê como estou velha e fraca — constatou ela. — Cuidar de mim no estado em que estou, não me agrada nada.

— Estás doente, Majestade. Dá tempo ao tempo e com este tratamento ficarás curada.

— Receio ter de te obedecer, se bem que isso me custe. Aceita esta lembrança.

Tuya ofereceu à médica um admirável colar com sete voltas de contas de coralina e ouro da Núbia, o fecho eram duas flores de lótus. Néféret hesitou.

— Espera, ao menos, pelos resultados do tratamento.

— Já me sinto melhor.

A rainha-mãe fez questão de ser ela mesma a colocar o colar no pescoço de Néféret, dando a seguir o seu parecer.

— És muito bela Néféret.

A jovem corou.

— E, ainda por cima, és feliz. Os meus familiares afirmam que o teu marido é um juiz excepcional.

— Servir Maât é a coisa mais importante da sua vida.

— O Egito tem necessidade de pessoas como tu e ele.

Tuya chamou o copeiro, que trouxe cerveja doce e frutos variados. As duas mulheres sentaram-se então em cadeirinhas baixas guarnecidas de confortáveis almofadas.

— Acompanhei a carreira e o processo do juiz Paser. Primeiro divertida, depois intrigada e, por fim, revoltada! A sua deportação foi um ato iníquo e inadmissível. Por sorte, alcançou uma primeira vitória, a posição de deão do pórtico permite-lhe prosseguir a luta com muito mais meios ao seu dispor. Ter nomeado Kem chefe da polícia foi uma excelente iniciativa, e o vizir Bagey fez bem em aprová-la.

Estas frases não foram pronunciadas ao acaso. Quando Néféret as transmitisse a Paser, ele iria transbordar de alegria, pela voz de Tuya, eram aqueles que mais próximo estavam do faraó que aprovavam a sua ação.

— Desde a morte do meu marido e da subida do meu filho ao trono que velo pela felicidade do nosso país. Ramsés é um grande rei, afastou do país o espectro da guerra, enriqueceu os templos, alimentou o povo. O Egito continua a ser a terra amada pelos deuses. Mas agora estou

preocupada, Néféret, aceitas ser minha confidente?

— Se me julgas digna de o ser, Majestade.

— Ramsés anda cada vez mais preocupado, por vezes ausente, como se tivesse envelhecido de repente. O seu carácter mudou, irá ele renunciar a bater-se, a enfrentar as constantes dificuldades, a rir-se dos obstáculos?

— Estará doente?

— À exceção da sua fraqueza dentária, continua a ser o mais vigoroso e o mais infatigável dos homens. Pela primeira vez, deixou de se abrir comigo. Já não estou a par das suas intenções ocultas. Este fato não me chocaria, se, como sempre fez, ele me tivesse anunciado a sua decisão diretamente. Mas ele evita-me, e ignoro qual a verdadeira razão. Fala disto ao juiz Paser. Tenho medo pelo Egito, Néféret. Tantos assassinatos, nestes últimos meses, tantos enigmas por resolver, e o rei a afastar-se de mim cada vez mais, levado por este seu novo gosto pela solidão... Que Paser prossiga com as suas investigações.

— Parece-te que o faraó se possa sentir ameaçado? É amado e respeitado por todos.

— No entanto, o povo diz à boca pequena que a sorte o está a abandonar.

— A partir do momento em que um reinado se prolonga, isso é inevitável. Mas Ramsés conhece a solução: celebrar uma festa de regeneração, reforçar o seu pacto com as divindades e restabelecer a alegria na alma dos seus súbditos. Esses rumores preocupam-me pouco, mas porque terá o rei promulgado os decretos que reafirmam a sua autoridade, se ninguém a contesta?

— Suspeitas talvez de um mal dissimulado, susceptível de lhe enfraquecer o espírito?

— Se fosse esse o caso, a corte rapidamente perceberia. Não, as suas faculdades continuam intactas, no entanto, já não é o mesmo.

A cerveja era doce, como convinha, e a compota de frutos suculenta. Néféret percebeu que não devia fazer mais perguntas. Deixava a Paser a apreciação destas confidências excepcionais e como saber utilizá-las.

— Apreciei bastante a tua dignidade na ocasião da morte de Nébamon — prosseguiu Tuya.

— O homem não valia nada, mas tinha sabido impor-se. Tratou-te com extrema injustiça, mas eu decidi reparar essa afronta. Ele e eu éramos os responsáveis pelo hospital central de Mênfis. Agora, ele morreu e eu não sou médica. Amanhã será publicado o decreto que te entrega a direção do hospital.

Dois servos deitaram jarros de água morna sobre Paser, que se esfregou com um sabonete de natrão.

Depois do banho, escovou os dentes com um junco perfumado e bochechou com uma mistura de alúmen e aneto. Para se barbear, utilizou a sua navalha preferida, em forma de cinzel de marceneiro, untou o pescoço com óleo de hortelã selvagem para afugentar as moscas, os mosquitos e as pulgas, e friccionou o resto do corpo com uma substância gordurosa à base de natrão e mel. Se necessário, utilizaria a meio do dia um desodorizante de alfarrobeira e incenso.

Terminadas as abluções matinais, o irremediável aconteceu.

Espirrou duas, cinco, dez vezes. Era uma constipação, acompanhada de tosse persistente e um zumbido nos ouvidos. A culpa era toda sua: excesso de trabalho, descuido, poucas horas de sono. Estava, seguramente, a precisar de nova medicação.

Mas como fazer para consultar Néféret, uma vez que ela se levantava às seis horas e saía pouco depois para o hospital central, que agora dirigia. Já não a via há uma semana. Desejosa de ser bem sucedida, ela não tinha mãos a medir nas suas novas funções de responsável pelo maior centro de cuidados de saúde do Egito. O decreto de Tuya, a rainha-mãe, imediatamente aprovado pelo vizir, tinha merecido a aprovação da equipe de médicos, cirurgiões e farmacêuticos que trabalhavam no hospital.

O administrador provisório, que bloqueava a entrega dos medicamentos à jovem médica, fora rebaixado para o posto de enfermeiro e ocupava-se agora dos entrevados.

Néféret deixou bem claro aos escribas encarregados da gestão que a sua vocação era tratar, e não dirigir um corpo de funcionários, pediu também que respeitassem as ordens emanadas do escritório do vizir, que ela não tinha qualquer intenção de discutir. Este tipo de atuação atraiu muitos adeptos à causa da nova diretora, que trabalhava em estreita colaboração com os diferentes especialistas. Ao hospital passaram a acorrer pessoas em estado grave, que os médicos da cidade e das aldeias tinham sido incapazes de curar, e algumas dessas pessoas mostravam grande satisfação e desejo de beneficiarem de uma cura preventiva, de forma a evitar o aparecimento ou agravamento de certos males. Néféret passava a maior parte do tempo no laboratório, cabendo-lhe a tarefa de preparar os fármacos e manipular as substâncias tóxicas.

Uma vez que a sinusite se estava a agravar, e vendo-se entregue a si próprio, Paser decidiu ir ao único lugar onde lhe dariam alguma atenção: o hospital central de Mênfis.

Atravessar os jardins que precediam o edifício foi um prazer. Nada fazia sentir a presença tão próxima do sofrimento. Uma enfermeira afável acolheu o visitante.

— Que posso fazer por ti?

— Trata-se de uma urgência. Quero consultar Néféret, a diretora do hospital.

— Hoje, é impossível.

— Mesmo para o marido?

— És tu o deão do pórtico?

— Creio bem que sim.

— Segue-me, por favor.

A enfermeira conduziu-o através de uma verdadeira instalação balnear, que compreendia diversos quartos equipados com três cubas de pedra: a primeira para imersão total, a segunda para banhos de semicúpio e a terceira para os joelhos e pés. Outros locais eram reservados às curas de sono. Pequenos compartimentos bem arejados albergavam os doentes que os médicos vigiavam permanentemente.

Néféret procedia a uma experiência magistral, e marcava o tempo de coagulação de uma determinada substância, consultando uma clépsidra. Dois farmacêuticos experientes davam-lhe assistência. Paser esperou pelo fim da experiência para se manifestar.

— Poderá um paciente beneficiar dos teus cuidados?

— É assim tão urgente?

— Urgentíssimo.

Conservando o ar sério a muito custo, Néféret conduziu-o a um consultório. O juiz espirrou mais de uma dúzia de vezes, de forma atoadora.

— Hum... Não estás a fingir. Dificuldades respiratórias?

— Um zumbido no peito, desde que deixaste de te ocupar de mim.

— E os ouvidos?

— O esquerdo, completamente tapado.

— Tens febre?

— Um pouco.

— Deita-te no banco de pedra. Tenho de ouvir o bater do teu coração.

— Já conheces a sua voz.

— Estamos num local de respeito, juiz Paser. Peço-te que leves as coisas mais a sério.

Durante a auscultação, o deão do pórtico manteve-se muito quieto.

— Tinhas razão para te queixares. É indispensável um novo tratamento.

No laboratório, Néféret serviu-se de uma vara de vedor para seleccionar o fármaco apropriado. Colocou-se por cima de uma planta robusta, de largas folhas verde-pálido de cinco lobos e bagas muito vermelhas.

— Briónia — disse ela. — Um veneno temível. Usando-o diluído, eliminará a congestão que te aflige e desobstruirá os brônquios.

— Tens certeza?

— Assumo inteira responsabilidade.

— Põe-me bom depressa. Os escribas devem estar a amaldiçoar o meu atraso.

Uma agitação pouco habitual reinava no escritório do juiz. Os funcionários, pessoas geralmente moderadas, habituadas a falar em voz baixa e comedidos nos gestos, interrogavam-se hesitantes, sem saberem como agir. Uns advogavam a espera, na ausência do patrão, outros a firmeza de ação, com a condição de não serem eles a exercê-la, outros ainda chegavam mesmo a exigir a intervenção da polícia. Espalhados pelo chão, viam-se tabuinhas partidas e papiros

rasgados. A chegada de Paser impôs silêncio.

— Foram assaltados?

— Por assim dizer — respondeu um ancião, aterrado. — Não conseguimos sustentar essa louca. Ela está agora no teu gabinete.

Intrigado, Paser atravessou a grande sala onde trabalhavam os escribas e entrou no seu escritório. Ajoelhada sobre uma esteira, Pantera vasculhava entre os arquivos.

— O que procuras?

— Quero saber onde escondeste Suti.

— Levanta-te e sai daqui.

— Não antes de saber a verdade!

— Não exercerei qualquer violência sobre ti, mas olha que mando chamar o Kem.

A ameaça surtiu efeito. A líbia de cabelos loiros obedeceu.

— Vamos discutir este assunto lá fora.

Ela saiu à frente dele, sob o olhar intrigado dos escribas.

— Voltem ao trabalho — ordenou Paser.

Paser e Pantera encaminharam-se apressados para uma viela esconsa. Era dia de mercado e os comerciantes assediavam os camponeses que vinham à cidade vender os seus frutos e legumes, numa roda viva de negociações. O juiz e a líbia escaparam à onda humana e refugiaram-se na viela deserta e silenciosa.

— Quero saber onde está escondido Suti — insistiu ela, lavada em lágrimas. — Desde a sua partida que só penso nele. Esqueço até de me perfumar e de me pintar, perco a noção do tempo, dou comigo a vaguear pelas ruas.

— Ele não está escondido, mas tem em mãos uma missão delicada e perigosa.

— Com outra mulher?

— Não. Sozinho e sem ajuda.

— No entanto, ele casou!

— Essa união pareceu-lhe necessária, no quadro da sua investigação.

— Mas eu amo-o, juiz Paser, amo-o perdidamente. Será que me compreendes?

Paser sorriu.

— Mais do que supões.

— Onde está ele?

— Em missão secreta, Pantera. Se eu falar, ponho-o em perigo.

— Juro-te que não! Os meus lábios ficarão selados.

Emocionado, persuadido da sinceridade desta amante tão ardentemente apaixonada, o juiz não resistiu.

— Ele inseriu-se num grupo de mineiros que partiu de Coptos.

Pantera, doida de alegria, deu-lhe um beijo na face direita.

— Jamais esquecerei a tua ajuda. Se for obrigada a matá-lo, serás o primeiro a saber.

Os rumores espalharam-se por todas as províncias de norte a sul. Em Pi-Ramsés, a grande residência real do Delta, em Mênfis e em Tebas, depressa chegaram às diversas administrações, semeando a incerteza no espírito dos responsáveis encarregados de aplicar as diretivas do vizir.

Depois de ter resolvido um problema imobiliário respeitante a dois primos que tinham comprado o mesmo terreno a um vendedor desonesto que foi condenado a reembolsá-los do dobro dos valores recebidos, o deão do pórtico leu o relatório do general Asher sobre o estado do exército egípcio, fonte das mais perturbantes inquietações.

O oficial graduado considerava instável a situação na Ásia, devido ao empobrecimento constante do número de egípcios encarregados da vigilância dos pequenos territórios, prontos a confederar-se em torno do cajado de Adafi, o líbio inatingível. A qualidade do armamento era insuficiente. Depois da vitória sobre os Hititas, instalara-se o descuido. Quanto ao estado dos quartéis do interior do país, também não era mais satisfatório: cavalos mal tratados, carros danificados e votados ao abandono, indisciplina generalizada, oficiais mal organizados. Em caso de tentativa de invasão, seria o Egito capaz de resistir?

O impacto deste texto seria profundo e duradouro. Que intuítos moviam Asher? Se o futuro estivesse do seu lado, o general iria aparecer como um profeta lúcido e ascenderia a uma posição fortíssima, a de um possível Salvador. Se Ramsés lhe desse crédito, Asher iria impor as suas exigências e reforçaria a sua influência.

Paser pensou em Suti. Àquela hora, por que inóspitos caminhos andaria ele à procura de uma prova impossível contra este assassino que queria ditar ao país a sua estratégia militar?

O juiz convocou Kem.

— Podes levar a cabo uma investigação rápida no quartel-general de Mênfis?

— Para investigar o quê?

— A moral das tropas, o estado do material, a saúde dos homens e dos cavalos.

— Não tem qualquer problema, mas só com um mandato.

O juiz apresentou um motivo plausível: procurar um carro de assalto que tinha atropelado várias pessoas e conservava marcas do choque.

— Não percas tempo.

Paser precipitou-se para junto de Bel-Tran, às voltas com o inventário das colheitas. Os dois homens subiram à açoteia do edifício dos serviços administrativos, fora do alcance dos ouvidos indiscretos..

— Leste o relatório de Asher?

— Uma exposição assustadora.

— Suponhamos que esteja correta.

— Terás, por acaso, uma opinião diferente?

— Suspeito que tenha agravado a situação para daí tirar proveito.

— Tens provas?

— Comecemos por reuni-las o mais depressa possível.

— Asher será inculcado.

— Isso ainda não é certo. Se Ramsés aceitar o seu ponto de vista, o general terá completa liberdade de ação. E quem ousará atacar o salvador da pátria.

Bel-Tran concordou com o chefe.

— Querias ajudar-me? Pois o momento chegou.

— O que queres que eu faça?

— Que tires informações sobre os nossos contingentes no estrangeiro e sobre os investimentos em material de guerra durante os últimos anos.

— Isso não vai ser fácil, mas vou tentar.

De volta ao gabinete, Paser escreveu uma longa carta a Kani, o sumo-sacerdote de Carnaque, ao qual pedia informações sobre a qualidade das tropas na região tebana e o valor do seu equipamento. A carta foi redigida em código, a partir do termo “planta medicinal”, especialidade de Kani, e confiada a um mensageiro digno de confiança.

— Nada a assinalar — declarou Kem.

— Sê mais preciso — exigiu Paser.

— O quartel está calmo, as instalações estão em bom estado e o material também. Examinei cinquenta carros que os oficiais conservavam com tanto cuidado quanto os seus cavalos.

— Que pensam eles do relatório de Asher?

— Acreditam nele, e estão convencidos de que se refere aos outros quartéis. Por descargo de consciência, fui inspecionar o que se encontra mais a sul.

— E os resultados?

— Idênticos: nada a assinalar. E também aí julgam que a crítica é válida, mas... para os outros.

Paser e Bel-Tran encontraram-se no átrio do templo de Ptah, cheio de gente inativa, cavaqueando, indiferente às entradas e saídas dos sacerdotes.

— Sobre o primeiro ponto, tudo o que obtive foram indicações contraditórias, uma vez que o general omite qualquer informação sobre o exército da Ásia. Oficialmente, os nossos contingentes diminuíram, precisamente quando a agitação começa a aumentar, mas um escriba do recrutamento garantiu-me que a lista de efetivos se mantinha inalterável. Por momentos, a verdade foi fácil de estabelecer, uma vez que o orçamento do exército é depositado no Tesouro. Os investimentos são estáveis já há muitos anos, e não se assinalou nenhuma falta de material.

— Então, Asher mentiu.

— O seu relatório é sutil. Apresenta os fatos de forma alarmista, mas sem afirmações categóricas. Há muitos oficiais superiores que o apoiam, muitos cortesãos temem as investidas hititas e, entretanto, Asher transforma-se num herói... E não será até salutar o sobressalto que ele provoca?

Bravo dormia enroscado no colo do dono, sentado perto do lago coberto de flores de lótus. Uma brisa arrefecia docemente o pêlo do cão e o cabelo do juiz. Néféret consultava um papiro

médico que Diabrete teimava em enrolar, apesar das advertências da jovem. O derradeiro clarão do dia banhava de tons alaranjados o jardim, melharucos, pintarroxos e andorinhas entoavam as suas melodias vespertinas.

O estado do nosso exército é excelente. O relatório de Asher é um chorrilho de invenções, cujo propósito é apenas instalar o pânico entre as autoridades civis e enfraquecer o moral das tropas, a fim de as ter mais facilmente nas mãos.

— Porque será que Ramsés não o condena? — perguntou Néféret.

— Porque confia nele, devido às façanhas cometidas no passado.

— O que fazer, então?

— Apresentar as conclusões do meu inquérito ao vizir Bagey, que as transmitirá ao faraó. Serão corroboradas por Kem e Karri, que acabam de me dar o seu consentimento. Tanto em Tebas como em Mênfis, o nosso potencial militar está intacto. O vizir vai estender as averiguações a todo o país e vai fazer frente a Asher.

— Será este o fim do general?

— Não cantemos vitória. Ele vai protestar, clamar a sua boa-fé e o seu amor pelo país, e acusará os subordinados de lhe terem transmitido falsas informações. Mas o seu ímpeto será quebrado, e conto tirar daí grandes vantagens.

— De que maneira?

— Defrontando-o.

O general Asher vigiava a movimentação de carros no deserto.

Cada carro levava dois homens a bordo, o oficial desfechava o arco sobre um alvo em movimento, enquanto o ajudante manejava as rédeas, lançando o veículo a grande velocidade.

Quem se mostrasse inábil era excluído do corpo de elite. Dois soldados de infantaria suplicaram ao deão do pórtico que esperasse algum tempo e não se aventurasse na zona de manobras. Uma flecha perdida podia atingir um imprudente.

Asher, coberto de pó, deu finalmente voz de descansar. Sem pressa, dirigiu-se ao juiz.

— O teu lugar não é aqui.

— Nenhuma parcela do território me está vedada.

O rosto de fuinha crispou-se. Pequeno, entroncado e de pernas curtas, Asher, irritado, coçou a cicatriz que lhe riscava o peito, do ombro até ao umbigo.

— Vou lavar-me e mudar de roupa. Vem comigo.

Asher e Paser entraram no bloco sanitário reservado aos oficiais superiores. Enquanto um soldado dava banho ao general, o juiz atacou.

— Contesto o teu relatório.

— A que título?

— Informações inexatas.

— Não sendo soldado, as tuas apreciações estão desprovidas de valor.

— Não se trata de apreciações, mas de fatos.

— Refuto-os.

— Sem os conheceres?

— São fáceis de adivinhar! Foste visitar dois ou três quartéis, mostraram-te meia dúzia de carros reluzentes, novinhos em folha, e alguns soldados encantados com a vida que levam. És ingênuo e incompetente, levaram-te à certa!

— Dirias o mesmo do chefe da polícia e do sumo-sacerdote de Carnaque?

A pergunta embaraçou o general. Mandou sair o soldado e ele mesmo se secou.

— Não passam de homens muito novos, tão inexperientes como tu.

— Esse argumento é muito fraco.

— Que mais queres tu, juiz Paser?

— Sempre o mesmo tesouro: a verdade. O teu relatório é falso. Foi essa a razão que me levou a enviar ao vizir as minhas observações e objeções.

— Pois tu ousaste...?

— Não se trata de ousadia, mas sim do cumprimento de um dever.

Asher ficou como louco.

— Essa tua atitude é uma estupidez! Vais arrepender-te amargamente.

— O vizir Bagey a julgará.

— O perito sou eu!

— O nosso potencial bélico não se degrada, e tu sabe-o bem.

O general vestiu uma tanga curta. Os seus gestos descontrolados traíam o seu nervosismo.

— Escuta, Paser: pouco importam os pormenores, o que conta é o espírito do texto.

— Esclarece-me mais detalhadamente.

— Um bom general deve prever o futuro, a fim de assegurar a defesa do país.

— Mas será que ela justifica, declarações alarmistas e sem fundamento?

— Tu não podes entender.

— Será que existe alguma ligação entre o relatório e as atividades de Chéchi?

— Deixa o Chéchi em paz.

— Gostaria de interrogá-lo.

— Impossível, está incomunicável.

— Por tua ordem?

— Sim, por minha ordem.

— Lamento, mas tenho de insistir.

A voz de Asher tornou-se melíflua.

— Se tentei chamar a atenção do rei, do vizir e do Supremo Tribunal ao insistir nas nossas fraquezas militares, foi com a intenção de eliminá-las e de obter um acordo definitivo sobre o fabrico de uma nova arma que nos tornará invencíveis.

— A tua ingenuidade surpreende-me, general.

Os olhos de Asher semicerraram-se como os de um gato.

— Que estás a insinuar?

— A tua famosa arma é sem dúvida uma espada indestrutível fabricada com ferro celeste.

— Espada, lança, punhal... Chéchi trabalha sem descanso. Vou exigir que lhe seja restituído o bloco guardado no templo de Ptah.

— Então, lhe pertencia.

— O essencial é que o utilize.

— Algumas crenças conseguem iludir até os espíritos mais desconfiados.

— Que queres dizer com isso?

— Que o ferro celeste não é inquebrável.

— Estás a delirar!

— Chéchi ou está a mentir, ou a iludir a si próprio. Os especialistas de Carnaque confirmarão as minhas afirmações. O uso desse metal raro nos rituais fez-te sonhar, sem razão. Se o teu desejo era possuíres um instrumento de poder com o acordo forçado da autoridade suprema, caíste num logro.

No seu rosto afilado de fuinha estampava-se uma incomensurável perplexidade. Será que Asher não tinha consciência de ter sido enganado pelo seu próprio cúmplice?

Mal o juiz deixou as instalações sanitárias, o general pegou numa bilha de barro cheia de água morna e atirou-a violentamente contra a parede.

Suti desapertou a correia e estendeu a esteira numa rocha plana. Exausto, deitou-se de costas e contemplou as estrelas. O deserto, as montanhas, a rocha, a mina, as galerias demasiado aquecidas, onde era preciso rastejar, ficando-se todo esfolado... A maior parte dos homens não paravam de se queixar e já lamentavam ter-se metido numa aventura mais esgotante que lucrativa. Mas Suti sentia-se plenamente satisfeito. Por momentos, a beleza avassaladora da paisagem fazia-o até esquecer o general Asher. Ele, que amava os prazeres da cidade, não tinha a mais pequena dificuldade em se adaptar a estas regiões hostis, como se sempre aí tivesse vivido.

Na areia, à sua esquerda, ouviu um silvo característico. Uma serpente de chifres passava perto da esteira deixando um rasto ondulado atrás de si. Na primeira noite, tinha seguido atentamente os movimentos do réptil, mas ao pavor sucedia-se o hábito. Por instinto, sabia que não seria mordido, os escorpiões e as serpentes não o assustavam. Como hóspede no seu território, respeitava os seus costumes e temia-os menos do que os carrapatos das areias, ávidos de sangue, que concentravam seus ataques em determinados mineiros. A sua mordedura era dolorosa, e a carne inchava e infectava. Por sorte, Suti não atraía este tipo de piolho contra o qual Efraim lutava, aspergindo-se com uma loção à base de maravilha-bastarda.

Apesar da viagem fatigante, o jovem não conseguia adormecer. Levantou-se e caminhou lentamente em direção a um curso de água banhado pelo luar. Só um louco se aventuraria sozinho no deserto, e à noite, divindades temíveis e animais fantásticos circulavam livremente a essa hora e devoravam os imprudentes, cujos cadáveres não mais eram encontrados. Se quisessem livrar-se dele, o momento e o local eram perfeitos.

Um ruído alertou Suti. No fundo do desfiladeiro, onde a água das chuvas borbulhava por altura das trovoadas, um antílope com hastes em forma de lira esgravatava a terra com obstinação, em busca de uma nascente. Ao seu encontro, veio um outro antílope de longas hastes pouco retorcidas e pelagem branca, os dois quadrúpedes eram a encarnação do deus Seth, de quem possuíam o inesgotável dinamismo. Não se tinham enganado, não tardou que as suas línguas lambessem o precioso líquido que brotava por entre duas rochas circulares. A seguir, vieram uma lebre e uma avestruz. Fascinado, Suti sentou-se. A nobreza dos animais e a sua felicidade eram um espectáculo secreto que guardaria para si como uma recordação eterna.

Efraim colocou-lhe a mão no ombro:

— Gostas muito do deserto, rapaz. Olha que é um vício. Se continuas a alimentá-lo, vais acabar por ver o monstro com corpo de leão e cabeça de falcão, que nenhum caçador trespassará com as suas flechas não apanhará com o seu laço. Para ti, será tarde demais. O monstro vai apanhar-te nas suas garras e arrastar-te para as trevas.

— Por que razão não gostas dos Egípcios?

— Sou de origem hitita. Nunca hei-de aceitar a vitória do Egito. Aqui, neste território, quem manda sou eu.

— Há quanto tempo diriges as equipas de mineiros?

— Há cinco anos.

— E não enriqueceste?

— És muito curioso.

- Se tu não conseguiste, isso quer dizer que eu também vou ter problemas.
- Quem te disse que eu não consegui?
- Bom, sendo assim, fico mais tranquilo.
- Mas não deites foguetes antes do tempo.
- Se estás rico, para quê tanto suor e cansaço?
- Detesto o vale, os campos e o rio. Estivesse eu afogado em ouro, e ias ver se eu deixava as minhas minas...
- Afogado em ouro... Essa expressão agrada-me. Até agora, só nos fizeste explorar minas esgotadas.
- És muito observador, rapaz. Mas diz-me lá se pode existir melhor treino? Quando o trabalho sério começar, os mais robustos estarão prontos a escavar as entranhas da montanha.
- Quanto mais cedo, melhor.
- Estás assim com tanta pressa?
- Esperar... para quê?
- Muitos foram os insensatos que seguiram o trilho do ouro, e quase todos falharam.
- Os filões não foram assinalados?
- Os mapas pertencem aos templos, e de lá não saem. Quem tentar roubar ouro é imediatamente preso pela polícia do deserto.
- E é impossível escapar-lhe?
- Os seus cães estão em toda a parte.
- Então, tu tens os mapas na cabeça.
- O barbudo sentou-se ao lado de Suti.
- Quem te disse isso?
- Ninguém, fica tranquilo. Mas sei que não és homem de guardar documentos por aí.
- Efraim apanhou uma pedra, fechou a mão e esmigalhou-a.
- Se tentares abusar da minha boa-fé, destruir-te-ei.
- Quantas vezes será preciso dizer-te que o meu único objetivo é a riqueza? Quero ter uma grande quinta, cavalos, carros, servos, um pinhal, um...
- Um pinhal? Mas não há disso aqui no Egito!
- E quem falou no Egito? Eu não quero ficar neste maldito país. É na Ásia que pretendo instalar-me, num principado onde o exército do faraó não entre.
- Começas a interessar-me, rapaz. És um criminoso, não és?
- Suti ficou calado.
- A polícia anda à tua procura e esperas escapar-lhe escondendo-te entre os mineiros. Mas eles são piores que cães de fila e farão tudo para te apanhar.
- Desta vez, não me vão apanhar vivo.
- Estiveste preso?

— Nunca mais voltarei a estar preso.

— Qual o juiz que te persegue?

— Paser, o deão do pórtico.

Efraim deu um assobio expressivo.

— És caça graúda! Com a morte desse juiz, muitos como tu hão-de festejar num famoso banquete.

— Ele é obstinado.

— Talvez o destino lhe seja adverso.

— A minha bolsa está vazia, e eu tenho pressa.

— Agradas-me, rapaz, mas não vou correr riscos. Amanhã, vamos cavar para encontrar coisas boas. Veremos do que és capaz.

Efraim tinha dividido os seus homens em dois grupos.

— O primeiro, o mais numeroso, recolhia o cobre, indispensável ao fabrico dos instrumentos, especialmente cinzéis de canteiro, este metal, depois de martelado e lavado, era fundido no próprio lugar da extração em fornos rudimentares e deitado em moldes. O Sinai e os desertos circundantes forneciam importantes quantidades de cobre que, no entanto, era preciso importar da Síria e da Ásia Ocidental, tal era a procura por parte dos construtores. O exército também o consumia, juntando-o ao estanho a fim de obter espadas resistentes.

O segundo grupo, onde se encontrava Suti, era apenas composto por uns dez homens resolutos, e cada um deles sabia que as maiores dificuldades iam começar agora. Diante deles, deparou-se-lhes a entrada de uma galeria, qual boca do inferno escancarada para as profundezas, ocultando, quem sabe, um tesouro. Pendurada ao pescoço dos mineiros, estava a bolsa de couro que, caso tivessem sorte, ficaria a transbordar. Como vestimenta, usavam apenas uma tanga de couro, e tinham o corpo coberto de areia.

— Quem entraria primeiro?

Esse era o lugar melhor e também o mais perigoso. Suti foi empurrado, mas voltou-se para trás e começou a bater nos outros, a algazarra foi geral. Efraim interrompeu-os, levantando pelos cabelos um pequeno lutador que gritava de dor.

— Tu, — ordenou — passa para a frente.

A fila organizou-se. A passagem era estreita e os mineiros tiveram de se curvar, procurando apoios. Os olhares fixavam-se nas paredes em busca de um metal precioso de que Efraim não tinha determinado a natureza. O que seguia à frente, em passo rápido, levantava poeira, o segundo, asfixiado, empurrou-o pelas costas. Surpreendido, o homem perdeu o equilíbrio e rolou pelo declive até uma plataforma onde os exploradores já podiam andar em pé.

— Desapareceu — constatou um dos seus camaradas.

— Tanto melhor — retorquiu outro.

Após terem recobrado o fôlego, numa atmosfera sufocante, prosseguiram em direção às entranhas da mina.

— Olhem! Ali há ouro!

O descobridor foi imediatamente atacado por dois gananciosos que o deitaram ao chão.

— Que parvalhão! Era apenas uma rocha brilhante.

Suti sentia a ameaça crescer a cada passo. Os que vinham atrás só pensavam em livrar-se dele. Com um instinto de fera, baixou-se no preciso momento em que o atacavam tentando esmagar-lhe a cabeça com um enorme calhau. O primeiro agressor caiu de pernas para o ar, e Suti partiu-lhe as costelas com pontapés.

— Dou cabo do próximo — anunciou. — Ficaram malucos, ou quê? Se continuamos assim, ninguém volta à superfície. Ou nos matamos já uns aos outros, ou então partilhamos a colheita.

Os homens válidos escolheram a segunda solução e todos rastejaram até à nova passagem. Dois deles sentiram-se mal e desistiram. O archote, feito de pano embebido em óleo de sésamo, foi confiado a Suti, que não hesitou mais e tomou a dianteira.

Quando tinham descido ainda mais, e a escuridão já era total, eis que surge um clarão.

O jovem, sentindo crescer a água na boca, acelerou o passo e tocou enfim no tesouro. Mas logo gritou enraivecido.

— Cobre, é apenas cobre!

Suti estava capaz de dar uma sova a Efraim até ele cair morto. Ao sair da galeria, ficou abismado com o silêncio desusado que reinava no lugar. Os mineiros estavam reunidos em duas filas, sob a vigilância de uns dez polícias do deserto acompanhados dos seus molossos. O chefe era nada mais nada menos que o gigante que tinha interrogado Suti antes do seu alistamento.

— Eis os que faltavam — anunciou Efraim.

Suti e os seus camaradas, incluindo os feridos, foram obrigados a voltar para a fila, os cães nosavam, prontos a atacar. Os polícias tinham na mão um chicote com nove loros de couro que lhes permitia desferir golpes violentos e decisivos.

— Andamos à procura de um desertor — revelou o gigante. — Fugiu aos trabalhos forçados e foi apresentada queixa contra ele. Estou convencido de que se esconde entre vós. A regra do jogo é simples. Se ele se entregar ou se o denunciarem, o assunto fica logo resolvido, se ficarem calados, vamos proceder a interrogatórios usando este chicote. Ninguém será poupado e recomeçaremos quantas vezes forem necessárias.

Os olhares de Suti e de Efraim cruzaram-se. O hitita não podia opor-se à polícia, ao passo que, traindo Suti, consolidaria a sua reputação junto das forças da ordem.

— Então, um pouco de coragem exortou o barbudo. O fugitivo arriscou e perdeu. Os mineiros não são um bando de canalhas.

Mas ninguém saiu das fileiras.

Efraim aproximou-se dos trabalhadores. Suti não tinha a mínima chance de fugir. Até os próprios mineiros se voltariam contra ele.

Os cães ladravam e puxavam pelas trelas.

Calmos, os polícias esperavam a sua presa.

Efraim agarrou mais uma vez pelos cabelos o robusto lutador e lançou-o aos pés do chefe do destacamento.

— O desertor está à tua mercê.

Suti sentiu pesar sobre ele o olhar do gigante. Por um instante, pensou que ele poria em causa

a denúncia de Efraim. Mas o suspeito, sob ameaça dos cães, já começara a confessar.

— Continuas a agradar-me, rapaz.

— Tu enganaste-me, Efraim.

— Pus-te à prova. Aquele que sai desta mina abandonada vai saber sair de apuros não importa em que situação.

— Deverias ter me prevenido.

— A experiência não teria sido decisiva. Agora, conheço as tuas capacidades.

— Não tarda, os polícias vão voltar para me buscar.

— Eu sei. Por isso mesmo, não nos vamos demorar aqui. Logo que tiver arranjado a quantidade de cobre exigida pelo mestre de obras de Coptos, darei ordem a três quartos do grupo para levarem o metal para o vale.

— E depois?

— Depois, com os homens que escolher, vamos efetuar uma expedição que não foi encomendada pelo templo.

— Se não voltares a chefiar os teus mineiros, a polícia vai intervir.

— Se for bem sucedido, quando chegarem, já será demasiado tarde. Esta será a minha última expedição.

— Não seremos demais?

— Na pista do ouro é preciso carregadores durante uma parte da viagem. Além disso, meu rapaz, costumo regressar sozinho.

O vizir Bagey recebeu Paser antes de ir para casa almoçar. Mandou embora a secretária e molhou os pés inchados numa cuba de pedra cheia de água morna salgada. Ainda que a terapêutica de Néféret o protegesse de uma nova doença, o vizir não renunciava à comida demasiado gordurosa que a mulher preparava, e lhe continuava a agredir o fígado.

Paser já estava habituado à frieza de Bagey. Alquebrado, feio, de rosto comprido e severo, e olhar desconfiado, não procurava atrair simpatias.

Nas paredes do seu escritório, tinha os mapas das províncias, alguns dos quais ele mesmo tinha desenhado quando era um exímio geômetra.

— Nunca descansas, juiz Paser. Geralmente, um deão do pórtico contenta-se em exercer as suas múltiplas funções sem investigar no local respectivo.

— A gravidade do caso assim o exigia.

— Deverei acrescentar que o pelouro militar não está sob a tua alçada?

— O processo não ilibou o general Asher de todas as suspeitas, e estou encarregado de lhe dar seguimento. Só me interessa a sua pessoa.

— Porque te interessaste tanto pelo seu relatório sobre o estado das nossas tropas?

— Porque ele é um mentiroso, como o provam os testemunhos irrefutáveis do chefe da polícia e do sumo-sacerdote de Carnaque. Logo que eu abra um novo inquérito, esse texto irá engrossar o processo. O general não pára de deturpar a verdade.

— Abrir um novo inquérito... É mesmo essa a tua verdadeira intenção?

— Asher é um assassino. Suti não mentiu.

— O teu amigo está com problemas. — Paser temia esta crítica. Bagey não subiu o tom de voz, mas parecia irritado. — Asher apresentou queixa contra ele. O motivo é sério: deserção.

— Queixa inaceitável — objetou o juiz — Suti foi contratado pela polícia, antes de receber o documento. Os registros de Kem são formais. Assim, o antigo soldado Suti pertence a um corpo do Estado, sem qualquer interrupção de carreira e sem nenhuma deserção.

Bagey tomou algumas notas numa tabuinha.

— Suponho que o teu processo seja incontestável?

— Sem dúvida que é.

— Que pensas tu do relatório de Asher?

— Que semeia a confusão para fazer aparecer o general como um salvador.

— E se ele está a dizer a verdade?

— As minhas primeiras investigações demonstram o contrário. Por certo, são limitadas, tu, pelo contrário, tens meios para reduzir a zero os argumentos do general.

O vizir refletiu.

De repente, Paser foi assaltado por uma dúvida atroz. Estaria Bagey ligado ao general? A imagem do vizir intransigente, honesto e incorruptível, não seria somente um disfarce? Nesse caso, a carreira do deão do pórtico não tardaria a chegar ao fim sob um pretexto administrativo qualquer.

Pelo menos, Paser não teria de esperar muito tempo. De acordo com a resposta de Bagey, saberia com o que podia contar.

— Excelente trabalho estimulou o vizir. Cada dia que passa, justificas a tua nomeação e surpreendes-me. Cometi um erro ao privilegiar a idade para a designação de alguns altos magistrados, fico satisfeito por saber que és uma exceção. A tua análise do relatório de Asher é muito preocupante, o apoio do chefe da polícia e do sumo-sacerdote de Carnaque, mesmo se recentemente nomeados, dão-te muita força. Além disso, dissipaste as minhas dúvidas. Assim, contesto a validade do texto e ordeno que se faça um inventário completo do armamento de que dispomos.

Paser esperou pelo momento em que estivesse nos braços de Néféret para chorar de alegria.

O general Asher sentou-se no timão de um carro. O quartel estava adormecido, as sentinelas dormitavam. O que poderia reinar um país tão poderoso como o Egito, unido à volta do seu soberano, e solidamente edificado sobre valores ancestrais que nem os ventos mais fortes conseguiam abalar?

Asher tinha mentido, traído, assassinado, para se tornar num homem poderoso e respeitado. Queria estabelecer uma aliança com os Hititas e os países asiáticos, fundar um império com que o próprio Ramsés não teria ousado sonhar. E essa sua ilusão quebrava-se agora, devido a uma iniciativa desafortunada. Há meses que era manipulado. Chéchi, o químico de poucas falas, servira-se dele.

Asher, o grande! Dentro em breve, não passaria de um fantoche sem poder, incapaz de

resistir aos assaltos sucessivos do juiz Paser. Nem sequer pudera ter o prazer de enviar Suti para um campo correcional, depois do amigo do deão do pórtico se ter introduzido na polícia. Queixa rejeitada e relatório recusado pelo vizir! O reexame terminaria numa repreensão. Asher seria condenado por atentado à moral das tropas. Quando Bagey se empenhava num assunto, tornava-se tão feroz e obstinado como um molosso abocanhando um osso.

Por que razão Chéchi o tinha encorajado a redigir aquele texto? Com o fito de se transformar num salvador da pátria, de adquirir estatura de homem de Estado, de aliciar o povo, Asher tinha perdido o sentido da realidade. À força de enganar os outros, acabou por enganar a si mesmo. Tal como o pequeno químico, também ele acreditava na extinção do reino de Ramsés, na mistura das raças, na subversão das tradições herdadas da idade das pirâmides. Esquecera-se, porém, da existência de homens arcaicos e enamorados da verdade, como o vizir Bagey e o juiz Paser, servidores da deusa Maât.

Asher tinha sofrido a desonra de ser considerado um soldado sem envergadura e sem futuro, desprovido de ambição. Mas os instrutores tinham-se enganado a seu respeito. Classificado numa categoria da qual não mais sairia, o general já não suportava o exército. Ou o controlava, ou o aniquilava. A descoberta da Ásia, dos seus príncipes habituados a artimanhas e mentiras e dos seus clãs em constante movimento, tinham-no levado a conspirar e a estabelecer ligações com Adafi, o chefe da rebelião.

Mero juguete nas mãos de um trapaceiro, a sua glória vindoura tocava as raias do ridículo. Mas os seus falsos amigos ignoravam que um animal ferido faz uso de recursos inimagináveis. Ridicularizado aos seus próprios olhos, Asher reabilitar-se-ia, arrastando na queda os seus aliados.

Porque seria que o mal se apoderara dele? Poderia ter-se contentado em servir o faraó, amar o seu país e cumprir o seu dever. Mas o gosto da intriga insinuara-se nele como uma doença, reforçado pelo desejo de açambarcar tudo aquilo que pertencia aos outros.

Asher não suportava aqueles que se destacavam, como Suti ou Paser. Rebaixavam-no e impediam-no de se expandir. Uns construíam, outros destruíam, se ele pertencia a esta última categoria, não seriam os deuses os responsáveis? E nada podia modificar-lhes a vontade.

Tal como se nasce, assim se morre.

De olhos semicerrados, as minúsculas orelhas inquietas e narinas à superfície da água, o hipopótamo abriu a boca, e grunhiu quando um outro macho o empurrou. Caçadores de crocodilos, os dois monstros eram os chefes dos principais clãs que partilhavam o Nilo a sul de Mênfis. Rasgando o rio com a sua massa informe, adoravam nadar em águas profundas, onde perdiam o ar pesadão e se tornavam quase graciosos. Pesando mais de duas toneladas, não suportavam ser incomodados durante a sesta, sob pena de abrirem a boca a cento e cinquenta graus e trespassarem o intruso com os seus longos caninos de sessenta centímetros. Coléricos, abriam a bocarra para assustar o adversário. Geralmente, subiam o talude durante a noite e alimentavam-se de erva fresca, precisavam de um dia inteiro para fazer a digestão e apreciavam um bom banho de sol na praia, longe dos povoados, a sua pele sensível obrigava-os a mergulhar muitas vezes.

Os dois machos, cobertos de cicatrizes, desafiavam-se arreganhando os dentes. Depois, abandonando veleidades de combate, nadaram lado a lado em direção à margem. Desvairados, destruíram os campos, devastaram pomares, partiram árvores e semearam o pânico entre os camponeses. Uma criança que não se desviou rapidamente, foi espezinhada.

Por duas ou três vezes, os hipopótamos repetiram a façanha, enquanto as fêmeas protegiam as crias contra os ataques dos crocodilos. Vários chefes das aldeias apelaram para a polícia. Quem apareceu no local e organizou a caçada. Os dois machos foram abatidos, mas outras calamidades assolaram os campos: bandos de pardais, pragas de ratos e arganazes, a morte prematura de bovinos e uma infestação de vermes nas reservas de cereais, sem contar com uma multiplicação de escribas agrícolas, enviados para verificarem as declarações de renda. Para afastar a má sorte, muitos agricultores traziam pendurado ao pescoço um colar de fragmentos de coralina, pedra que tinha o poder de acalmar a agressividade das forças nocivas. Não obstante, os rumores avolumaram-se rapidamente. O hipopótamo vermelho tornava-se destruidor porque a magia protetora do faraó enfraquecia. Temia-se uma cheia medíocre, prova de que o poder do soberano sobre a natureza estava esgotado, e de que ele devia restabelecer a sua aliança com os deuses celebrando uma festa de regeneração.

O processo mandado instaurar pelo vizir Bagey seguiu o seu curso. No entanto, Paser sentia-se inquieto, sem notícias de Suti, tinha redigido uma mensagem em código, anunciando-lhe que a situação do general Asher se degradava e era inútil correr riscos desnecessários. Dentro de alguns dias, a missão de Suti ficaria muito provavelmente privada de objetivo.

Um outro acontecimento era portador de nuvens negras, de acordo com um relatório enviado por Kem, Pantera tinha desaparecido. Partira durante a noite, sem dizer aos vizinhos para onde ia, e nenhum informante tinha conseguido localizá-la em Mênfis. Decepcionada, ferida, teria talvez voltado para a Líbia.

A festa de Imotep, modelo dos sábios e patrono dos escribas, deu ao juiz um dia de descanso que ele aproveitou para curar a tosse e a constipação, bebendo infusões de briónia diluída. Sentado num banco de abrir e fechar, admirou um grande arranjo de flores feito por Néféret, entreligando entre si fibras de folhas de palmeira, folhas de pérsea e grande quantidade de pétalas de lótus. O manejo da corda, cuidadosamente escondida, exigia uma certa habilidade. A pequena obra de arte era manifestamente do agrado de Bravo, o cão ergueu-se, colocou as patas da frente sobre a mesa e tentou comer as flores de lótus. Paser teve de o chamar mais de dez vezes antes de acabar por lhe dar um osso mais tentador.

Avizinhava-se uma tempestade. Dentro em breve, nuvens negras oriundas do Norte obscureceriam o Sol. Homens e animais davam sinais de nervosismo, e os insectos tornavam-se agressivos, a serva das limpezas corria atarantada de um lado para o outro, a cozinheira tinha partido um cântaro. Todos esperavam a chegada da chuva, ao mesmo tempo que a temiam, seria torrencial e destruiria as casas mais humildes e, nas zonas mais próximas do deserto, formaria torrentes caudalosas de lama e pedras.

Apesar das suas atribuições no hospital, Néfêret administrava a sua casa e a criadação com um sorriso nos lábios e sem levantar o tom de voz. As servas adoravam-na, mas tinham medo de Paser, cuja aparência severa escondia, no entanto, uma grande timidez. Era certo que o juiz achava o jardineiro preguiçoso, a serva demasiado lenta e a cozinheira muito glutona, no entanto, tanto uns como outros desempenhavam as suas tarefas com agrado, e ele acabava por se calar.

Usando uma pequena escova, Paser limpava o burro, que estava incomodado com o calor abrasador, água fresca e uma ração de forragem alegraram de novo Vento do Norte, deitado a descansar à sombra de um sicômoro. Suado, Paser teve necessidade de tomar um banho. Atravessou o jardim, onde as tâmaras amadureciam, contornou o muro que o separava da rua, passou pelas capoeiras onde os patos grasnavam, e entrou na grande casa, a que começava a habituar-se.

Os ecos de uma conversa indicavam que a sala reservada às abluções estava ocupada. Uma jovem, de pé num pequeno muro, vertia o conteúdo de uma jarra sobre o corpo dourado de Néfêret. A água morna deslizava sobre a pele cuidada e escoava-se por uma canalização que se abria nas lajes de calcário que cobriam o chão.

O juiz mandou sair a serva e tomou o seu lugar.

— Quanta honra! O deão do pórtico em pessoa... Será que ele aceita massagear-me?

— Ele é o vosso servidor mais devoto.

Passaram para a sala de unção.

A figura magra de Néfêret, a sua sensualidade solar, os seios firmes e direitos, as ancas bem modeladas, as mãos e pés delicados fascinavam Paser. Cada dia mais enamorado, hesitava entre admirá-la sem lhe tocar ou arrastá-la num turbilhão de carícias.

Ela estendeu-se num banco de pedra coberto com uma esteira, e Paser, depois de se ter despido, escolheu um frasquinho e alguns boiões com unguentos, o primeiro em vidro colorido, os segundos em alabastro. Depois, espalhou o produto odorante nas costas da companheira e, com mãos suaves, começou a massajá-la a partir dos rins em direção à nuca. Para Néfêret, uma massagem quotidiana era um ato terapêutico da maior importância. Aliviava as tensões, suprimia as contrações, acalmava os nervos, ativava a circulação de energia nos órgãos, todos eles ligados à árvore da vida, onde nascia a espinal medula, e mantinha o equilíbrio mental e a saúde.

De um frasco com a forma de uma nadadora nua empurrando à sua frente um pato, cujo corpo e as asas articuladas serviam de recipiente, Paser retirou um outro unguento perfumado de jasmim e untou com ele o pescoço da mulher.

A fricção que este toque provocou não o deixou indiferente. Aos dedos seguiram-se os lábios, Néfêret voltou-se e acolheu o amante.

A tempestade não vinha.

Paser e Néfêret jantaram no jardim, para grande alegria de Bravo, que corria à volta das pequenas mesas rectangulares onde uma serva colocava copos, pratos e jarras. O juiz tinha

tentado em não educar o seu cão, proibindo-o de pedir insistentemente comida durante a refeição dos donos. Mas Bravo tinha descoberto em Néféret uma aliada, e, além disso, como é que o seu faro podia resistir a iguarias tão suculentas?

— Estou cheio de esperanças, Néféret.

— É tão raro seres otimista.

— Asher não devia ter-nos escapado. Assassino e traidor... Como é possível alguém desacreditar-se assim tanto? Nunca pensei ter de lutar contra o mal absoluto.

— Talvez venhas a encontrar ainda pior.

— Lá estás tu a ser pessimista.

— Gosto da felicidade, mas sinto-a ameaçada.

— Por causa dos progressos do inquérito?

— Vejo-te cada vez mais exposto. Será que o general Asher se vai deixar abater sem reagir?

— Estou convencido de que ele é apenas um comparsa, e não o cabeça da conspiração. Estava enganado quanto à qualidade do ferro celeste, está visto que os cúmplices abusaram dele.

— Será que não está a fingir?

— De maneira nenhuma.

Néféret entrelaçou a mão direita na do marido. Este simples contato bastou para comunicarem. Nem a saguí nem o cão os incomodavam, respeitando a beleza daquele momento em que dois seres se completavam numa unidade que os transcendia.

A cozinheira veio quebrar a harmonia deste paraíso. É sempre a mesma coisa... queixava-se ela. A criada de quarto surrupiou o medalhão de peixe que decorava a travessa!

Néféret levantou-se, vendo-se forçada a intervir. A culpada, que privara o juiz do seu petisco favorito, tinha-se escondido, consciente da falta cometida. A cozinheira em vão a chamou, correndo a casa à procura dela. Nisto, o seu grito assustou o cão, que se enfiou por debaixo da mesa. Paser acorreu a toda a pressa.

Num pranto, a cozinheira estava debruçada sobre a outra serva, estendida sobre o lajedo da sala de visitas, como uma boneca desarticulada. Néféret já estava a examiná-la.

— Está paralisada constatou.

Quando o devorador de sombras viu o juiz Paser sair de casa, enraiveceu-se contra a sua má sorte. Será que não tinha preparado minuciosamente a cilada? Graças a uma serva tagarela, tinha obtido muitas informações sobre os gostos de Paser. Fazendo-se passar por peixeiro, tinha vendido à cozinheira uma magnífica mugem e um pequeno medalhão de um peixe cor-de-rosa e apetitoso.

Para o fabricar, o devorador de sombras tinha utilizado o fígado de um tetrodão, o peixe que se insuflava de ar quando algum predador o ameaçava. Tal como a espinha e a cabeça, o fígado continha um veneno fatal, quando ingerido na proporção de quatro miligramas por quilo.

O devorador de sombras tinha reduzido a dose para um miligrama, de forma a induzir uma paralisia incurável.

E agora, uma glutona estúpida privara-o de um êxito certo. Mas recomeçaria até obter o

triunfo final.

— Vamos tratar dela no hospital — disse Néféret — mas sem esperanças de melhoras.

— Identificaste a substância que provocou a paralisia? — perguntou Paser, perturbado.

— Aposto que foi um veneno.

— Porquê?

— Porque a nossa cozinheira comprou uma muge de um vendedor ambulante que andava a apregoar peixe fresco e preparado. O medalhão devia ser de um outro peixe, alguns são portadores de substâncias tóxicas.

— Um crime premeditado...

— A dosagem foi calculada para incapacitar e não para matar. E tu eras a vítima escolhida. Não se assassina um juiz, certo? Mas pode-se impedi-lo de pensar e de agir.

Tremendo, Néféret refugiou-se nos braços de Paser. Imaginava o impotente, de olhos fixos, boca a espumar, membros inertes. Mesmo assim, amá-lo-ia até à morte.

— Ele vai voltar — afirmou Paser. — A cozinheira deu alguma descrição do homem?

— Muito vaga... Um homem de idade indefinida, de quem ninguém se lembra.

— Não é Denes nem Qadash. Talvez fosse Chéchi, ou um matador contratado. Mas cometeu um erro: revelou-nos a sua existência. Vou mandar Kem seguir-lhe a pista.

O conselho de médicos, cirurgiões e farmacêuticos encarregados da designação do novo médico-chefe do reino, recebeu os primeiros postulantes cuja candidatura tinha sido declarada válida pela justiça. Apresentaram-se um oftalmologista, um médico de clínica geral de Eiefantina, o braço direito do defunto Nébamom e o dentista Qadash.

Este último, tal como os restantes colegas, respondeu a perguntas técnicas, apresentou as descobertas efetuadas ao longo da sua carreira e determinou os seus fracassos e respectivas causas. Por fim, interrogaram-no longamente sobre os seus projetos.

Os votos dividiram-se e nenhum candidato recebeu a maioria requerida. Um forte defensor de Qadash acabou por irritar o conselho, que o alertou para o seu passado recente, ninguém aceitaria as artimanhas que Nébamom tanto encorajava. Perante isto, o zeloso defensor deu-se por vencido.

Um segundo escrutínio traduziu-se por resultados idênticos. Nada a fazer, senão constatar que o reino continuaria sem médico-chefe.

— Asher, aqui?

O intendente de Denes confirmou a presença do general à entrada do palacete.

— Diz-lhe que... não, deixa-o entrar. Mas não para cá. Para a estrebaria.

O transportador levou o seu tempo a pentear-se e a perfumar-se, e ainda cortou dois cabelos brancos muito compridos que perturbavam o alinhamento da sua fina barbicha. Ter de aturar este veterano tacaño aborrecia-o demais, mas podia ainda ser-lhe útil, principalmente como bode expiatório.

O general admirava um soberbo cavalo cinzento.

— Belo animal. Está à venda?

— Aqui, está tudo à venda, general, é a lei da vida. O mundo divide-se em duas categorias: aqueles que podem comprar, e os outros.

— Poupa-me à tua filosofia de meia tigela. Onde está o teu amigo Chéchi?

— Como vou saber?

— É o teu mais fiel aliado.

— Tenho muitos.

— Trabalhava no fabrico de novas armas sob as minhas ordens, e há três dias que não aparece no laboratório.

— Lamento saber, mas as tuas desventuras não me interessam minimamente.

E o homem com cara de fuinha barrou o caminho a Denes.

— Tomaste-me por um imbecil, fácil de manipular, e o teu amigo Chéchi arrastou-me para uma cilada. Porquê?

— A tua imaginação faz-te perder a cabeça.

— Vende-me o Chéchi. O teu preço será o meu.

Denes hesitou. Um destes dias, Chéchi deixá-lo-ia, à força de ser tão servil. Mas, o momento não era propício. Tinha reservado um outro papel ao seu mais fiel seguidor.

— És muito exigente, Asher.

— Recusas?

— Tenho o culto da amizade.

— Fui estúpido, mas ignoras as minhas verdadeiras potencialidades. Fizeste mal em brincar comigo.

Qadash entrou a gesticular. Com os cabelos brancos em desalinho, uma banda enrolada ao corpo, cobrindo-lhe o colete de pele de leopardo, e o nariz cravejado de veias prestes a rebentar, evocava as divindades do céu, da terra e do mundo intermédio, e dava-lhes conta do seu infortúnio.

— Acalma-te — ordenou Denes, aborrecido. — Faz como Chéchi.

O químico de bigodinho preto estava sentado à escriba, no canto mais escuro da sala das refeições, onde, num ambiente sinistro, os três homens tinham almoçado. No palácio, a senhora Nénofar continuava a tecer intrigas contra Bel-Tran, mas os seus fracos progressos tornavam-na cada vez mais irritável.

— Acalmar-me? Como é que explicas a rejeição da minha candidatura ao posto de médico-chefe?

— Um fracasso passageiro.

— No entanto, tínhamos comprado os mesmos médicos que Nébamon.

— Um simples contratempo, conta comigo para lhes lembrar o nosso contrato. Quando for a próxima votação, não haverá más surpresas.

— Vou ser médico-chefe, tu prometeste-mo! Quando tiver o lugar, vamos dispor

inteiramente das drogas e dos venenos. É essencial reinar sobre a saúde pública.

— Há-de vir parar ao nosso bolso, como todos os outros órgãos do poder.

— Porque é que o devorador de sombras não agiu?

— Ele pede mais tempo.

— Tempo, sempre o tempo! Eu sou velho, quero tirar proveito das minhas novas oportunidades.

— A tua impaciência não ajuda nada.

O dentista de cabelos brancos dirigiu-se a Chéchi.

— Vá, diz qualquer coisa! Não achas que devíamos apressar-nos?

— Chéchi é obrigado a esconder-se — explicou Denes. Qadash insurgiu-se.

— Pensava que dominássemos a situação.

— E dominamos, mas a posição do general enfraqueceu. O juiz Paser contestou o seu relatório e o vizir apoiou as suas conclusões.

— Sempre o Paser! Quando será que nos vamos ver livres dele?

— O devorador de sombras trata disso. Para quê precipitarmo-nos, agora que o povo, cada dia, se mostra mais descontente com Ramsés?

Chéchi bebericava uma bebida açucarada.

— Estou cansado — confessou Qadash. — Tu e eu somos ricos. Para quê querer mais?

Os lábios de Denes contraíram-se.

— Não estou a perceber.

— E se renunciássemos?

— Tarde demais.

— Denes tem razão — comentou o químico.

Qadash interpelou Chéchi.

— Já alguma vez sonhastes em ter opinião própria?

— Denes comanda, eu obedeco.

— E se ele te conduzir à ruína?

— Eu creio num país novo, que só nós seremos capazes de construir.

— Essas são palavras de Denes, não tuas.

— Será que não concordas conosco?

Qadash afastou-se amuado.

— Concordo que é irritante ter o poder supremo ao alcance da mão — interveio Denes — e ter de aguardar com paciência. Mas admite que não corremos nenhum risco e que a trama urdida é indestrutível.

— Asher irá perseguir-me durante muito tempo? — inquiriu Chéchi, preocupado.

— Estás fora do seu alcance, e ele está fora de si.

— É teimoso e perverso — objetou Qadash, — pois não veio ele incomodar-te, até mesmo

ameaçar-te? Asher não vai afundar-se sozinho. Vai arrastar-nos na queda.

— É essa certamente a sua intenção — admitiu Chéchi. — Mas ilude-se mais uma vez. Esqueces-te que o general não detém nenhum ponto-chave? Arvorando-se em salvador, condenou a si mesmo.

— Não foste tu que o instigaste?

— Não se estava ele a tornar num estorvo?

— Pelo menos, com ele, o juiz Paser tem com que se entreter! — atalhou Denes, divertido. — Há-de acabar num duelo de morte, tratemos de encorajá-los. Quanto mais ele se evidenciar, mais confuso ficará o juiz.

— E se o general tentar um golpe de força contra ti? Ele desconfia que tu escondes o Chéchi.

— Estás a imaginá-lo a atacar a minha casa à frente de um exército?

Vexado, Qadash amuou.

— Somos como os deuses — assegurou Denes. — Criamos um rio cujo curso nenhuma barragem poderá deter.

Néféret escovava o cão, Paser lia o relatório de um escriba, por sinal cheio de erros. De repente, o seu olhar foi atraído por um espectáculo deveras curioso.

A uns dez metros do lugar onde se encontrava, no rebordo do lago dos lótus, uma pega atirava-se à presa à bicada.

O juiz pousou o papiro, levantou-se e afugentou a pega. Horrorizado, descobriu uma andorinha, com as asas abertas e a cabeça ensanguentada. A pega tinha-lhe furado um olho e golpeado a cabeça. A pobre andorinha, uma das formas que a alma do faraó assumia para subir ao céu, ainda estrebuchava.

— Néféret, vem cá depressa!

A jovem acorreu ao chamado. Tal como Paser, também ela tinha grande veneração pelo belo pássaro, que possuía dois nomes: “grandeza” e “estabilidade”. As suas danças graciosas, no ouro e laranja do poente, enchiam de paz o coração.

Néféret ajoelhou-se e pegou o pássaro ferido.

O pequenino corpo rendeu-se, quente e suave, feliz por encontrar um refúgio.

— Não vamos poder salvá-la — lamentou-se Néféret.

— Não devia ter intervido.

Paser censurava-se pela sua imprudência. Nenhum homem devia interferir no jogo cruel da natureza nem interpor-se entre a vida e a morte.

As garras do pássaro enfiaram-se na carne de Néféret, agarrava-se a ela como a um ramo de árvore. Mas, apesar da dor, Néféret não a abandonou.

Desamparado, Paser tinha cometido um erro contra o espírito. Como podia ele ser digno de julgar, ser infligia sofrimentos inúteis a uma andorinha, ao arrancá-la ao seu destino? Por vaidade e estupidez, submetia à tortura o ser que tentara salvar.

— Não seria melhor matá-la? Se for preciso, eu mesmo...

— Tu não serias capaz...

— Sinto-me responsável pela sua agonia. Quem poderá ainda dar-me a sua confiança?

A princesa Hattusa sonhava com uma outra realidade. Ela, a esposa diplomática de Ramsés, oferecida ao Egito para selar a paz, era apenas uma mulher abandonada.

A riqueza do seu harém não a consolava. Tinha esperado o amor e a intimidade do faraó, e sofria uma solidão mais medonha que a de uma reclusa. Quanto mais a sua existência se diluía nas águas do Nilo, mais odiava o Egito.

Quando voltaria ela a ver a capital do reino hitita, erguida num imponente planalto, sobre uma paisagem inóspita de ravinas, gargantas e colinas abruptas, que se sucediam às áridas estepes? Altas montanhas protegiam a cidadela de uma invasão. Fortaleza edificada com blocos de pedra gigantescos no cimo de um monte, dominava escarpas e desfiladeiros, símbolo da altivez e da selvajaria dos primeiros hititas, tribo de guerreiros e conquistadores. Casando com o relevo, adaptando-se aos picos e às saliências rochosas das cordilheiras, as muralhas da capital, só pela sua presença, repeliam o invasor. Hattusa, quando criança, corria pelas ruelas inclinadas, roubava os copos cheios de mel colocados nos rochedos para apaziguar os demônios, jogava bola com os rapazes que rivalizavam na força e na destreza.

Lá, não precisava contar as horas.

Nenhuma princesa estrangeira vinda para a corte do Egito em troca de uma aliança, e para cumprir um tratado, regressara ao seu país. Só o exército hitita podia libertá-la da sua prisão, simulacro de paraíso. Nem o pai nem a família tinham renunciado a apoderar-se do Delta e do vale do Nilo, aí fundariam uma colônia de escravos e um gigantesco celeiro de trigo. Ela devia minar as fundações, destruir o edifício por dentro, enfraquecer Ramsés e impor-se como regente. No passado, tantas mulheres tinham reinado, e eram também mulheres que inspiraram a guerra de libertação contra os nômades asiáticos instalados no Norte do país. Hattusa não tinha outra alternativa, libertando-se, ofereceria ao seu povo a mais bela das vitórias.

Ao oferecer-lhe o ferro celeste, Denes não tinha consciência de estar a reforçar a sua convicção e os seus poderes.

Entre os Hititas, quem possuísse este metal conquistava o favor dos deuses. E que melhor ajuda para comunicar com as divindades do que este tesouro saído das profundezas do espaço? Logo que estivesse na posse do pedaço de metal, Hattusa mandaria talhar amuletos, colares, pulseiras e anéis. Vestir-se-ia de ferro celeste, apareceria como a filha das pedras de fogo que despedaçavam as nuvens.

Denes era um idiota pretensioso, mas ser-lhe-ia muito útil. Desorganizar o comércio de gêneros alimentícios representava um rude golpe no prestígio de Ramsés, mas uma outra estratégia seria ainda mais eficaz para abrir caminho à conquista.

Hattusa preparava-se para encetar a batalha decisiva. Faltava-lhe apenas convencer um homem, apenas um, para dividir o Egito e abrir uma brecha pela qual os Hititas se precipitariam.

Ao meio-dia, o templo de Carnaque dormitava. Dos três rituais de oferendas que o sumo-sacerdote celebrava em nome do rei, o do meio-dia era o mais curto. Ele limitava-se a venerar a não fechada onde repousava a estátua divina, reanimada por ocasião do longo cerimonial da alvorada, e a assegurar que o invisível fertilizasse o imenso receptáculo de pedra, responsável pela harmonia do mundo.

O jardineiro Kani, agora pontífice do templo de Ámon, e terceira personalidade oficial do país a seguir ao faraó e ao vizir, não tinha perdido as suas maneiras rústicas. Curtido pelo trabalho, de pele enrugada e mãos calejadas, não possuía a subserviência altiva dos escribas, educados nas melhores escolas da capital, e governava os homens como fazia crescer as plantas. Apesar do peso das suas tarefas materiais, não deixava ninguém cuidar do jardim onde cultivava as plantas medicinais.

Para surpresa geral, Kani granjeava o apoio da hierarquia religiosa, tão difícil de seduzir. O antigo jardineiro, indiferente aos privilégios adquiridos, entendia que os domínios do templo deviam ser prósperos e que o serviço divino devia ser prestado em estrito respeito pela Regra. Não tendo descoberto outro método que não fosse o trabalho e o gosto da obra perfeita, continuava a aplicá-lo. A natureza dos seus propósitos, muitas vezes demasiado diretos, chocava os administradores, habituados a uma maior sutileza, mas o novo sumo-sacerdote participava no trabalho e sabia impor-se, e nenhuma oposição grave se manifestava, apesar das previsões mais pessimistas, Carnaque obedecia a Kani, e os cortesãos não se cansavam de elogiar a justeza da escolha de Ramsés, o Grande.

Tudo futilidades, aos olhos de Hattusa.

O rei, supremo tático, tinha evitado dar o lugar a uma personalidade forte que lhe pudesse fazer sombra. Desde o reinado de Akhenaton, as relações entre o faraó e o sumo-sacerdote de Ámon mantinham-se tensas. Carnaque era muito rico, muito poderoso, muito vasto, lá, reinava o deus da vitória. É certo que era o rei quem nomeava o pontífice, mas, uma vez instalado no seu cargo, este tentava alargar as suas prerrogativas. No dia em que ocorresse uma cisão entre o sumo-sacerdote, mestre do Sul, e o rei, circunscrito ao Norte, o Egito estaria condenado.

A nomeação de Kani era a ocasião ideal para o conseguir. Um homem do povo, um camponês, deixar-se-ia ofuscar pelo luxo e pela riqueza: tornado rei de um templo, aspiraria governar as províncias meridionais e, depois, o país inteiro. Ele ainda não o sabia, mas Hattusa estava certa de que assim seria. Competia-lhe a ela revelar a Kani o verdadeiro Kani, fazer desabrochar nele a ambição voraz que o levasse a selar numa aliança contra Ramsés. Nenhum instrumento seria mais eficaz do que o sumo-sacerdote de Ámon.

Hattusa tinha-se vestido com simplicidade, sem colares nem adornos, a austeridade convinha ao imenso salão com colunas onde o sumo-sacerdote tinha acedido a recebê-la. Nada teria podido distinguir Kani dos outros sacerdotes, se não fosse pelo anel de ouro, emblema da sua função. De cabeça rapada, robusto e imponente, faltava-lhe contudo uma certa elegância. A princesa congratulou-se pela sua maneira de vestir, o antigo jardineiro devia detestar luxos.

— Caminhemos um pouco — propôs ele.

— Este local é grandioso.

— Esmaga-nos e eleva-nos ao mesmo tempo.

— Os arquitetos de Ramsés são verdadeiros gênios.

— Exprimem a vontade do faraó, como eu e tu.

— Eu não passo da sua segunda esposa, uma faceta da sua diplomacia.

— Tu encarnas a paz com os Hititas.

— Ser um símbolo não me desvanece.

— Desejas recolher-te no templo? As cantoras de Ámon acolher-te-iam de boa vontade. Depois da morte de Nefertari, a grande esposa real, sentem-se órfãs.

- Tenho outros planos, bem mais ambiciosos.
- Dizem-me respeito?
- O mais possível.
- Surpreendes-me.
- Quando o destino do país está em jogo, poderá o sumo-sacerdote de Carnaque ficar indiferente?
- Esse destino está nas mãos de Ramsés.
- Mesmo se ele te despreza?
- Não é essa a impressão que tenho.
- Porque o conheces mal. A sua duplicidade já enganou mais do que um. A função do sumo-sacerdote de Ámon incomoda-o, e não terá outra solução a curto prazo senão suprimi-la e ocupá-la ele mesmo.
- Não é já isso que se passa? O faraó é o único intermediário entre o sagrado e o seu povo.
- Não me preocupo com teologias, Ramsés é um déspota e os teus poderes incomodam-no.
- Que me propões, então?
- Que Tebas e o seu sumo-sacerdote rejeitem essa ditadura.
- Quem se opõe ao faraó, renega a vida.
- Vieste de um meio modesto, Kani, eu sou uma princesa. Aliem-o-nos, teremos a confiança do povo e dos cortesãos. Vamos criar um novo Egito.
- Opor o Sul ao Norte seria partir a coluna vertebral do país e torná-lo inválido. Se o faraó não mais conseguir juntar as duas terras, a miséria, a pobreza e uma invasão vão ser o nosso destino.
- É Ramsés quem nos conduz a esse desastre, só nós podemos evitá-lo. Se me apoiares, tornar-te-ás num homem rico!
- Levanta a cabeça, princesa, e olha à tua volta. Será que existe maior riqueza do que contemplar as divindades para sempre vivas na pedra?
- És o nosso último recurso, Kani. Se não intervieres, Ramsés levará o Egito à ruína.
- És uma mulher desiludida e ávida de vingança. A infelicidade atormenta-te, desejas arruinar a tua terra adotiva: dividir o Egito, quebrar-lhe a espinha dorsal, transformá-lo numa província hitita... Não são essas as tuas intenções secretas?
- E se forem?
- Alta traição, princesa. Os juizes vão reclamar a pena de morte.
- Passas ao lado da sorte.
- No coração deste templo não existe nem boa nem má sorte, somente o serviço do sagrado.
- Enganas-te.
- Se é um engano ser fiel ao faraó, então o mundo já não merece existir.
- Hattusa tinha fracassado. Os seus lábios tremiam.
- Vais denunciar-me?

— O templo ama o silêncio. Faz calar em ti a voz da destruição e conhecerás a serenidade.

A andorinha obstinava-se em viver. Néféret tinha-a colocado numa cestinha com palha, ao abrigo dos gatos e outros predadores, e ia-lhe umedecendo o bico ferido. Incapaz de se alimentar, com as asas dobradas, o pássaro começava a habituar-se à presença da jovem.

Paser continuava a censurar-se pela sua estúpida intervenção.

— Porque não voltaste a interrogar a senhora Nénofar? — indagou Néféret. — Fortes suspeitas pesam sobre ela.

— Intendente dos tecidos e excelente manejadora da agulha, eu sei. Mas não a vejo a assassinar Branir a sangue frio. Exaltada, refilona, segura de si, convencida da sua própria importância... isso sim.

— Ou então suprema dissimuladora.

— Admito que possui também força física.

— O assassino não terá surpreendido Branir pelas costas?

— Muito provavelmente.

— A precisão contava mais do que a força. E juntemos a isso um bom conhecimento de anatomia para atingir o ponto exato.

— Nébamom é o melhor suspeito.

— Antes de morrer, foi sincero. Não era ele o culpado.

— Mas se eu fizer comparecer a senhora Nénofar perante o tribunal, ela vai negar e sairá em liberdade. Tudo o que possuo são indícios inquietantes, não provas. Novos interrogatórios a nada conduzirão. Ela vai protestar a sua inocência, vai apelar às suas relações, vai apresentar queixa por assédio. Preciso de um elemento novo.

— Informaste Kem da tentativa de envenenamento?

— Ele vigia-me noite e dia. O seu babuíno e ele dormem por turnos.

— Ele não pode destacar os seus polícias?

— Foi o que eu lhe disse, mas ele não confia em mais ninguém.

— Não recuses a sua proteção.

— Por vezes, confesso que me incomoda.

— Deão do pórtico, os teus deveres sobrepõem-se aos teus gostos.

— Acaso me julgas algum velhote?

Ela parecia refletir, quase ansiosa.

— A questão merece ser analisada. Esta noite, logo veremos se...

Ele tomou-a nos braços, levantou-a e transpôs a soleira da porta.

— O velhote casará contigo quantas vezes forem necessárias. Para quê esperar pela noite?

O sinete do deão do pórtico quedou-se, suspenso por cima do papiro.

Desde as primeiras horas da manhã, não parara de ratificar documentos relativos ao bom

andamento dos trabalhos agrícolas, à inspeção dos rendimentos prediais e à distribuição dos gêneros alimentícios. Paser lia-os rapidamente e apreciava em alguns segundos o conteúdo de cada relatório. Este, porém, chocou-o.

— Cinco dias de atraso numa entrega de fruta fresca?

— Exato — confirmou o escriba.

— É inaceitável. Recuso-me a afiançá-lo. Aplicaste a multa?

— Transmiti o formulário ao meu colega de Tebas.

— E a resposta?

— Não chegou.

— Explicação?

— Estão submersos em atrasos semelhantes.

— Há mais de uma semana que reina esta desordem e ninguém me avisou.

O escriba alinhavou algumas desculpas atabalhoadamente.

— Outros inquéritos mais importantes...

— Mais importantes? Dezenas de aldeias correm o risco de ficar sem produtos frescos! Se o incidente te parece secundário, é por causa dessas pregas todas que tens na barriga.

Cada vez mais contrafeito, o escriba colocou uma pilha de papiros sobre a esteira do juiz.

— Recebemos informação de outros atrasos, para outros produtos. Segundo uma nota alarmista, os legumes provenientes do Médio Egito só chegariam aos quartéis de Mênfis daí a dez dias.

Paser empalideceu.

— Estás a imaginar a reação dos soldados? Para as docas, e já!

Kem conduziu ele mesmo o carro que, percorrendo o canal paralelo ao Nilo, passou pelos armazéns e os celeiros de trigo, e parou em frente aos cais de atracação. Paser corria já em direção ao escritório de registro de produtos frescos. Um rapazito abanava dois funcionários que dormitavam.

— Armazenamento de frutas e legumes? — perguntou Paser.

— Quem és tu?

— O deão do pórtilo.

Os dois homens levantaram-se, desvairados, e inclinaram-se perante o supremo magistrado.

— Mil perdões. Estamos sem obra desde alguns dias, as entregas foram interrompidas.

— Onde é que os barcos ficaram retidos?

— Em lado nenhum. Estão a chegar regularmente a Mênfis, mas não com a carga esperada. Hoje, o maior cargueiro de frutas transportava pedras. Que havemos nós de fazer!

— Ainda está no cais?

— Parte daqui a pouco para Tebas.

Paser e Kem, acompanhados pelo babuíno, atravessaram um estaleiro e chegaram ao cais de onde acabara de partir um barco com destino a Chipre. No cargueiro de frutas, içavam-se as

velas. O juiz saltou para a prancha.

— Espera — avisou Kem, retendo-o pelo braço.

— Estamos com pressa.

— Tenho um mau pressentimento.

O babuíno, ereto, levantou o nariz.

— Eu vou à frente.

O núbio compreendeu a razão da agitação do macaco. Entre os caixotes armazenados na ponte, estava uma jaula e, por trás das barras de madeira, uma pantera passeava para trás e para a frente.

— O capitão, — exigiu Paser.

Um homem por volta dos cinquenta anos, de testa baixa e traços grossos, abandonou o leme e foi ao encontro do juiz.

— Estou de partida. Saíam do meu barco.

— Policia — disse Kem. — Intervenho sob a inspeção do deão do pórtico, aqui presente.

O capitão baixou o tom.

— Está tudo em ordem, apesar das docas não aceitarem a minha carga de grés.

— Mas eles não contavam com legumes?

— Sim, mas fui requisitado.

— Requisitado? — disse Paser, espantado — Por que organismo do Estado?

— Eu... eu obedeci aos escribas. Não quero aborrecimentos.

— Mostra-me o diário de bordo.

Enquanto Paser examinava o documento, Kem mandou abrir um caixote. Continha muita grés, destinada às esculturas dos templos.

O diário de bordo mencionava uma avultada carga de frutas frescas embarcada em Tebas Este, logo a seguir requisitada no meio do rio por escribas da marinha e desembarcada em Tebas Oeste. Depois, o cargueiro tinha seguido rumo ao norte, às pedreiras de Gebel Silsileh, onde os canteiros o tinham carregado com caixotes de grés encomendados por... Carnaque! Em conformidade com as primeiras instruções, o barco tinha-se dirigido a Mênfis, e o inspetor das docas tinha recusado a mercadoria por não estar em ordem.

Desconfiado, Kem examinou o conteúdo de outros caixotes, todos eles cheios de blocos de grés.

O devorador de sombras seguia Paser desde manhã. As presenças de Kem e do babuíno complicavam uma tarefa já de si tão árdua. Teria de arquitetar um novo plano e esperar o momento em que a vigilância afrouxasse.

E eis que era chegada a oportunidade.

Juntou-se a um grupo de marinheiros que subiam para bordo, transportando rações para a tripulação, e escondeu-se atrás do mastro principal. Paser discutia firmemente com o capitão, enquanto Kem e o babuíno inspecionavam o porão. Avançando de rastos, o devorador de

sombras aproximou-se da jaula.

Uma a uma, tirou quatro das cinco barras que mantinham a fera prisioneira. Como se tivesse percebido as suas intenções, a pantera estacou, pronta a saltar em direção à liberdade.

Paser estava exaltado.

— Onde se encontra o selo da polícia fluvial? — perguntou pela terceira vez ao capitão.

— Esqueceram-se de o pôr, eles...

— Não saias de Mênfis.

— Impossível! Tenho de entregar esta grês.

— Vou levar o diário de bordo para o examinar pormenorizadamente.

O juiz dirigiu-se para a prancha.

Quando passou em frente à jaula, o devorador de sombras tirou a quinta barra e escondeu-se na ponte.

O passo rápido de Paser chamou a atenção do animal que saiu da jaula e ficou espetado a rugir no começo da prancha. Capturado no deserto de Núbia, o animal era esplêndido.

Fascinado e transido de medo, o juiz mergulhou o seu olhar no do felino e não encontrou nele sinais de ódio. Lançar-se-ia sobre ele, mas simplesmente por ser um entrave no seu caminho.

Um bramido fez tremer toda a tripulação. Surgindo da jaula, o babuíno colocou-se entre a pantera e o juiz. Goelas abertas, olhos vermelho-vivo, pêlo eriçado, braços oscilantes como um lutador, desafiava a adversária.

Na savana, a pantera, mesmo faminta, abandonava a presa quando um bando de grandes macacos a ameaçava. Enchendo-se de coragem, arreganhou os caninos e deitou as garras de fora. O babuíno, enraivecido, começou aos saltos.

Kem, de punhal na mão, colocou-se à sua direita. Não ia deixar o seu melhor polícia combater sozinho.

A pantera recuou e voltou a entrar na jaula. Kem avançou e, sem tirar os olhos dela, colocou novamente cada uma das barras.

— Ali em baixo... um homem a fugir!

Era o devorador de sombras que, escorregando por uma corda, tinha abandonado o barco e desaparecia na esquina de uma doca.

— Podes descrevê-lo? — pediu Paser ao tripulante.

— Infelizmente, não! Era só uma vaga silhueta de alguém a fugir.

O juiz agradeceu ao babuíno, dando uma palmadinha na pata poderosa e felpuda. O macaco estava mais calmo, e o seu olhar irradiava arrogância.

— Tentaram matar-te — constatou Kem.

— Diz antes tentaram ferir-me gravemente, tu ter-me-ias arrancado a tempo às garras da pantera... mas em que estado!

— Como chefe da polícia, devo manter-te fechado dentro de casa.

— Como deão do pórtico, libertar-me-ia alegando prisão arbitrária. Se os nossos adversários agem assim, isso só prova que estamos no bom caminho.

— Temo pela tua segurança.

— Que outra alternativa tenho? É preciso avançar.

— Este objeto vai ajudar-te.

Kem abriu a mão e mostrou a rolha de uma botija de barro.

— Existem umas dez iguais a esta na cave: reserva de vinho do comandante. As inscrições permitem identificar o proprietário do cargueiro.

A letra era feita à pressa, mas legível. Na tampa estava escrito: “Harém da princesa Hattusa.”

O comandante do cargueiro confessara, sem se fazer rogado, que de fato trabalhava para a princesa Hattusa. Não se dando por satisfeito, nem com a prova material nem com essa declaração, Paser levou o inquérito por diante.

Kem convocou os responsáveis regionais da polícia fluvial. Aparentemente, nenhum deles havia dado ordem para que um cargueiro com frutas e legumes subisse o rio até Tebas, motivo pelo qual o selo oficial não figurava no diário de bordo do comandante.

Paser convocou-o novamente.

— Mentiste-me.

— Tive medo.

— De quem?

— Da justiça, de ti e, principalmente, dela...

— Da princesa Hattusa?

— Estou há dois anos ao seu serviço. É generosa, mas muito exigente. Foi ela quem me ordenou que agisse assim.

— Tens consciência de estares a desorganizar a rota dos alimentos frescos?

— Ou obedecia ou era despedido. E não sou o único... Outros seguiram o meu exemplo.

Dois escribas registraram as declarações do comandante. Paser releu-as e certificou-se de que as duas cópias eram idênticas, posto o que também o comandante as aprovou.

Inquieto, ansioso, o juiz enviou uma mensagem a Bel-Tran.

Os dois homens encontraram-se no bairro dos oleiros, onde artesãos de mãos hábeis e pés ágeis modelavam mil e um recipientes, desde o boião pequeno, para unguentos, ao pote maior, destinado a conservar a carne seca. Numerosos aprendizes assistiam ao trabalho dos mestres, antes de se exercitarem eles mesmos no torno.

— Preciso da tua ajuda.

— A minha posição não é muito confortável — confessou Bel-Tran. — A senhora Nénofar está em guerra aberta contra mim e tenta reunir um grupo de cortesãos que exijam a minha destituição. E alguns são homens próximos do vizir.

— Bagey julgará de acordo com os dados que possuir.

— É por isso que passo as noites a verificar as minhas contas. Ninguém descobrirá a mínima irregularidade na minha gestão.

— De que armas dispõe Nénofar?

— Da perfídia e da insinuação. Mas eu duvido do seu efeito, a minha resposta é o trabalho.

— Acabo de constatar fatos que te poderão vir a prejudicar.

— Que fatos?

— Uma tentativa de desorganização do comércio de produtos frescos.

— Simples erro administrativo?

— Nada disso. Ato deliberado.

— Corremos o risco de se desencadearem greves, talvez até motins!

— Sossega, já identifiquei a culpada.

— Uma mulher?

— A princesa Hattusa.

Bel-Tran compôs a tanga.

— Tens certeza?

— O meu processo contém provas e testemunhos.

— Desta vez, ela foi longe demais! Porém, atacá-la é pôr o rei em causa.

— Seria Ramsés capaz de deixar morrer de fome o seu povo?

-É evidente que não, mas iria ele deixar condenar a esposa, símbolo da paz com os Hititas?

— Ela cometeu um erro grave. Que será deste país, se as figuras gradas escapam à justiça? Acabará por se transformar numa terra de privilégios e mentira. Não abafarei este caso, no entanto, e sem uma queixa oficial do Tesouro, Hattusa entrará no processo.

Sem hesitar, Bel-Tran disse:

— A minha carreira está em jogo, mas receberás a minha queixa.

Durante o dia, Néféret já molhara vezes sem conta o bico da andorinha. A ave tinha virado a cabeça para a luz, desesperada por não conseguir arrancá-la a uma morte certa, a médica afagava-a e falava com ela.

Paser chegou tarde, extenuado.

— Ainda está viva?

— Agora, parece sofrer menos.

— Há alguma esperança?

— Sinceramente, não. O bico continua fechado, e ela apaga-se lentamente. Mas tornámo-nos amigas. Porque estás tão preocupado?

— A princesa Hattusa tenta privar de alimentos frescos Mênfis e as aldeias circundantes.

— Mas isso é um absurdo! Como vai ela conseguir?

— Através da corrupção e da inércia da administração. É com efeito um absurdo. Existem imensos postos de controle. Ela perdeu a razão. O Tesouro vai apresentar queixa por intermédio de Bel-Tran, e eu parto para Tebas para incriminar a princesa.

— Não te estarás a afastar de Branir, do general Asher e dos conspiradores?

— Talvez não esteja, se Hattusa for aliada de Denes.

— Primeiro um processo contra o general mais conceituado do país... e agora contra uma esposa real... Tu não és um magistrado comum, juiz Paser!

— E tu não és uma mulher comum. Então, aprovas a minha decisão?

— O que poderei eu dizer?

— Nada. Tenho de interrogá-la e de lhe apresentar os argumentos da acusação. Depois,

transmitirei o caso ao vizir. Bagey condenaria um trabalho apressado.

— Amo-te, Paser.

Beijaram-se.

— O veneno, uma pantera... O que andarás a preparar agora o homem que procura estropiar-te?

— Não faço a menor idéia, mas não fiques preocupada, Kem e eu viajaremos num barco da polícia fluvial.

Antes do jantar, Paser foi ver a andorinha, que, para grande surpresa sua, ergueu a cabeça. O olho ferido tinha cicatrizado e o seu corpo pequenino tremia de energia.

Espantado, Paser nem ousou tocar-lhe. Néféret juntou algumas palhinhas e colocou-as debaixo das patas da ave, para lhe servirem de poleiro. A andorinha agarrou-se a elas.

Nisto, com inesperada vivacidade, bateu as asas e voou.

De imediato, uma dezena de outras andorinhas, surgidas dos céus do Oriente, a rodearam, uma delas beijou-a, como uma mãe que reencontra o filho, seguida de uma segunda, uma terceira e, por fim, todo o bando, esfusante de alegria. A comunidade das andorinhas dançava por cima de Néféret e Paser, incapazes de conter as lágrimas.

— Como são unidas!

— Como vês, não fizeste mal em arrancá-la à morte. Hoje vive entre as da sua espécie, e que lhe importa o amanhã.

O céu enchia-se de luz, o Sol brilhava soberano.

Da proa do barco, Paser contemplava o seu país e agradecia aos deuses o terem-lhe dado a vida naquele solo mágico, naquela terra de contrastes entre os campos cultivados e o deserto. Sob as coroas das palmeiras circulava a água benéfica dos canais de irrigação e abrigavam-se as casas brancas das pacíficas aldeias. O ouro das espigas cintilava, o verde dos palmares era um deleite para os olhos. O trigo, o linho e os pomares nasciam da terra negra, cultivada por gerações de camponeses.

Acácias e sicômoros rivalizavam em beleza com os tamarindos e os pessegueiros, nas margens do Nilo, longe dos desembarcadouros, cresciam papiros e vimeiros. Nas areias do deserto, as plantas brotavam à mínima gota de chuva, e as profundezas preservavam durante semanas o líquido celeste em nascentes detectadas pelas varas dos feiticeiros. O Delta, com as suas extensas planícies, e o vale, onde corria o rio divino, abrindo caminho entre as áridas montanhas e os estéreis planaltos, seduziam a alma e colocavam o homem no seu lugar na criação, depois dos animais, dos minerais e dos vegetais, segundo os ensinamentos dos sábios. Só a espécie humana, com a sua vaidade e loucura, tentava por vezes deformar a vida, por essa razão a deusa Maât lhe ofereceu a justiça, para que o pau torcido fosse endireitado.

— Não concordo com esta diligência — afirmou Kem.

— Crês, por acaso, na inocência da princesa?

— Acho que vais prejudicar-te.

— O meu processo é sólido.

— Mas de que valerá ele face às negativas de uma esposa real? Pergunto-me se não estarás a

ajudar o canalha que te quer prejudicar. Já imaginaste a cólera de Hattusa? Nem o vizir Bagey te poderá proteger.

— Ela não está acima das leis.

— Bonitas palavras, sim senhor. Bonitas, mas inúteis.

— Isso é o que veremos.

— Onde vais tu buscar tanta confiança?

— Ao olhar da minha mulher e, desde há bem pouco tempo, ao vôo de uma andorinha.

Levantou-se um vendaval e turbilhões imprevisíveis cruzaram o Nilo. Na proa, o homem encarregado de sondar o rio com uma vara foi impedido de cumprir a sua missão. Surpreendidos por esta súbita tempestade, os marinheiros não manobraram com a rapidez necessária, as vergas partiram-se, o mastro principal torceu-se e o leme deixou de obedecer. À deriva, o barco encalhou num banco de areia. Na popa, lançaram a âncora, um bloco de pedra com onze quilos, que estabilizaria a embarcação no meio da corrente. Na ponte, havia alguma agitação. Com voz possante, Kem restabeleceu a calma e, lado a lado com o comandante, iniciou o inventário dos estragos e deu ordem para se iniciarem as reparações.

Nervoso e todo molhado, Paser sentia-se um inútil. Quem conduziu-o à cabina, enquanto dois marinheiros mais afoitos mergulhavam para verificar o estado do casco. Por sorte, os estragos não eram de grande monta, assim que se apaziguasse a cólera do Nilo, a embarcação retomaria o seu curso.

— A equipagem está nervosa — informou o núbio.

— Antes da partida, o comandante tinha-se esquecido de voltar a pintar os olhos mágicos de um e outro lado da proa, e essa negligência poderia provocar um naufrágio, por deixar o barco cego.

Do seu saco de viagem, o juiz tirou material de escriba, preparou uma tinta muito escura, quase indelével, e, com mão firme, restaurou ele próprio os olhos protetores.

Informados pelo comandante do cargueiro de frutos e legumes da princesa Hattusa, cinco guardas do seu harém, colocados a uns cinquenta quilômetros a norte de Tebas, esperavam a passagem do barco da polícia que transportava o juiz Paser. A missão era simples: deterem o barco de qualquer maneira. Em troca da sua devoção, tinham recebido um quadrado de terra, duas vacas, um burro, dez sacos de trigo e cinco potes de vinho.

O mau tempo encheu-os de satisfação, que circunstâncias poderiam ser mais propícias a um naufrágio seguido de afogamento? Para um juiz, o ser tragado pelo Nilo seria um fim condigno, além disso, não afirmavam as lendas que os afogados tinham acesso direto ao paraíso, se fossem homens impolutos?

A bordo de um esquife rápido provido de remos, os cinco agressores aproveitaram a noite de temporal, com o céu carregado de nuvens negras, para se acercarem da proa, ainda imobilizada de encontro ao banco de areia. Parando a uns vinte metros, lançaram-se à água e nadaram até à popa, que escalaram sem esforço. Armado de um cacete, o chefe do grupo agrediu o polícia de vigia, enquanto os seus colegas dormiam estendidos em esteiras e enrolados em mantas. Agora, bastava forçarem a porta da cabina, apoderarem-se do juiz Paser e afogarem-no. Eles estariam inocentes, pois seria o Nilo a matá-lo. Descalços, e movimentando-se sem o mínimo ruído, detiveram-se diante da porta fechada. Dois deles ficavam a guardar os marinheiros e os outros

dois apoderar-se-iam de Paser.

Mas, de repente, uma massa negra irrompeu do alto da cabina e abateu-se sobre os ombros do chefe, que deu um grito de dor quando os caninos do babuíno se lhe enterraram na carne. Arrombando a porta de madeira fina, Kem atirou-se aos intrusos com um punhal em cada mão, ferindo dois mortalmente. Os outros, aterrorizados, em vão tentaram fugir, pois os marinheiros, brutalmente arrancados ao sono, interceptaram-nos na ponte.

O babuíno só libertou a presa quando Kem lhe ordenou. Ensanguentado, o chefe da emboscada não tardaria a desmaiar.

— Quem te enviou? — O ferido resistiu. — Se te recusas a responder, quem te vai interrogar a seguir é o meu macaco.

— Foi a princesa Hattusa — confessou o homem, num sopro de voz.

O harém deixou Paser mais uma vez deslumbrado. Canais irrepreensivelmente conservados serviam os vastos jardins onde as grandes damas de Tebas gostavam de passear, para se refrescarem nas sombras e exibirem os últimos modelos. A água era abundante, os canteiros de flores ostentavam a sua alegria multicolor e coros femininos ensaiavam as melodias que iam tocar nos próximos banquetes. Nas oficinas de tecelagem e olaria trabalhava-se duramente, numa atmosfera simultaneamente majestosa e repousante, os artesãos especializados em trabalhos em esmalte e em madeiras raras dedicavam-se desde o romper do dia às suas obras-primas, enquanto os carregadores transportavam para bordo de um navio mercante potes cheios de óleos perfumados.

O harém da princesa Hattusa era, de acordo com a tradição, uma pequena aldeia onde artesãos de talento excepcional dispunham do tempo necessário para viverem a beleza com o coração e as mãos, de modo a transmitir-lha a objetos e produtos sem defeito.

Se Paser não lhe tivesse pedido uma audiência na sua qualidade de deão do pórtico, de bom grado teria deambulado durante horas naquele mundo ordenado onde o trabalho parecia um prazer, percorrendo ociosamente as alamedas de saibro, conversando com os jardineiros que arrancavam as ervas daninhas e saboreando os apetitosos frutos enquanto cavaqueasse com as viúvas idosas que tinham elegido o harém para seu domicílio.

O camareiro introduziu-o na sala de audiências, onde pontificava a princesa Hattusa, ladeada por dois escribas.

Paser inclinou-se numa vênia.

— Estou muito ocupada. Peço-te por isso que sejas breve.

— Desejo falar-te em particular.

— O carácter oficial da tua visita não o permite.

— Pelo contrário, penso que o impõe.

Paser desenrolou um papiro.

— Desejas que os escribas registrem os argumentos da acusação?

Com um gesto brusco, a princesa dispensou os escribas.

— Tens noção dos termos que utilizas?

— Princesa Hattusa, acuso-te do desvio de gêneros frescos e da tentativa de assassinato sobre

a minha pessoa.

Os seus belos olhos negros incendiaram-se.

— Como ousas?

— Disponho de provas, testemunhos e depoimentos escritos. Considero-te por isso culpada, mas, antes de te instaurar um processo, intimo-te a dares-me explicações sobre as tuas ações.

— Jamais alguém se me dirigiu nesse tom.

— E jamais uma esposa real cometeu tais delitos.

— Ramsés não te perdoará!

— O faraó é filho e servo de Maât. Sabendo que é a busca da verdade que anima as minhas ações, ele não as abafará. A tua posição não pode servir para ocultar os teus crimes.

Hattusa levantou-se e afastou-se do trono.

— Sei que me odeias, a mim, a hitita!

— Sabes bem que isso não é verdade. O meu procedimento não é movido por qualquer ressentimento, ainda que tenhas ordenado o meu desaparecimento.

— Deter o teu barco, impedi-lo de chegar a Tebas, foi tudo o que exigi!

— Então os teus esbirros entenderam-te mal.

— Quem se arriscaria a eliminar um juiz do Egito? O tribunal rejeitaria qualquer tese da defesa e não daria crédito às testemunhas.

— A tua defesa é hábil, mas... como explicas então o desvio de alimentos frescos?

— Se as tuas falsas provas forem tão convincentes como as alegações, será evidente a minha boa fé!

— Lê este documento.

Hattusa leu o papiro.

O seu rosto delicado enrugou-se e as mãos crispavam-se, esguias.

— Negarei tudo.

— Os testemunhos são precisos e os fatos irrefutáveis.

Ela desafiou-o, altiva.

— Sou a esposa do faraó.

— A tua palavra não vale mais do que a do mais humilde aldeão. E a tua posição torna ainda mais indesculpáveis as tuas ações.

— Impedir-te-ei de instaurares esse processo.

— O vizir Bagey presidirá aos autos.

Ela sentou-se num degrau, abatida.

— Porque te obstinas na minha queda?

— Que ambição te guia, princesa?

— Queres mesmo saber, juiz do Egito?

Tenso, Paser sustentou um olhar de extrema violência.

— Odeio o teu país, odeio o teu rei, a sua glória e o seu poder! Ver os Egípcios morrer de fome, ver as crianças morrer e os animais definharem, seria a minha maior alegria! Retendo-me como prisioneira neste falso paraíso, Ramsés pensou que a minha fúria desapareceria. Ela, porém, não pára de aumentar! Sou eu quem sofre a injustiça e já não aguento mais. Quero que o Egito desapareça, que seja invadido pelos meus compatriotas ou outra qualquer tribo bárbara! Eu serei a melhor aliada dos inimigos do faraó. E acredita, juiz Paser, eles são cada vez em maior número!

— O transportador Denes, por exemplo?

A exaltação da princesa diminuiu.

— Não sou tua informante.

— Mas... não terás tu caído numa armadilha?

— Disse-te a verdade, essa famosa verdade que o Egito tanto preza!

Como habitualmente, a recepção fora das mais suntuosas. Nénofar exibira-se majestosamente ataviada, recebendo deleitada os cumprimentos pressurosos dos seus convidados. Denes fechara alguns negócios vantajosos, satisfeito com o crescimento constante de uma empresa de transportes que suscitava a admiração de todas as pessoas gradas do Egito. O que ninguém sabia era que ele detinha o poder supremo. Paciente, se bem que algo nervoso, experimentava sensações cada vez mais excitantes, não tardava, os que o tinham criticado seriam humilhados, e os que o tinham apoiado recompensados. O tempo jogava a seu favor.

Cansada, Nénofar retirara-se para os seus aposentos. Depois da partida dos últimos convidados, quando Denes dava uma volta pelo pomar, a fim de se assegurar de que nenhum fruto havia sido roubado, um vulto de mulher saiu da noite.

— Princesa Hattusa! Que fazes em Mênfis?

— Não pronuncies o meu nome. Estou à espera de que faças a tua entrega.

— Não compreendo.

— Do ferro celeste.

— Tens de ser paciente.

— Impossível. Preciso dele, e já.

— Porquê tanta pressa?

— Arrastaste-me para uma loucura.

— Ninguém desconfiará de ti.

— O juiz Paser já o fez.

— Mera tentativa de intimidação.

— Ele acusou-me e está seguro de me levar a comparecer perante o tribunal, como acusada.

— Fanfarronices.

— Não o conheces.

— O seu processo está vazio.

— Pelo contrário. Está cheio de provas, testemunhos e depoimentos escritos.

— Ramsés intervirá.

— Paser confiou o caso ao vizir Bagey, o rei terá de se submeter à lei, e eu serei condenada, Denes, privada das minhas terras e, na melhor das hipóteses, mantida em reclusão num palácio da província. E talvez a pena seja até um pouco mais pesada.

— Lamento muito.

— Exijo o ferro celeste.

— Ainda não o tenho em meu poder.

— O mais tardar, amanhã. Senão...

— Senão o quê?

— Denuncio-te ao juiz Paser. Ele já suspeita de ti, mas ignora que és o instigador do desvio de

alimentos frescos. Os jurados ouvir-me-ão, saberei mostrar-me convincente.

— Concede-me um prazo mais alargado.

— Dentro de dois dias será lua cheia e, graças ao ferro celeste, a minha magia será eficaz. Amanhã à noite, Denes, ou arrasto-te comigo na queda.

Sob o olhar surpreso de Diabrete, a saguí de Néféret, Bravo banhava-se. Avançando cautelosamente, o cão aventurou-se no lago dos lótus e achou a água do seu agrado. Naquele dia de descanso da criadagem, Néféret içou ela própria o balde do poço. A sua boca parecia um botão de lótus, os seus seios evocavam dois frutos redondos. Paser observava-a no seu vaivém, enfeitando com flores o altar erigido à memória de Branir, dando de comer aos animais, e erguendo os olhos para as andorinhas que todas as noites voltejavam por cima deles, e, entre elas, a sobrevivente com as asas bem abertas.

Néféret vigiava os frutos do sicômoro, em belos tons de amarelo, que se tornariam vermelhos ao amadurecerem. Em Maio, abri-los-ia ainda na árvore, para libertar os insectos que os habitavam. Doces e carnudos, os figos seriam então comestíveis.

— Reli o processo da princesa Hattusa e os meus escribas verificaram o estilo. Já o posso transmitir ao vizir com as minhas conclusões.

— A princesa está com medo?

— Ela conhece a minha determinação.

— Como irá ela procurar defender-se?

— Isso não interessa. Será Bagey a conduzir o processo e nenhuma intervenção o impedirá de agir.

— Nem mesmo que o faraó te mande renunciar?

— Pode demitir-me, mas não renunciarei. Se o fizesse, ficaria com a consciência suja para sempre, e nem mesmo tu a conseguirias limpar.

— Kem confidenciou-me que tinha sido perpetrada contra ti uma terceira tentativa de assassinato.

— Os esbirros de Hattusa contavam afogar-me, antes disso, foi um homem que tentou deixar-me estropiado.

— O chefe da polícia já o identificou?

— Ainda não. O atrevido parece particularmente astuto e hábil. Os informadores de Kem continuam mudos. O que decidiu o conselho dos médicos?

— Que a eleição fosse adiada. Foi feito um convite para novas candidaturas, Qadash mantém a dele e faz visita atrás de visita aos membros do conselho.

Néféret deitou a cabeça nos joelhos.

— Aconteça o que acontecer, teremos experimentado a felicidade.

Paser autenticou com o seu sinete a sentença de um tribunal de província que condenava um edil a vinte bastonadas e uma pesada multa, por denúncia caluniosa. O referido edil interporia provavelmente recurso, mas, se o delito fosse confirmado, a pena seria dobrada.

Pouco antes do meio-dia, o juiz recebeu a senhora Tapeni, Pequena, delgada, com os cabelos muito negros, sabia utilizar muito bem os seus encantos e tinha convencido os severos escribas a abrirem-lhe a porta do gabinete do deão do pórtico.

— Em que posso ser-te útil?

— Sabes muito bem.

— Esclarece-me, peço-te.

— Quero conhecer o local onde se esconde o teu amigo Suti, que também é meu marido.

Paser já estava à espera disto. Depois de Pantera, também Tapeni não ficara indiferente ao destino do aventureiro.

— Ele deixou Mênfis.

— Porquê?

— Partiu em missão oficial.

— Já sei que não me podes confiar a natureza dessa missão.

— Isso está absolutamente fora de questão.

— Corre perigo?

— Ele acredita na sua sorte.

— Suti voltará. Não sou mulher que se esqueça ou se abandone.

O seu tom era mais de ameaça que de ternura. Paser fez uma experiência.

— Não terás sido procurada recentemente por nenhuma grande dama?

— Dada a minha posição, todas elas me encomendam os melhores tecidos.

— E nada mais?

— Não compreendo.

— Não teria a senhora Nénofar, por exemplo, exigido o teu silêncio?

Tapeni ficou perturbada.

— Falei dela a Suti, porque maneja a agulha admiravelmente.

— Mas ela não é a única em Mênfis. Porquê citá-la precisamente a ela?

— As tuas perguntas estão a incomodar-me.

— Contudo, são indispensáveis.

— Porquê?

— Estou a investigar um delito grave.

Um sorriso enigmático aflorou os lábios de Tapeni.

— Nénofar está implicada?

— Que sabes tu exatamente?

Não tens o direito de me reter aqui.

Rápida, Tapeni dirigiu-se para a porta.

— Talvez até saiba muito, juiz Paser, mas por que iria eu confiar-te os meus segredos?

Poder-se-á alguma vez estar satisfeito com o funcionamento de um hospital? Quando um doente sai curado, logo outro o substitui e a luta recomeça. Néféret não descansava, tratando quem precisava, vencer o sofrimento dava-lhe uma alegria inesgotável. O pessoal ajudava-a com dedicação, os escribas da administração asseguravam uma gestão sã, e ela consagrava-se também à sua profissão, aperfeiçoando os remédios já conhecidos e tentando descobrir outros novos. Todos os dias operava tumores, restabelecia membros partidos, reconfortava doentes sem cura. À sua volta, uma equipe de médicos, uns com experiência, outros principiantes, obedecia-lhe prontamente, sem que ela precisasse elevar a voz.

O dia tinha sido difícil, Néféret tinha salvo um homem de quarenta anos, vítima de oclusão intestinal. Cansada, dessedentava-se com água fresca quando Qadash irrompeu pela sala onde os médicos se lavavam e mudavam de roupa. O dentista de cabeleira branca interpelou Néféret com voz áspera.

— Quero consultar a lista de drogas deste hospital.

— Com que direito?

— Sou candidato ao lugar de médico-chefe e preciso dessa lista.

— Para quê?

— Tenho de completar os meus conhecimentos.

— Como dentista, apenas utilizas alguns produtos específicos.

— A lista, e já!

— A tua exigência não tem fundamento. Não fazes parte do pessoal especializado deste hospital.

— Estás a apreciar mal a situação, Néféret. Tenho de mostrar a minha competência. E sem uma enumeração de drogas, a minha candidatura ficará incompleta.

— Só o médico-chefe do reino poderia obrigar-me a obedecer-te.

— O futuro médico-chefe sou eu!

— Nébamon, que eu saiba, ainda não foi substituído.

— Obedece às minhas ordens e não te arrependers.

— Não é essa a minha intenção.

— Se for preciso, forçarei a porta do teu laboratório.

— Serias gravemente punido.

— Não me resistas. Amanhã serei teu superior. Se te recusares a cooperar, expulsar-te-ei do teu posto.

Alertados pela altercação, vários médicos rodearam Néféret.

— A tua matilha não me impressiona.

— Sai daqui, — ordenou um jovem médico.

— Vais arrependerte de me falares nesse tom.

— Achas o teu comportamento digno de um terapeuta?

— Trata-se de uma emergência — respondeu Qadash.

— Só se for do teu ponto de vista — retificou Néféret.

— O lugar de médico-chefe deve ser atribuído a um homem com experiência. Aqui, todos me apreciam! Porquê magoarmo-nos desta maneira, se trabalhamos com o mesmo desejo de servir o próximo?

Qadash defendeu a sua causa com emoção e convicção, evocou a sua longa carreira, a sua dedicação aos doentes e a sua vontade de ser útil ao país, sem ser disso impedido por uma ridícula exigência administrativa.

Mas Néféret permaneceu irredutível. Se Qadash queria a lista dos venenos e das drogas, teria de se justificar, enquanto o sucessor de Nébamon não fosse designado, ela seria a guardiã sempre vigilante.

O chefe do estado-maior do general Asher lamentou a ausência do seu superior, mas o juiz Paser insistiu.

— Não se trata de uma visita de cortesia. Venho interrogá-lo.

— Mas o general deixou o quartel.

— Quando?

— Ontem à noite.

— Com que destino?

— Ignoro.

— O regulamento não o obriga a informar-te sobre os seus deslocamentos?

— Sim.

— Então, porque não o fez?

— Como posso sabê-lo?

— E eu não posso contentar-me com explicações vagas.

— Revista o quartel, se desejares.

Paser interrogou dois outros oficiais, mas não conseguiu obter mais esclarecimentos. Segundo várias declarações, o general tinha saído num carro em direção ao sul.

Não excluindo a hipótese de uma artimanha, o juiz dirigiu-se ao departamento de negócios estrangeiros, mas verificou que não estava a decorrer qualquer expedição oficial na Ásia.

Paser mandou Kem descobrir o paradeiro do general o mais depressa possível. O chefe da polícia não demorou muito tempo a confirmar a sua partida para as províncias meridionais, sem contudo poder ser mais preciso, Asher tinha tomado a precaução de não deixar pistas.

O vizir estava irritado.

— Não estarás a exagerar, juiz Paser?

— Já investigo há uma semana.

— Procuraste nos quartéis?

— Nem sinal de Asher.

- E no departamento de negócios estrangeiros?
- Nenhuma missão lhe foi confiada, a menos que seja secreta.
- Nesse caso, eu teria sido informado, o que não aconteceu.
- Só há uma resposta: o general desapareceu.
- Inadmissível! O seu cargo veda-lhe tamanha deserção.
- Tentou escapar à rede que está prestes a abater-se sobre ele.
- Ter-se-ia cansado dos teus constantes ataques?
- A meu ver, receou a tua intervenção.
- O que significa que a justiça o teria condenado.
- Os amigos certamente o abandonaram.
- Por que motivo?
- Asher percebeu que estava a ser manipulado.

— Mas a fuga... para um soldado!

— É um covarde e um assassino.

— Se as tuas acusações estão corretas, por que razão não partiu ele em direção à Ásia, para se juntar aos seus verdadeiros aliados?

— Talvez a sua fuga para sul seja apenas um despiste.

— Vou mandar encerrar as fronteiras. Asher não sairá do Egito.

Sem cúmplices, Asher não conseguiria escapar ao cerco. Quem ousaria ajudar um general destituído e infringir uma ordem do vizir?

Paser ficou satisfeitiíssimo com esta retumbante vitória. O general não conseguiria justificar a sua deserção, vendo-se traído por traidores, ele os trairia por sua vez quando fosse ouvido durante o segundo processo que lhe seria levantado. Tinha sem dúvida tentado vingá-lo de Denes e Chéchi e, perante o insucesso, optara por desaparecer.

— Vou fazer chegar aos governadores das províncias um decreto ordenando a prisão imediata de Asher. Que Kem o transmita aos serviços da polícia.

Graças ao correio-expresso, o general estaria a ser procurado por toda a parte em menos de quatro dias.

— A tua missão ainda não terminou — prosseguiu o vizir. — Se o general é apenas um executante, tens de descobrir o cabeça.

— É essa a minha intenção — afirmou Paser, cujos pensamentos divagavam até Suti.

Denes conduziu a princesa Hattusa à fundição clandestina onde Chéchi trabalhava. Situada num bairro pobre, estava dissimulada atrás de uma cozinha ao ar livre explorada por empregados do transportador. Era aí que o químico experimentava ligas e testava o efeito dos ácidos vegetais sobre o cobre e o ferro.

Estava um calor abrasador. Hattusa tirou a capa com capuz.

— Uma visita real — anunciou Denes, prazenteiro.

Chéchi nem se dignou erguer os olhos, estava concentrado numa operação delicada, uma solda em que se misturavam ouro, prata e cobre.

— É o castão de uma adaga — explicou. — Será do futuro rei, quando o tirano tiver desaparecido.

Movimentando o pé direito ritmadamente, Chéchi carregava num fole para atizar o fogo, manejando os pedaços de metal com pinças de bronze e movimentos rápidos, pois o bronze fundia à mesma temperatura que o ouro.

Hattusa sentia-se pouco à vontade.

— As tuas experiências não me interessam. Quero o ferro celeste que comprei.

— Mas de que ainda só pagaste uma parte — esclareceu Denes.

— Entregue-o e receberás o resto.

— Continuas com pressa.

— Não gosto da tua insolência! Mostra-me o que me é devido.

— Vais ter de esperar.

— Basta, Denes! Ter-me-ás acaso mentido?

— Não propriamente.

— Então, o metal não te pertencia?!

— Mas recuperá-lo-ei.

— Zombaste de mim!

— Não te equivoques, princesa, foi uma simples antecipação. O que conta é que trabalhamos juntos para arruinar Ramsés, não te parece?

— Não passas de um ladrão.

— Não vale a pena zangares-te. Estamos condenados a permanecer unidos.

Um olhar de humilhante desprezo envolveu o transportador.

— Enganas-te, Denes. Dispensó a tua ajuda.

— Seria estupidez pões fim ao nosso pacto.

— Abre a porta e deixa-me sair.

— Mas vais ficar calada, não vais?

— Agirei no meu interesse.

— Preciso da tua palavra.

— Afasta-te!

Denes não arredou pé e Hattusa empurrou-o. Furioso, o transportador empurrou-a também. Ao recuar, desamparada, Hattusa foi de encontro às pinças incandescentes que Chéchi havia pousado num poial de pedra e, soltando um grito, desequilibrou-se e caiu para cima da forja. O vestido incendiou-se de imediato.

Nem Denes nem Chéchi intervieram, aguardando o segundo instruções do primeiro. Quando o transportador abriu a porta e fugiu, o químico saiu atrás dele. E a forja continuava a arder.

Antes de presidir à sessão extraordinária do tribunal, reunido no átrio do templo de Ptah, Paser redigira em código uma mensagem para Suti:

— Asher está perdido. Não corras mais riscos. Volte imediatamente.

O juiz confiara o documento a um mensageiro da polícia devidamente credenciado que, à sua chegada a Coptos, o entregou à polícia do deserto, encarregada de distribuir a correspondência pelos mineiros.

O tribunal julgava nesse dia uma série de pequenos delitos, desde o não reembolso de uma dívida à ausência injustificada no local de trabalho. Tendo os culpados reconhecido as suas faltas, os jurados foram indulgentes. Entre eles, encontrava-se Denes. No final da audiência, o transportador abordou o juiz.

— Não sou teu inimigo, Paser.

— E eu não sou teu amigo.

— Precisamente, devias desconfiar daqueles que se apresentam como teus amigos.

— O que estás tu a insinuar?

— Que a tua confiança é por vezes mal atribuída. Suti, por exemplo, não a merece. Vendia-me informações sobre ti e o teu inquérito em troca de uma segurança material que em vão persegue.

— A minha posição impede-me de te bater, mas mesmo assim sou capaz de perder a cabeça.

— Um dia vais agradecer-me.

Mal chegou ao hospital, Néféret foi solicitada por vários colegas que tentavam desde a madrugada salvar da morte uma grande queimada. Tinha deflagrado um incêndio numa oficina clandestina de um bairro pobre, a infeliz vítima cometera decerto uma imprudência, e as suas chances de salvação eram nulas.

O médico de plantão havia aplicado sobre as carnes martirizadas lama negra e excrementos de gado miúdo cozidos e triturados com cerveja fermentada. Néféret reduziu a pó cevada torrada e colocintida, misturadas com resina de acácia dessecada, e ligou estes ingredientes com óleo, com isto preparou uma gaze gorda que aplicou nas queimaduras mais extensas. As lesões menos profundas, tratou-as com ocre amarelo triturado e misturado com suco de sicômoro, colocintida e mel.

— Assim, não terá tantas dores.

— Como é que vamos alimentá-la? — perguntou a enfermeira.

— Por agora é impossível.

— Mas temos de hidratá-la.

— Introduz uma palhinha entre os seus lábios e deixa escorrer um pouco de água cobreada, gota a gota. Vigia-a permanentemente, à menor alteração, previne-me logo.

— E a gaze gorda?

— Mude-a de três em três horas. Amanhã vamos aplicar uma mistura de cera, gordura de boi cozida, papiro e alfarroba. O quarto tem de estar fornecido de grande quantidade de ligaduras muito finas.

— Ainda tens esperanças, apesar de tudo?

— Francamente, não. Já se sabe quem é? É preciso avisar a família.

O administrador do hospital receava a pergunta de Néfêret, e chamou-a de parte.

— Receio complicações. A nossa doente não é uma pessoa comum.

— Quem é ela, então?

O administrador exibiu uma pulseira de prata com o nome da proprietária gravado na face interior, e que as chamas não tinham apagado: Hattusa, esposa de Ramsés.

Um vento quente da Núbia punha os nervos à flor da pele. Levantava a areia do deserto, cobrindo as casas. Todos se esforçavam por tapar as frinchas, mas uma fina poeira amarelada penetrava por todo o lado e obrigava as donas de casa a limpezas constantes. Muitas pessoas queixavam-se de dificuldades respiratórias, obrigando os médicos a frequentes intervenções. E também Paser não foi poupado. Um colírio acalmara os seus olhos inflamados, mas tinha de lutar contra o cansaço que o invadia. Kem, em compensação, parecia tão imune às condições climáticas como o seu babuíno.

Os dois homens e o macaco estavam a apanhar ar fresco à sombra de um sicômoro, perto do lago dos lótus. Bravo, de início hesitante, acabou por saltar para os joelhos do dono, mas sempre de olho no babuíno.

— Alguma notícia de Asher?

— Sair do país ser-lhe-á impossível — afirmou o juiz. — Pode esconder-se semanas a fio, mas os seus partidários diminuirão e acabarão por denunciá-lo. As ordens do vizir não apresentam qualquer ambiguidade. Porque terá o general agido desta maneira?

— Porque sabia que desta vez perderia o processo.

— Quer isso dizer que os seus aliados o desampararam?

— Já não precisavam dele...

— Que conclusões tiras daí?

— Que não existe conspiração militar nem tentativa de invasão.

— No entanto, a princesa Hattusa, em Mênfis...

— Eliminada, também ela! Os conspiradores já não precisam do seu apoio. Quais os resultados do teu inquérito?

— A fundição clandestina não pertencia a ninguém. E a cozinha ao ar livre era administrada por empregados de Denes.

— Que outra coisa poderíamos esperar?

— Nada o incrimina formalmente.

— A cada passo, chocamos com ele! E o incêndio, não foi de origem criminosa?

— Foram vistas pessoas a fugir, mas os testemunhos divergem quanto ao seu número, e tudo o que consegui obter foram descrições fantasistas.

— Uma oficina de fundição... e Chéchi trabalhava lá.

— Terá ele atraído Hattusa a uma cilada?

— Queimar uma mulher viva, não ousou acreditar. Estaremos nós perante monstros?

— Se isso for verdade, preparemo-nos para duras provas.

— Suponho que será inútil pedir-te para suspenderes a vigilância à minha casa.

— Mesmo que eu não fosse o chefe da polícia, e mesmo que me desses ordens em contrário, eu manteria a vigilância.

Paser jamais entenderia este misterioso Kem. Frio, distante, seguro de si, não aprovava a ação do juiz, mas ajudava-o sem hesitações. O núbio não tinha outro confidente além do babuíno, ferido no corpo, estava-o ainda mais na alma. A justiça? Um equívoco. Mas Paser acreditava nela, e Kem confiava em Paser.

— Avisaste o vizir?

— Enviei-lhe um relatório detalhado. Parece que Hattusa não tinha prevenido ninguém da sua viagem a Mênfis. Néféret vela por ela dia e noite.

Ao quinto dia, Néféret reduziu colocintida, ocre amarelo e limalha de cobre a uma pasta gordurosa.

Aplicou-a sobre as queimaduras e ligou-as com infinita delicadeza. Apesar do sofrimento, Hattusa resistia.

Ao sexto dia, o seu olhar mudou. Parecia ter saído de um longo sono.

— Coragem! Estás no hospital principal de Mênfis. A etapa mais difícil já foi superada. Agora, cada hora vencida deixa-te mais perto do restabelecimento.

A bela hitita estava desfigurada. Apesar das pomadas e dos unguentos, a sua pele soberba, mais não seria que um emaranhado de cicatrizes rosadas. Néféret temia o momento em que a princesa exigisse um espelho.

A mão direita de Hattusa ergueu-se e agarrou com força o pulso de Néféret.

— Trata-se de uma doença que conheço e vou curar — prometeu ela.

Paser contemplava a mulher enquanto ela dormia.

Finalmente, aceitara repousar um pouco. Néféret empenhara-se em salvar Hattusa, preparando ela mesma as ligaduras e os remédios que a pouco e pouco iam sarando as horríveis queimaduras.

O seu amor por ela crescia e desabrochava como a coroa de uma palmeira, e cada despertar conferia-lhe um novo cambiante, inesperado e sublime, Néféret possuía o dom de fazer sorrir a vida e de iluminar a noite mais sombria. Não era para continuar a seduzi-la e para lhe provar que não tinha cometido um erro ao casar com ele, que Paser lutava com o mesmo entusiasmo de sempre? Para lá das suas fraquezas, brilhava a certeza de uma união que nem o tempo, nem o hábito, nem a experiência poderiam enfraquecer.

Um raio de sol inundou o quarto, banhando o rosto de Néféret. A jovem começava lentamente a despertar.

-Hattusa está salva — murmurou.

— Esquecer-te-ias de mim em benefício da tua paciente?

Néféret aconchegou-se ao marido.

— Como irá uma princesa tão jovem e tão bela aceitar a infelicidade que sobre ela se abateu?

— Ramsés já fez alguma declaração?

— Pela voz do camareiro do palácio. Quando Hattusa puder ser transportada, será lá acolhida.

— A menos que as suas revelações venham pôr cobro a uma posição tão privilegiada.

Preocupada, Néféret sentou-se na beira da cama.

— Não te parece que ela já foi suficientemente molestada?

— Perdoa-me, mas tenho de interrogá-la.

— Ela ainda não pronunciou uma só palavra.

— Previne-me, assim que tiver forças para falar.

Hattusa comeu uma papa de cevada e bebeu sumo de alfarroba. A sua vitalidade renascia, mas o seu olhar continuava ausente, perdido num pesadelo.

— Como foi que tudo aconteceu? — perguntou Néféret.

— Ele empurrou-me. Eu queria sair da oficina, mas ele não deixou.

As palavras saíam-lhe lentas e dolorosas. Transtornada, Néféret não teve coragem de continuar a interrogá-la.

— As pinças de bronze queimaram-me o vestido... saltou uma labareda... fui de encontro à forja e fiquei em chamas.

A sua voz tornou-se estridente.

— Eles fugiram, abandonaram-me.

Desvairada, Hattusa tentava sobrepor-se ao passado e apagar o drama que havia arruinado a sua beleza e a sua juventude. Concentrava-se em si mesma, esgotada e vencida.

Subitamente, endireitou-se e gritou bem alto a sua dor.

— Eles fugiram, os malditos. Denes e o Chéchi!

Néféret administrou um calmante a Hattusa e fez-lhe companhia até ela adormecer.

Quando ia a sair do hospital, a camareira-mor da rainha-mãe abordou-a.

— Sua Majestade deseja ver-te sem demora.

Néféret foi convidada a sentar-se numa liteira, e os condutores aceleraram o passo.

Tuya recebeu a médica sem cerimônias.

— A saúde, Majestade?

— Graças ao tratamento que me deste, está excelente. Foste informada da decisão tomada pelo conselho dos médicos?

— Não.

— A presente situação tornou-se intolerável e o médico-chefe será nomeado na próxima semana. Um nome sairá das deliberações.

— É mesmo necessário que assim seja?

— O dentista Qadash apenas terá fantoches como opositores! Ele soube desencorajar os adversários. Os antigos amigos de Nébamon, os fracos e os indecisos votarão nele.

A raiva da rainha-mãe acentuava a sua solenidade natural.

— Não me conformo com esta fatalidade, Néféret! Qadash é um incapaz, indigno de exercer um cargo de tão grande responsabilidade. A saúde pública sempre me preocupou. É preciso tomar medidas para o conforto e bem-estar da população e velar pela higiene, para manter as epidemias afastadas. Este Qadash não se importa com isso! Só pensa no poder e na glória, nada mais. É pior do que Nébamon. Tens de ajudar-me.

— De que maneira?

— Apresentando-te contra ele.

Néféret autorizou Paser a entrar no quarto onde a princesa Hattusa repousava. Tinha o rosto e os membros completamente cobertos de ligaduras. Para diminuir os riscos de gangrena e infecção, a médica tinha cuidado das feridas com uma pomada reservada aos casos mais graves: limalha de cobre, crisocalco, terebintina, cominhos, natrão, assa-fétida, cera, cinamomo, briónia, óleo e mel, tudo triturado e reduzido a uma pasta gordurosa.

— Posso falar contigo, princesa?

— Quem és tu?

Uma ligadura fina cobria-lhe as pálpebras.

— O juiz Paser.

— Quem te autorizou...

— Néféret, a minha mulher.

— Também ela é minha inimiga.

— A minha pergunta foi um proforma. Estou a fazer um inquérito sobre o incêndio.

— O incêndio...

— Quero identificar os culpados.

— Que culpados?

— Não citaste os nomes de Denes e Chéchi?

— Estás enganado.

— O que fazias tu naquela fundição clandestina?

— Queres mesmo saber?

— Se assim o entenderes.

— Fui lá procurar ferro celeste para fazer magia contra Ramsés.

— Devias ter desconfiado de Chéchi.

— Eu estava sozinha.

— Como explicas então...

— Tratou-se de um acidente, juiz Paser. Um simples acidente.

— Porque mentes?

— Odeio o Egito, a sua civilização e os seus valores.

— Ao ponto de não queres testemunhar contra os teus carrascos?

— Quem tenta destruir Ramsés merece a minha simpatia. O teu país recusa a única verdade que existe: a guerra! Só a guerra desencadeia as paixões e revela a natureza humana. O meu povo errou ao selar a paz com o Egito, e eu sou a vítima desse erro. Queria alertar os Hititas, mostrar-lhes o caminho certo... Mas agora serei enclausurada num desses palácios que abomino. Porém, outros terão mais êxito do que eu, disso não tenho dúvida. E tu não terás sequer o prazer de me fazeres ir a julgamento. E não te julgo cruel ao ponto de torturares ainda mais uma pessoa tão doente.

— Denes e Chéchi são dois criminosos. Escarnecem dos teus ideais.

— A minha decisão está tomada. Nem mais uma palavra sairá da minha boca.

Paser ratificou a candidatura de Néféret ao cargo de médico-chefe do reino do Egito. Dispunha dos títulos e da experiência necessária, além disso, a sua posição de diretora do hospital de Mênfis, o apoio expresso da rainha-mãe e os encorajamentos calorosos dos colegas davam um certo peso à pretensão da jovem médica.

Ela receava, no entanto, embarcar nesta experiência com que nem sequer sonhara. Qdash recorreria aos métodos mais vis para desencorajá-la, e, por outro lado, a sua única ambição era cuidar dos doentes e não receber honras e responsabilidades que nunca tinha desejado. Nem mesmo Paser conseguia confortá-la, também ele abalado pela loucura de Hattusa, condenada à mais desesperada solidão. O seu testemunho teria provocado a queda de Denes e Chéchi que, desta forma, e uma vez mais, escapavam ao castigo.

Não estaria o juiz a arremeter contra uma muralha indestrutível? Um gênio mau protegia os conjurados e garantia-lhes a impunidade. Saber que o general Asher caíra em desgraça, estar certo de que nenhuma conspiração militar ameaçava o Egito, deveria reconfortá-lo, porém, uma angústia surda teimava em subsistir. Não compreendia a razão de ser de tantos crimes nem a arrogância desprezível de um homem como Denes, que nenhum golpe parecia capaz de derrubar. Estariam o transportador e os seus acólitos na posse de alguma arma secreta, fora do alcance do juiz?

Percebendo mutuamente a angústia que os perturbava, Paser e Néféret preocupavam-se um com o outro antes de se debruçarem sobre os seus próprios problemas. E, enquanto faziam amor, viram nascer uma nova aurora.

Ao regressarem das inhóspitas paragens do deserto oriental, os polícias e os seus molossos resolveram descansar antes de voltarem a pôr-se em marcha para uma nova patrulha. Era hora de tratarem das feridas, receberem uma massagem relaxante e divertirem-se na locanda da cerveja, onde rameiras acolhedoras e dóceis lhes venderiam o corpo por uma noite. “Os de olho perspicaz” trocaram as informações colhidas durante as operações e levaram para a prisão os beduínos e os vagabundos capturados em situação irregular.

O gigante encarregado de vigiar o recrutamento dos mineiros cuidou dos seus galgos e dirigiu-se ao gabinete do escriba do correio.

— Chegou alguma mensagem?

— Dez mensagens.

O polícia leu o nome dos destinatários.

— Ah, para o Suti... Que tipo esquisito. Não tem nada aspecto de mineiro.

— Não são assuntos que me digam respeito — respondeu o escriba. — Preenche este recibo.

O gigante distribuiu, ele mesmo, a correspondência. De passagem, interrogou os destinatários sobre os seus correspondentes. Faltaram três à chamada, dois veteranos que trabalhavam numa mina de cobre e Suti. Feita a verificação, soube que a expedição comandada por Efraim tinha chegado a Coptos na véspera. O polícia foi procurá-los à locanda da cerveja, inquiriu nos albergues, inspeccionou os acampamentos, mas em vão. A inspeção central indicava que Efraim, Suti e mais cinco homens se tinham esquecido de se apresentarem ao escriba encarregado de registrar as chegadas e partidas do pessoal mineiro.

Intrigado, o polícia desencadeou uma operação de busca.

Os sete trabalhadores tinham desaparecido. Já outros, antes deles, tinham tentado fugir com pedras preciosas, mas tinham sido todos capturados e severamente punidos. Porque iria um homem experiente como Efraim meter-se numa aventura insensata como esta? “Os de olho perspicaz” mobilizaram-se de imediato. Caçadores por vocação, esqueceram o prazer e o lazer, pois nada lhes dava maior satisfação do que perseguir uma presa de primeira.

O gigante chefearia a operação. Com o consentimento do escriba do correio, e por se tratar de um motivo de força maior, abriu a carta destinada ao fugitivo. Os hieróglifos, legíveis individualmente, eram porém incompreensíveis no seu todo. Um código! O polícia não se tinha enganado. Este Suti não era um mineiro como os outros. Mas para quem trabalharia ele?

Os sete homens haviam metido por um caminho difícil em direção a sudeste. Qual deles o mais robusto, avançavam em passo cadenciado, comiam pouco e concordaram em fazer longas paragens nas nascentes, lugares que apenas Efraim conhecia. O chefe da equipe exigira obediência cega, e não admitia quaisquer perguntas sobre o destino da viagem.

— Apenas sabiam que, no final, os esperava a fortuna.

— Um polícia, ali embaixo!

E o mineiro estendeu o braço em direção a uma forma estranha a imóvel.

— Avança, imbecil! — ordenou Efraim. — É apenas uma árvore.

Com três metros de altura, o surpreendente exemplar do reino vegetal apresentava uma casca levemente azulada e rachada, e as suas folhas largas e ovais, verdes e rosadas, evocavam o tecido com que se fabricavam os capotes para o Inverno. Os fugitivos aproveitaram a lenha para acenderem uma fogueira e assarem a gazela que tinham caçado de manhã. Mas, primeiro, Efraim assegurou-se de que a árvore não produzia um látex que provocava parada cardíaca. Colheu também as folhas, esmagou-as, reduziu-as a pó e partilhou-as com os companheiros.

— É um purgante excelente — comentou. — E um remédio eficaz contra as doenças venéreas. Quando forem ricos, terão à vossa disposição fêmeas soberbas.

— Mas não no Egito... queixou-se um dos mineiros.

— As asiáticas são mais quentes e vigorosas. Elas far-te-ão esquecer as garotas das nossas províncias.

De barriga cheia e garganta fresca, o pequeno grupo pôs-se de novo em marcha.

Picado no tornozelo por uma víbora das areias, o mineiro morreu no meio de atrozes convulsões.

— Que grande imbecil! — murmurou Efraim. — O deserto não perdoa qualquer falta de atenção.

O melhor amigo da vítima revoltou-se.

— Tu vais é conduzir-nos a todos a uma morte certa! Quem conseguirá escapar ao veneno destas criaturas?

— Eu, e aqueles que seguirem as minhas pegadas.

— Quero saber para onde vamos.

— Um tagarela como tu contava logo ao vento e traía-nos num instante.

— Exijo uma resposta!

— Queres apanhar?

O mineiro olhou a toda a volta. A imensidão do deserto só albergava ciladas.

Submisso, voltou a pegar o equipamento.

— Se outras tentativas como a nossa falharam — revelou Efraim — não foi por acaso. Foi por se ter introduzido nesses grupos um informante que punha a polícia a par de todos os nossos movimentos. Desta vez tomei as minhas precauções. Mas não excluo a hipótese de haver entre nós um mercenário.

— De quem suspeitas?

— De ti, e de todos os outros. Qualquer um de vocês pode ter sido comprado. Se existe um traidor, ele se trairá a si mesmo mais cedo ou mais tarde. Para mim, vai ser um regalo.

“Os de olho perspicaz” esquadrinharam o deserto a partir da última posição conhecida de Efraim e do seu grupo, e calcularam as possibilidades de deslocação em marcha acelerada. Os mensageiros dos correios avisaram os colegas, de norte a sul, da fuga de perigosos delinquentes em busca de minerais raros. A caça ao homem, como de costume, terminaria com sucesso.

Apenas a presença de Suti inquietava o gigante. Aliado a Efraim, que conhecia todos os

trilhos, nascentes e minas tão bem como a polícia, era bem capaz de frustrar a estratégia das forças da ordem. Assim, abandonou os planos clássicos e fiou-se no instinto. Se estivesse no lugar de Efraim, tentaria alcançar a região das minas abandonadas: nem uma só nascente, calor tórrido, serpentes em abundância e nem sinais de tesouro... Quem se atreveria a arrostar com tal inferno? Era um esconderijo perfeito, na verdade, e talvez mais ainda se se considerasse a possibilidade de as minas não estarem completamente esgotadas. Como exigiam as normas, o gigante levou consigo dois policiais experientes e quatro cães. Seguindo as pistas habituais, interceptaria os furtivos numa região de colinas onde cresciam algumas árvores.

Kem sentia-se atado de pés e mãos. Bem gostaria de se lançar na pegada do general Asher, que ninguém conseguia encontrar! Mas a proteção do juiz Paser exigia a sua permanência em Mênfis, pois nenhum dos seus subordinados seria capaz de vigiá-lo devidamente.

Pelo nervosismo do macaco, o núbio sabia que o perigo rondava. É óbvio que na sequência dos dois malogros, o agressor ia tomar mais precauções para não ser descoberto. Eliminado o efeito de surpresa, preparar um acidente tornava-se cada vez mais difícil, mas não iria o homem decidir-se por uma ação mais violenta e definitiva?

Salvar Paser passou a ser o objetivo principal do chefe da polícia. A seu ver, o juiz encarnava uma forma de vida impossível que era preciso preservar a todo o custo. Durante os longos anos em que sofrera mais do que qualquer mortal comum, Kem nunca cruzara com alguém da tempera do juiz. Mas jamais confessaria a Paser a admiração que sentia por ele, com receio de estar assim a alimentar esse animal viscoso e rastejante, a vaidade humana, sempre pronta a corromper os corações.

O babuíno acordou. O núbio deu-lhe carne seca e cerveja e encostou-se ao muro do terraço de onde vigiava a casa do juiz. Chegara a sua vez de dormir, enquanto o macaco retomava a vigilância.

O devorador de sombras praguejava contra má sorte. Tinha feito mal em aceitar uma missão que estava além da sua especialidade, que era matar rápido e sem deixar vestígios. Por momentos, tivera vontade de renunciar, mas os mandantes o teriam denunciado e a sua palavra não teria qualquer valor ao lado da deles. Além disso, tinha lançado um desafio a si mesmo. Até aí, a sua carreira não tinha sido manchada por qualquer fracasso, e era por isso deveras excitante que um juiz fosse a sua mais bela vítima.

Infelizmente, esse juiz dispunha de uma proteção forte e eficaz. Kem e o seu macaco eram adversários à altura, cuja vigilância parecia impossível iludir. Desde a agressão falhada da pantera, o chefe da polícia seguia todos os passos do juiz e fazia dobrar a sua própria vigilância por vários policiais de elite.

Mas a paciência do devorador de sombras era infinita. Ele saberia esperar pela mínima falha, a menor falta de atenção. Ao passear no mercado de Mênfis, onde os vendedores expunham os seus produtos exóticos vindos da Núbia, teve de repente uma idéia capaz de aniquilar a principal linha de defesa do adversário.

— Já é tarde, meu amor.

Diante de Paser, ainda sentado à escrivaninha, estendia-se uma dezena de papiros

desenrolados e iluminados por duas candeias de pé alto.

— Estes documentos tiram-me o sono.

— De que se trata?

— Das contas de Denes.

— Onde os encontraste?

— Pertencem ao Tesouro.

— Não os roubaste, pois não? — perguntou ela, sorrindo.

— Enviei um pedido oficial a Bel-Tran e ele respondeu de imediato, mandando-me estes papéis.

— E o que foi que descobriste?

— Irregularidades. Denes esqueceu-se de pagar algumas taxas e parece ter viciado o cálculo dos impostos.

— A que se arrisca ele, além da multa?

— Bel-Tran, apoiando-se nas minhas advertências, saberá intimidar a tranquilidade financeira de Denes.

— Sempre a mesma obsessão.

— Porque será que o transportador está tão seguro de si? Preciso penetrar na sua carapaça não importa como.

— Alguma notícia de Suti?

— Absolutamente nada. E ele já deveria ter enviado uma mensagem que pudesse orientar a polícia do deserto.

— Certamente impediram-no de fazê-lo.

— Provavelmente.

A hesitação de Paser surpreendeu Neféret.

— De que suspeitas?

— De nada.

— Diz a verdade, juiz Paser!

— Na última sessão do tribunal, Denes aventou uma possível traição de Suti.

— Tu... deixares-te cair numa cilada dessas?

— Que Suti me perdoe.

— Dois para a galeria da direita e os outros para a da esquerda — ordenou Efraim. — Suti e eu vamos pela do meio.

— Mas estão todas num estado deplorável, as traves estão meio podres. Se desabam, não sairemos de lá com vida.

— Trouxe-vos para este inferno porque a polícia do deserto o julga estéril. Nada de nascentes e as minas estão esgotadas: é o que se diz em Coptos! O antigo poço, fui eu que vo-lo indiquei, o tesouro destas galerias, procurem-no vocês mesmos.

— É demasiado arriscado — afirmou um dos mineiros, peremptório. — Eu não entro.

Efraim aproximou-se do medroso.

— O quê? Nós lá dentro e tu aqui fora... isso não me agrada nada.

— Pior para ti.

O punho de Efraim abateu-se sobre o crânio do refilão com singular violência. A vítima tombou para o lado. Um dos colegas debruçou-se sobre ele e arregalou os olhos.

— Mataste-o!?

— Um suspeito a menos. Toca a entrar para as galerias.

Suti precedeu Efraim.

— Vai devagar, rapaz, e apalpa as traves por cima da tua cabeça.

Suti rastejou sobre a terra vermelha e pedregosa. A inclinação era pequena, mas o teto era muito baixo. Efraim segurava o archote. Um clarão emanava das trevas. Suti estendeu a mão. O metal era mole e fresco.

— Prata... Prata aurífera!

Efraim passou-lhe a ferramenta.

— É uma mina, rapaz. Limpa-a sem a fazeres desabar.

Por baixo do brilho branco da prata cintilava o ouro. Este soberbo metal servia para revestir o pavimento de algumas salas dos templos e a parte dos objetos sagrados em contato com o solo, a fim de preservar a sua pureza. Afinal, não era a aurora composta de pepitas de prata que transmitiam a luz das origens?

— Haverá ouro mais abaixo?

— Aqui não, rapaz. Esta mina é apenas uma primeira etapa.

Os quatro cães guiaram os três polícias. Duas horas mais cedo, tinham pressentido uma presença humana na zona das minas abandonadas.

O gigante e os seus companheiros reprimiram a alegria, prepararam arcos e flechas e não trocaram nem mais uma palavra.

Deitados no alto de um outeiro, os cães, de língua pendente, viram os mineiros retirar das galerias vários blocos de prata de tamanho e qualidade admiráveis. Uma verdadeira fortuna.

Quando os ladrões se reagruparam para festejar o seu triunfo, os arqueiros dispararam e soltaram os cães. Dois mineiros foram logo trespassados por flechas e um outro sucumbiu ao ataque feroz dos animais. Suti abrigou-se numa galeria, logo seguido por Efraim, que estrangulou um galgo só com uma mão, e pelo último sobrevivente da equipe.

— Rápido! — gritou Efraim.

— Vamos morrer asfixiados.

— Faz o que eu te mando, rapaz.

Efraim tomou a dianteira e, pegando uma pedra, escavou a parede de fundo da galeria e abriu passagem para a parte superior. Indiferente à poeira e aos pedaços de escoras que caíam, abriu uma chaminé na rocha friável e, escorando as paredes com os pés, puxou Suti, que, por sua

vez, ajudou o companheiro. Os três homens conseguiram finalmente sair da mina e respirar sofregamente o ar fresco do exterior.

— Não podemos demorar por aqui. A polícia não larga a sua presa assim tão facilmente. Vamos ter de andar durante dois dias, mas sem água.

O gigante acariciou os cães, enquanto os colegas abriam valas para sepultar os cadáveres. A primeira parte da operação tinha decorrido com sucesso: extermínio da maior parte dos fugitivos e recuperação de grande quantidade de prata. Restavam três ladrões em fuga.

Os polícias fizeram um acordo: o gigante continuaria sozinho com o cão mais forte, água e mantimentos, e os seus dois colegas levariam o precioso metal de volta a Coptos. Os fugitivos não tinham qualquer chance de sobreviver, sabendo-se perseguidos e sob a ameaça das flechas e de um molosso, teriam de apressar o passo, numa região onde não havia qualquer nascente a menos de três dias de marcha. Se se dirigissem para sul, acabariam forçosamente por encontrar uma patrulha.

O gigante e o cão não corriam portanto quaisquer riscos, e limitar-se-iam a interceptar os malfetores, tirando-lhes todas as possibilidades de retirada. E, uma vez mais, “os de olho perspicaz” levariam a melhor sobre os ladrões.

Na manhã do segundo dia, os três fugitivos lamberam o orvalho que perlava as pedras do caminho. O mineiro sobrevivente levava ainda pendurada ao pescoço a bolsa de couro, onde havia metido pequenos pedaços de prata. Com a mão crispada sobre o seu tesouro, foi o primeiro a ceder. As pernas fraquejaram e caiu de joelhos sobre as pedras.

— Não me abandonem! — suplicou. Suti voltou para trás.

— Se tentares ajudá-lo — preveniu-o Efraim — morrem os dois. Anda daí, rapaz.

Levando o mineiro às costas, Suti rapidamente ficaria para trás e perder-se-iam os dois naquele deserto tórrido onde apenas Efraim era capaz de se orientar. Com o peito a escaldar e os lábios gretados, o jovem continuava a seguir Efraim.

A cauda do molosso agitava-se cadenciadamente. O polícia felicitou-o pela sua descoberta: o cadáver de um mineiro, que o gigante examinou. O fugitivo não estava morto há muito tempo, e as suas mãos agarravam-se com tal força à bolsa de couro que o gigante se viu obrigado a cortá-las para recuperar a prata.

Depois, sentou-se, calculou o valor da apreensão, deu de comer e de beber ao cão, e também ele se alimentou. Habitados a marchas intermináveis, nem um nem outro se ressentiam do sol abrasador. Respeitavam o tempo de repouso necessário e não desperdiçavam a menor quantidade de energia.

Agora, eram dois contra dois e a distância entre polícia e ladrões não parava de diminuir.

O gigante voltou-se para trás. Já por várias vezes tivera a sensação de estar a ser seguido, mas o cão, concentrado nas suas vítimas, não dava sinal.

O gigante limpou o punhal na areia, umedeceu os lábios e retomou a perseguição.

— Só mais um esforço, rapaz. Perto da mina de ouro há um poço.

— Com água?

Efraim não respondeu. Tanto sofrimento não podia ser em vão.

Um círculo de pedras assinalava a presença da nascente. Efraim escavou com as mãos, logo seguido de Suti. A princípio, só areia e calhaus, depois, uma terra mais moldável, quase úmida, seguia-se uma espécie de barro, os dedos molhados e, finalmente, a água, a água que subia do Nilo subterrâneo.

O polícia e o cão assistiram ao espectáculo. Tinham alcançado os fugitivos uma hora atrás e mantinham-se à distância. Ouviram-nos cantar, viram-nos beber a água em pequenos goles, darem largas à sua alegria e, depois, dirigirem-se para a mina de ouro abandonada que já não figurava em mapa algum.

Efraim tinha feito bem o seu jogo. Não confiara em ninguém, guardando só para si um segredo que arrancara de um velho mineiro.

O polícia verificou o arco e as flechas, bebeu um copo de água fresca e preparou-se para a sua última intervenção.

— O ouro está aqui, rapaz. O último filão de uma galeria esquecida. Há ouro suficiente para dois velhos amigos viverem felizes na Ásia.

— Existem mais lugares como este?

— Mais alguns.

— Porque não os exploramos?

— Não dá tempo. Temos de fugir depressa, nós e o nosso patrão.

— Quem é ele?

— O homem que nos espera dentro da mina. Vamos os três tirar o ouro e transportá-lo em trenós até ao mar. Depois, um barco nos levará para uma zona desértica, onde carros escondidos esperam por nós.

— Já roubaste muito ouro para o teu patrão?

— Ele não ia gostar das tuas perguntas. Olha, lá está ele.

Uma personagem baixa, de pernas grossas e cabeça de fuinha, avançou para os dois sobreviventes. Apesar do sol escaldante, o sangue de Suti gelou-lhe nas veias.

— Temos a polícia à perna — disse Efraim. — Toca a tirar o ouro e a fugir daqui.

— Arranjaste um rico companheiro — disse, perplexo, o general Asher.

Apelando para as forças que ainda lhe restavam, Suti fugiu para o deserto. Não tinha qualquer chance de abater Efraim e Asher, este último armado com uma espada. Antes de mais nada, tinha de fugir, depois, pensaria no que fazer.

Um polícia e um cão barraram-lhe o caminho. Suti reconheceu o gigante que supervisionava o recrutamento dos mineiros. O homem esticou o arco, o cão esperava apenas um sinal para atacar.

— Nem mais um passo, rapaz.

— És o meu salvador.

— Invoca os deuses antes de morreres.

— Não te enganes no alvo. Eu estou aqui em missão oficial.

— Às ordens de quem?

— Do juiz Paser. Tinha de provar a participação do general Asher num tráfico de metais preciosos. E, essa prova, já tenho! Os dois juntos podemos prendê-los.

— Coragem não te falta, rapaz, mas falta-te a sorte. Eu trabalho para o general Asher.

Néféret levantou a tampa de abas do seu estojo de cosmética, subdividido em compartimentos decorados com florinhas encarnadas que continham frasquinhos de unguentos, cosméticos, pinturas para os olhos, pedra-pomes e perfumes. Ela gostava de se pôr bonita enquanto em casa ainda todos dormiam, incluindo a sagui e o cão, e ir passear descalça sobre o orvalho, à escuta do primeiro gorgoeio dos melharucos e das poupas. A alvorada era a sua hora preferida, o renascer da vida, o despertar duma natureza em que cada som repercutia a palavra divina. O Sol acabava de vencer as trevas, depois de um combate longo e temerário, o seu triunfo excitava a criação e a sua luz transformava-se em júbilo, animando as aves nos céus e os peixes no rio.

Néféret saboreava a felicidade que os deuses lhe tinham oferecido e que ela, por sua vez, lhes devia devolver. Essa felicidade não lhe pertencia, apenas passava por ela como um fluxo de energia, emanado da fonte e à fonte devendo voltar. Quem tentava apropriar-se das dádivas do além condenava-se a ser estéril como um galho ressequido.

Ajoelhando-se diante do altar erigido junto do lago, a jovem depôs nele flores de lótus. Nela incarnava o novo dia, em que a eternidade se cumpriria no momento que passa. Todo o jardim se recolheu e a rama das árvores inclinou-se à brisa da manhã.

Quando sentiu a língua de Bravo lambe-la a mão, Néféret soube que o rito estava terminado. O cão tinha fome.

— Muito obrigada por me receberes antes de ires para o hospital — disse Silkis. — Esta dor é insuportável. Não me deixou dormir toda a noite.

— Deita a cabeça para trás — pediu Néféret, examinando o olho esquerdo da mulher de Bel-Tran.

Silkis, ansiosa, nem se mexia.

— Trata-se de uma doença que conheço e vou curar. As tuas pestanas curvam-se de forma anormal e picam-te o olho, irritando-o.

— É grave?

— Incomodativo, pelo menos. Queres que resolva já o caso?

— Se não fizer doer muito...

— A operação não custa nada.

— Nébamon fez-me sofrer muito para me modificar o corpo.

— Mas a minha intervenção será muito mais ligeira.

— Confio em ti.

— Mantém-te sentada e descontraí-te.

As doenças de olhos eram tão frequentes que Néféret dispunha permanentemente na sua farmácia privativa de uma grande quantidade de produtos, mesmo dos mais raros, como o sangue de morcego, que ela misturava com incenso para obter uma pomada pegajosa que espalhava sobre as pestanas inoportunas depois de as ter esticado. Assim, mantinha-as direitas até secarem e conseguia extraí-las sem dificuldade pela raiz. Para evitar novo crescimento, aplicava uma segunda pomada composta de crisócola e galena.

— Pronto, Silkis, já estás livre desta.

A mulher de Bel-Tran sorriu, aliviada.

— Tens umas mãos maravilhosas... não senti nada!

— Ainda bem.

— Será necessário algum tratamento complementar?

— Não, estás livre dessa pequena anomalia.

— Gostava tanto que tratasses do meu marido! A sua doença de pele traz-me muito preocupada. Mas anda sempre tão ocupado que nem pensa na saúde... Eu já quase não o vejo. Sai logo de manhã cedo e só volta muito tarde, sempre carregado de papiros que consulta pela noite fora.

— Essa sobrecarga de trabalho não pode durar muito.

— Receio que não seja assim. No palácio têm grande apreço pela sua competência e no Tesouro não podem passar sem ele.

— O que só é motivo de alegria.

— Fora de casa, sim, mas para a nossa vida privada, de que tanto gostamos... O futuro mete-me medo. Fala-se em Bel-Tran para futuro diretor da Dupla Casa branca! As finanças do Egito inteiramente nas suas mãos... É uma responsabilidade esmagadora!

— Não te sentes orgulhosa?

— Bel-Tran vai afastar-se ainda mais de mim, mas que posso eu fazer? Admiro-o tanto!

Os pescadores estenderam as suas pescarias diante de Mentmosé, o antigo chefe da polícia, demitido pelo vizir e relegado para o cargo de superintendente das pescas do Delta, numa pequena cidade costeira. Gordo, pesado e muito lento, Mentmosé abandonava-se a um tédio cada dia mais gravoso. Detestava a casa que lhe tinham dado, não suportava os pescadores e os peixeiros, e tinha violentos acessos de cólera pelos motivos mais insignificantes. O que fazer para escapar àquele buraco no fim do mundo? Já tinha até perdido o contato com todos os seus amigos da corte.

Quando viu surgir Denes no extremo do cais, julgou-se vítima de uma alucinação. Esquecendo os que o rodeavam, concentrou-se na silhueta maciça do transportador, no rosto quadrado e na barbicha fina a contornar o queixo. Não restavam dúvidas de que era mesmo ele, um dos homens mais ricos e influentes de Mênfis.

— Desaparece — ordenou Mentmosé ao patrão de um barco que vinha pedir uma autorização.

Denes observava a cena com ar trocista.

— Estás muito longe das operações policiais, meu caro amigo.

— Acaso zombas da minha infelicidade?

— Gostaria de aliviar o teu fardo.

Mentmosé tinha mentido muito ao longo de toda a sua carreira. Em matéria de manha, dissimulação e aldrabice, considerava-se um perito, mas admitia sem esforço que Denes era um concorrente de respeito.

— Quem te enviou?

— Vim por iniciativa pessoal. Gostarias de te vingar?

— Vingar-me — A voz de Mentmosé tornou-se nasalada.

— Então não temos um inimigo comum?

— Paser, o juiz Paser.

— Um verdadeiro empecilho — ajuizou Denes — A sua nova posição de deão do pórtico não lhe refreou os ânimos.

Enraivecido, o antigo chefe da polícia cerrou os punhos.

— Substituir-me por esse núbio medíocre e ainda mais selvagem do que o macaco.

— Foi injusto e estúpido, na verdade. Que te parece, repararmos esse erro?

— Que pretendes fazer?

— Destruir a reputação do juiz Paser.

— Mas ela não é irrepreensível?

— Aparentemente sim, meu caro amigo. Mas todo o homem tem as suas fraquezas. E se não tiver, nós inventamo-las. Conheces isto?

Denes abriu a mão direita e exibiu um anel de sinete.

— Serve para autenticar os seus documentos.

— Roubaste-o?

— Mandei fazer uma imitação a partir de um modelo fornecido por um dos escribas da sua administração. Agora, é só apô-lo a um documento devidamente comprometedor, e será o fim da carreira do juiz Paser e a tua reabilitação.

A aragem marítima carregada de fortes odores, parecia agora perfumada às narinas de Mentmosé.

Paser pousou a caixa de madeira de ébano entre ele e Neféret. Puxou a gaveta e retirou as peças de barro vidrado que dispôs sobre as trinta casas de um tabuleiro em osso. Néferet foi a primeira a jogar o jogo que consistia em fazer avançar as peças das trevas para a luz evitando cair nas armadilhas dispostas ao longo do percurso, e abrindo numerosas portas. Paser cometeu um erro à terceira jogada.

— Não estás a prestar atenção.

— Ainda não recebi notícias de Suti.

— E é caso para estranhar?

— Receio bem que sim.

— Em pleno deserto, como é que ele ia comunicar contigo?

Mas o juiz nem por isso ficou mais animado.

— Temes alguma traição?

— Devia pelo menos dar sinal de vida.

— Será que temes o pior?

Paser levantou-se, abandonando o jogo.

— Estás enganado — afirmou a mulher. — Suti está vivo.

O boato repercutiu-se como um trovão: Bel-Tran, depois de tesoureiro principal e superintendente dos celeiros, acabava de ser nomeado diretor da Dupla Casa branca, ou seja, responsável pela economia do Egito, sob as ordens do vizir. Competia-lhe receber e inventariar minerais e materiais preciosos, a ferramenta destinada aos canteiros dos templos e às corporações artesanais, os sarcófagos, os unguentos, os tecidos, os amuletos e os objetos litúrgicos. Pagaria aos camponeses o valor das colheitas e fixaria os impostos, assistido por pessoal numeroso e especializado.

Passado o efeito de surpresa, ninguém contestou a nomeação. Grande quantidade de funcionários do tribunal tinham vindo pessoalmente recomendar Bel-Tran junto do vizir. E, apesar da sua ascensão poder parecer, segundo alguns, muito rápida, a verdade é que ele tinha dado provas notáveis de excepcionais qualidades de gestor. A ele se deviam a reorganização dos serviços, a optimização dos resultados e um melhor controle das despesas, apesar do seu carácter difícil e de uma acentuada tendência para o autoritarismo. Comparado com ele, o anterior superintendente fazia bem fraca figura, mole e vagaroso, deixara-se envolver na rotina com posteriores complexos de culpa que tinham acabado por desencorajar os seus mais fiéis partidários. Nomeado mau grado seu para um cargo invejado, recompensado por um trabalho obstinado, Bel-Tran não escondia as suas intenções de sair da rotina e dar à Dupla Casa branca um prestígio e uma autoridade que a engrandeceriam. Insensível por norma ao cortejo de elogios, o vizir Bagey ficara impressionado com a abundância de opiniões favoráveis.

Os escritórios de Bel-Tran ocupavam uma área considerável no centro de Mênfis, à entrada, dois porteiros filtravam os visitantes. Néféret identificou-se e aguardou com paciência que a sua convocação fosse confirmada. Passou por um reduto para animais e uma capoeira onde os escribas do fisco recebiam os impostos em géneros. Uma escada conduzia aos celeiros, que se enchiam e esvaziavam ao ritmo das contribuições. Um exército de escribas, sentados debaixo de um dossel, ocupava um dos andares do edifício. O cobrador-chefe vigiava permanentemente a entrada dos armazéns onde os camponeses iam depositar frutos e legumes.

A médica foi conduzida a um outro edifício, Néféret atravessou um vestibulo dividido em três áreas por barrotes no tecto e quatro pilares, onde os altos funcionários redigiam processos verbais. Um secretário introduziu-a numa ampla sala com seis pilares onde Bel-Tran recebia os visitantes mais importantes. O novo diretor da Dupla Casa branca dava as suas ordens a três colaboradores, falava depressa, passando de uma idéia para outra, e ocupava-se de vários assuntos ao mesmo tempo.

— Néféret! Obrigado por teres vindo.

— A tua saúde é assunto de estado.

— Desde que não interfira com as minhas atividades. — Bel-Tran mandou sair os subordinados e mostrou à médica a perna esquerda com uma enorme mancha avermelhada com vários centímetros de comprimento, orlada de uma borbulhagem esbranquiçada.

— Tens o fígado afetado e os rins funcionam mal. Vais aplicar na perna uma pomada de flores de acácia e clara de ovo, e tens de beber várias vezes ao dia dez gotas de sumo de aloés, para além da medicação habitual. Tens de ser paciente e seguir o tratamento com regularidade.

— Confesso que sou muitas vezes negligente.

— Essa inflamação pode agravar-se, se não tomares cuidado.

— Como posso eu pensar em tudo? Bem gostava de estar mais tempo com o meu filho, ajudá-lo a compreender que será ele o meu herdeiro, explicar-lhe o significado das responsabilidades que o esperam.

— Silkís queixa-se das tuas ausências.

— A minha querida e doce Silkís! Mas ela reconhece a importância dos meus esforços. Como está Paser?

— O vizir acaba de convocá-lo, sem dúvida para informá-lo da prisão do general Asher.

— Admiro muito o teu marido. A meu ver, é um predestinado. Tem uma força de vontade que nenhum acidente de percurso consegue desviar do rumo traçado.

Bagey estava debruçado sobre um texto legislativo respeitante à travessia gratuita de barco para os cidadãos de fracos recursos, e nem a entrada de Paser o fez levantar a cabeça.

— Esperava-te mais cedo.

O tom de voz, contundente, surpreendeu o juiz.

— Senta-te. Tenho de terminar este assunto.

De ombros abaulados, costas dobradas e rosto taciturno e mal-humorado, o vizir acusava o peso da idade.

Paser, que julgava ter conquistado a amizade de Bagey, tornara-se de repente no alvo de uma cólera surda de que desconhecia o motivo.

— O deão do pórtico deve mostrar-se inatacável — sentenciou o vizir, com voz áspera.

— Eu fui o primeiro a bater-me para que este lugar ficasse totalmente limpo de irregularidades.

— E hoje és tu quem o ocupa.

— Estarás por acaso a censurar-me?

— Pior do que isso, juiz Paser. Que justificação dás para a tua conduta?

— De que me acusas?

— Agradar-me-ia mais que fosses sincero.

— Estarei mais uma vez a ser condenado sem motivo?

Exaltado, o vizir levantou-se.

— Esqueces-te de com quem estás a falar?

— Repudio a injustiça, venha ela de onde vier.

Bagey pegou numa tabuinha de madeira coberta de hieróglifos e colocou-a debaixo dos olhos de Paser.

— Reconheces o teu sinete, ao fundo do texto?

— Com efeito.

— Ora lê.

— Trata-se de uma entrega de peixes de primeira escolha num entreposto de Mênfis.

— Entrega que tu mesmo mandaste fazer. Mas acontece que esse entreposto não existe.

Desviaste esta mercadoria de luxo do seu verdadeiro destino, o mercado da cidade, e as caixas foram encontradas numa das dependências da tua casa.

— Busca certamente levada a cabo com eficácia!

— Foste denunciado.

— Por quem?

— Por carta anônima, mas os pormenores estavam certíssimos. Na ausência do chefe da polícia, as investigações ficaram a cargo de um dos seus subordinados.

— Algum antigo colaborador de Mentmosé, suponho eu?

Bagey pareceu ficar incomodado.

— Exatamente.

— E não desconfiaste de uma encenação?

— Claro que sim. Todos os indícios apontavam nesse sentido: as peixarias de que Mentmosé é responsável, a intervenção de um dos seus amigos fiéis, o seu desejo de vingança... Mas existe o teu selo, colocado num documento comprometedor.

O olhar do vizir tinha mudado. Paser lia nele a esperança de descobrir uma outra verdade.

— Eu possuo a prova formal da minha inocência.

— Nada me poderia dar maior prazer.

— Simples precaução — explicou Paser. — À força de tantas provações, a minha ingenuidade atenuou-se. Ora, como deves calcular, o titular de um sinete deve tomar as suas precauções, e eu desconfiei que, mais cedo ou mais tarde, os meus inimigos se serviriam dele. Por isso, coloco em todos os documentos oficiais uma pintinha vermelha depois da nona e da vigésima primeira palavras e, por debaixo do selo, desenho uma estrelinha de cinco pontas, quase diluída na tinta, mas visível de muito perto. Peço-te que examines esta tabuinha e verificarás a ausência destes sinais distintivos.

O vizir levantou-se e aproximou-se da janela, um raio de sol iluminou o documento.

— De fato, não estão aqui — constatou ele.

Bagey não deixou pedra sobre pedra. Ele próprio foi buscar uma enorme quantidade de documentos assinados por Paser, verificando que em nenhum deles faltavam, nem os pontinhos vermelhos, nem a estrela. E, em vez de partilharem o segredo, aconselhou o deão do pórtico a alterar a sua marca e não contar nada a ninguém do que tinha acontecido.

A mando do vizir, Kem interrogou o polícia que tinha recebido a denúncia e tinha esquecido de comunicá-la. O homem cedeu e confessou ter-se deixado subornar, tendo-lhe Mentmosé garantido que o juiz Paser seria condenado. O núbio, fortemente irritado, enviou para o Delta um pelotão de infantaria que trouxe de volta a Mênfis o antigo chefe da polícia, que não se cansava de protestar a sua inocência.

— Recebo-te em audiência privada — disse Paser — para te poupar a um processo.

— Fui caluniado!

— O teu cúmplice — confessou tudo.

O crânio completamente calvo de Mentmosé ruborizou-se. Acometido por uma tremenda

comichão, ele conteve-se. Ele, que tivera nas mãos tantos destinos, não tinha agora qualquer ascendente sobre o magistrado. Tornou-se por isso melifluo.

— A desgraça abate-se sobre mim, sou alvo de difamações. Como posso defender-me?

— Renunciando ao cargo e admitindo a culpa.

Mentmosé respirava com dificuldade.

— Que sorte me reservas?

— Não és digno de comandar seja o que for. O fel que te corre nas veias faz apodrecer tudo aquilo em que tocas. Vou mandar-te para Biblos, no Líbano, para bem longe do Egito. Vais integrar uma equipe de manutenção dos nossos barcos.

— Vou ter de fazer trabalho manual?

— E poderá haver maior ventura que essa?

A voz nasalada de Mentmosé vibrou colérica.

— Eu não sou o único responsável. O instigador foi Denes.

— Como posso acreditar em ti, se fazes da mentira o teu esporte favorito?

— Não digas que não te avisei.

— Estranha e súbita bondade a tua!

Mentmosé riu, escarninho.

— Bondade? De maneira nenhuma, juiz Paser! Apenas o prazer de te ver fulminado por um raio, arrastado pela torrente, soterrado sob um dilúvio de pedras! A sorte há-de abandonar-te e os teus inimigos multiplicar-se-ão.

— Não te atrases, o teu barco parte dentro de uma hora.

— De pé! — ordenou Efraim.

Nu, com uma goliha de madeira à volta do pescoço e os braços amarrados atrás das costas à altura do cotovelo, Suti conseguiu reerguer-se. Efraim puxou-o por uma corda que lhe atou à cintura.

— Bufo, bufo nojento! Enganei-me a teu respeito, rapaz.

— Porque te introduziste numa equipa de mineiros? — perguntou o general Asher, melifluo.

Com os lábios ressequidos, o corpo martirizado pelos socos e pontapés, os cabelos cobertos de areia e sangue, Suti trespassou o inimigo com o olhar. Uma chama intensa brilhava nele ainda.

— Deixa-me aplicar-lhe um corretivo — pediu o polícia do deserto a soldo do general.

— Mais tarde. O orgulho dele diverte-me. Querias apanhar-me em falso, provar que era eu o patrão do tráfico de ouro? Bela intuição, Suti. O soldo de oficial superior era muito pouco para mim. Já que não é possível mudar o governo deste país, pelo menos, aproveito a minha riqueza.

— Voltamos para norte? — perguntou Efraim.

— Isso nunca! Temos tropas à nossa espera na fronteira do Delta. Vamos partir para o sul, contornar Elefantina e virar na direção do deserto ocidental, onde nos reuniremos a Adafi.

Com carros, víveres e água, o êxito estava assegurado.

— Tenho aqui o mapa dos poços — informou Asher. — Já carregaste o ouro todo?

Efraim sorriu.

— Desta vez é que a mina ficou mesmo esgotada! Não seria melhor livrarmo-nos deste espião?

— Façamos antes uma experiência interessante: quanto tempo será ele capaz de sobreviver, caminhando o dia inteiro só com dois goles de água? Suti é muito forte, e o resultado ser-nos-á útil para o treino das tropas líbias.

— Mesmo assim, ainda gostava de interrogá-lo — insistiu o gigante.

— Só mais um pouco de paciência. No fim do dia, ele estará menos teimoso.

Uma raiva, uma raiva surda pregada ao corpo, impressa em cada fibra dos seus músculos, em cada movimento. Graças a ela, Suti lutaria até o coração se recusar a incitar os membros a moverem-se. Prisioneiro de três torcionários, não tinha qualquer chance de escapar. No preciso instante em que, finalmente, desmascarara Asher, a sua vitória transformara-se em derrota. Era-lhe impossível contatar com Paser, comunicar-lhe a sua descoberta. A sua missão teria sido inútil, desapareceria deste mundo longe do amigo, de Mênfis, do Nilo, dos jardins e das mulheres. Morrer era uma estupidez. Suti não queria voltar para debaixo da terra, ser ouvido por Anúbis, o deus com cabeça de cavalo, nem enfrentar Osíris e a balança do julgamento, queria continuar a apaixonar-se, bater-se contra os seus inimigos, galopar ao vento do deserto, ficar mais rico do que o mais abastado cortesão, só para se poder rir de tudo isso. Mas a goliha parecia pesar cada vez mais.

E ele continuava a avançar, puxado pela corda que lhe rasgava a pele das ancas, os rins e o ventre, amarrada à traseira de um carro carregado de ouro, dava-lhe um esticão mal ele abrandava o passo. As rodas do carro rolavam lentas, pois o veículo não devia sair da estreita

pista sob pena de se atolar na areia, mas, para Suti, este movimento infernal parecia tornar-se mais rápido metro a metro, obrigando-o a apelar para as últimas forças. Porém, sempre que se sentia prestes a desistir, era animado por uma energia renovada. Um passo, outro passo, só mais um passo.

E o dia escoou-se no seu corpo martirizado.

O carro parou. Suti manteve-se de pé por mais algum tempo, imóvel, como se não pudesse sentar-se. Depois, os joelhos vergaram-se e o corpo abateu-se até as suas nádegas assentarem sobre os calcanhares.

— Tens sede, rapaz?

Efraim, chocarreiro, balançou um odre diante do seu nariz.

— És forte que nem um animal selvagem, mas não vais resistir mais de três dias. Fiz uma aposta com o polícia e detesto perder.

Efraim deu de beber ao prisioneiro. O líquido refrescante molhou-lhe os lábios e espalhou-se a todo o corpo. O polícia, dando-lhe um pontapé, atirou-o para cima da areia.

— Os meus companheiros vão descansar, mas eu vou ficar de guarda, e interrogar-te.

O mineiro interpôs-se.

— Fizemos uma aposta e não tens o direito de estragar tudo agora.

Suti ficou estendido de costas e de olhos fechados. Efraim afastou-se e o polícia pôs-se a andar à volta do jovem.

— Amanhã, vais morrer. Mas antes, faça-te falar. Já obriguei muitos mineiros a ceder, e bem mais calejados do que tu.

Suti só a custo ouvia o ruído dos passos que martelavam o solo.

— Talvez já disseste tudo o que tinhas a dizer sobre a tua missão, mas não quero ficar com dúvidas. Como te mantinhas tu em contato com o juiz Paser?

Suti sorriu palidamente.

— Ele há-de vir à minha procura e vocês serão três condenados.

O polícia sentou-se perto da cabeça de Suti.

— Estás sozinho, não podes ter avisado o juiz. Ninguém virá socorrer-te.

— Esse será o teu último erro.

— O sol deu-te volta à cabeça.

— E tu, à força de tanta traição, já perdeste o sentido da realidade.

O polícia esbofeteou Suti.

— Não me irrites, senão deixo o meu cão fazer de ti o que quiser.

Caiu a noite.

— Não penses dormir, enquanto não falares, o meu punhal ficará a acariciar-te a garganta.

— Já disse tudo o que sei.

— Tenho certeza que não. Se assim fosse, porque terias caído numa emboscada?

— Porque sou um imbecil.

O polícia espetou o punhal mesmo ao lado da cabeça do prisioneiro.

— Dorme, rapaz, amanhã será o teu último dia de vida.

Apesar de exausto, Suti não conseguiu adormecer. Pelo canto do olho, viu o polícia passar a ponta do dedo, primeiro, pela ponta da adaga e, depois, pelo gume. Cansado, pousou-a ao seu lado. Suti sabia que ele a usaria antes do raiar da aurora. Quando o visse debruçar-se, seria o fim, ele lhe cortaria a garganta, radiante por se ver livre de um peso morto. Depois, facilmente se justificaria perante o general Asher.

Suti debateu-se toda a noite. Não aceitava morrer de surpresa. Quando o brutamontes o atacasse, cuspir-lhe-ia na cara.

A Lua, a soberana guerreira, desembainhava o seu punhal recurvado nas alturas. Suti suplicou-lhe que viesse até ele e o trespassasse, para lhe abreviar o sofrimento. Não poderiam os deuses conceder-lhe este pequeno favor em troca da sua descrença?

Se ainda estava vivo, ao deserto o devia. E era por simpatia para com a pujança da desolação, da aridez e da solidão, que respirava ainda. O oceano de areia e pedras tornara-se seu aliado, e aquela mortalha queimada pelo sol e fustigada pelo vento agradava-lhe mais do que um túmulo de nobre.

O polícia continuava sentado, vigiando o enfraquecimento do prisioneiro. Mal ele fechasse os olhos, lhe penetraria no sono, como a morte sedutora, e roubaria a alma. Mas Suti, alimentado pelo Sol e dessedentado pela Lua, aguentava tenazmente.

Nisto, o torcionário soltou um grito rouco. Agitou os braços, como um pássaro ferido, tentou levantar-se e caiu para trás.

Saindo das trevas, eis que surgiu a deusa da morte. Num momento de lucidez, Suti compreendeu que delirava. Estaria ele a atravessar aquele espaço indefinido entre os dois mundos, onde criaturas monstruosas atacavam o defunto?

— Ajuda-me exigiu a deusa. Temos de virar o cadáver ao contrário.

Suti soergueu-se de lado.

— Pantera! Mas como é que...

— Depois explico. Vamos, depressa. Tenho de recuperar o punhal que lhe enfiei na nuca.

A líbia de cabelos de ouro ajudou o amante, que conseguiu pôr-se de pé. Ela empurrou o corpo do polícia com as mãos, e ele com os pés. Pantera arrancou a arma, cortou as cordas que prendiam Suti, tirou-lhe a goliha e abraçou-o.

— Como é bom sentir-te... Foi Paser quem te salvou. Contou-me que tinhas partido de Coptos, como mineiro. Aí, soube que tinhas desaparecido e segui o grupo de polícias que se vangloriavam de te poderem encontrar e que depressa ficou reduzido ao traidor que acabei mesmo agora de matar. Nós, os Líbios, sabemos sobreviver sem problemas neste inferno. Vem beber um pouco de água.

Pantera levou-o para trás de uma pequena elevação de onde tinha vigiado o acampamento e os carros sem ser vista. Com inimaginada força, tinha conseguido transportar dois odres, que enchera em cada nascente por onde passara, um saco de carne seca, um arco e algumas flechas.

— Onde estão Asher e Efraim?

— A dormir nos carros, na companhia de um cão enorme. É impossível atacá-los.

Suti desfaleceu, Pantera cobriu-o de beijos.

— Não, agora não!

Ela ajudou-o a deitar-se, acariciou-o e deitou-se ao seu lado. Apesar da fraqueza extrema do amante, ainda pôde saborear o despertar da sua virilidade.

— Amo-te, Suti, e vou salvar-te.

Um grito de terror arrancou ao sono Néféret. Paser mexeu-se, mas não acordou. A jovem vestiu um roupão e correu para o jardim.

A leiteira, que vinha trazer leite fresco, estava lavada em lágrimas. Tinha abandonado as bilhas, e o seu conteúdo espalhava-se agora pelo chão.

— Ali — disse ela, com um gemido apontando para o degrau de pedra.

Néféret baixou-se.

Estava cheio de fragmentos de vasos vermelhos, quebrados, que tinham inscrito a pincel e tinta negra o nome do juiz Paser, seguido de fórmulas mágicas incompreensíveis.

— É mau olhado! — exclamou a serva. — É preciso sairmos desta casa quanto antes.

— Não te parece que o poder de Maât é mais forte que o das trevas? — perguntou Néféret, pondo a mão no ombro da serva.

— A vida do juiz ficará estilhaçada como estes vasos!

— E crês que eu não a defenderei? Vigia estes cacos. Vou à oficina.

Néféret voltou com uma cola que era usada pelos restauradores de vasos. Com a ajuda da serva, reuniu todas as peças do quebra-cabeças e, sem pressa, montou-as. Mas antes de reconstituir os objetos, Néféret apagou as inscrições.

— Vais levar estes recipientes à lavadeira. À força de conterem a água com que ela lava a sujidade, acabarão por ficar purificados.

A serva beijou as mãos de Néféret.

— O juiz Paser tem muita sorte. A deusa Maât protege-o.

— E, agora, trazes-nos mais leite fresco?

— Vou ordenhar a minha melhor vaca.

E a leiteira partiu a correr.

O camponês enterrou na terra solta uma estaca com o dobro da sua altura e fixou-lhe no cimo uma longa vara flexível. Na extremidade mais grossa, prendeu um contrapeso de barro e, na mais fina, uma corda onde pendurou um recipiente de barro. Com gestos lentos, repetidos por dia vezes sem conta, puxaria a corda, mergulharia o recipiente na água do canal, e afrouxaria a pressão para que o contrapeso elevasse o recipiente até à altura da vara e derramasse o conteúdo sobre o terreno cultivado. Por este processo, conseguiria tirar do canal três mil e quatrocentos litros de água por hora, com que irrigaria as suas culturas. Graças a este sistema, a água era levada para as terras altas que a cheia nunca inundava.

Ao encetar os primeiros gestos, o camponês ouviu um ruído surdo, completamente desconhecido. Com as mãos apertadas sobre a corda, ficou de ouvido à escuta. O estrondo

umentava. Inquieto, afastou-se da máquina de irrigação, subiu a encosta e postou-se no alto da colina.

Petrificado, viu avançar na sua direção uma maré em fúria que devastava tudo à sua passagem. O dique tinha rebentado a montante, homens e animais eram tragados pelas águas, debatendo-se em vão contra a torrente lamacenta.

Paser foi o primeiro funcionário a chegar aos locais sinistrados. Dez mortos, meia manada dizimada, quinze máquinas de irrigação destruídas... Um balanço muito pesado. Os operários começaram a reconstruir o dique, com a ajuda de um pelotão de engenharia, mas a reserva de água estava perdida. O Estado, representado pelo deão do pórtico, que reuniu a população na praça da aldeia mais próxima, comprometeu-se a indenizar os camponeses e a enviar-lhes alimentos. Porém, todos queriam saber quem era o responsável pela catástrofe, e também Paser interrogou longamente dois funcionários encarregados da manutenção dos canais, reservatórios e diques daquela zona. Nenhuma falta tinha sido cometida, os turnos de inspeção, efetuados segundo as regras, nada tinham revelado de anormal. Perante isto, o juiz desresponsabilizou os técnicos numa audiência pública.

E todos elegeram um único responsável possível: o mau olhado. Tinha abatido uma maldição sobre o dique, que se estenderia à aldeia, depois à província e, finalmente, a todo o país.

O faraó deixara de exercer o seu papel protetor. Se ele não celebrasse durante esse ano uma festa da regeneração, que seria do Egito? O povo estava confiante. A sua voz e as suas exigências seriam ouvidas pelos edis das aldeias, os chefes das províncias, os dignitários da corte e o próprio Ramsés. Todos sabiam que o rei viajava muito e não ignorava nenhuma das aspirações do povo que governava. Confrontado com dificuldades, perdido por vezes na tormenta, tinha sempre escolhido o caminho certo.

O devorador de sombras saía finalmente do impasse. Para se aproximar do juiz Paser e o vitimar com um acidente, tinha antes de mais de eliminar os seus protetores. O mais perigoso não era Kem, mas sim o babuíno-polícia com caninos mais aguçados que os de uma pantera e capaz de derrubar a fera mais corpulenta. Assim, o devorador de sombras tinha descoberto um adversário à medida do babuíno por um preço fabuloso.

O babuíno de Kem não resistiria a um outro macho, maior e mais corpulento. O devorador de sombras tinha-o acorrentado e açaimado e há dois dias que não lhe dava de comer, aguardando o momento propício. Esse momento chegou ao bater do meio-dia, quando Kem dava de comer ao seu macaco, que agarrou num bocado de carne e se foi pôr a comê-lo ao fundo do terraço de onde o núbio vigiava a casa de Paser, que almoçava a sós com a mulher.

O devorador de sombras soltou o seu babuíno e tirou-lhe o açaimo com todo o cuidado. Atraído pelo cheiro da carne, o enorme macaco escalou sem ruído a fachada branca e atirou-se ao seu congêner.

Com as orelhas vermelhas de raiva, os olhos injetados de sangue e as nádegas violáceas, o agressor mostrou-lhe os dentes, prestes a mordê-lo. O babuíno-polícia abandonou a refeição e ripostou na mesma moeda. A manobra de intimidação não surtiu efeito, um e outro viram nos olhos do adversário a mesma sede de combate. Nem um som havia sido emitido.

Quando o instinto de Kem lhe disse que se virasse para trás, já era tarde demais. Os dois macacos gritaram ao mesmo tempo e engalfinharam-se numa luta feroz.

Era impossível separá-los ou abater o inimigo, os babuínos eram uma massa compacta em

movimento, rebolando para a esquerda e para a direita. Com inusitada ferocidade, dilaceravam-se um ao outro, soltando gritos estridentes.

O combate foi de curta duração. A massa informe imobilizou-se.

Kem não ousava aproximar-se.

Muito lentamente, um braço estendeu-se e afastou o cadáver do vencido.

— Matador!

O núbio precipitou-se para o seu macaco e amparou-o no instante em que ele soçobrava, coberto de sangue. Tinha conseguido degolar o agressor a troco de graves ferimentos.

O devorador de sombras cuspiu de raiva e afastou-se.

O babuíno olhou fixamente para Néféret enquanto ela lhe desinfetava as feridas, antes de cobri-las com lama do Nilo.

— Ele está a sofrer muito? — perguntou Kem, nervoso.

— Poucos humanos teriam tanta coragem.

— Vais salvá-lo?

— Sem dúvida. O coração dele é forte como um rochedo, mas tem de deixar fazer os curativos e ficar praticamente imobilizado durante alguns dias.

— A mim, ele obedece.

— Durante uma semana não lhe dê comida demais. À menor recaída, avisa-me imediatamente.

A pata de Matador repousou na mão da médica. Nos olhos do macaco lia-se uma gratidão sem limites.

O conselho dos médicos reuniu-se pela décima vez.

Qadash tinha a seu favor a idade, a notoriedade, a experiência e a sua especialidade de dentista, que muito agradaria ao faraó, enquanto Néféret contava com as suas curas quase impossíveis, a competência diariamente demonstrada no hospital, a opinião favorável de muitos médicos e o apoio da rainha-mãe.

— Meus caros colegas — começou o decano — a situação atinge as raias do escândalo.

— Pois bem, elejamos Qadash! — interveio o antigo braço direito de Nébamon. — Com ele não corremos quaisquer riscos.

— Que críticas fazes a Néféret?

— É demasiado jovem.

— Partilharia da tua opinião, se ela não dirigisse o hospital com tanto brilho — atalhou um cirurgião.

— O cargo de médico-chefe exige um homem ponderado e com representatividade, e não uma mulher tão jovem, por mais dotada que seja.

— Muito pelo contrário! Ela dispõe de uma energia que há muito abandonou Qadash.

— Falar nesses termos do nosso estimado colega é um insulto.

— Estimado... mas não por todos nós! Acaso não está ele envolvido em negócios pouco claros e a ser investigado pelo juiz Paser?

— O qual, é preciso que se diga, é o marido de Néféret!

A controvérsia azedou-se e as vozes subiram de tom.

— Então, caros colegas, um pouco de dignidade!

— Acabemos com isto e proclamemos a eleição de Qadash.

— Nem pensar nisso! Será Néféret, e mais ninguém.

A sessão, apesar das promessas feitas, acabou num impasse. Foi então tomada uma decisão firme: na próxima reunião do conselho, seria designado o novo médico-chefe do reino.

Bel-Tran levou o filho a visitar os seus escritórios. O garoto brincou com os papiros, saltou por cima dos banquinhos de abrir e fechar e partiu o pincel de um escriba.

— Chega — disse o pai. — Tens de respeitar o material do alto funcionário que um dia virás a ser.

— Quero ser como tu e mandar nos outros, mas não quero trabalhar.

— Sem esforço, nem um simples escriba agrícola conseguirás ser.

— Prefiro ser rico e ter muitas terras.

A chegada de Paser interrompeu este diálogo familiar. Bel-Tran entregou o filho à guarda de um empregado que o levaria para o picadeiro, para aprender a montar a cavalo.

— Pareces preocupado, Paser.

— Não tenho notícias de Suti.

— E de Asher?

— Nem sinal. Os postos fronteiriços não registraram nada de especial.

— Que maçada!

— O que achaste das contas de Denes?

— Cheias de irregularidades, claro, erros voluntários e fugas.

— O suficiente para incriminá-lo?

— Acertaste em cheio, Paser.

A noite era doce. Depois de correr como um louco à volta do lago dos lótus, Bravo dormia aos pés do dono. Exausta depois de um longo dia no hospital, Néféret tinha adormecido, enquanto o juiz, à luz de duas candeias, preparava o libelo acusatório.

Asher condenava-se pela sua própria fuga, justificando as acusações do processo anterior. Denes tinha fraudado o fisco, desviado mercadorias, corrompido consciências. Chéchi estava à cabeça de negócios clandestinos. Qadash, seu cúmplice, não podia ignorar as suas atividades obscuras. Um elevado número de fatos e testemunhos esmagadores, escritos e orais, seria levado perante os jurados.

A reputação dos quatro homens não sobreviveria à audiência, e ser-lhes-iam infligidas penas mais ou menos pesadas. Talvez o juiz tivesse feito abortar a conspiração, mas agora ainda lhe restava encontrar Suti e prosseguir o seu caminho até à verdade, o caminho que conduzia ao assassino do seu mestre Branir.

A avestruz imobilizou-se, pressentindo o perigo. Inquieta, bateu as asas e, incapaz de voar, esboçou um passo de dança para saudar o Sol nascente e lançou-se numa corrida fulgurante em direção à duna. Em vão Suti tentara esticar o arco. Tinha os músculos doloridos, quase paralisados. Pantera massageou-os e untou-os com um unguento que tirou de um frasquinho que levava atado à sua cintura.

— Quantas vezes me enganaste? — Suti soltou um suspiro de desalento. — Se te recusares a responder-me, abandono-te aqui mesmo. Não te esqueças de que sou eu quem tem o odre da água e a carne seca.

— Tanto esforço para acabar assim?

— Quando queremos saber a verdade, nenhuma barreira é intransponível. O juiz Paser convenceu-me.

Suti sentiu de imediato um renovado bem-estar. Em breve, Efraim e Asher descobririam a morte do polícia e se lançariam em perseguição do prisioneiro.

— Fugamos para longe deste lugar o mais depressa possível.

— Primeiro tens de me responder. — O punho de Pantera pairava ameaçador sobre o ventre de Suti. — Se me enganaste, faço de ti um eunuco!

— Tu estás a par do meu casamento com a senhora Tapeni.

— A essa, hei-de estrangulá-la com as minhas próprias mãos. Existe mais alguma?

— Claro que não.

— Em Coptos, nessa cidade de luxúria...

— Fui recrutado como mineiro e logo a seguir parti para o deserto.

— Em Coptos ninguém se mantém casto.

— Eu mantive-me.

— Devia ter-te matado assim que te encontrei.

— Olha!

Efraim acabava de descobrir o cadáver. Soltou o cão, que farejou o vento, mas não quis afastar-se do dono. O mineiro conferenciou com Asher e retomaram a marcha. Fugir do Egito e salvar o ouro parecia-lhes mais importante do que perseguir um adversário diminuído. Uma vez eliminado o polícia, partilhariam o ouro entre os dois.

— Vão embora — disse Pantera, com um suspiro.

— Vamos segui-los.

— Perdeste a cabeça?

— Asher não me escapará.

— Esqueces-te do teu estado?

— Graças a ti, melhora de hora para hora. Andar vai restabelecer-me.

— Estou apaixonada por um louco.

Sentado no terraço de sua casa, Paser fitava o Oriente. Não conseguindo dormir, saiu do quarto para contemplar a noite estrelada. O céu estava tão claro que se distinguiam até as formas das pirâmides de Gize, envolvidas num azul profundo de onde despontavam os primeiros raios de um sol cor de sangue. Mergulhado numa paz milenária, construído com pedra, amor e verdade, o Egito estendia-se diante dos seus olhos envolto no mistério do dia que ia nascer. Naquele momento, Paser não era o deão do pórtico, nem sequer um juiz, absorvido pela imensidão onde se celebrava o casamento impossível entre o visível e o invisível, em comunhão com os espíritos ancestrais cuja presença se mantinha tangível em cada murmúrio da terra, tentou esquecer-se de si próprio.

Descalça, e em silêncio, Néféret apareceu junto dele.

— Ainda é tão cedo... Devias estar a dormir.

— É a minha hora preferida. Dentro de breves instantes o ouro iluminará a crista das montanhas e o Nilo ressuscitará. Porque estás tão inquieto?

Como podia ele confessar-lhe que aquele magistrado tão seguro das suas verdades estava cheio de dúvidas? Que era considerado por todos inabalável e insensível aos acontecimentos, quando afinal o mais pequeno incidente o atingia, por vezes como uma ferida. Paser não admitia a existência do mal e não se habituava ao crime. O tempo não conseguia apagar o desgosto da morte de Branir, que ele não era capaz de vingar.

— Tenho vontade de renunciar, Néféret.

— Tu estás muito cansado.

— Partilho da opinião de Kem. A justiça, se existe, não é aplicada.

— Temes um fracasso?

— Os meus processos são sólidos, as minhas acusações fundamentadas, os meus argumentos decisivos... Mas Denes, ou um dos seus cúmplices, pode lançar mão de uma arma jurídica e destruir o edifício tão pacientemente construído. Nesse caso, para quê continuar?

— Isso não passa de um momento de desânimo.

— O ideal do Egito é sublime, mas não impede a existência de um general Asher.

— Mas tu conseguiste travar-lhe o passo.

— Depois dele, outro virá, e depois outro...

— Depois de um doente, outro virá, e depois outro... Mas será isso razão suficiente para deixar de sonhar?

Ele pegou nas mãos dela com ternura.

— Sou indigno do cargo que ocupo.

— As palavras vãs insultam Maât.

— Poderá um verdadeiro juiz duvidar da justiça?

— Não ponhas em causa a tua pessoa.

Um sol menino banhou-os com um raio ao mesmo tempo suave e incisivo.

— É a nossa vida que está em jogo, Néféret.

— Nós não lutamos por nós mesmos, mas para fazer aumentar a luz que nos une. Desviarmos do nosso caminho seria um crime.

— Tu és mais forte do que eu.

Ela sorriu, divertida.

— Amanhã, serás tu a ajudar-me.

E, unidos, viram o dia nascer.

Antes de partir para o escritório do vizir, Paser espirrou sem exagero umas dez vezes e sentia uma violenta dor na nuca. Néféret não se mostrou minimamente apreensiva, fê-lo beber uma decoção de folhas e casca de salgueiro, remédio que ela utilizava frequentemente para debelar a febre e os mais variados males.¹

1- O salgueiro contém uma substância que é o principal componente da aspirina, que foi portanto inventada e utilizada mais de dois mil anos antes de Cristo. (N. A.)

O alívio foi rápido. Paser já respirava com menos dificuldade e apresentou-se de bom humor perante Bagey, cada vez mais curvado.

— Tens aqui o processo completo do caso do general Asher, do transportador Denes, do químico Chéchi e do dentista Qadash. Na minha qualidade de deão do pórtico, solicito da tua parte a instauração de um processo público, tendo como libelo acusatório, alta traição, atentado à segurança do Estado, tentativa deliberada de tirar a vida, prevaricações várias e desvio de fundos. Certos pontos estão devidamente fundamentados, mas outros permanecem obscuros. As acusações são de tal monta que me pareceu inútil esperar mais tempo.

— Este processo é de excepcional gravidade.

— Tenho plena consciência disso.

— Os acusados são personalidades importantes.

— Tanto mais repreensíveis são as suas faltas.

— Tens razão Paser. Abrirei o processo depois da festa da deusa Opet², embora Asher continue em local desconhecido.

2- Deusa hipopótama que simbolizava a fecundidade, tanto espiritual, como material. (N. A.)

— Tal como Suti.

— Partilho da tua inquietação. Também já mandei um pelotão de infantaria passar a pente fino o deserto em volta de Coptos, ajudado pela polícia especial. Nas tuas conclusões identificas o assassino de Branir?

— Nesse ponto, falhei. Não disponho de qualquer certeza.

— Mas eu quero o seu nome.

— Jamais desistirei das investigações.

— A candidatura de Néféret ao lugar de médico-chefe é embaraçosa. Muito boa gente não deixará de sublinhar que a acusação de Qadash vem abrir o caminho para a tua mulher, e tentarão desacreditá-la.

— Também já pensei nisso.

— E Néféret, que pensa ela disto?

— Que, se Qadash é cúmplice, deve ser condenado.

— Não podes falhar. Nem Denes nem Chéchi serão presas fáceis. Temo um desses golpes de teatro a que Asher já nos habituou. Os traidores possuem um dom especial para justificarem as suas traições.

— Deposito as minhas esperanças no teu tribunal. Ai, a mentira naufraga.

Bagey levou a mão ao coração de cobre que trazia ao pescoço pretendendo significar, com este gesto, que colocava acima de tudo a consciência do dever.

Os conjurados reuniram-se numa quinta abandonada onde costumavam encontrar-se em caso de urgência. Denes, normalmente triunfante e seguro de si, parecia preocupado.

— Temos de reagir rapidamente. Paser deixou o processo com Bagey.

— Apenas rumores ou elementos consistentes?

— O caso foi entregue no tribunal do vizir e será julgado depois da festa de Opet. Se Asher for incriminado, será para mim uma enorme satisfação, mas não quero ver a minha reputação comprometida.

— O devorador de sombras não devia ter já reduzido o juiz Paser à ociosidade?

— A má sorte jogou contra ele, mas ele não largará a presa.

— Bela promessa, mas isso não anula as acusações formuladas contra ti!

— Nós estamos senhores da situação, não te esqueças. Bastará utilizarmos uma parcela do nosso poder.

— Sem nos desmascarmos?

— Tal não será necessário. Uma simples carta é o suficiente. O plano de Denes foi aprovado.

— Para jamais ter de passar por semelhante angústia acrescentou proponho que ponhamos em prática uma das fases do nosso plano: a substituição do vizir. Assim, as futuras decisões do juiz Paser ficarão sem efeito.

— Não será cedo demais para isso?

— Constatai-o vós mesmos: é o momento ideal.

Sob o olhar espantado de Asher e de Efraim, o molosso saltou do carro e lançou-se em direção a um monte coberto de saibro.

— Depois do desaparecimento do dono, anda desvairado — disse Efraim.

— Não precisamos dele — considerou o general. — Neste momento, tenho a impressão de que escapamos às patrulhas. O caminho está livre.

O cão, a espumar pela boca, dava saltos fabulosos. Parecia voar de rocha em rocha, insensível ao sílex afiado. Suti obrigou Pantera a deitar-se na areia e a preparar-lhe o arco. Já ao alcance das flechas, o cão imobilizou-se.

O homem e a besta desafiaram-se. Consciente de não poder errar o alvo, Suti esperava o ataque, embora lhe desagradasse matar um cão. De repente, o animal soltou um uivo desesperado e aninhou-se como uma esfinge. Suti pousou o arco e aproximou-se. O cão, submisso, deixou que ele lhe fizesse festas. Nos seus olhos pairavam desgosto e angústia. Livre de um dono cruel, seria aceito por este?

— Vamos.

A cauda agitou-se, alegremente. Suti tinha um novo aliado.

Qadash, embriagado, entrou cambaleante na locanda da cerveja. O processo no qual se veria forçosamente envolvido deixava-o como louco.

Apesar da segurança de Denes e da conspiração bem engendrada, o dentista estava cada vez mais ansioso. Sentia-se incapaz de resistir ao juiz Paser e temia, devido à sua incriminação, perder para sempre o lugar de médico-chefe. Experimentava também uma necessidade irreprimível de se divertir, não encontrando no vinho alívio suficiente, contava poder libertar tensões no regaço de uma prostituta.

Sababu retomara a direção do maior estabelecimento de Mênfis, dando continuidade à sua boa reputação. Lá, as garotas diziam poemas, dançavam e tocavam antes de oferecerem a sua ciência erótica a uma clientela elegante e abastada.

Qadash empurrou o porteiro, afastou do seu caminho uma tocadora de flauta e agarrou-se a uma criadita núbia muito novinha, que levava uma bandeja cheia de pastéis, atirando-a bruscamente para cima de umas almofadas coloridas e tentando violá-la. Os gritos da menininha alertaram Sababu, que, com um soco vigoroso, afastou o dentista.

— Eu quero tê-la para mim.

— A garota é apenas uma criada.

— Mas eu quero-a!

— Sai imediatamente da minha casa!

A menina refugiou-se nos braços de Sababu.

— Pagarei o que for necessário.

— Guarda o teu dinheiro e põe-te lá fora!

— Ela será minha, juro-te que a terei!

Qadash não se afastou da locanda. Escondido no escuro, esperou a saída das servas. Pouco depois do nascer do Sol, a núbia e as outras criaditas foram para casa.

Qadash seguiu a sua presa. Assim que se apanhou numa viela deserta, aproximou-se pelas costas, agarrou-a pela cintura e tapou-lhe a boca com a mão. A menina debateu-se, mas o dentista estava tão desvirado que ela não pôde resistir-lhe. Ele rasgou-lhe o vestido, atirou-se para cima dela e violou-a.

— Caros colegas começou o decano dos médicos não podemos adiar por mais tempo a

nomeação do médico-chefe do reino. Uma vez que mais nenhum candidato se apresentou, restava-nos escolher entre Néféret e Qadash. Enquanto a decisão não for tomada, continuaremos as deliberações.

Esta linha de conduta recebeu a aprovação geral. Foi a vez de cada participante intervir, umas vezes com calma, outras com veemência. Os apoiantes de Qadash mostravam-se mordazes em relação a Néféret. Não estaria ela a aproveitar-se da posição do marido para culpar o dentista e afastá-lo do seu caminho? Caluniar um médico tão reputado e manchar o seu bom nome eram métodos escandalosos que desqualificavam a jovem médica.

Um cirurgião já reformado acrescentou que Ramsés, o Grande, sofria dos dentes cada vez com mais frequência e gostaria certamente de ter a seu lado um técnico experimentado. Não seria mais importante pensar-se primeiro na pessoa do faraó, de quem dependia a prosperidade do país? Ninguém contestou este argumento.

Após quatro horas de violenta discussão, passou-se à votação.

— Qadash será o próximo médico-chefe do reino — anunciou o decano.

Duas vespas voltaram em torno de Suti e atacaram o cão, entretido a roer um naco de carne seca. O jovem observou com atenção as suas idas e vindas e descobriu onde estava o ninho enterrado na terra.

— A sorte voltou. Despe-te.

Pantera apreciou o convite. Nua, enroscou-se contra Suti.

— Faremos amor mais tarde.

— Então porque é que...

— Cada bocadinho do meu corpo tem de ficar tapado. Vou desenterrar uma parte do vespairo e metê-lo dentro do odre.

— Se fores picado, morrerás! Estas vespas são terríveis.

— Faço tenções de viver ainda muitos anos.

— Para dormires com outras mulheres?

— Tapa-me a cabeça.

Depois de ter localizado o ninho, Suti começou a cavar. Pantera guiava os seus gestos. O ferrão das vespas não conseguiu penetrar no tecido, apesar das suas investidas furiosas. Suti enfiou no odre uma boa parte do enxame, que zumbia furiosamente.

— Que pensas fazer?

— Segredo militar.

— Pára de fazeres pouco de mim.

— Tem confiança. — Ela pousou a mão sobre o seu peito. — Asher não pode escapar.

— Não te preocupes. O deserto não tem segredos para mim.

— Se lhe perdemos o rastro...

Ela ajoelhou-se e acariciou-lhe a parte de cima das coxas com uma lentidão tão diabólica que Suti não foi capaz de resistir e, entre um ninho de vespas enfurecidas e um molosso adormecido, os dois jovens desfrutaram da sua juventude com insaciável paixão.

Néféret estava transtornada.

Desde a sua hospitalização, a jovem núbia não parava, de chorar. Ferida no corpo tanto quanto na alma, agarrava-se ao braço da médica como uma naufraga. O selvagem que a violara, fazendo-a perder a sua virgindade, pusera-se em fuga, porém, várias pessoas tinham fornecido uma descrição bastante precisa. No entanto, só o testemunho direto da vítima podia constituir uma acusação formal.

Néféret tratava com cuidado a vagina martirizada e administrava calmantes à menina. Os espasmos nervosos abrandaram, e ela aceitara de beber.

— Desejas falar agora?

O olhar perdido da linda negra fixou-se na sua protetora.

— Vou ficar curada?

— Tens a minha garantia.

— Sinto abutres na cabeça, e a dilacerarem-me o ventre... Não quero ter uma criança deste monstro!

— E não vais ter.

— E se eu estiver grávida?

— Eu própria farei o aborto.

A núbia banhou-se novamente em lágrimas.

— Ele era velho... — revelou ela, entre dois soluços — e cheirava a vinho. Quando me agrediu, na taberna, reparei que tinha as mãos vermelhas, as maçãs do rosto salientes e o nariz adunco e raiado de veiazinhas violeta. Um demônio, um verdadeiro demônio de cabelos brancos!

— Sabes o seu nome?

— A minha patroa sabe.

Era a primeira vez que Néféret se aventurava naquele lugar de prazer, onde a decoração e os perfumes incitavam ao abandono dos sentidos. E, para provocar ainda mais esse abandono, Sababu tinha desenvolvido um sentido estético talvez excessivo, mas eficaz. As cortesãs deviam poder seduzir sem dificuldade os visitantes com problemas amorosos.

A proprietária não fez esperar a médica que já a tinha tratado em Tebas.

— É um prazer receber-te. Não temes pela tua reputação?

— É-me absolutamente indiferente.

— Curaste-me, Néféret. Desde que sigo o teu tratamento à risca, os meus ataques de reumatismo quase desapareceram. Mas pareces-me tensa e preocupada... É o local que te incomoda?

— Uma das tuas criadas foi violada da maneira mais vil.

— Pensei que esse crime já não existia no Egito.

— Uma menina núbia que eu tratei no hospital. O corpo vai restabelecer-se, mas ela talvez nunca mais consiga esquecer. Ela deu-me uma descrição do agressor, e disse-me que tu sabes o seu nome.

— Se te revelar o nome, serei obrigada a comparecer no tribunal?

— Certamente que sim.

— A discrição é a minha única religião.

— Como queiras, Sababu.

A médica voltou-se, prestes a sair.

— Tente entender, Néféret! Se eu aparecer publicamente, constatarão que estou em situação ilegal.

-A única coisa que me importa é a garota.

Sababu mordeu os lábios.

— O teu marido poderá ajudar-me a guardar esta casa?

— Como posso prometer-te uma coisa dessas?

— O criminoso chama-se Qdash. Atirou-se à garota aqui mesmo. Estava completamente bêbado e fora de si.

Melancólico e carrancudo, Paser não parava de andar de um lado para o outro.

— Não sei como te hei-de dar a má notícia, Néféret.

— É assim tão grave?

— Uma injustiça, uma monstruosidade!

-É precisamente de um monstro que venho falar contigo. Deves prendê-lo sem demora.

Ele aproximou-se e segurou na cara dela entre as suas mãos.

— Estiveste a chorar.

— O caso é muito sério, Paser. Já conduzi a investigação, agora, compete-te a ti tirar as conclusões.

— Qdash foi eleito médico-chefe do reino. O ato oficial acaba de me ser comunicado.

— Qdash é um assassino da pior espécie: violou uma menina virgem.

Efraim e Asher descansaram durante algum tempo antes de passarem a fronteira sul, tendo contornado Elefantina. Escolheram uma gruta para passarem uma noite tranquila depois de terem arranjado um abrigo para o carro. O general, conhecedor da localização das guarnições, não teria dificuldade em escapar às malhas da vigilância e ir desfrutar da sua imensa fortuna na Líbia, na casa do seu amigo Adafi. Ai, treinaria os beduínos que semeavam a insegurança no Egito. Se o futuro se anunciasse sorridente, porque não considerar até a invasão do Delta e a usurpação das melhores terras do Noroeste?

Asher só vivia para poder voltar à sua terra natal. Obrigando-o a fugir, o juiz Paser tinha criado um inimigo cuja astúcia e obstinação seriam mais destrutivas que um exército completo. O general adormeceu, enquanto o seu cúmplice montava guarda.

Segurando o odre com a mão direita, Suti rastejava sobre a vertente que dominava a entrada da gruta. Com o peito arranhado, avançava com dificuldade e com muito cuidado, para não desprender algum calhau que assinalasse a sua presença. Pantera seguia os seus movimentos com ansiedade. Seria ele suficientemente rápido para tirar o ninho do odre sem ser picado, e suficientemente hábil para atirá-lo para dentro da caverna? Não teria uma segunda oportunidade.

Chegado à extremidade da inclinação, Suti concentrou-se. De barriga para baixo, susteve a respiração e pôs-se à escuta. Não havia qualquer ruído. No céu, um falcão voava em círculos. Suti tirou a tampa do odre e, agitando o braço com um balanço, largou o ninho em direção ao covil dos seus inimigos.

Um zumbido infernal quebrou a paz do deserto. Efraim saiu da gruta. O barbudo estava rodeado de vespas furiosas. Trôpego, a cambalear, tentava em vão afastá-las. Vítima de centenas de picadas, batia em si próprio, levando as mãos à garganta e acabando por morrer asfixiado.

Asher tinha tido o reflexo de se enfiar debaixo do carro e não se mexer. Assim que as vespas desapareceram, saiu da gruta, de espada em punho.

Frente a ele, estavam Suti, Pantera e o molosso.

— Três contra um... A coragem não é muita!

— Como ousa um covarde falar de valentia?

— Eu tenho muito ouro. A ti e à tua amante, não vos interessa a riqueza?

— Vou matar-te, Asher, e vou apropriar-me dela.

— Estás a sonhar. O teu cão perdeu a agressividade e tu estás desarmado.

— Mais um erro, general.

Pantera apanhou o arco e as flechas e estendeu-as a Suti. Asher recuou e o seu rosto de torcionário contraiu-se.

— Se me matares, perder-te-ás no deserto.

— Pantera é uma excelente guia. Eu mesmo já me habituei ao ambiente. Sobreviveremos, tenho certeza.

— Um ser humano não tem o direito de ter nas suas mãos um outro ser humano, esta é a nossa lei. Tu não ousarás matar-me.

— E quem é que ainda pensa em ti como um ser humano?

— A vingança avilta o espírito. Ao seres culpado de assassinio, serás condenado pelos deuses.

— Não acreditas nisso mais do que eu. Mas, se eles existem, ficar-me-ão reconhecidos por ter eliminado a mais venenosa das víboras.

— O carregamento do carro é somente uma parte do meu tesouro. Vem comigo e serás mais rico do que um nobre tebano.

— Para onde?

— Para casa de Adafi, na Líbia.

— Ele vai empalar-me.

— Apresentar-te-ei como o meu mais fiel amigo.

Pantera mantinha-se por trás de Suti. Ele ouviu-a aproximar-se. A Líbia, o país dela! A proposta do general Asher não a seduziria? Levar Suti para sua casa, tê-lo só para ela, viver na abundância... Como resistir a tantas tentações? No entanto, Suti não se voltou. Os traidores preferiam atacar pelas costas.

Pantera deu uma flecha a Suti.

— Estás a proceder mal — insistiu Asher, com voz sibilante. — Nascemos para nos entendermos. És um aventureiro, como eu, o Egito asfixia-nos. Precisamos de horizontes mais vastos.

— Vi-te torturar um egípcio, um homem indefeso que morria de medo, sem demonstrares a mínima piedade.

— Eu precisava da sua confissão. Ele ameaçava denunciar-me. Tu terias feito o mesmo.

Suti esticou o arco e disparou. A flecha cravou-se entre os dois olhos.

Pantera pendurou-se ao pescoço do amante.

— Amo-te e estamos ricos!

Kem tinha dado voz de prisão a Qadash na casa dele, à hora do almoço. Leu-lhe o libelo acusatório e amarrou-lhe as mãos. O dentista, de cabeça baixa e olhar vago, protestou sem grande convicção e foi conduzido de imediato à presença do juiz Paser.

— Reconheces a tua perversidade?

— Claro que não!

— As testemunhas identificaram-te.

— Entrei na locanda da senhora Sababu, empurrei as garotas que não me agradavam e saí logo a seguir. Nenhuma delas me agradou.

— O depoimento de Sababu é bastante diferente.

— O que foi que disse essa prostituta velha?

— Que violaste uma menina núbia que trabalha como criada na locanda.

— Isso é uma calúnia! Que essa mentirosa ouse afirmá-lo à minha frente.

— Os juizes decidirão.

- Certamente não estás a pensar que...
 - O teu caso será julgado amanhã.
 - Quero ir para minha casa.
 - Recuso-te a liberdade provisória. Poderás atacar outra criança. Quem zelará pela tua segurança no posto da polícia.
 - A minha... segurança?
 - O bairro inteiro quer linchar-te.
- Qadash agarrou-se ao juiz.
- Tens o dever de me proteger!
 - Isso, infelizmente, é verdade.

A senhora Nénofar dirigiu-se à tecelagem com a clara intenção de obter, como era hábito, os melhores tecidos para fazer as suas rivais roerem-se de raiva. Quantas horas exaltantes passadas em conjecturas, a confeccionar ela mesma vestidos suntuosos que usava com uma elegância incomparável!

Com os seus olhos vivos e os seus ares superiores, Tapeni irritava-a, mas ela conhecia o seu ofício como ninguém e arranjava-lhe tecidos sem defeito. Graças a ela, Nénofar ditava a moda.

Mas Tapeni ostentava um sorriso enigmático.

- Preciso de linho de primeira qualidade exigiu Nénofar.
- Isso vai ser difícil.
- Como assim?
- Para dizer a verdade, impossível.
- Que bicho te mordeu, Tapeni?
- Tu és muito rica, eu não.
- Acaso não te pago sempre o que me pedes?
- Mas, agora, exijo o pagamento adiantado.
- Um aumento de preços a meio do ano... Não é lá muito correto, mas aceito.
- Mas não é um tecido que desejo vender-te.
- Então o que é?
- O teu marido é um homem conhecido, muito conhecido.
- Denes?
- Deve, por isso, ter uma conduta irrepreensível.
- O que queres tu dizer com isso?
- A alta sociedade é implacável. Se um dos seus membros é reconhecido culpado de imoralidade, perde rapidamente a influência que tem e até mesmo a fortuna.
- Explica-te!
- Não te enerves, Nénofar, se fores razoável e generosa, a tua posição não será ameaçada.

Basta-te comprar o meu silêncio.

— O que sabes tu de tão comprometedor?

— Denes não é um marido fiel.

A senhora Nénofar julgou que o teto da oficina lhe caíra sobre a cabeça. Se Tapeni possuía qualquer do que dissera, se espalhasse essa informação pela nobreza tebana, a mulher do transportador cairia no ridículo e não mais ousaria aparecer na corte ou nas recepções.

— Tu... exageras!

— Não te arrisques, eu sei tudo.

Nénofar não hesitou. A honorabilidade era o seu bem mais precioso.

— O que queres em troca do teu silêncio?

— Os rendimentos de uma das tuas propriedades agrícolas e, logo que possível, uma bela casa em Mênfis.

— Isso é exorbitante!

— Já te imaginaste... ridicularizada, e o nome da amante de Denes a passar de boca em boca?

Em pânico, a senhora Nénofar fechou os olhos. Tapeni experimentava um regozijo selvagem. Ao ter partilhado uma única vez a cama de Denes, amante medíocre e desprezível, abria-lhe o caminho da fortuna. Amanhã, seria uma grande dama.

Qadash vociferava. Exigia a sua libertação imediata, certo de que Denes tinha já removido do seu caminho todos os obstáculos. Descontrolado, o dentista evocava as suas novas funções para sair da prisão.

— Acalma-te — ordenou Kem.

— Respeito, meu amigo! Sabes com quem estás a falar?

— Com um violador.

— É inútil utilizares grandes palavras.

— É a verdade... a simples e horrível verdade, Qadash.

— Se não me libertares, terás graves aborrecimentos.

— Vou abrir-te a porta.

— Finalmente... Não és completamente estúpido, Kem. Saberei mostrar-me agradecido.

No momento em que o dentista respirava o ar da rua, o núbio agarrou-o com força pelos ombros.

— Boas notícias, Qadash: o juiz Paser reuniu os jurados mais cedo do que o previsto. Vou levar-te ao tribunal.

Assim que Qadash percebeu a presença de Denes entre os jurados, supôs que estivesse salvo. Reinava uma atmosfera grave e tensa sob o pórtico, em frente ao templo de Ptah, onde Paser tinha reunido o tribunal. Uma multidão numerosa, atraída pelos rumores, tinha vindo assistir ao processo. A polícia mantinha o povo no exterior da construção de madeira, formada por um telhado e pequenas colunas, sob o pórtico, estavam as testemunhas e os jurados, seis homens e

seis mulheres de idades e estratos sociais diferentes.

Paser, vestido com uma tanga à moda antiga e usando uma peruca curta, parecia altamente emocionado. Depois de ter colocado os debates sob a proteção da deusa Maât, leu o libelo acusatório.

— O dentista Qdash, médico-chefe do reino, residente em Mênfis, é acusado de ter violado ontem de manhã, ao nascer do Sol, uma menina que trabalha como criada em casa de Sababu. A vítima, presentemente hospitalizada, não deseja comparecer e será representada pela doutora Néfêret.

Qdash ficou aliviado. Não podia esperar melhor. Ele enfrentava os seus juizes, a empregada da cortesã evitava-os! Além de Denes, o dentista conhecia três outros jurados, personalidades influentes que pendiam a seu favor. Sairia não apenas ilibado do tribunal, como a ainda processaria Sababu e obteria uma indenização.

— Admites os fatos? — perguntou Paser.

— Não os aceito.

— Que a senhora Sababu venha testemunhar.

Os olhares viraram-se na direção da célebre patroa da locanda mais reputada do Egipto. Uns pensavam que tinha morrido, outros que estava na prisão. Exagerara um pouco na pintura, mas, ativa e magnífica, avançou com segurança.

— Lembro-te que os falsos testemunhos são passíveis de pesada pena.

— O dentista Qdash estava embriagado. Forçou a entrada na minha casa e precipitou-se para a mais nova das minhas criaditas núbias, cuja única função é oferecer aos clientes pastéis e bebidas. Se eu não tivesse intervido para o pôr na rua, ele teria violado a garota.

— Tens certeza do que afirmas?

— Um sexo em ereção parece-te prova suficiente?

Um murmúrio percorreu a assistência. A crueza da linguagem chocou o júri.

Qdash pediu a palavra.

— Esta pessoa está em situação irregular. Cada dia que passa, mais ela enlameia a reputação de Mênfis. Porque é que a polícia e a justiça não se ocupam desta prostituta?

— Não estamos a tratar do processo de Sababu, mas do teu. Além disso, a sua baixa moral não te impediu de ires a casa dela e agredires uma menina.

— Num momento de desvario... Quem nunca os teve?

— A tua serva núbia foi violada dentro do teu estabelecimento? — perguntou Paser a Sababu.

— Não.

— O que se passou depois da agressão?

— Acalmei a garota, ela retomou o trabalho e saiu de madrugada para regressar a casa.

Depois de Sababu, foi a vez de Néfêret, que descreveu o estado físico da menina depois do drama. Não poupou nenhum detalhe à assembléia, horrorizada com tanta selvageria.

Qdash interveio de novo.

— Não ponho em dúvida as constatações da minha insigne colega, e lamento a infelicidade da menina, mas em que é que isso me diz respeito?

— Devo lembrar que a única punição aplicável a um caso de violação é a pena de morte — declarou Paser com gravidade. — Pergunto agora à doutora Néféret se tem a prova formal de que Qadash é culpado?

— A descrição dada pela vítima corresponde ao acusado.

— Lembro mais uma vez — interveio Qadash — que a doutora Néféret tentou obter o lugar de médico-chefe. Tendo sido mal sucedida, é natural que se sinta despeitada. Seja como for, não é a ela que compete conduzir o inquérito. Pergunto ao juiz Paser se registrou ele mesmo as declarações da menina?

A argumentação de Qadash produziu efeito. O deão do pórtico chamou então os habitantes da zona ribeirinha que tinham visto o dentista fugir depois de praticar o crime. Todos o reconheceram.

— Eu estava bêbado — protestou Qadash. — Deixei-me sem dúvida adormecer nesse local. Será isso o suficiente para me acusarem de um crime tão hediondo, ao qual, se eu próprio fosse jurado, aplicaria a lei sem hesitar?

A defesa de Qadash causou uma excelente impressão. A menina tinha sido violada, o dentista encontrava-se nas redondezas, tinha tentado agredi-la anteriormente: todos os indícios convergiam para o designar como violador, mas o juiz Paser, em plena observância da regra de Maât, não podia ir além de uma forte suspeita. Por outro lado, a sua ligação a Néféret enfraquecia um testemunho importantíssimo, sobre o qual Qadash conseguira lançar suspeitas.

O deão do pórtico, no entanto, pediu uma vez mais a Néféret para falar em nome da queixosa, antes de comunicar publicamente as suas conclusões e presidir às deliberações dos jurados.

Uma mão trêmula agarrou a de Néféret.

— Acompanha-me suplicou a núbia, que estava sentada perto da médica. Eu falo, mas não quero estar sozinha.

Hesitante, tropeçando nas palavras, a menina evocou as violências sofridas, a dor atroz, o desespero.

Quando o seu depoimento terminou, um pesado silêncio envolveu todo o pórtico. De garganta seca, o juiz colocou-lhe a pergunta decisiva.

— Reconheces o homem que te violou?

A menina apontou para Qadash.

— Foi ele.

O júri levou muito pouco tempo a deliberar. Os jurados aplicaram a antiga lei, tão dissuasora que nenhuma violação havia sido cometida no Egito desde há muitos anos. Dada a sua eminente posição de terapeuta e médico-chefe, Qadash não teve direito a beneficiar de quaisquer atenuantes, tendo sido condenado à morte por unanimidade.

— Desejo apelar da sentença — declarou Qadash.

— Já encetei as diligências — respondeu Paser. — Depois do pórtico, só o tribunal do vizir.

— Ele anulará esta decisão iníqua!

— Não tenhas ilusões. Bagey ratificará a sentença, se a tua vítima confirmar as acusações registradas e autenticadas.

— Ela não ousará fazê-lo!

— Desengana-te.

O dentista não pareceu abatido.

— Estás mesmo convencido de que vou ser punido? Pobre juiz! Vais ter uma grande surpresa.

E Qadash partiu com um sorriso sinistro. Irritado, Paser saiu do calabouço.

Naquele fim de Setembro, segundo mês de uma inundaçãõ mediocre, o Egito vivia com fervor a festa da misteriosa deusa Opet, símbolo da abundância e da generosidade. Durante vinte dias, enquanto o Nilo recuava, deixando atrás de si um lodo fertilizante, a população invadiria as suas margens, onde os vendedores ambulantes tentavam os passantes com melancias, melões, uvas, romãs, pão, bolos, frangos assados e cerveja. As cozinhas ao ar livre serviam refeições copiosas e baratas, enquanto as bailarinas e as tocadoras profissionais deleitavam os olhos e os ouvidos. Todos sabiam que os templos celebravam o renascimento da energia criadora, esgotada ao fim de um longo ano em que as divindades tinham fecundado a terra. Para que elas não se afastassem do mundo dos homens, era preciso oferecer-lhes a alegria e a gratidão de todo um povo, onde ninguém morria de fome ou de sede. O Nilo guardaria assim a sua pujança original, extraída do oceano de energia onde o universo se banhava.

Como ponto alto das festividades, Kani, sumo-sacerdote de Ámon, abriu o nãoõ habitado pela estátua do deus cuja verdadeira forma era para sempre inacessível. Coberta por um véu, a estátua foi deposta numa barca de madeira dourada carregada por vinte e quatro sacerdotes de cabeças rapadas e longas túnicas de linho. Ámon saiu do seu templo em companhia da esposa, a deusa Mut, mãe divina, e do seu filho Khonsu, aquele que atravessava os espaços celestes sob a forma da Lua, e organizaram-se duas procissões em direção ao templo de Luxor, uma pelo rio e outra por terra.

Dezenas de embarcações escoltaram a grande barca da divina trindade, recamada de ouro, enquanto tocadores de tamborim, sistro e flauta saudavam a passagem da procissão em direção ao santuário do sul. Paser, deão do pórtico de Mênfis, tinha sido convidado para a cerimônia que se desenrolava no grande átrio do templo de Luxor. Lá dentro, alegria colectiva, silêncio e recolhimento por detrás dos altos muros do santuário.

Kani ofereceu flores à divina trindade e fez libações em sua honra. Depois, os cortesãos abriram alas para dar passagem ao faraó do Egito, curvando-se respeitosamente. A nobreza inata e a gravidade do monarca impressionaram Paser, de estatura média, grande robustez, nariz adunco, testa larga e cabelos ruivos dissimulados sob uma coroa azul, não olhou para ninguém, sempre de olhos postos na estátua de Ámon, imagem do mistério da criação, de que ele era

depositário.

Kani leu um texto cantando as múltiplas formas do deus, que tanto podia encarnar o vento como a pedra ou o carneiro de cornos espiralados, sem se reduzir a uma ou outra dessas aparências. Em seguida, o sumo-sacerdote apagou-se perante o soberano que, sozinho, franqueou o limiar do templo coberto.

Quinze mil pães, dois mil bolos, cem cabazes de carne seca, duzentos de legumes frescos, setenta jarras de vinho, quinhentos de cerveja e grande variedade de frutos, tal era a ementa do banquete oferecido pelo faraó para celebrar o final da festa de Opet. Mais de uma centena de arranjos florais decoravam as mesas, à volta das quais os convivas gabavam os méritos da governação de Ramsés e da paz egípcia.

Paser e Néféret receberam as mais calorosas felicitações dos cortesãos, o juiz, pela coragem demonstrada durante o processo de Qadash, e Néféret pela sua recente nomeação para médica-chefe do reino por voto unânime do conselho dos médicos, após a destituição do criminoso. Era óbvia a vontade de esquecer a fuga do general Asher, que continuava a ser procurado, e o assassinato de Branir, ainda por explicar, tal como o misterioso desaparecimento dos veteranos da guarda de honra da esfinge. O juiz manteve-se insensível a tais demonstrações de amizade, e Néféret, cuja beleza e simpatia encantavam os mais críticos, também não lhes deu importância, não podia esquecer o rosto tresloucado de uma rapariguinha cujas feridas jamais sarariam.

Kem, o chefe da polícia, garantia a segurança da recepção. Acompanhado do seu babuíno, observava cada uma das personalidades que se aproximavam do juiz, pronto a intervir brutalmente, caso ele ou Matador pressentissem o mínimo perigo.

— Não há dúvida de que são o casal do ano — disse Denes. — Condenar um notável, como Qadash, é uma verdadeira proeza que honra a nossa justiça, e ver à cabeça do nosso corpo clínico uma mulher tão notável como Néféret só prova a sua excelência.

— Não exageres nos cumprimentos.

— São os dois altamente dotados, tanto um como o outro, para triunfarem em duras provas.

— Não vi a senhora Nénofar — disse Néféret, admirada.

— Está doente.

— Permite-me que lhe deseje então um rápido restabelecimento.

— Nénofar ficará sensibilizada com a atenção. Poderei privar-te por alguns instantes do teu marido?

Denes levou Paser para um pavilhão onde serviam cerveja e uvas.

— O meu amigo Qadash é um homem de valor. Ser nomeado médico-chefe deu-lhe volta à cabeça, embriagou-se e teve um comportamento deplorável.

— Nem um só jurado pediu indulgência, tu mesmo ficaste calado e votaste a favor da pena de morte.

— A lei é explícita, mas também leva em conta o remorso.

— Qadash não sabe o que isso é.

— Não vês que está desesperado?

— Pelo contrário, entrega-se a fanfarronices e ameaças.

— Perdeu completamente a cabeça.

— Está é convencido de poder escapar à pena máxima.

— Já foi fixada a data da execução?

— O tribunal do vizir rejeitou o apelo e confirmou a sentença. Dentro de três dias, o chefe da polícia enviará o veneno ao condenado.

— Não utilizaste há pouco o termo “ameaças”?

— Vendo-se obrigado ao suicídio, Qadash não mergulhará sozinho na aniquilação total. Prometeu-me uma confissão antes de tomar a beberagem fatal.

— Pobre Qadash! Subir tão alto e depois descer tão baixo... Como é possível não experimentar tristeza e arrependimento perante tão grande queda? Ameniza os seus últimos momentos, peço-te!

— Quem não é nenhum carrasco. Qadash está a ser tratado com correção.

— Só um milagre poderá salvá-lo.

— Quem perdoaria um crime de tal monta?

— Até breve, juiz Paser.

O conselho dos médicos recebeu Néféret. Os seus adversários colocaram-lhe mil questões de natureza técnica, nos mais variados domínios, e, em vista da reduzida percentagem de erros, a sua eleição foi confirmada.

Depois do falecimento de Nébamon, uma grande quantidade de processos relativos à saúde pública estavam parados. Não obstante, Néféret pediu um período de transição, durante o qual prepararia o seu sucessor no hospital. As novas funções pareciam-lhe tão esmagadoras que lhe apetecia fugir, refugiar-se num posto médico da província, ficar junto dos doentes, para saborear cada minuto da sua recuperação. Não se sentia preparada para dirigir um areópago de clínicos experimentados e cortesãos influentes, e um exército de escribas que velavam pelo fabrico e distribuição dos medicamentos, nem para tomar decisões relativas ao bem-estar e higiene da população. Outrora, tinha a seu cargo uma aldeia, agora, um reino tão poderoso que suscitava a admiração tanto de aliados como de inimigos. Néféret sonhava partir com Paser para o Alto Egito e refugiar-se aí numa casinha entre campos cultivados, frente ao monte tebano, saboreando a sábia sucessão das madrugadas e dos ocasos.

Bem gostaria de poder confiar os seus anseios a Paser, mas ele chegou transtornado do escritório.

— Lê este decreto — disse ele, pondo-lhe nas mãos um papiro de qualidade superior autenticado com o selo do faraó. — Lê em voz alta, por favor.

— Eu, Ramsés, desejo que céu e terra se regozijem. Que aqueles que se escondiam apareçam, que ninguém sofra pelos erros do passado, que os prisioneiros sejam libertados, que os condenados por distúrbios sejam apaziguados, que se cante e dance pelas ruas. Uma anistia?

— Anistia geral.

— Não é uma medida excepcional?

— Não conheço outro exemplo.

— Porque terá o faraó tomado tal decisão?

— Ignoro-o.

— Isto implica a libertação de Qadash?

— Uma anistia geral repetiu Paser, chocado. O crime de Qadash fica impune, o general Asher deixa de ser procurado, os assassinatos são esquecidos, o processo contra Denes é arquivado.

— Não estarás a ser demasiado pessimista?

— É o fracasso, Néfêret. O fracasso total e definitivo.

— Não vais apelar para o vizir?

Kem abriu a porta da prisão. Qadash não se mostrava ansioso.

— Vens libertar-me?

— Como sabes?

— Era inevitável. Um homem de bem acaba sempre por triunfar.

— Beneficiaste de uma anistia geral.

Qadash recuou. A cólera animou o olhar do núbio.

— Não toques em mim, Kem! Olha que tu não beneficiarias de indulgência alguma.

— Quando compareceres perante Osíris, ele fechar-te-á a boca e os gênios armados de facas dilacerar-te-ão as carnes para toda a eternidade.

— Guarda para ti esses contos infantis! Trataste-me com desdém e os teus insultos desagradam-me. Que pena... Deixaste escapar a tua oportunidade, tal como o teu amigo Paser. Aproveita bem a posição que tens, pois não serás chefe da polícia por muito tempo.

Com as pernas e os pés muito inchados e as costas curvadas, o vizir Bagey chegou atrasado. Devido ao seu estado de fadiga, tinha concordado ser transportado para o escritório de liteira. Como todas as manhãs, esperava-o um elevado número de altos funcionários que desejavam falar com ele, expor-lhe as dificuldades que tinham de vencer, pedir-lhe opinião. Embora Paser não tivesse audiência marcada, Bagey recebeu-o em primeiro lugar.

O juiz não conteve a cólera.

— Esta anistia é inaceitável.

— Cuidado com as palavras, deão do pórtico. O decreto foi emanado pelo faraó em pessoa.

— Não posso acreditar.

— No entanto, é verdade.

— Viste o rei?

— Ele mesmo me ditou o texto.

— E não reagiste?

— Manifestei-lhe a minha perplexidade e a minha incompreensão.

— E não conseguiste demovê-lo?

— Ramsés não aceitou discutir o caso.

— É impossível que um monstro como Qadash escape ao castigo!

- A anistia é geral, juiz Paser.
- Recuso-me a aplicá-la.
- Tens de obedecer, tal como eu.
- Como posso eu aprovar tamanha injustiça?
- Eu sou velho, tu és novo. A minha carreira está a chegar ao fim, a tua a começar. Seja qual for a minha opinião, sou obrigado a calar-me. E tu, não cometas nenhuma loucura.
- A minha decisão está tomada. As consequências não me atemorizam.
- Qadash já foi libertado, e o processo anulado.
- E Asher, será reconduzido no seu antigo posto?
- As suas faltas estão perdoadas. Se conseguir explicar-se, conservará o título.
- Só o assassino de Branir escapa ao perdão, pois ainda não foi identificado!
- Estou tão magoado como tu, mas Ramsés não agiu certamente de ânimo leve.
- Quero lá saber dos seus motivos.
- Quem se revolta contra o faraó, revolta-se contra a vida.
- Tens razão, vizir Bagey. É por isso que me sinto incapaz de desempenhar o meu cargo por mais tempo. Receberás hoje mesmo a minha demissão. A partir deste momento, deixa de me considerar como deão do pórtico.
- Reflete melhor, Paser.
- No meu lugar, terias tomado outra atitude? — Bagey não respondeu. — Resta-me ainda pedir-te um favor.
- Enquanto eu for vizir, a minha porta estará sempre aberta para ti.
- Um favor seria contrário à justiça que tu e eu amamos com todas as nossas forças. Mas peço-te que mantendas Kem à frente da policia.
- É essa a minha intenção.
- Que acontecerá a Néféret?
- Qadash vai invocar a prioridade da sua eleição e abrir um processo para recuperar o título de médico-chefe.
- Nem precisa de se dar ao trabalho. Néféret não faz tenção de se bater. Sairemos os dois de Mênfis.
- Os tempos vão conturbados.

Paser imaginava Denes a festejar a vitória com os amigos. O surpreendente decreto do faraó restituía-os à mais inesperada virgindade. Bastava-lhes não darem mais passos em falso para continuarem a ser cidadãos respeitáveis e poderem fomentar livremente uma conspiração cuja essência se mantinha misteriosa e, na opinião de Paser, eternamente inacessível. O general Asher não tardaria a aparecer e seria sem dúvida capaz de justificar a sua ausência. Mas que papel teria Suti desempenhado, e onde se encontraria ele, caso ainda estivesse vivo? Arrasado, desanimado, o juiz foi subitamente sobrevoado por uma dezena de andorinhas. A este primeiro bando juntou-se um segundo, depois um terceiro e ainda muitos mais. Mais de cem andorinhas acompanharam-no ao longo do caminho, descendo até ele e soltando gritos de alegria. Estariam a agradecer-lhe por ter salvo uma das suas companheiras? Quem tal presenciou ficou chocado

com este espetáculo insólito e todos recordaram o provérbio que diz: “Quem tem os favores das andorinhas beneficia dos do rei”. Rápidas, graciosas, transbordantes de alegria, asas levemente azuladas, batendo docemente, acompanharam Paser até à porta de casa.

Néféret estava sentada na borda do lago dos lótus, onde brincavam melharucos. Envergava apenas um curto vestido transparente que lhe deixava os seios à mostra. Ao aproximar-se dela, Paser foi envolvido por suaves aromas.

— Acabamos de receber produtos frescos — explicou ela — e estou a preparar unguentos e óleos perfumados para os próximos meses. Quando de manhã os quisesse e não os encontrasses, teria de enfrentar as tuas censuras.

Néféret falava em tom divertido. Paser beijou a mulher no pescoço, tirou a tanga e sentou-se na relva. Aos pés de Néféret estavam diversos vasos de pedra, contendo olíbano, uma resina castanha e translúcida proveniente das árvores do incenso, mirra, aglomerada em pequenas amálgamas vermelhas trazidas da região de Punt, a goma resinosa verde do gálbano, importada da Pérsia, e a resina escura do ládano, comprada na Grécia e em Creta. Havia também frasquinhos com várias essências florais. Juntando-lhes azeite, mel e vinho, a médica conseguiria obter misturas subútils.

— Demiti-me, Néféret. Pelo menos, não tenho mais nada a temer, pois já não disponho de qualquer poder.

— Qual é a opinião do vizir?

— A única possível: um decreto real não se discute.

— Logo que Qdash reclame o seu lugar de médico-chefe, deixaremos Mênfis. Ele terá a lei do seu lado, não é assim?

— Infelizmente, é.

— Não fiques triste, meu amor. O nosso destino está nas mãos de Deus, e não nas nossas. É a sua vontade que se cumpre, e não a nossa. A nossa felicidade, podemos construí-la nós. Sinto-me até aliviada, viver ao teu lado, sob a proteção de uma palmeira centenária, tratar dos pobres, termos tempo para nos amarmos, não será este o melhor dos destinos?

— Mas como posso eu esquecer Branir? E Suti... Não paro de pensar nele. Sinto o coração em brasa e apetece-me ser obstinado como um burro.

— Sobretudo, não mudes nunca.

— Agora, já não posso oferecer-te, nem uma casa grande, nem belos vestidos.

— Passo bem sem eles. Tão bem que até vou já despir este.

Néféret fez deslizar as alças sobre os ombros. Nua, deitou-se sobre Paser. Os seus corpos harmonizaram-se com perfeição e os seus lábios uniram-se com tanta paixão e arrebatamento que os seus corpos foram percorridos por um arrepio, apesar da brandura do colchão. A pele acetinada de Néféret era um paraíso onde só o prazer tinha força de lei. Paser perdeu-se nela, embriagado, comungando da vaga de prazer que os arrebatava.

— Mais vinho! — rosnou Qdash.

O servo apressou-se a obedecer. Depois do seu regresso, o patrão entregava-se ao prazer com dois jovens sírios. O dentista nunca mais tocara numa garota. Antes das suas desventuras, manifestava apenas um gosto moderado por esta variante, mas, de agora em diante, contentar-

se-ia com belos rapazes estrangeiros que denunciaria à polícia quando deles se fartasse.

À noite, iria à reunião dos conjurados organizada por Denes. A carta anônima que tinham enviado a Ramsés produzira o efeito desejado. Acossado, o rei tinha sido obrigado a ceder às suas exigências e a proclamar uma anistia geral que abrangera, entre outros, o caso do transportador. O único aspecto negativo era o eventual regresso do general Asher, que já não lhes servia para nada. Mas Denes saberia como livrar-se dele.

O devorador de sombras penetrou na propriedade de Qadash, entrando pelos jardins. Avançou sobre as cercaduras de pedra dos canteiros, para não deixar sinais da sua passagem na alameda de saibro, e esgueirou-se para a cozinha. Acocorado debaixo da janela, escutou a conversa entre os dois servos.

— Vou levar-lhes o terceiro jarro de vinho.

— Não será melhor começar já a preparar o quarto?

— Acho que sim. O velho e os dois rapazes bebem mais do que um regimento morto de sede. É melhor ir, senão dá-lhe uma fúria.

O escansão desrolhou uma garrafa proveniente da cidade de Imaú, no Delta, cujo rótulo dizia: “Ano quinto de Ramsés”. Um vinho tinto capitoso, que se prolongava na boca e atiçava os instintos. Terminada a tarefa, o homem saiu da cozinha e foi aliviar-se virado para uma cerca.

O devorador de sombras aproveitou a ocasião para cumprir a sua missão. Deitou na garrafa um preparado letal à base de extratos vegetais e veneno de víbora. Qadash morreria asfixiado e com o corpo agitado por convulsões, na companhia dos seus dois amantes estrangeiros, que seriam provavelmente acusados do crime. E quem iria querer aprofundar um caso sórdido de costumes?

Enquanto o dentista, após uma dolorosa agonia de longos minutos, entregava a alma ao deus dos infernos, Denes saboreava as carícias de uma bela núbia de nádegas opulentas e pesados seios. Não voltaria a vê-la, mas teria usufruído do seu corpo com a brutalidade costumeira. Afinal, não eram as mulheres apenas animais criados para satisfação dos machos?

O transportador ia sentir a falta do seu amigo Qadash. A sua conduta para com ele sempre fora irrepreensível não o tinha ele guindado ao posto de médico-chefe, prometido desde o início da conspiração? Mas, infelizmente, o dentista tinha envelhecido muito. À beira da senilidade, cometendo erros atrás de erros, tornara-se demasiado perigoso. Ao ameaçar fazer revelações ao juiz Paser, assinara a sua própria condenação. Sob proposta de Denes, os conjurados tinham requisitado a intervenção do devorador de sombras. Deploravam, é certo, a perda do cargo de médico-chefe, mas a demissão do juiz Paser, rapidamente propagada, não podia ter chegado em melhor hora. Ninguém mais travaria os seus sucessos.

Aproximavam-se as últimas etapas: primeiro, assenhorearem-se do cargo de vizir e, depois, do poder supremo.

Um vento muito forte fustigava a necrópole de Mênfis, onde Paser e Néféret caminhavam em direção à eterna morada de Branir. Antes de deixarem a grande cidade e partirem para o sul, queriam prestar homenagem ao mestre desaparecido em circunstâncias abomináveis e prometer-lhe que, apesar da escassez de meios ao seu dispor, tentariam identificar o assassino até ao último sopro das suas vidas.

Néféret trazia posto o cinto de contas de ametista que Paser lhe tinha oferecido. Friorento, o ex-deão do pórtico protegia-se com uma manta e uma capa de lã. No caminho, cruzaram-se com o sacerdote encarregado de cuidar do túmulo e do canteiro que o rodeava, idoso, mas diligente, recebia o suficiente da edilidade de Mênfis para zelar pelo estado de conservação da sepultura e renovar as oferendas.

À sombra de uma palmeira, a alma do defunto, sob a forma de uma ave, vinha desseedentar-se no lago de água fresca depois de ter extraído da luz a energia da ressurreição. Todos os dias passeava nas imediações da capela, para aspirar o perfume das flores.

Paser e Néféret partilharam o pão e o vinho em memória do seu mestre, presente ao repasto cujo eco se repercutia no invisível.

— Sejam um pouco mais pacientes — recomendou Bel-Tran. — Ver-vos sair de Mênfis é uma desolação.

— Néféret e eu aspiramos a uma vida simples e calma.

— Nem um nem outro fizeram tudo o que está ao vosso alcance — insistiu Silkis.

— Lutar contra o destino não é senão vaidade.

Para a sua última noite em Mênfis, o juiz e a médica tinham aceitado o convite do diretor da Dupla Casa branca e da mulher. Bel-Tran, atormentado por uma crise de urticária, tinha-se deixado convencer por Néféret a tratar de um fígado em mau estado e a levar uma vida mais higiénica. A ferida que tinha na perna rebentava cada vez com mais frequência.

— Bebe mais água — recomendou a médica — e insiste com o teu futuro médico-assistente para te receitar drenadores. Os teus rins estão muito frágeis.

— Um dia, quem sabe, talvez eu tenha tempo de me ocupar de mim mesmo! O Tesouro submerge-me em reivindicações a que é preciso dar resposta imediata, sem perder de vista o interesse geral. — O filho de Bel-Tran interrompeu-o. Acusava a irmã de lhe ter roubado o pincel com que estava a aprender a desenhar belos hieróglifos, para vir a ser tão rico como o pai. A ruivinha, furiosa por se ver acusada, com razão ou sem ela, tinha-lhe dado de imediato uma bofetada, desatando também a chorar logo em seguida. Mãe zelosa, Silkis levou as crianças para fora da sala, tentando resolver o conflito.

— Como vês, Paser, precisamos de um juiz!

— Este inquérito seria muito difícil de conduzir.

— Pareces-me desinteressado dos acontecimentos, quase resignado — constatou Bel-Tran, admirado.

— Só na aparência, sem Néféret, teria sucumbido ao desespero. Esta anistia veio destruir todas as minhas esperanças de ver triunfar a justiça.

— Voltar a ter de enfrentar Denes não me agrada nada. Sem ti como deão do pórtilo, temo futuros conflitos.

— Tem confiança no vizir Bagey, ele não vai nomear um incapaz.

— Diz-se que ele está prestes a abandonar o cargo, para gozar uma reforma bem merecida.

-A decisão do rei abalou-o tanto quanto a mim, e a sua saúde deixa muito a desejar. Porque terá Ramsés agido desta maneira?

— Acredita sem dúvida nas virtudes da clemência.

— Com este ato, a sua popularidade não sai nada reforçada — comentou Paser. — O povo teme que o seu poder mágico enfraqueça e que ele perca pouco a pouco o contato com o céu. Dar a liberdade aos criminosos não é uma ação digna de um rei.

— E, no entanto, o seu reinado é exemplar.

— Compreendes a sua decisão e aprova-a?

— O faraó vê mais longe do que nós.

— Era o que eu pensava antes desta anistia.

— Volta atrás, Paser, o Estado precisa de ti, e da tua mulher também.

— Receio ser tão obstinada como o meu marido — deplorou Néfêret.

— Que argumentos posso eu usar que te convençam?

— Reinstaura a justiça.

Bel-Tran encheu ele mesmo os copos com vinho fresco.

— Depois da minha partida — pediu Paser — serias capaz de continuar as investigações, no tocante a Suti? Quem estará ao teu lado.

— Intervirei junto das autoridades judiciárias. Não seria melhor ficares em Mênfis a trabalhar comigo? A reputação de Néfêret é tão grande que o seu consultório não ficaria vazio.

— A minha capacidade financeira é muito limitada — confessou Paser — e tu depressa me acharias um estorvo e um incompetente.

— Que projetos tens então?

— Instalarmo-nos numa aldeia da margem ocidental de Tebas.

Silkis, que tinha ido deitar as duas crianças, voltara a tempo de ouvir a resposta de Néfêret.

— Renuncia a essa idéia, suplico-to! Como podes abandonar os teus doentes?

— Mênfis está cheia de excelentes médicos.

— Mas tu és a minha médica, e eu não quero mudar!

— Entre nós — disse Bel-Tran com gravidade — não há razão para existir qualquer dificuldade de ordem material. Sejam quais forem as vossas necessidades, Silkis e eu estamos prontos a satisfazê-las.

— Ficamos-vos eternamente gratos, mas eu já não estou em posição de ocupar um cargo elevado na hierarquia. O meu ideal desfez-se, o meu único desejo é remeter-me ao silêncio. A terra e os animais não mentem, graças ao amor de Néfêret, espero que as trevas me sejam menos pesadas.

A solenidade destas palavras pôs fim à conversa. Os dois casais elogiaram a beleza do

jardim, a delicadeza dos canteiros floridos e a qualidade das iguarias, esquecendo o peso dos amanhã.

— Como te sentes, minha querida? — perguntou Denes à mulher, reclinada sobre almofadas.

— Muito bem.

— O que descobriu o médico?

— Nada, pois não estou doente.

— Não compreendo...

— Conheces a fábula do leão e do rato? O felino tinha caçado o roedor e preparava-se para devorá-lo. Mas a vítima pediu-lhe que o poupasse, assim tão pequenino, como poderia ele saciá-lo? Um dia, quem sabe, talvez ele o ajudasse a sair de uma situação difícil. E o leão mostrou-se clemente. Passadas algumas semanas, os caçadores capturaram o grande felino e prenderam-no numa rede. Então, o rato roeu a rede, libertou o leão e anichou-se na sua juba.

— Qualquer criança conhece essa história.

— Pois devias ter-te lembrado dela quando foste para a cama com Tapeni.

O rosto quadrado do transportador contraiu-se.

— Que bicho te mordeu?

A senhora Nénofar levantou-se, altaneira, animada de uma cólera contida.

— Por ter sido tua amante, essa pega comporta-se como o rato da fábula. Só que ela é também o caçador! Só ela te pode libertar da rede onde te enleou. É isso mesmo, chantagem! Eis do que estamos a ser vítimas, por causa da tua infidelidade!

— Estás a exagerar.

— Não estou, não, meu querido marido. A respeitabilidade é um bem muito caro, e a tua amante tem uma língua tão comprida que facilmente arruinará a nossa reputação.

— Eu faço-a calar.

— Estás a subestimá-la. É melhor dares-lhe o que ela pediu, senão, seremos metidos a ridículo, um e outro.

Denes começou a caminhar nervosamente pela sala.

— Pareces esquecer-te, meu querido, que o adultério é um delito grave, um verdadeiro vício punido por lei.

— O que eu fiz não passou de um ligeiro desvio de conduta.

— E quantas vezes se repetiu esse desvio?

— Estás a divagar.

— Uma grande dama ao teu lado nas recepções, e jovencinhas ao teu lado na cama! É demais, Denes. Quero divorciar-me.

— Estás louca!

— Muito pelo contrário, estou a ser absolutamente sensata. Conservo o domicílio conjugal, a minha fortuna pessoal, o património que trouxe para o casamento e as minhas terras. E, devido à tua conduta lamentável, o tribunal irá condenar-te a dares-me uma pensão de alimentos,

acrescida de multa.

O transportador cerrou os dentes.

— As tuas graças não me divertem.

— O teu futuro anuncia-se difícil, meu amor.

— Não tens o direito de destruir a nossa vida, afinal, passamos juntos os nossos mais belos anos.

— Sentirias alguma coisa por mim?

— Somos cúmplices há muito tempo.

— Foste tu que quebraste a nossa aliança. O divórcio é a única solução possível.

— Já imaginaste o escândalo?

— Prefiro-o ao ridículo. É a ti que ele atingirá, não a mim, eu serei, para todos os efeitos, uma vítima.

— Essa atitude é insensata. Aceita as minhas desculpas e continuemos a manter as aparências.

— Zombaste de mim, Denes.

— Não foi essa a minha intenção, e tu sabe bem. Somos sócios, minha cara, se me arruinares, será a tua perdição. Os nossos negócios estão tão interligados que tornam impossível qualquer atitude drástica.

— Conheço os nossos negócios melhor do que tu. Tu passas o tempo a divertir-te, e eu a trabalhar.

— Esqueces-te de que me esperam altos destinos? Será que não queres partilhá-los?

— Sê mais explícito.

— Isto é apenas uma tempestade, minha querida, que casal nunca as teve?

— Pois eu julgava-me ao abrigo deste tipo de intempérie.

— Selemos uma trégua, para evitar precipitações. Ela nos unirá. Até uma ratazana como essa Tapeni precisava ter muita sorte para minar um edifício tão pacientemente construído.

— És tu que vais falar com ela.

— Ia pedir-te isso mesmo.

Vento do Norte já tinha entrado para o barco com destino a Tebas, o burro regalava-se com forragem fresca enquanto contemplava o rio. Diabrete, a sagui de Néféret, tinha escapado à vigilância da dona e estava empoleirada no alto do mastro.

Bravo, mais reservado e inquieto perante a perspectiva de uma longa travessia, mantinha-se deitado debaixo das pernas de Paser. O cão não apreciava nem os tombos nem os balanços, mas seguiria o dono nem que fosse através de um mar encapelado.

A mudança fora muito rápida, o ex-deão do pório deixava a casa e o mobiliário a um eventual sucessor que Bagey teimava em não designar, preferindo acumular a função na ausência de candidatos credíveis. Antes de se reformar, o velho vizir prestava assim homenagem a Paser, que, aos seus olhos, não tinha desmerecido a sua confiança.

O juiz levava na mão a esteira dos velhos tempos, e Néféret a maleta dos medicamentos. À sua volta, vários caixotes com bilhas, potes e outros utensílios domésticos. Teriam como companheiros de viagem comerciantes barulhentos, que ensaiavam os seus pregões, gabando a qualidade dos produtos que iam vender ao grande mercado de Tebas.

Paser sofrera apenas uma decepção: a ausência de Kem na despedida. Era evidente que o núbio não aprovava a sua atitude.

— Néféret, Néféret! Não se vão embora!

A médica voltou-se e viu Silkis, esbaforida, a agarrar-lhe o braço.

— Qadash... morreu!

— O que foi que aconteceu?

— Um horror... Chega-te para aqui.

Paser ajudou Vento do Norte a descer do barco e chamou Diabrete, ao ver a dona afastar-se, a sagui saltou logo para o cais e Bravo deu meia volta, todo contente.

— Qadash envenenou-se com os seus dois jovens amantes estrangeiros — confessou Silkis de chofre. — Foi um servo que avisou Kem, que ficou no local onde se desenrolou o drama. E um dos seus homens acabou agora mesmo de avisar Bel-Tran... E aqui estou eu! Está tudo mudado outra vez, Néféret. A votação que te elegeu médica-chefe volta a ser válida... e tu podes continuar a tratar-me!

— Tens certeza de que...

— Bel-Tran garante que a tua nomeação não poderia ser posta em causa. Ficas em Mênfis!

— Mas já não temos casa...

— O meu marido já vos arranjou uma.

Néféret, indecisa, apertou a mão de Paser.

— Não tens alternativa — disse ele.

Nisto, Bravo ladrou de forma pouco habitual: sem raiva, antes com estupefata alegria. Saudava assim a chegada ao cais de um barco de dois mastros proveniente de Elefantina.

À frente, vinha um jovem de cabelos compridos e uma mulher loura de formas soberbas.

— Suti! — gritou Paser.

O banquete foi improvisado, mas abundante. Bel-Tran e Silkis comemoraram simultaneamente a redenção de Néféret e o regresso de Suti. O herói foi o centro das atenções, contando os seus feitos, que todos queriam conhecer em pormenor. O aventureiro relatou o seu recrutamento para o grupo de mineiros, a descoberta de um inferno escaldante, a traição do polícia do deserto, o encontro com o general Asher, a partida deste último para destino desconhecido e a sua própria fuga miraculosa, graças à intervenção de Pantera. A líbia ria com gosto, sem tirar os olhos do amante.

Como lhe tinha prometido, Bel-Tran pôs à disposição de Paser uma casinha nos subúrbios, a norte da cidade, até Néféret receber a sua residência oficial. O casal acolheu de boa vontade Suti e Pantera. A líbia atirou-se para cima de uma cama e adormeceu em seguida, Néféret retirou-se para o seu quarto, e os dois amigos foram para o terraço.

— O vento não é quente, certas noites, no deserto, fazia um frio glacial.

— Fiquei à espera da tua mensagem.

— Foi impossível enviá-la, e, se tu me enviaste alguma, nunca a recebi. Será que compreendi bem durante o jantar: Néféret é mesmo médica-chefe do reino, e tu demitiste-te do teu cargo de deão do pórtico?

— O teu ouvido continua excelente.

— Mandaram-te embora?

— Francamente, não. Vim-me embora de livre vontade.

— Estás desiludido com este mundo?

— Ramsés decretou uma anistia geral.

— Todos os assassinos foram inocentados...

— Ninguém o teria dito melhor.

— Lá se vai a tua bela justiça.

— Ninguém compreende a decisão do rei.

— Só o resultado conta.

— Tenho uma confissão para te fazer.

— Alguma coisa grave?

— Duvidei de ti. Julguei que tinhas me traído.

Suti cresceu para Paser, prestes a atacá-lo.

— Vou rachar-te de alto a baixo, Paser.

— Um justo castigo, mas tu também o mereces.

— Porquê?

— Porque mentiste.

— Esta é a nossa primeira conversa a sós. Não querias que eu contasse a verdade a esse burguês do Bel-Tran e à dengosa da mulher? A ti, não tinha qualquer intenção de esconder a verdade.

— Como é que eu ia acreditar que tinhas desistido de perseguir o general Asher? A tua história bate certo até ao momento em que se encontraram. A partir daí, não acredito numa só palavra.

— Asher e os seus esbirros torturaram-me com a intenção de me infligirem uma morte lenta. Mas o deserto tornou-se meu aliado, e a Pantera foi o meu anjo da guarda. E foi a nossa amizade que me salvou quando eu perdi a coragem.

— Uma vez liberto, seguiste a pista do general. Qual era o seu plano?

— Alcançar a Líbia pelo sul.

— Um plano astucioso. Tinha cúmplices?

— Um polícia traidor e um mineiro experimentado.

— Morreram?

— O deserto é cruel.

- O que procurava Asher em paragens tão inhóspitas?
- Ouro. Contava usufruir da fortuna acumulada na casa do seu amigo Adafi.
- E tu mataste-o, não foi?
- A sua covardia e a sua deslealdade não conheciam limites.
- Pantera foi testemunha?
- Mais do que isso. Foi ela que o condenou à morte, ao dar-me a flecha que eu disparei.
- Enterraste-o?
- A areia será a sua mortalha.
- Recusaste-lhe assim qualquer chance de sobrevivência.
- Acaso ele a merecia?
- Assim sendo, o glorioso general não beneficiará da anistia...
- Asher foi julgado e eu executei a sentença que, segundo a lei do deserto, devia ter sido pronunciada.
- O teu relato é brutal.
- Sinto-me mais leve. Nos meus sonhos, o rosto do homem que Asher torturou e assassinou parece-me enfim apaziguado.
- E o ouro?
- Despojo de guerra.
- Não receias uma investigação?
- Não serás tu quem a conduzirá.
- O chefe da polícia vai interrogar-te. E Kem é um homem reto e inflexível. Ainda por cima, perdeu o nariz por causa de um roubo de ouro de que foi injustamente acusado.
- Mas ele não é teu protegido?
- Eu já não sou ninguém, Suti.
- Estou rico! Deixar escapar uma oportunidade destas seria estupidez.
- O ouro está reservado aos deuses.
- E não o têm já eles em abundância?
- Estás a meter-te numa aventura muito perigosa.
- O mais difícil já ficou para trás.
- Tencionas deixar o Egito?
- Não estou a pensar nisso e quero ajudar-te.
- Eu agora não passo de um simples juiz de província, sem qualquer poder, exatamente como era dantes.
- Não podes desistir assim.
- Já não disponho de meios para continuar.
- Serás capaz de calcar aos pés os teus ideais, de esqueceres o cadáver de Branir?
- O processo de Denes ia ser aberto, era uma etapa decisiva para a descoberta da verdade.

— As acusações constantes do teu processo foram anuladas, e as outras?

— Que queres tu dizer com isso?

— A minha amiga Sababu tem um diário, e eu estou convencido de que contém pormenores apaixonantes, talvez descubras aí o material de que precisas.

— Antes de Néféret ficar presa a um nunca mais acabar de obrigações, pede-lhe que te examine. A tua passeata deve ter deixado marcas.

— Estava mesmo a pensar pedir-lhe que me pusesse de novo de pé.

— E Pantera?

— A líbia é uma filha do deserto, e tem uma saúde de escorpião. Permitam os céus que ela me abandone o mais depressa possível.

— É o amor...

— O-amor gasta-se mais depressa do que o cobre, e eu prefiro o ouro.

— Se o devolvesse ao templo de Coptos, terias direito a uma recompensa.

— Estás a brincar comigo? Uma miséria ao pé do que tenho no carro! A Pantera quer ser muito rica. Ter seguido a pista do ouro e regressado vencedor... Há lá milagre mais excelente? E por teres duvidado de mim, imponho-te uma severa punição.

— Estou pronto a cumpri-la.

— Durante dois dias, desaparecemos. Vamos pescar no Delta. Tenho saudades da água, de tomar um bom banho, de me deitar nas várzeas e na erva muito verde, e de andar de barco nos pântanos!

— A entronização de Néféret...

— Conheço bem a tua mulher: ela não vai negar-nos esta liberdade.

— E Pantera?

— Se vieses comigo, ela não desconfia. E, assim, até pode ajudar Néféret a preparar-se, a líbia é perita na arte de pentear e entrançar uma peruca. E, depois, chegamos nós carregados de peixes enormes!

Médicos de clínica geral, cirurgiões, oftalmologistas, dentistas e outros especialistas estavam reunidos para assistir à investidura de Néfêret. Os médicos foram admitidos no grande átrio do templo da deusa Sekhmet, que propagava as doenças ao mesmo tempo que revelava os remédios capazes de as curar. O vizir Bagey, cuja acentuada fadiga não passou despercebida aos presentes, presidia à cerimónia. Ver uma mulher aceder ao topo da hierarquia médica não chocava nenhum egípcio, apesar de os seus colegas masculinos não se absterem de certas críticas relativas à sua menor resistência física e à sua falta de autoridade.

Pantera empenhara-se com talento. Não só havia penteado Néfêret como também se preocupara em vesti-la, a jovem envergava um longo vestido de linho, resplandecente de brancura. Um colar comprido de coralina em torno do pescoço, pulseiras de lápis-lazúli nos pulsos e tornozelos, e uma peruca raiada que lhe conferia uma aura de realeza, o que causou forte impressão na assistência, apesar da doçura do olhar e da ternura de um corpo tão esbelto.

O decano da corporação dos médicos cobriu Néfêret com uma pele de pantera, para significar que, tal como o sacerdote encarregado de dar vida à múmia real através dos ritos de ressurreição, também ela tinha o dever de insuflar uma energia constante no imenso corpo do Egito. Depois, entregou-lhe o sinete de médico-chefe, que lhe conferia autoridade sobre todos os médicos do reino, e a escritivaninha sobre a qual redigiria os decretos referentes à saúde pública, antes de os submeter à aprovação do vizir.

O discurso oficial foi breve, o decano especificou os cargos de Néfêret e ordenou-lhe que respeitasse a vontade dos deuses, a fim de preservar a felicidade dos homens. Assim que sua mulher prestou juramento, o juiz Paser foi esconder-se, para chorar à vontade.

Apesar das dores, de cuja intensidade só Kem percebia, o babuíno tinha recuperado as forças. Graças aos cuidados de Néfêret, o grande símio não guardaria nenhuma sequela dos graves ferimentos sofridos. Alimentava-se novamente com o apetite habitual, e retomara as suas rondas de vigilância.

Paser e Matador abraçaram-se.

— Jamais esquecerei que lhe devo a vida.

— Não o estragues com mimos, perderia a ferocidade e colocar-se-ia ele próprio em perigo. Algum incidente a assinalar?

— Depois da minha demissão, não corro o menor risco.

— Como encaras o futuro?

— Uma nomeação num subúrbio, servindo o melhor possível as populações. Se se me apresentar um caso difícil, alertar-te-ei.

— Ainda acreditas na justiça?

— Dar-te razão despedaça-me o coração.

— Também eu tenciono demitir-me.

— Mantém-te no teu cargo, rogo-to. Pelo menos, prendes os delinquentes e garantes a segurança da cidade.

— Até à próxima anistia... A mim, nada mais me espanta, mas sofro por ti.

— Onde quer que estejamos, e mesmo que o nosso campo de ação seja irrisório, devemos comportar-nos com dignidade. O meu maior receio, Kem, era não ter a tua solidariedade.

— E eu a praguejar, retido na casa de Qadash, em vez de ir me despedir de ti no cais.

— A que conclusões chegaste?

— Triplo envenenamento. Mas quem o terá concebido? Os dois rapazes eram filhos de um comediante que estava de passagem. O funeral decorreu com a máxima discrição, sem nenhuma assistência. Apenas estavam presentes os sacerdotes especializados. Foi a tarefa mais sórdida de que tive de me ocupar. Os corpos não repousam no Egito, foram entregues aos líbios, devido às origens de Qadash.

— Teria uma quarta pessoa cometido um assassinato?

— Referes-te ao homem que te perseguia?

— Durante a festa de Opet, Denes fez-me algumas perguntas, afim de conhecer o comportamento do seu amigo Qadash, e não lhe escondi que o dentista me tinha prometido uma confissão antes de beber o veneno.

— Denes teria então eliminado um testemunho embaraçoso.

— Mas porquê tanta violência?

— Grandes interesses devem estar em jogo. Bem entendido, Denes utilizou os serviços de uma criatura da sombra. Mas não me recuso a tentar identificá-la. Uma vez que o Matador já está restabelecido, retomaremos as nossas investigações.

— Há um pormenor que não me sai da cabeça: Qadash parecia estar seguro de escapar ao castigo supremo.

— Acreditava que Denes obteria a sua libertação.

— Sem dúvida, mas comportava-se com exagerada arrogância... como se previsse a futura anistia.

— Fuga de informações?

— Ter-me-ia chegado aos ouvidos.

— Não te iludas. Tu foste o último a ser informado. O tribunal conhece a tua intransigência e sabia que o processo de Denes teria tido um enorme impacto.

Paser recusava-se a aventar a horrível suposição que lhe minava o espírito: uma aliança entre Ramsés, o Grande e Denes, a corrupção no topo do Estado, a terra amada pelos deuses abandonada a sórdidos propósitos.

Kem percebeu a inquietação do juiz.

— Só os fatos nos poderão esclarecer. É por isso que tenciono retomar uma pista que nos conduzirá ao teu agressor. As suas confidências terão o maior interesse.

— É a tua vez de seres prudente, Kem.

O Manco era um dos melhores vendedores do mercado clandestino de Mênfis, armado num cais pouco frequentado sempre que chegavam os cargueiros com os mais diversos produtos. A polícia fechava um pouco os olhos a estas práticas e os escribas dos impostos recolhiam as taxas sem piedade. Com cerca de sessenta anos, o Manco poderia ter-se reformado há muito tempo e

levar uma vida tranquila na sua casa nas margens do rio, mas nada lhe dava mais prazer do que entregar-se a intermináveis negociações e enganar os compradores mais crédulos e inexperientes. A sua última presa fora um escriba do Tesouro, perito em madeiras de ébano. Espicaçando a sua vaidade, o Manco tinha-lhe vendido, pelo preço de madeira rara, uma mobília fabricada com madeira vulgar, mas imitando a rara com perfeição.

Outro belo negócio se anunciava: um novo-rico desejava adquirir uma coleção de escudos núbios pertencentes a uma das tribos mais belicosas. Sentir o perigo, ao abrigo de uma residência citadina, era uma sensação deliciosa que merecia um bom investimento. Com a cumplicidade de excelentes artesãos, o Manco tinha mandado fazer escudos falsos, muito mais impressionantes do que as armas autênticas, e ele mesmo os danificaria, infligindo-lhes as marcas de furiosos combates.

O seu depósito de mercadorias estava cheio de maravilhas idênticas, que ia vendendo a conta-gotas, com inimitável engenho. Só lhe interessavam as presas chorudas, que o fascinavam pela sua incomensurável estupidez e presunção. Quando correu o ferrolho, riu, pensando no dia seguinte.

Uma pele de animal, negra e coberta de pêlos, caiu-lhe sobre os ombros no momento em que ele empurrava a porta. Embaraçado no abominável despojo, o Manco soltou um grito, caiu por terra e pediu socorro.

— Não grites tão alto — ordenou Kem, concedendo-lhe um pouco de ar.

— Ah, és tu... O que te traz aqui?

— Reconheces esta pele?

— Não.

— Não mintas.

— Sou a franqueza em pessoa.

— És um dos meus melhores informantes — reconheceu o núbio — mas é como comerciante que estou a interrogar-te. A quem vendeste um babuíno macho de grande porte?

— O comércio de animais não é a minha especialidade.

— Um espécime daquela qualidade deveria ter sido entregue à polícia. Só um farçante da tua espécie pode ter negociado um transporte ilegal.

— Atribuis-me negros propósitos.

— Conheço a tua avidez.

— Não fui eu!

— Estás a irritar o Matador.

— Eu não sei nada.

— Olha que o Matador é mais convincente do que eu.

O Manco já não tinha escapatória.

— Já tinha ouvido falar desse enorme babuíno, capturado na região de Elefantina. Um ótimo negócio em perspectiva, mas não para mim. Em compensação, eu podia assegurar o transporte.

— Um belo lucro, suponho.

— Incômodos e despesas, sobretudo.

— Não me faças chorar. Só me interessa uma informação. De quem compraste o babuíno?

— O assunto é muito delicado...

O macaco-policia, de olhar fixo, raspava o solo com uma pata, impacientemente.

— Garantes-me discricção absoluta?

— Achas o Matador capaz de dar com a língua nos dentes?

— Ninguém deve saber que te dei esta informação. Vai falar com o Pernas-curtas.

O indivíduo era digno da alcunha: cabeça grande, peito peludo e pernas muito curtas, mas grossas e robustas. Desde pequeno, havia carregado grandes quantidades de caixotes de legumes e frutas, mais tarde, tornara-se seu próprio patrão, e reinava sobre uma centena de pequenos produtores a quem escoava as frutas e os legumes. A par destas atividades oficiais, o Pernas-curtas estava envolvido em tráficos mais ou menos lucrativos.

Ver aparecer Kem e o seu macaco não lhe agradou nada.

— Tenho tudo em ordem.

— Vê-se que não gostas mesmo nada da policia.

— Ainda menos desde que tu a comandas.

— Terás por acaso a consciência pesada?

— Pergunta o que tens a perguntar.

— Estás assim com tanta pressa de falar?

— O teu babuíno obrigar-me-á a isso. Mais vale resolver já a questão.

— É precisamente de um babuíno que se trata.

— Tenho horror a esses monstros.

— No entanto, compraste um do Manco.

Aborrecido, o Pernas-curtas, fingiu estar a arrumar os caixotes.

— Era uma encomenda.

— Para quem?

— Para um tipo meio esquisito.

— O seu nome?

— Não sei.

— Descreve-o.

— Não sou capaz.

— É surpreendente.

— Habitualmente, sou muito observador. O homem que me encomendou um babuíno macho muito robusto era uma espécie de sombra, sem consistência nem traços particulares. Usava uma peruca que lhe tapava a testa e quase lhe escondia os olhos, e uma túnica que lhe dissimulava o corpo. Seria incapaz de reconhecê-lo, tanto mais que a transação foi de curta duração, e o homem nem sequer discutiu o preço.

— Como era a sua voz?

— Bizarra. Estou convencido de que a deformava. Carçoos de frutas entalados entre as bochechas e as maxilas, sem dúvida.

— Voltaste a vê-lo?

— Não.

A pista extinguiu-se ali. A missão do assassino tinha sem dúvida culminado na queda de Paser e na morte de Qadash.

Bem disposta, Sababu prendia com ganchos o carrapito.

— Visita assaz inesperada, juiz Paser, permite que me acabe de pentear. Será que tens necessidade dos meus serviços a hora tão matutina?

— Dos teus serviços, não, mas sim de falar contigo.

O lugar, de um luxo ostentatório, estava impregnado de perfumes capitosos, de fazer entontecer. Paser procurou em vão uma janela.

— A tua mulher está a par do teu propósito?

— Não lhe escondo nada.

— Tanto melhor. É uma pessoa excepcional, e uma excelente médica.

— Sei que guardas um diário com as tuas memórias.

— A que título me vens interrogar? Já não és deão do pórtico.

— Não, apenas um mero juiz sem colocação. E tu és livre de não responder.

— Quem te falou da minha mania?

— Suti. Ele está convencido de que tens elementos suscetíveis de meter Denes em apuros.

— Suti... um rapaz encantador e um amante extraordinário. Por ele, faço qualquer coisa.

Voluptuosa, Sababu levantou-se e desapareceu por alguns instantes por trás de uma tapeçaria decorativa, para reaparecer em seguida com um papiro.

— Eis o documento onde anotei os caprichos dos meus melhores clientes, as suas perversidades e desejos inconfessáveis. Mas agora, ao relê-lo, acho-o bastante decepcionante. De uma maneira geral, a nobreza deste país é sã. Faz amor com naturalidade, sem perversidades físicas nem mentais. Não há aqui nada que valha a pena contar-te. Este passado só merece esquecimento.

E desfez o papiro em mil pedaços.

— Não tentaste impedir-me de fazê-lo. E se eu tivesse mentido?

— Confio em ti.

Sababu olhou para o juiz com uma expressão curiosa.

— Não posso ajudar-te, nem amar-te, e crê que o lamento. Faz Néféret feliz, pensa apenas na sua felicidade e viverás a mais bela das existências.

Pantera estendeu-se sobre o corpo nu de Suti, mais ágil do que uma haste de papiro dançando ao vento. Detinha-se, beijava-o e retomava o seu movimento inexorável rumo aos lábios do amante. Cansado da sua passividade, ele pôs fim àquela terna exploração e empurrou-a para o

lado. As suas pernas entrelaçaram-se, eles estreitaram-se com a violência de um Nilo jovem e, nesse mesmo instante, abandonaram-se a um prazer escaldante. Ambos sentiam a uni-los a perfeição do desejo e da sua realização, mas nem um nem outro admitiam sequer confessá-lo. Pantera era tão ardente que um único “assalto” não lhe era suficiente e, graças a íntimas carícias, reanimava sem piedade o vigor de Suti. O jovem tratava-a por “gata líbia”, evocando assim a deusa do amor, que partira para o deserto ocidental sob a forma de uma leoa, regressara doce e sedutora sob a forma de um felino doméstico, nunca definitivamente domesticado. O mínimo gesto de Pantera acendia nele uma paixão cintilante e dolorosa, ela tocava Suti como uma lira, fazendo-o ressoar em harmonia com a sua própria sensualidade.

— Convido-te para almoçar na cidade. Um grego acaba de abrir uma taberna onde serve folhas de videira recheadas com carne e um vinho branco do seu país.

— Quando é que vamos buscar o ouro?

— Logo que eu me sinta capaz de empreender a expedição.

— Pareces-me quase restabelecido...

— Fazer amor contigo é mais fácil, pelo menos, é menos desgastante do que andar vários dias no deserto, ainda tenho de recuperar forças.

— Irei contigo, sem mim, serás mal sucedido.

— A quem poderemos vender o metal sem sermos denunciados?

— Os líbios aceitá-lo-ão.

— Isso nunca. Tentaremos encontrar uma solução em Mênfis, senão ficamos uns dias em Tebas, para descobirmos uma solução. A operação é perigosa.

— Mas tão excitante! E a fortuna é merecida.

— Diz-me, Pantera... o que sentiste ao matar o polícia traidor?

— Medo de errar o alvo.

— Já tinhas matado algum ser humano?

— Eu queria salvar-te e consegui. E mato-te, se voltares a tentar deixar-me.

Surpreso, Suti saboreou a atmosfera de Mênfis. Achava-a desconcertante, quase estrangeira, depois da longa caminhada no deserto. No centro do bairro do Sicómoro, uma multidão multicolor acotovelava-se à entrada do templo da deusa Hathor, para escutar um arauto anunciar as datas da próxima festa. Recrutadas passavam em direção à zona militar, a fim de receberem o seu equipamento. Comerciantes conduziam burros e galeras para os depósitos de mercadorias, onde receberiam as suas quotas de cereais e produtos frescos. No porto da “Boa Viagem”, os barcos manobravam e os marinheiros, prestes a desembarcar, entoavam os cânticos tradicionais da chegada.

O grego tinha aberto a sua taberna numa ruela do subúrbio sul, não muito longe do primeiro escritório do juiz Paser. Quando Pantera e Suti para lá se dirigiam, foram alertados por gritos de terror.

Um cabriolé, puxado por um cavalo enraivecido, descia a toda a velocidade a estreita artéria. Desnorteada, uma mulher acabava de largar as rédeas. A roda esquerda embateu na fachada de uma casa, a caixa oscilou e a passageira foi projetada para o chão. Os transeuntes imobilizaram

o cavalo.

Suti acorreu e debruçou-se sobre a vítima.

Com a cabeça ensanguentada, a senhora Nénofar já não dava acordo de si.

Os primeiros socorros foram-lhe prestados no local, sendo a esposa de Denes transportada em seguida para o hospital. Sofria de contusões múltiplas, uma tripla fratura da perna esquerda, lesão da caixa torácica e um ferimento profundo na nuca. Sobreviver seria um milagre. Néféret e dois cirurgiões operaram-na de urgência. Graças à sua constituição, Nénofar escaparia à morte, mas seria confrangedor deslocar-se de muletas.

Como depressa recuperou a fala, Kem teve autorização para interrogá-la na companhia de Paser.

— O juiz acompanha-me como testemunha — explicou o chefe da polícia. — Prefiro que um magistrado assista à nossa conversa.

— Porquê tantas precauções?

— Porque não compreendo bem as causas do acidente.

— O cavalo espantou-se e eu não fui capaz de controlá-lo.

— É teu costume conduzires sozinha um veículo como aquele? — perguntou Paser.

— Claro que não.

— Nesse caso, o que aconteceu?

— Eu fui a primeira a subir para o cabriolé, e um servo devia ter tomado as rédeas. Mas um projétil, sem dúvida uma pedra, atingiu a água. Ela relinchou, empinou-se e partiu a galope.

— Não estarás a descrever um atentado?

Nénofar, cuja cabeça estava envolvida em ligaduras, deixou o seu olhar vaguear pelo quarto.

— Inverosímil.

— Desconfio do teu marido.

— O que dizes é odioso!

— Estarei errado? Vê bem, debaixo da sua aparente honorabilidade, esconde-se um ser vaidoso e vil, e extremamente egoísta.

Nénofar pareceu abalada. Paser insistiu.

— Além disso, pesam sobre ti outras suspeitas.

— Sobre mim?

— O assassino de Branir utilizou uma agulha de madrepérola. Ora tu própria sabes manejar esse objeto com invulgar destreza.

Nénofar soergueu-se, encolerizada.

— O que dizes é terrível... Como ousas fazer semelhante acusação?

— No processo que a anistia arquivou, terias sido incriminada no tráfico de tecidos, vestidos e atalhados. E um caso arrasta outro, não te parece?

— Porquê toda essa sanha?

— Porque o teu marido está no centro de uma conspiração criminosa. E não serás tu a sua

melhor cúmplice?

Um rito de tristeza crispou os lábios de Nénofar.

— Estás mal informado, juiz Paser. Antes deste acidente, eu fazia tenção de me divorciar.

— E terias mudado de opinião?

— Era Denes que eles pretendiam atingir, através de mim. Não vou abandoná-lo agora em plena crise.

— Perdoa-me a minha brutalidade. Desejo-te um pronto restabelecimento.

Os dois homens sentaram-se num banco de pedra. A calma do babuíno provava que não estavam a ser observados.

— Qual é a tua opinião, Kem?

— Um caso flagrante de estupidez crônica e incurável.

— Ela é incapaz de compreender que o marido tentou livrar-se dela, para ela não o reduzir à miséria ao separar-se dele. A fortuna pertence a Nénofar. Denes ignorava que jogava para ganhar, fosse qual fosse o desenrolar dos acontecimentos, quer Nénofar morresse no acidente, quer voltasse a ser sua aliada. Olha que é difícil encontrar uma grande dama tão idiota.

— Conclusão abrupta mas convincente — opinou Paser. — Uma coisa é certa: não é ela o assassino de Branir.

A meio de um Inverno mais frio do que o habitual, Ramsés, o Grande, celebrou as festas da ressurreição de Osíris. Após a fertilidade do Nilo, presenciada por todos, era a vez da fecundidade do espírito vencedor da morte, em cada santuário se acenderam lamparinas, para que brilhasse a eterna luz da ressurreição. O rei estava em Saqqarah, onde se encontrava recolhido há um dia inteiro diante da pirâmide em degraus. Posteriormente, foi prostrar-se diante da estátua do seu ilustre predecessor, o faraó Djéser.

Só a alma do faraó defunto ou o faraó reinante, durante a sua festa da regeneração, podiam transpor a única porta aberta no recinto, na presença das divindades do céu e da terra.

Ramsés implorou aos seus antepassados, agora estrelas no firmamento, que lhe inspirassem a conduta a seguir para sair do abismo obscuro para onde os seus inimigos invisíveis o tinham precipitado. A majestade do lugar, consagrado ao silêncio luminoso da vida transfigurada, serenou-o, e inundou o olhar com os jogos de claridade que animavam a gigantesca escadaria de pedra, ao centro da imensa necrópole.

Ao sol-pôr, a resposta nasceu no seu coração.

Kem não era um funcionário de gabinete. Por isso, interrogou Suti passeando com ele ao longo do Nilo.

— Estranha aventura a tua. Voltar com vida do deserto não é uma façanha vulgar.

— Tenho sorte. Ela protege-me melhor do que qualquer divindade.

— Mas é uma amiga inconstante, de que não se deve abusar.

— A prudência aborrece-me.

— Efraim era um patife. O seu desaparecimento não te deve ter entristecido.

— Ele fugiu na companhia do general Asher.

— E, apesar do reforço das forças policiais, continuam desaparecidos.

— Comprovei a habilidade que tinham para escapar à polícia do deserto.

— És um mágico, Suti.

— Isso é um elogio ou uma censura?

— Escapar às garras de Asher é uma proeza sobrenatural. Por que te libertou ele?

— Nem eu consigo entender.

— Convenhamos que te deveria ter matado. Um outro ponto enigmático é saber que objetivo perseguia o general, ao refugiar-se numa região mineira?

— Quando o prenderes, ele dirá.

— O ouro é o tesouro supremo, o sonho inacessível. Tal como tu, Asher troçava dos deuses, e Efraim conhecia os filões esquecidos, dos quais lhe indicou a posição. Acumulando ouro, o general não temia o futuro.

— Asher não me fez nenhuma confidência.

- Não tiveste vontade de segui-lo?
- Estava ferido, e no limite das minhas forças.
- Estou convencido de que mataste o general. Odiava-o a ponto de correres riscos consideráveis.
- Era um adversário forte demais, no estado em que eu me encontrava.
- Já passei pelo mesmo e sei que a vontade pode ditar as suas leis ao corpo mais exausto.
- Quando Asher voltar, beneficiará da anistia.
- Ele jamais voltará. A estas horas, os abutres e os roedores já devoraram a sua carne, e o vento dispersará os seus ossos. Onde escondeste o ouro?
- Só possuo a minha sorte.
- Roubar esse metal é uma falta imperdoável. Ninguém conseguiu conservar em seu poder o ouro roubado do interior das montanhas. Restitui-o antes que a sorte te abandone.
- Tornaste-te num verdadeiro polícia.
- Defendo a ordem. Um país só é feliz e próspero quando as coisas estão no seu devido lugar. E o lugar do ouro é no interior do templo. Declara o teu despojo em Coptos, e a minha boca permanecerá fechada. Caso contrário, considera-me teu inimigo.

Néféret recusou-se a ir morar na casa que fora de Nébamom, o ex-médico-chefe do reino, o local estava impregnado de ondas negativas. Preferiu esperar que a administração lhe atribuisse uma outra residência, contentando-se entretanto com o modesto alojamento onde passava curtas noites.

Desde a véspera da sua entronização, as diferentes unidades de saúde tinham-lhe solicitado audiência, receando ficar desacreditadas. Mas Néféret acalmou as inquietações e refreou as impaciências, em vez de se preocupar com eventuais promoções, preferia debruçar-se sobre as necessidades da população. Também convocou os encarregados da distribuição de água, para que nenhuma aldeia ficasse privada do precioso líquido, depois, examinou a lista dos hospitais e dispensários, constatando que em algumas províncias faltava o estritamente necessário. A repartição dos especialistas e dos médicos de clínica geral pelo sul e pelo norte não era satisfatória. Por fim, uma outra medida urgente era atender os países estrangeiros que reclamavam médicos egípcios para curar pacientes ilustres.

A jovem médica começava a ter uma idéia da dimensão da tarefa que a esperava. A isso, juntava-se ainda a polida hostilidade dos médicos encarregados de velar pela saúde de Ramsés após a morte de Nébamom. O médico de clínica geral, o cirurgião e o dentista gabaram os seus próprios méritos e afirmaram que o monarca estava satisfeito com os cuidados que lhe dispensavam.

Caminhar pelas ruas descontraía-a. Poucas pessoas a reconheciam, sobretudo nos bairros à volta do palácio, por onde deambulava a seu bel-prazer após um dia extenuante, em que cada interlocutor a pusera à prova.

Quando Suti a procurou, ficou admirada.

— Preciso falar contigo a sós.

— Sem a presença de Paser?

— Para já, sim.

— De que tens medo?

— As minhas desconfianças são demasiado vagas e terríveis. Ele afligir-se-ia em vão. Prefiro falar primeiro contigo, serás tu o juiz.

— Trata-se de Pantera?

— Como adivinhaste?

— Ela ocupa um lugar definitivo na tua vida...e tu pareces sinceramente apaixonado.

— Desilude-te, a nossa ligação é apenas sensual. Mas Pantera... — Suti hesitava. Néféret, que apreciava um andamento rápido, abrandou o passo.

— Lembras-te das circunstâncias do assassinato de Branir? — disse ele.

— Cravaram-lhe uma agulha de madreperola no pescoço com tal precisão que a morte foi instantânea.

— Pantera matou da mesma forma o polícia traidor, utilizando um punhal. O homem era de fato um gigante.

— Simples coincidência.

— Assim espero, Néféret, do fundo do coração.

— Não te atormentes demais. Sinto a alma de Branir tão próxima, tão viva, que a tua acusação teria despertado em mim uma imediata certeza. Pantera é inocente.

Néféret e Paser não escondiam nada um ao outro. Desde o momento em que o amor os unira, reinava entre ambos uma cumplicidade que o tempo não desgastava nem os conflitos podiam quebrar. Mal o juiz se deitou, já muito tarde, ela despertou e confessou-lhe as suas inquietações acerca de Suti.

— Sentia-se comprometido perante a idéia de viver com a mulher que poderia ter assassinado Branir.

— Desde quando o assaltou essa loucura?

— Um pesadelo imprimiu-lhe essa idéia na memória.

— É estranho. Pantera nem sequer conhecia Branir.

— Qualquer pessoa poderia ter utilizado os seus dons sinistros.

— Ela matou o polícia por amor, é o que garante Suti.

— Pareces muito seguro de ti.

— Confio nos dois.

— Eu também.

A visita da rainha-mãe desorganizou a ordem das audiências. Chefes de província, vindos para pedir equipamentos sanitários, inclinaram-se à passagem de Tuya.

— A mãe de Ramsés — abraçou Néféret.

— Eis-te no teu verdadeiro lugar.

— Tenho saudades da minha aldeia no Alto Egito.

— Nada de saudades e nada de remorsos: não passam de futilidades. Apenas conta a tua missão ao serviço do país.

— E a tua saúde, como vai?

— Excelente.

— Impõe-se um exame de rotina.

— Simplesmente para te tranquilizar.

Apesar da idade e dos problemas recentes, a vista da rainha-mãe era satisfatória. Contudo, Néféret pediu-lhe que seguisse o tratamento com rigor.

— A tua tarefa não será fácil, Néféret. Nébamon tinha a arte de adiar as urgências e deixar cair os processos no esquecimento, rodeava-se de colaboradores obedientes, desprovidos de personalidade. Essa casta mole, tacanha de espírito e conservadora opor-se-á às tuas iniciativas. A inércia é uma arma terrível, não percas a coragem.

— Como tem passado o faraó?

— Está a residir no Norte, em visita de inspeção às guarnições militares. Sinto que o desaparecimento do general Asher o preocupa.

— Partilhas novamente os seus pensamentos?

— Infelizmente, não! Caso contrário, ter-lhe-ia perguntado os motivos desta miserável anistia que o nosso povo desaprova. Ramsés está cansado, o seu poder desgasta-se. Os grandes sacerdotes de Héliópolis, Mênfis e Tebas não tardarão a organizar a festa da regeneração, que todos consideram necessária, e com razão.

— O país rejubilará.

— E Ramsés será novamente invadido por aquele fogo que lhe permitiu vencer os inimigos mais temíveis. Não hesites em pedir a minha ajuda, de momento, as nossas relações têm apenas um carácter oficial.

Ver-se assim encorajada multiplicava a energia de Néféret.

Após a partida das operárias, a senhora Tapeni passou revista à oficina. A sua visão experiente detectava o mínimo furto, nem um só objeto, nem um só pedaço de tecido podiam desaparecer dos seus domínios, sob pena de sanções imediatas. Só o rigor pode assegurar a qualidade do trabalho.

Um homem entrou na tecelagem.

— Denes... O que desejas?

O transportador fechou a porta. Pesado, carrancudo, avançou para ela com passo lento.

— Não devíamos voltar a ver-nos, pelo menos foi o que disseste.

— Exato.

— Cometeste um erro. Eu não sou mulher que se abandone depois de se ter usado.

— E tu cometeste outro. Eu não sou troféu que se exhiba.

— Ou cedes, ou arruino a tua reputação.

— A minha mulher acaba de ter um acidente, sem a clemência dos deuses, estaria morta a estas horas.

— Esse incidente não altera em nada os acordos que fiz com ela.

— Não fizeste acordo nenhum.

Com uma mão, Denes apertou a garganta de Tapeni e empurrou-a contra a parede.

— Se continuas a aborrecer-me, serás tu também vítima de um acidente. Detesto os teus métodos, comigo, estão destinados ao fracasso. Não tentes enfrentar a minha mulher e esquece o nosso encontro. Contenta-te com o teu trabalho, se desejas chegar a velhice. Adeus.

Livre, Tapeni inspirou sofregamente.

Suti assegurou-se de que não estava a ser seguido. Após o interrogatório de Kem, temia ser colocado sob vigilância. A advertência do núbio não devia ser ignorada, nem mesmo Paser poderia proteger o amigo, se o chefe da polícia provasse a sua culpa.

Felizmente, as suspeitas que pesavam sobre a sua amante líbia tinham-se dissipado. Mas Suti e Pantera tinham de deixar Mênfis sem atrair a atenção do núbio. Utilizar da melhor maneira a sua fabulosa fortuna seria uma tarefa delicada que exigia complicitades. Assim, o jovem contactou algumas personagens duvidosas, receptadores colectados de maior ou menor envergadura, sem revelar o seu segredo. Evocou uma importante transação que implicava um transporte demorado.

O Pernas-curtas pareceu-lhe um parceiro de confiança. O mercador não fez perguntas e aceitou fornecer a Suti burros robustos, carne seca e potes de água, no local por ele escolhido. Transportar o ouro da gruta para a grande cidade, escondê-lo e negociá-lo para comprar uma casa sumptuosa e levar uma vida regalada, apresentava muitos riscos, mas Suti sentia um prazer incontrolável em desafiar a sorte. Agora, que tinha a fortuna ao seu alcance, ela não o abandonaria.

Dentro de três dias, Pantera e ele embarcariam para Elefantina. Munidos da placa de madeira onde o Pernas-curtas tinha gravado as suas instruções, iriam buscar os animais e o material a uma aldeia onde ninguém os conhecia. Depois, retirariam do local uma parte do ouro e regressariam a Mênfis, na esperança de o passarem no mercado paralelo para as mãos de gregos, líbios e sírios. O valor comercial do metal amarelo era tão elevado, e era tão reduzida a circulação do nobre material, que Suti facilmente encontraria um comprador.

É certo que se arriscava a uma pena de prisão perpétua ou até à pena de morte. Mas, por outro lado, assim que fosse dono da mais bela propriedade do Egipto, iria organizar festas magníficas em que os convidados de honra seriam Paser e Néféret. Faria arder a sua riqueza como palha, para que um fogo de alegria se elevasse nos céus, onde os deuses ausentes se ririam com ele.

A voz do vizir era rouca e o seu rosto abatido.

— Juiz Paser, convoquei-te para te falar da tua conduta.

— Terei cometido algum erro?

— Não será a tua oposição à anistia demasiado ostensiva? Não perdes uma única ocasião de a manifestares.

- Calar-me seria hipocrisia.
- Estarás consciente da tua imprudência?
- Não fizeste sentir também ao rei a tua hostilidade?
- Eu sou um velho vizir, tu, um jovem magistrado.
- Como é que a opinião de um simples juiz de bairro poderia ofender Sua Majestade?
- Foste deão do pórtico. Deves guardar para ti os pensamentos.
- Dependerá a minha próxima nomeação do meu silêncio?
- És suficientemente inteligente para responderes sozinho a essa pergunta. Será um juiz que contesta a lei digno de exercer?
- Se assim é, renuncio a essa função.
- Mas ela é a tua razão de viver.
- A ferida será incurável, admito-o, mas prefiro-a à hipocrisia.
- Não estarás a ser demasiado rigoroso?
- Vinda de ti, essa censura é um cumprimento.
- Detesto a grandiloquência, mas creio que este país precisa.
- Permanecendo fiel ao meu ideal, espero manter-me em harmonia com o Egito das pirâmides, do cume tebano e dos sóis imperecíveis. Ora, essa harmonia ignorava a anistia. Se estiver enganado, a justiça seguirá o seu curso sem mim.

— Bom dia, Suti.

O jovem pousou a taça cheia de cerveja fresca.

— Tapeni!

— Levei muito tempo para descobrir-te. Esta taberna é sórdida, mas pareces gostar do ambiente.

— Como tens passado?

— Menos mal, depois da tua partida.

— Uma mulher bonita não sofre de solidão.

— Terás perdido a memória? Tu és o meu marido.

— Assim que abandonei a tua casa, o nosso divórcio ficou consumado.

— Enganas-te, meu querido, encaro a tua fuga como uma simples ausência.

— O nosso casamento inscrevia-se no âmbito de uma investigação, a anistia anulou-o.

— Pois eu levo a nossa união muito a sério.

— Pára de gracejar, Tapeni.

— Tu és o marido com que sempre sonhei.

— Suplico-te...

— Quero que repudies essa puta líbia e regresses ao domicílio conjugal.

— Isso não tem pés nem cabeça!

— Não quero perder tudo. Obedece, ou terás grandes desgostos.

Suti encolheu os ombros e bebeu uma golada de cerveja.

Bravo brincava junto de Paser e Néféret. O cão contemplava a água do canal, mas evitava aproximar-se. A saguí agarrava-se avidamente à dona.

— A minha decisão vai deixar Bagey consternado, mas manter-me-ei firme.

— Vais exercer na província?

— Em lado nenhum. Já não sou juiz, Néféret, porque me oponho a uma decisão iníqua.

— Devíamos ter partido para Tebas.

— Os teus colegas ter-te-iam trazido de volta.

— A minha posição é mais instável do que parece. Uma mulher como médico-chefe do reino incomoda alguns cortesãos influentes. À menor falta, exigirão a minha renúncia.

— Vou realizar um velho sonho: tornar-me jardineiro. Na nossa futura casa, o meu trabalho não será de deitar fora.

— Paser...

— Vivermos juntos é um prazer sem igual. Trabalha tu pela saúde do Egito, que eu tratarei das flores e das árvores.

Os olhos de Paser não o enganavam. Tratava-se de fato de uma convocação emanada pelo juiz principal de Héliópolis, a cidade santa situada a norte de Mênfis. A cidade, sem importância econômica, era constituída apenas por templos construídos à volta de um imenso obelisco, qual raio de sol petrificado.

— Vão propor-me um cargo de magistrado para os assuntos religiosos — aventou Paser. — Como nunca se passa nada em Héliópolis, não ficarei sobrecarregado de trabalho. Normalmente, o vizir nomeia para este cargo magistrados idosos ou doentes.

— Bagey interveio a teu favor — exclamou Néféret. — Pelo menos, conservarás o título.

— Afasta-me dos assuntos civis... Muito astucioso.

— Não rejeites esta oportunidade.

— Se me impuserem a mínima servidão, se tentarem fazer-me aceitar a anistia, a minha visita será breve.

Em Héliópolis residiam os redatores dos textos sagrados, dos rituais e dos relatos mitológicos destinados a transmitir a sabedoria dos antigos. No interior dos santuários, cercados por altos muros, um número restrito de oficiantes celebrava o culto da energia na sua forma luminosa.

Paser foi encontrar uma cidade silenciosa, sem mercadores nem tendas, em pequenas casas brancas, habitavam os sacerdotes e os artesãos encarregados de criar ou trabalhar os objetos de culto. Os ruídos do mundo não os atingiam.

O magistrado apresentou-se no escritório do juiz principal, onde um escriba caduco, visivelmente incomodado, o recebeu a resmungar. Após examinar a convocação, ausentou-se.

O local estava calmo, quase adormecido, tão distante da agitação de Mênfis que Paser mal podia acreditar que aí trabalhassem homens.

Nisto, apareceram dois polícias, armados com cacetes.

— Juiz Paser?

— O que desejam?

— Segue-nos.

— Por que motivo?

— Ordens superiores.

— Recuso-me.

— Qualquer resistência será inútil. Não nos obrigues a usar a força.

Paser tinha caído numa armadilha. Quem desafiava Ramsés pagava o seu preço. Não era um cargo de juiz que esperava por ele, mas um lugar no cemitério do esquecimento.

Escortado pelos dois policiais, Paser foi conduzido até à entrada de um edifício oblongo, contíguo ao muro que cercava o templo de Ra. A porta abriu-se e diante de Paser surgiu um sacerdote idoso, de cabeça rapada, pele enrugada e olhos negros, coberto com uma pele de pantera.

— Juiz Paser?

— Esta detenção é ilegal.

— Em vez de dizeres disparates, entra, lava as mãos e os pés, e recolhe-te em oração.

Intrigado, Paser obedeceu. Os dois policiais ficaram do lado de fora e a porta fechou-se novamente.

— Onde estou eu?

— Na Casa da Vida de Héliópolis.

O juiz ficou estupefato. Era ali, naquele lugar interdito aos profanos, que os sábios do passado haviam composto os Textos das Pirâmides, revelando as mutações da alma e o processo de ressurreição. O povo sabia que os mais ilustres magos se tinham formado naquela escola misteriosa para onde só alguns eram chamados, sem dia nem hora certa.

— Purifica-te.

Trêmulo, o juiz obedeceu.

— Chamam-me o Calvo — informou o sacerdote. — Vigio esta porta e não deixo entrar qualquer elemento nocivo.

— A minha convocação...

— Não me incomodes com palavras inúteis.

O Calvo emanava um magnetismo que emudecia os protestos no fundo da garganta.

— Despe essa tanga e põe esta veste branca.

Paser, sem pontos de referência, sentia-se transportado a um outro mundo. Na Casa da Vida, a luz do dia só penetrava por estreitas frestas, abertas no topo das paredes de pedra sem quaisquer inscrições.

— Chamam-me também o carrasco — revelou o Calvo — porque decapito os inimigos de Osíris. Aqui estão guardados os anais dos deuses, os livros de ciência e os rituais dos mistérios. Que a tua boca permaneça fechada perante tudo o que vires e ouvires. O destino castiga os faladores.

O Calvo guiou Paser ao longo de um interminável corredor que desembocava num pátio coberto de areia. Ao centro, em cima de uma pequena elevação, estava uma múmia de Osíris, receptáculo da vida nos seus aspectos mais secretos. Conhecida por “pedra divina”, estava impregnada de unguentos e coberta com uma pele de carneiro.

— Nela morre e renasce a energia que anima o Egito — disse o Calvo, apontando para a múmia.

A toda a volta do pátio, havia bibliotecas e oficinas reservadas aos adeptos com autorização para trabalharem naquele recinto.

— O que vês tu, Paser?

— Um monte de areia.

— Assim se incarna a vida. A energia jorra do oceano, onde os mundos estão contidos em estado embrionário, e materializa-se na forma de uma eminência. Procura o mais alto, o mais essencial, e aproximar-te-ás das origens. Entra nesta sala e comparece perante o teu juiz.

Sentado num trono de madeira dourada, o homem estava penteado com uma peruca de caracóis que lhe escondia as orelhas, e vestido com uma longa túnica. Sobre o peito, um nó enorme, na mão direita, um cetro de autoridade, e, na esquerda, uma vara comprida. Atrás dele, uma balança de ouro.

Guardião dos segredos da Casa da Vida, encarregado da distribuição das oferendas, guardião da pedra primordial, a temível personagem interpelou o intruso.

— Tu tens a pretensão de seres um juiz honesto.

— Esforço-me por sê-lo.

— Porque te recusas então a aplicar a anistia decretada pelo faraó?

— Porque é iníqua.

— Neste recinto fechado, diante desta balança e longe dos olhares profanos, ousas manter a mesma opinião?

— Sim, mantenho-a.

— Nada mais posso fazer por ti.

O Calvo agarrou Paser pelo braço e obrigou-o a retirar-se. As belas palavras proferidas faziam parte da encenação. O único objetivo destes sacerdotes era quebrar a resistência do juiz. Mas a manobra persuasora tinha falhado, e agora utilizariam a violência.

— Entra para aqui.

O Calvo empurrou a porta de bronze.

Uma única lanterna iluminava a pequena sala, desprovida de qualquer outra abertura. Dois canais, atravessando as paredes, forneciam o ar indispensável.

Um homem olhava para Paser.

Um homem de cabelos ruivos, fronte larga e nariz adunco. À volta dos pulsos, pulseiras em ouro e lápis-lazúli, cuja face superior estava ornamentada com cabeças de patos selvagens. A jóia favorita de Ramsés, o Grande.

— Tu és...

Mas Paser não ousou pronunciar a palavra “faraó”, que lhe queimava os lábios.

— E tu és Paser, o magistrado que abandonou o seu cargo de deão do pórtico e criticou a anistia por mim decretada.

Falava num tom violento, carregado de censura. O coração do juiz batia desordenado, frente ao mais poderoso soberano da terra, faltavam-lhe as palavras.

— Então, não respondes? Será que me mentiram a teu respeito?

— Não, Majestade.

O juiz reparou que tinha se esquecido de se inclinar. Então, pondo os dois joelhos em terra, o

seu corpo dobrou-se numa vênua.

— Levanta-te. Já que te opões ao teu rei, porta-te como um guerreiro.

Vexado, Paser levantou-se.

— Não recuarei na minha posição.

— Que censuras tu à minha decisão?

— Branquear culpados e soltar criminosos são injúrias feitas aos deuses e sinal de desprezo pelo sofrimento humano. Amanhã, se continuares nessa vertente perigosa, acabarás por acusar as vítimas.

— Serias tu infalível?

— Já cometi muitos erros, mas não à custa de inocentes.

— És então incorruptível?

— A minha alma não está à venda.

— Sabes o que é um crime de lesa-majestade?

— A anistia é uma injustiça grave que compromete o equilíbrio do país.

— Crês poder sobreviver a essas palavras?

— Teria pelo menos tido a alegria de te oferecer a minha opinião sincera.

Ramsés mudou de tom. À agressividade sucederam-se palavras graves e compassadas.

— Observo-te desde a tua chegada a Mênfis. Branir era um sábio e não agia de ânimo leve. Tinha-te escolhido pela tua probidade, e a sua outra discípula era Néfêret, hoje médica-chefe do reino.

— Ela triunfou, eu fracassei.

— Tu também triunfaste, pois és o único juiz do Egito verdadeiramente inflexível.

Paser estava perplexo.

— Apesar de numerosas intervenções, entre as quais a minha, não mudaste de opinião. Em nome da justiça, enfrentaste o rei do Egito. És a minha última esperança. Eu, o faraó, estou sozinho, preso numa armadilha abominável. Estás pronto a ajudar-me, ou preferes a tua tranquilidade?

Paser inclinou-se.

— Sou teu servo.

— Palavra de cortesia ou empenhamento sincero?

— Os meus atos respondem por mim.

— Por isso mesmo, coloco nas tuas mãos o futuro do Egito.

— Eu... eu não compreendo.

-Aqui, estamos seguros, aqui, ninguém ouvirá o que tenho para te revelar. Reflete bem, Paser, ainda estás a tempo de recuar. Depois de eu ter falado, serás encarregado da missão mais difícil jamais confiada a um juiz.

— A vocação que Branir acordou em mim não sofre recaídas.

— Juiz Paser, nomeio-te vizir do Egito.

— Mas... o vizir Bagey ...

— Bagey está velho e cansado. Durante os últimos meses, já por várias vezes me pediu que o substituísse. A tua rejeição da anistia permitiu-me descobrir o seu sucessor, a despeito dos conselhos dos que me rodeiam e que tinham outros nomes em mente.

— Por que razão não poderia Bagey desempenhar a tarefa que desejas confiar-me?

— Por um lado, já não dispõe do dinamismo necessário para conduzir as investigações, e, por outro, receio uma fuga de informações entre os membros da sua administração, em funções há tempo demais. Se a mínima indiscrição fosse cometida, o país cairia nas mãos dos demônios saídos das trevas. Amanhã serás a primeira figura do reino, a seguir ao faraó, mas estarás sozinho, sem amigos nem apoios. Não confies em ninguém, reorganiza a hierarquia, rodeia-te de homens novos, mas não confies neles.

— Mencionaste uma investigação...

— Eis a verdade, Paser: na grande pirâmide estavam depositadas as insígnias sagradas da realeza, são elas que legitimam o reinado de cada faraó. A pirâmide foi assassinada e violada, e o tesouro roubado. Sem ele, não posso celebrar a festa da regeneração, como me é exigido, a justo título, pelos grandes sacerdotes dos principais templos e pela alma do nosso povo. Em menos de um ano, quando a cheia do Nilo renascer, serei forçado a abdicar em proveito de um ladrão e de um criminoso que se acoita na sombra.

— O decreto da anistia foi-te, portanto, ditado.

— Pela primeira vez, fui forçado a agir contra a justiça. Ameaçaram-me de revelarem o saque da pirâmide e precipitarem a minha queda.

— Porque não terão os teus inimigos tomado mais cedo essa iniciativa?

— Porque ainda não estavam preparados, usurpar o trono exclui o imprevisto. O momento da minha abdicação será o mais favorável, e o usurpador receberá o poder com toda a tranquilidade. Se aceitei ceder às exigências da mensagem anônima, foi sobretudo para ver quem ousaria levantar-se contra a anistia. Exceto Bagey e tu próprio, ninguém contestou o seu fundamento. O velho vizir tem direito a um merecido repouso, tu identificarás os criminosos ou soçobraremos juntos.

Paser recordou-se das fases principais das suas investigações, desde o instante crucial em que ele fora o grão de areia na engrenagem da máquina infernal, ao recusar-se a caucionar a transferência administrativa de um veterano da guarda de honra da esfinge.

— Nunca tamanha vaga de assassinatos assolara o país. Estou persuadido de que estão todos relacionados com esta monstruosa conspiração. Porque mataram os cinco veteranos? Porque a esfinge de Gize fica próxima da grande pirâmide. Logo, os soldados incomodavam os conjurados, e tiveram de se livrar deles para poderem entrar no edifício sem serem notados.

— Por onde entraram?

— Por uma passagem subterrânea que eu julgava obstruída e que terás de investigar. Talvez ainda restem alguns indícios. Durante muito tempo, pensei que o general Asher era o cabeça da conspiração...

— Não, Majestade, ele era um simples engodo.

— Se continuar desaparecido, é sinal que comanda as tribos líbias que atacarão o Egito.

— O general Asher está morto.

— Tens provas?

— O relato do meu amigo Suti.

— Foi ele que o matou?

Paser hesitou em responder.

— Tu és o meu vizir. Entre nós não pode haver segredos, a verdade será o nosso laço de união.

— Suti matou o homem que ele odiava. Tinha testemunhado torturas infligidas pelo general a um soldado egípcio.

— Acreditei durante muito tempo na boa-fé de Asher, mas enganei-me.

— Se o processo de Denes tivesse seguido o seu curso, a sua culpabilidade teria sido posta em evidência.

— Esse transportador pretensioso!

— Com os seus amigos Qadash e Chéchi, formavam um trio temível. O primeiro queria ser médico-chefe, e o segundo afirmava trabalhar no fabrico de armas inquebráveis. Chéchi e Denes são provavelmente os responsáveis pelo acidente de que foi vítima a princesa Hattusa.

— Achas que a conspiração se limita a estes três homens?

— Isso eu não sei.

— Mas tens de descobrir.

— Errei, Majestade, mas agora, tenho de saber tudo. Quais são os objetos sagrados roubados da grande pirâmide?

— Uma enxó em ferro celeste, utilizada para abrir a boca da múmia durante o ritual da ressurreição.

— Está nas mãos do sumo-sacerdote do templo de Ptah, em Mênfis!

— Amuletos em lápis-lazúli.

— Chéchi chefiava um tráfico de amuletos, esses estão sem dúvida em segurança em Carnaque, com o sumo-sacerdote Kani.

— Um escaravelho de ouro.

Paser sentiu renascer uma esperança incontrolável.

— Está igualmente na posse de Kani!

Por um momento, o novo vizir acreditou ter salvo, sem o saber, os tesouros da grande pirâmide.

— Os larápios — prosseguiu Ramsés — arrancaram a máscara de ouro de Quéops e o seu colar.

O juiz ficou mudo. A decepção crispou-lhe a face.

— Se se comportaram como os profanadores do passado, jamais recuperaremos as preciosas relíquias, tal como não recuperamos o còvado em ouro dedicado à deusa Maât, pois tê-las-ão fundido e transformado em lingotes que venderam no estrangeiro.

Paser estava comovido até às lágrimas. Como poderiam existir seres tão vis, capazes de destruir a beleza?

— Uma vez que uma parte dos objetos está salva e a outra destruída, que parte retêm os teus adversários?

— A principal — respondeu Ramsés. — O testamento dos deuses. Os meus ourives estão prontos a fabricar um novo còvado, mas o testamento é uma peça única, transmitida de faraó a faraó. Por altura da festa da regeneração, terei de mostrá-lo às divindades, aos sumo-sacerdotes e ao povo do Egipto. Assim o exige a regra dos reis, assim era ontem, assim será amanhã, e a ela me submeterei. Durante os meses que nos separam do acontecimento, os nossos inimigos não ficarão inativos, tentarão enfraquecer-me, minar-me, corromper-me. Compete a ti inventar soluções para lhes frustrar os planos, em caso de malogro, receio pelo desaparecimento da civilização dos nossos pais. Se os assassinos tiveram a audácia de profanar o nosso santuário mais venerável, isso significa que desprezam os valores fundamentais que regem as nossas vidas. Face a este estado de coisas, a minha pessoa não conta, o meu trono, esse sim, é o símbolo de uma dinastia milenária e de uma tradição sobre as quais este país foi construído. Amo o Egipto, tal como tu o amas, para lá das nossas vidas, para lá do nosso tempo. Essa é a luz que querem apagar. Mantém-na acesa, vizir Paser.

Paser meditou durante toda a noite, sentado à escriba diante da estátua do deus Tot, sob a forma de um babuíno coroado com um disco lunar. O templo estava mergulhado no silêncio, no telhado, os astrólogos observavam as estrelas. Ainda sob o efeito do choque sofrido durante o seu encontro com o faraó, o juiz saboreava as últimas horas de paz antes da sua entronização, antes de transpor o limiar de uma existência nova que não tinha desejado. Sonhava com o momento delicioso em que Néféret, Bravo, Vento do Norte, Diabrete e ele próprio se preparavam para embarcar para Tebas, com os dias tranquilos numa pequena aldeia do Alto Egito, com a doçura da sua mulher, com o passar ritmado das estações, longe dos assuntos de estado e das ambições humanas. Mas tudo isso não passava de um sonho desfeito e irrealizável.

Dois ritualistas conduziram Paser à Casa da Vida, onde foi recebido pelo Calvo. O futuro vizir ajoelhou-se numa esteira, o Calvo pousou sobre a sua cabeça uma régua de madeira e ofereceu-lhe água e pão.

— Bebe e come — ordenou. — Mantém-te vigilante em todas as circunstâncias, senão estes alimentos tornar-se-ão amargos. Pela tua ação, que as penas se transformem em alegria.

Lavado, depilado e perfumado, Paser vestiu uma tanga à moda antiga e uma túnica de linho, e colocou uma peruca curta. Os ritualistas guiaram-no então até ao palácio real, em torno do qual se agitava uma multidão curiosa. Na véspera, os arautos tinham anunciado a nomeação do novo vizir.

Recolhido, indiferente aos clamores, Paser penetrou na grande sala de audiências onde o faraó pontificava, sentado no trono, com a coroa vermelha e a coroa branca encaixadas uma na outra, símbolo da união entre o Alto e o Baixo Egito. Sentados de um e outro lado do rei, estavam os seus amigos diletos: Bagey, o anterior vizir, e Bel-Tran, o novo diretor da Dupla Casa Branca. De pé, entre as colunas, numerosos cortesãos e dignitários, entre eles. Paser distinguiu logo a médica-chefe do reino. Sorrindo gravemente, Néféret não tirava os olhos dele.

Paser ficou de pé em frente ao rei. O portador da Regra desenrolou diante dele o papiro onde estava inscrito o espírito das leis.

— Eu, Ramsés, faraó do Egito, nomeio vizir o cidadão Paser, servidor da justiça e sustentáculo deste país. Na verdade, não te estou a prestar um favor, pois o teu cargo não é nem doce nem agradável, mas sim amargo como o fel. Age em conformidade com a Regra, seja qual for o assunto que tiveres em mãos, faz a todos justiça, seja qual for a sua condição. Faz que todos te respeitem pela tua sabedoria e palavra serena. Quando deres ordens, preocupa-te em orientar, não ofendas ninguém e recusa a violência. Não te refugies no mutismo, enfrenta as dificuldades e não baixes a cabeça perante os altos funcionários. Que o teu julgamento seja transparente, sem dissimulações, e que todos entendam as razões que o determinam, a água e o vento transmitirão ao povo os teus propósitos e os teus atos. Que ninguém possa acusar-te de teres sido injusto para com ele por te recusares a escutá-lo. Não ajas nunca segundo as tuas preferências, julga o conhecido como se fosse um desconhecido e não te preocupes em agradar-lhe ou desagradar-lhe, não favoreças ninguém, mas não cometas excessos de rigor ou intransigência. Castiga o revoltado, o arrogante e o fanfarrão, pois eles semeiam o conflito e a destruição. O teu único refúgio é a Regra da deusa Maât, que se mantém inalterável desde o tempo dos deuses e assim se manterá até que a humanidade deixe de existir. A tua única maneira de viver é pela rectidão.

Bagey inclinou-se perante o faraó e levou a mão ao coração de cobre que trazia ao pescoço, para tirá-lo e entregá-lo ao monarca.

— Guarda esse símbolo — decretou Ramsés. — Mostraste-te digno dele durante tantos anos que adquiriste o direito a levá-lo contigo para o além. Por agora, vive uma velhice feliz e tranquila, sem te esqueceres de aconselhar o teu sucessor.

O velho e o novo vizir abraçaram-se e, em seguida, Ramsés condecorou Paser com um reluzente coração de cobre, feito nas oficinas reais.

— Tu és o mestre da justiça — frisou o faraó. — Vela pela felicidade do Egito e do seu povo. És o cobre que protege o ouro, o vizir que protege o faraó, age segundo as minhas ordens, mas não sejas nem covarde nem servil, e sabe prolongar o meu pensamento. Diariamente, dar-me-ás conta do teu trabalho.

Os cortesãos saudaram o novo vizir com deferência.

Chefes de província, governadores dos domínios, escribas, juizes, artesãos, homens e mulheres do Egito, todos entoaram cânticos de louvor ao novo vizir. Por toda a parte foram organizados banquetes em sua honra, onde foram servidas, a expensas do Estado, as melhores carnes e as cervejas mais requintadas.

Que sorte poderia ser mais invejável do que a do vizir? Os servos apressavam-se a satisfazer-lhe os mínimos desejos, tinha à sua disposição para navegar um barco de cedro, as iguarias servidas à sua mesa eram suculentas e provava vinhos de colheitas raras, e, enquanto os músicos tocavam árias melodiosas, o seu vinhateiro trazia-lhe uvas violeta e o seu intendente aves assadas com ervas aromáticas e peixes de requintado sabor. O vizir sentava-se em cadeiras de ébano e dormia num leito de madeira dourada com um colchão confortável, e, na sala de unções, um massagista libertava-o da fadiga.

Mas tudo isto não passava de lenitiva aparência. “Mais amarga do que o fel” seria a tarefa que o esperava, como afirmava o ritual de entronização.

Néféret, médica-chefe do reino, Kani, sumo-sacerdote de Carnaque, Kem, chefe da policia... Teriam os deuses decidido favorecer os justos, permitindo-lhes oferecer a sua vida pelo Egito? O céu poderia estar límpido e os corações em festa, mas Paser continuava sisudo e atormentado.

Quem sabe se, em menos de um ano, a terra amada pelos deuses não mergulharia nas trevas.

Néféret passou o braço em volta do ombro de Paser e apertou-o contra si. O vizir não lhe tinha escondido nada da sua conversa com Ramsés, unidos nesse segredo, partilhavam juntos o seu peso. E o olhar deles perdeu-se no céu de lápis-lazúli onde cintilavam as estrelas e a alma do seu mestre Branir.

Paser tinha aceitado a casa, o jardim e as terras que o faraó oferecia ao vizir. Polícias escolhidos por Kem foram postar-se à entrada da vasta propriedade, cercada por altos muros, enquanto outros a vigiavam permanentemente das casas vizinhas. Ninguém podia aproximar-se da residência sem apresentar um salvo-conduto ou uma convocatória devidamente autenticada. Situada não muito longe do palácio real, a residência constituía uma ilha de verdura onde prosperavam quinhentas árvores, entre as quais setenta sicômoros, trinta pérseas, cento e setenta tamarqueiras, cem palmeiras mediterrânicas, dez figueiras, nove chorões e dez tamarizes. Espécies raras, importadas da Núbia e da Ásia, de cada uma existindo apenas um exemplar. E uma vinha capitosa fornecia um vinho especial reservado ao vizir.

A saguí de Néféret, maravilhada, imaginava mil e uma escaladas e outros tantos festins. Vinte jardineiros ocupavam-se da propriedade, a parte cultivada estava dividida em talhões entrecortados por regos de irrigação. Uma brigada de aguadeiros regava alfaces, alhos-porros, cebolas e outros mimos, cultivados em socalcos.

No centro do jardim, havia um poço com cinco metros de profundidade. Abrigado dos ventos, um quiosque, a que se acedia por uma rampa suave, permitia saborear o sol de Inverno, simetricamente, um outro quiosque, à sombra das árvores mais frondosas do parque e na enfiadura da brisa do norte, servia de abrigo nos períodos mais quentes, junto de um tanque rectangular, excelente para banhos.

Paser não se separara da sua esteira de juiz de província, no entanto, os móveis eram em número capaz de satisfazer os desejos do mais exigente. A qualidade do mosquiteiro excedeu as suas expectativas, e a das inúmeras escovas e vassouras tranquilizou a sua mulher, desejosa de manter impecavelmente limpa uma casa de tão grandes dimensões.

— A sala da água é uma maravilha.

— O barbeiro espera-te, estará às tuas ordens todas as manhãs.

— Tal como a cabeleireira às tuas.

— Será que vamos conseguir escapar-lhes alguma vez?

Paser tomou a mulher nos braços.

— Menos de um ano, Néféret. Temos menos de um ano para salvar Ramsés.

Denes estava mergulhado em tristes pensamentos. É certo que podia contar novamente com o apoio incondicional da mulher, acamada por muito tempo e enferma para toda a vida. Evitado o divórcio, conservava a fortuna e tinha-se livrado das ameaças da senhora Tapani. Mas o horizonte cobrira-se subitamente de nuvens negras com a inesperada nomeação de Paser. O plano dos conjurados tivera de sofrer alterações, não obstante, o seu triunfo estava assegurado, uma vez que tinham em seu poder o testamento dos deuses.

Muito nervoso, o químico Chéchi aconselhava a maior prudência, depois de terem perdido o posto de médico-chefe e falhado a conquista do vizirato, os conspiradores deviam esconder-se na sombra e recorrer a uma arma infalível, o tempo. Os sumo-sacerdotes dos templos principais acabavam de anunciar a data da festa da regeneração do rei, no primeiro dia do novo ano, no mês de Julho, quando a aparição da estrela Sótis no signo de Caranguejo anunciasse a cheia do Nilo. Na véspera da abdicação, Ramsés conheceria o nome do seu sucessor e transmitir-lhe-ia o poder na presença de toda a população.

— Ter-se-á o rei confessado a Paser? — perguntou Denes.

— Certamente que não opinou Chéchi. O faraó está condenado ao silêncio, se fizer uma só confidência que seja, é o seu fim.

— Paser não é mais virtuoso do que outra pessoa qualquer, e criaria de imediato uma facção de oposição ao monarca.

— Porque terá ele escolhido Paser?

— Porque esse juizco é astuto e ambicioso. Soube seduzir Ramsés aparentando uma falsa probidade.

— Tens razão. O rei está a cometer um erro muito grave.

- Desconfiemos sempre do intriguista, ele acaba de provar as suas capacidades.
- O exercício do poder embriagá-lo-á. Se não fosse tão estúpido, ter-se-ia juntado a nós.
- Demasiado tarde. Agora está por sua conta.
- Não podemos dar-lhe mais nenhum motivo para nos incriminar.
- Prestemos-lhe as nossas homenagens e cubramo-lo de presentes, assim, acreditará na nossa submissão.

Suti, cheio de paciência, aguardou o final da explosão de cólera. Pantera, louca de raiva, tinha quebrado pratos e tamboretes, rasgado vestidos e espezinhado até uma peruca caríssima. A pequena habitação estava transformada num caos, mas a líbia de cabelos loiros tardava em acalmar-se.

- Recuso terminantemente — disse ela. — Tem só um pouco mais de paciência.
- Devíamos partir amanhã.
- Paser não devia ter sido nomeado vizir — retorquiu Suti.
- Quero lá saber.
- Pois eu não.
- Porque esperas, afinal? Ele já te esqueceu! Vamos é partir, como combinamos.
- Não há pressa.
- Quero recuperar o nosso ouro.
- Descansa que ele não foge.
- Ontem só falavas na viagem.
- Tenho de ir falar com Paser e saber quais são as suas intenções.
- Paser, sempre o Paser! Quando será que nos vemos livres dele?
- Cala-te.
- Não sou tua escrava.
- Tapeni intimou-me a mandar-te embora.
- Pois tu ousaste ver de novo essa harpia?
- Ela veio falar comigo numa taberna. Tapeni considera-se como minha esposa legítima.
- É mesmo estúpida.
- A proteção do vizir ser-me-á útil.

O primeiro convidado de Paser foi o seu antecessor. Bagey, apesar das pernas doridas, caminhava sem bengala. Curvado, com a voz rouca, sentou-se ao abrigo do quiosque de Inverno.

- A tua promoção é merecida, Paser. Eu não poderia ter pensado num vizir melhor.
- És tu o meu modelo.
- O meu último ano de trabalho foi penoso e decepcionante, a minha saída era indispensável. Por felicidade, o rei escutou-me. A tua juventude não será obstáculo por muito

tempo, o cargo amadurece o homem.

— Que conselhos me dás?

— Mantém-te indiferente ao falatório, não dês confiança aos cortesãos, estuda cada processo em profundidade e não abduques do mais extremo rigor. Vou apresentar-te aos meus colaboradores mais próximos, e tu ajuizarás da sua competência.

O sol penetrou as nuvens e inundou o quiosque. Vendo que Bagey estava incomodado, Paser protegeu-o com um toldo.

— Agrada-te esta casa? — perguntou o antigo vizir.

— Ainda não tive tempo de explorá-la devidamente.

— Era demasiado grande para mim, este jardim é uma fonte de problemas. Prefiro morar na cidade.

— Sem a tua ajuda, fracassarei, aceitas ficar ao meu lado, para me aconselhares?

-É esse o meu dever. Dá-me no entanto algum tempo para me ocupar do meu filho.

— Algum problema?

— O patrão não está contente com ele. Receio um despedimento, e isso traz a minha mulher inquieta.

— Se eu puder fazer alguma coisa...

— Recuso desde já, conceder privilégios seria uma falta grave. E se começássemos a trabalhar?

Paser e Suti abraçaram-se.

O aventureiro olhou à sua volta.

— A tua propriedade agrada-me. Também quero ter uma assim, e hei-de dar festas inesquecíveis.

— Talvez também queiras ser vizir?

— O trabalho assusta-me. Porque aceitaste um cargo tão estafante?

— Caí numa cilada.

— A minha fortuna é imensa, fuge, e saborearemos juntos uma vida em pleno.

— Impossível.

— Retiras-me então a tua confiança?

— O faraó confiou-me uma missão.

— Não queiras acabar na pele de um alto funcionário circunspecto e carregado de auto-importância.

— Censuras-me por ser vizir?

— E tu, condenas a minha forma de fazer fortuna?

— Vem trabalhar comigo, Suti.

— Deixar escapar esta oportunidade seria um crime.

— Se cometes algum delito, não te defenderei.

- Essa atitude marca a nossa ruptura.
 - És meu amigo e continuarás a sê-lo.
 - Um amigo não profere ameaças.
 - Quero impedir-te de cometeres um erro fatal, Kem não desarma e mostrar-se-á implacável.
 - Então será um duelo equilibrado.
 - Não o desafies, Suti.
 - E tu não te metas na minha vida.
 - Fica, peço-te. Se conhecesses a verdadeira importância da minha tarefa, não hesitarias nem por um instante.
 - Defender a lei, mas que utopia! Se eu a tivesse respeitado, Asher ainda agora estava vivo.
 - Eu não testemunhei contra ti.
 - Estás tenso e inquieto. O que escondes de mim?
 - Desmantelamos juntos uma conspiração, mas isso não é senão a primeira etapa. Continuemos juntos!
 - Prefiro o ouro.
 - Restitui-o ao templo.
 - Vais trair-me?
- Paser não respondeu.
- O vizir sobrepõe-se ao amigo, não é assim?
 - Não te percas no deserto, Suti.
 - É um mundo belo e hostil. Quando te desiludires com o poder, irás ao meu encontro.
 - Não é o poder que eu procuro, mas a segurança do nosso país, de nós mesmos e da nossa fé.
 - Boa sorte, vizir. Quanto a mim, retomo a pista do ouro.

E o jovem deixou o admirável jardim sem se virar. Tinha-se esquecido de mencionar as exigências de Tapeni, mas que importância tinha isso? Antes de Suti transpor a soleira da porta de sua casa, quatro polícias imobilizaram-no e amarraram-lhe as mãos atrás das costas.

Alertada pelo ruído da luta, Pantera surgiu de faca em punho e tentou salvar o amante. Feriu um dos polícias no braço, atirou outro ao chão, mas acabou por ser dominada e amarrada.

Os polícias conduziram imediatamente o casal ao tribunal, face a um flagrante delito de adultério. A senhora Tapeni rejubilava, pois nunca esperara obter tão brilhante resultado: à violação dos deveres conjugais, acrescenta a resistência armada às forças da ordem. A exposição da bela morena seduzida e abandonada agradou aos jurados, que Pantera não parava de insultar. Por outro lado, a argumentação de Suti não foi de maneira alguma convincente.

Como Tapeni implorasse a indulgência do júri, Pantera foi condenada apenas a expulsão imediata do território egípcio, e Suti a um ano de prisão, findo o qual deveria trabalhar para indenizar a esposa ofendida.

Paser olhou para a esfinge, os olhos da estátua gigante contemplavam o Sol nascente, confiantes na sua vitória sobre as forças da destruição, alcançada a custo de uma dura batalha no mundo inferior. Guardiã vigilante do planalto onde se erguiam as pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos, ela participava na eterna luta da qual dependia a sobrevivência da humanidade.

O vizir ordenou a uma equipe de pedreiros que deslocassem a grande esteia colocada entre as patas da esfinge, e logo apareceram um vaso selado e uma laje munida de uma argola. Dois homens levantaram-na, abrindo o acesso a um corredor estreito e baixo.

Empunhando um archote, o vizir foi o primeiro a avançar. Não longe da entrada, bateu com o pé numa taça de dolerite. Apanhou-a e, sempre curvado, continuou a avançar. De repente, uma parede impediu-o de continuar. À luz da chama, apercebeu-se de que tinham sido soltas várias pedras, e uma fiada completa rodou sobre si mesma. Do outro lado, encontrava-se a câmara baixa da grande pirâmide.

O vizir percorreu várias vezes o caminho seguido pelos ladrões, após o que examinou a taça. A dolerite, uma das rochas graníticas mais duras e mais difíceis de trabalhar, continha marcas de um produto muito gorduroso.

Intrigado, Paser consultou o laboratório do templo de Ptah, onde os especialistas as identificaram como sendo de óleo de pedra, cujo uso era proibido no Egito, pois este combustível, ao arder, sujava as paredes dos túmulos e poluía os pulmões dos artesãos.

O vizir exigiu que fosse feito um inquérito urgente junto dos mineiros do deserto ocidental e do serviço encarregado dos pavios e dos óleos de iluminação. Depois, dirigiu-se pela primeira vez à sala de audiências, onde estavam reunidos os seus principais colaboradores.

Como mestre de obras das construções do faraó, diretor das equipes de artesãos e das associações de artifices, encarregado de colocar cada um no seu devido lugar, informando-o dos seus deveres e garantindo o seu bem-estar, responsável pelos arquivos e pela administração do país, superior hierárquico dos escribas, chefe das forças armadas, garante da paz civil e da segurança de Estado, competia ao vizir falar com palavras claras, pesar os pensamentos, acalmar paixões, manter-se impassível durante as tempestades e ter sempre em mente a justiça, tanto nas grandes tarefas como nas pequenas.

O seu traje oficial era um longo avental rígido, feito de um tecido muito grosso, que lhe chegava à altura do peito e estava preso a duas alças, que passavam por trás do pescoço. Sobre a tanga de peitilho, uma pele de pantera que evocava a rapidez de intervenção necessária à primeira figura do império a seguir ao faraó. Uma pesada peruca escondia-lhe os cabelos e um largo colar cobria-lhe o colo.

Calçado com sandálias de tiras de couro, e empunhando um cetro na mão direita, Paser passou entre duas alas de escribas, subiu solenemente os degraus até o estrado onde se encontrava um cadeirão de espaldar alto, e só então se voltou, encarando os seus subordinados. Aos seus pés estava estendido um pano vermelho, sobre o qual repousavam quarenta bastões de comando, destinados a punir os culpados. O vizir prendeu uma miniatura da deusa Maât à fina corrente de ouro que trazia ao pescoço, declarando assim aberta a audiência.

— O faraó enumerou com clareza os deveres do vizir, que não sofreram alteração desde a primeira dinastia, desde o dia em que os nossos antepassados construíram este país. Nós vivemos

da mesma verdade de que vive o faraó e, todos juntos, continuaremos a fazer justiça sem distinção entre ricos e pobres. A nossa glória consiste em estender essa justiça a toda a terra, para que ela habite no nariz de todos os homens e expulse o mal dos seus corpos. Protejamos o fraco do forte, não demos ouvidos à lisonja, oponhamo-nos à desordem e à brutalidade. Cada um de vós deve a si mesmo a obrigação de dar o exemplo, quem usar o seu cargo em proveito próprio perderá o título e o cargo. Ninguém ganhará a minha confiança com belos discursos, só os atos a alimentarão.

A brevidade do discurso, o rigor do seu conteúdo e a serenidade da sua voz deixaram estupefatos os altos funcionários. Aqueles que contavam aproveitar-se da juventude e da inexperiência do novo vizir para alargarem os seus períodos de repouso renunciaram imediatamente a tais projetos, aqueles que esperavam ganhar com a troca, com a partida de Bagey, logo se desiludiram.

A primeira ordem pública do vizir daria o tom. Entre os seus predecessores, uns tinham se preocupado sobretudo com o exército, outros com a irrigação, outros ainda com a fiscalização.

— Que venha à minha presença o responsável pela produção de mel.

Um vento gelado soprava no deserto que rodeava o oásis de Khargeh. O velho apicultor, condenado à reclusão até ao fim dos seus dias, sonhava com os seus cortiços, os grandes potes onde as abelhas construam os seus favos. Recolhia o mel sem proteção, pois não as temia e percebia a sua mais leve irritação. Afinal, um dos símbolos do faraó era uma abelha, essa trabalhadora infatigável, géometra e alquimista capaz de criar um ouro comestível. Da mais escura à mais transparente, o velho apicultor já tinha recolhido cem qualidades de mel, até ao dia em que um escriba invejoso o havia implicado num roubo. Furtar o precioso alimento, cujo transporte era sempre escoltado pela polícia, era um delito grave. Assim, jamais voltaria a vê-lo em pequenos recipientes, depois selados com cera e numerados, jamais ouviria o zumbir do cortiço, a sua música preferida. Quando o sol chorou algumas lágrimas, ao cair no solo, tinham-se transformado em abelhas. Nascidas da luz divina, elas haviam construído a natureza.

Mas agora o deus Ra, mais não iluminava do que um corpo descarnado de forçado, atarefado a cozinhar pratos infetos para os seus camaradas de infortúnio. Esquecendo o fogão, foi atrás dos outros prisioneiros.

Uma verdadeira expedição aproximava-se do campo prisional: cinquenta soldados, carros, cavalos e galeras. Tratar-se-ia de um ataque dos líbios? O velho esfregou os olhos e percebeu tratar-se da infantaria egípcia. Os guardas do campo inclinaram-se perante um homem que, sem hesitações, avançou para a cozinha.

Boquiaberto, o velho reconheceu Paser.

— Tu... tu salvaste-te?

— Os teus conselhos foram ótimos.

— Porque regressaste?

— Porque não esqueci a minha promessa.

— Foge, e depressa! Olha que eles prendem-te outra vez!

— Fica descansado, agora sou eu quem dá ordens aos guardas.

— Então... voltaste a ser juiz?

— O faraó nomeou-me seu vizir.

— Não faças pouco de um pobre velho.

Dois soldados trouxeram até junto deles um escriba obeso, quase asfixiado por um afrontoso duplo queixo.

— Reconhece-o? — perguntou Paser.

— É ele! O mentiroso que me fez ser condenado!

— Proponho uma troca: ele toma o teu lugar na cadeia e tu ocupas o seu, à frente do serviço de aprovisionamento do mel.

O velho apicultor revirou os olhos e desmaiou nos braços do vizir.

O relatório foi claro e conciso, e o juiz felicitou o escriba. O óleo de pedra, descoberto em grande quantidade no deserto ocidental, interessava sobremaneira aos Líbios. Por várias vezes tentaram extraí-lo, a fim de o comercializarem, mas o exército do faraó havia-os impedido. Os sábios egípcios consideravam o petróleo um produto nocivo e perigoso, para utilizar a expressão de Adafi.

Na corte, havia apenas um especialista encarregado de estudar este combustível, para lhe determinar as propriedades. Só ele tinha acesso ao produto, armazenado num entreposto do Estado sob controle militar. Após ter lido o seu nome, o vizir agradeceu aos deuses e dirigiu-se de imediato ao palácio real.

— Explorei o subterrâneo que conduz da esfinge à câmara baixa da grande pirâmide.

— Que esse acesso seja para sempre selado — ordenou o faraó.

— Os pedreiros já estão a tratar disso.

— Que indícios descobriste?

— Uma taça de dolerite onde queimaram petróleo para se iluminarem.

— Quem requisitou o produto?

— O especialista encarregado de estudá-lo.

— Qual o seu nome?

— É o químico Chéchi, escravo e bode-expiatório de Denes.

— Sabes como encontrá-lo?

— Chéchi esconde-se na casa de Denes, segundo informações recentes de Kem.

— Têm mais cúmplices ou são eles apenas a alma da conspiração?

— Vou averiguar, Majestade.

A senhora Tapeni impediu o cabriolé do vizir de se pôr em marcha.

— Quero falar contigo!

O tenente encarregado de conduzir o veículo e zelar pela segurança de Paser brandiu o chicote, mas o vizir susteve-lhe o gesto.

— É assim tão urgente?

Tapeni afivelou uma expressão enigmática.

— Os meus propósitos apaixonar-te-ão.

— Paser desceu do cabriolé.

— Sê breve.

— Encarnas a justiça, não é verdade? Pois bem, terás orgulho de mim! Uma mulher enganada, abusada, arrastada pela lama, é ou não é uma vítima?

— Certamente que sim.

— O meu marido ridicularizou-me e o tribunal puniu-o.

— O teu marido...

— Isso mesmo, o teu amigo Suti. A puta líbia com quem vivia foi expulsa do Egipto, e ele condenado a um ano de prisão. Uma pena bem leve e uma reclusão bem doce, na verdade, o tribunal enviou-o para o exílio em Tjaru, na Núbia, onde irá reforçar a guarnição. O lugar é pouco acolhedor, segundo parece, mas Suti terá o privilégio de colaborar na defesa do seu pai contra a barbárie africana. Quando voltar, será colocado num corpo de estafetas e será obrigado a dar-me uma pensão.

— Deviam separar-se sem mágoas.

— Porém, mudei de opinião, amo-o, que queres, e não suporto que me deixem. E tu, se intercederes a seu favor, estarás a violar a regra de Maât, e denunciar-te-ei.

O sorriso dela era ameaçador.

— Suti cumprirá então a sua pena admitiu o vizir engolindo a cólera. Mas, quando regressar...

— Se me agredir, será acusado de tentativa de assassinato e mandado para o degredo. É meu escravo e assim ficará para sempre. O seu futuro sou eu.

— Olha que o inquérito sobre o assassinato de Branir continua aberto, Tapeni.

— Compete-te a ti identificar o culpado.

— É esse o meu mais premente desejo. Não me disseste uma vez que estavas na posse de alguns segredos?

— Simples bravata.

— Ou imprudência? Não és uma hábil manejadora da agulha?

Tapeni deu mostras de alguma perturbação.

— No meu ofício isso é imperativo.

— Pergunto-me se não serás até hábil demais, se o assassino não estará até bem perto de mim?

A bela morena não sustentou o olhar do vizir e virou-lhe as costas.

Paser deveria ter ido em seguida a casa do chefe da polícia, mas preferiu assegurar-se da veracidade dos propósitos de Tapeni. Mandou por isso pedir os relatórios da audiência e do julgamento de Suti. Os documentos confirmaram o drama. A posição do vizir era a pior possível, como socorrer o amigo sem infringir a lei de que era o garante?

Taciturno, indiferente à tempestade que se aproximava, subiu para o cabriolé. Na companhia de Kem, tinha de dar os últimos retoques no seu plano de ação.

Néféret tinha conseguido tirar alguns minutos ao seu tempo já tão sobrecarregado, para tratar do fígado de Silkis. Apesar de ainda muito nova, a mulher de Bel-Tran depressa ganhava indesejados volumes logo que a sua gulodice era mais forte do que a vontade de emagrecer.

— Dois dias a dieta parecem-me indispensáveis.

— Julguei que morria... As náuseas quase me sufocavam!

— Mas aliviam-te o estômago.

— Sinto-me tão cansada... Mas até me envergonho de dizer na tua frente! Eu, que não me ocupo senão dos meus filhos e do meu marido.

— Como tem ele passado?

— Está contentíssimo por trabalhar sob as ordens de Paser, que ele tanto admira! Os dois, com as suas qualidades respectivas, assegurarão a prosperidade do país. Não temes a solidão, como eu?

— Sejam quais forem as nossas obrigações, vemo-nos todos os dias e trocamos opiniões. Sem os laços que nos unem, não seríamos ninguém.

— Perdoa-me a indiscrição, mas... não gostarias de ter um filho?

— Não antes de se conhecer o assassino de Branir. Foi um juramento que fizemos perante os deuses, e manter-nos-emos fiéis a ele.

Um manto negro cobriu Mênfis. Nuvens espessas pairavam sobre a cidade, devido à ausência de vento. Os cães uivavam. Denes acendeu até várias candeias, tão pouca era a luz que havia. A mulher dormia sob o efeito de um calmante, o famoso dinamismo de Nénofar tinha-se extinguido, dando lugar a uma lassitude permanente. Dócil e submissa, não lhe traria mais aborrecimentos.

Denes foi encontrar-se com Chéchi na oficina onde o químico passava o tempo a afiar lâminas de punhais e espadas, era a maneira que o técnico do bigodinho tinha de libertar a tensão.

Denes estendeu-lhe uma taça de cerveja.

— Descansa um pouco.

— Há notícias de Paser?

— O vizir ocupa-se da recolha do mel. O seu discurso impressionou os altos funcionários, mas não passou de palavras. Os clãs não tardarão a degladiar-se, e ele não se vai aguentar por muito tempo.

— És otimista.

— A paciência é uma das maiores qualidades. Se Qadash o tivesse entendido, ainda estaria neste mundo. Deixa o novo vizir afadigar-se, nós saborearemos os prazeres da existência enquanto esperamos pelos do poder absoluto.

— Envelhecer só mais uns meses: eis o meu único sonho.

— Discreto, eficaz, infatigável... Serás um homem de Estado notável. Graças a ti, a ciência egípcia dará um gigantesco passo em frente.

— O petróleo, as drogas, a metalurgia... Este país está subaproveitado. Ao desenvolvermos as

técnicas de que Ramsés desdenhou, livrar-nos-emos para sempre das tradições.

De súbito, o empolgamento de Chéchi esmoreceu.

— Há alguém lá fora.

— Não dei por nada.

— Vou ver.

— É sem dúvida algum jardineiro.

— Eles não vêm para os lados da oficina.

Desconfiado, Chéchi encarou Denes.

— Terás tu convocado o devorador de sombras?

Os traços do transportador endureceram.

— Qadash pisou o risco, tu não.

Um clarão riscou o céu e um raio caiu na terra. O químico saiu da oficina, deu alguns passos em direção a casa e voltou a correr para junto de Denes. Este último nunca tinha visto o cúmplice tão lívido, Chéchi batia os dentes, aterrorizado.

— Um fantasma!

— Acalma-te.

— Uma forma mais negra do que a noite, com uma chama no lugar do rosto!

— Domina-te e vem comigo.

Reticente, o químico acedeu. A ala esquerda da casa estava em chamas.

— Água, depressa!

Denes desatou a correr, mas uma forma negra, parecendo jorrar fogo, barrou-lhe o caminho. O transportador recuou.

— Quem... quem és tu?

O fantasma brandia um archote.

Recuperando parte do seu sangue-frio, Chéchi foi buscar um punhal na oficina e avançou para o misterioso adversário. Mal se aproximou, o espectro espetou-lhe o archote na cara.

As carnes encarquilharam-se, entre estalidos, o químico soltou um urro e caiu de joelhos, tentando arrancar o instrumento do seu suplício. Então, a sinistra criatura apanhou o punhal que ele tinha deixado cair e rasgou-lhe a garganta de ponta a ponta.

Horrorizado, Denes correu para o jardim, mas a voz do fantasma obrigou-o a estacar.

— Ainda queres saber quem sou?

Ele virou-se. Era um ser humano quem o desafiava, e não um demônio das profundezas. A curiosidade substituiu o medo.

— Olha, Denes. Contempla a tua obra e a de Chéchi.

Estava tão escuro que o transportador teve de se aproximar. Ao longe, ouviam-se gritos. A vizinhança já tinha percebido o incêndio.

O fantasma descobriu-se. O seu rosto delicado mais não era do que uma chaga mal cicatrizada.

— Reconheces-me?

— Princesa Hattusa!

— Destruíste-me, e vou destruir-te.

— Assassinaste Chéchi...

— Castiguei o meu carrasco. Aquele que matou fica prisioneiro do seu crime para sempre.

Hattusa mergulhou o punhal nas chamas, como se a sua mão não as sentisse.

— Não escaparás, Denes.

E avançou para ele com a lâmina incandescente.

Denes podia facilmente tê-la dominado com um encontrão, mas o estado tresloucado da princesa hitita dissuadiu-o de enfrentá-la. A polícia se encarregaria de prendê-la.

Um clarão rasgou o céu, um raio caiu sobre a cidade e uma língua de fogo irrompeu do muro que desmoronou e incendiou as roupas de Denes. Estrebuchando, ele rebolava-se no chão para apagar as chamas.

E nem viu surgir o fantasma com a morte no rosto.

O cortejo fúnebre avançava lentamente. Kem escoltou-o até à fronteira, Hattusa, sentada num cabriolé, mantinha-se inerte como uma estátua sem alma. Quando ele a interpelara no local da tragédia, ela não tinha oposto resistência. Alguns servos, que tinham acorrido para apagar o incêndio, tinham-na visto arrastar os cadáveres de Chéchi e Denes para o braseiro. Depois, uma bátega violenta abatera-se sobre Mênfis, apagando as chamas e lavando o sangue das mãos da princesa hitita.

A criminoso não respondeu a nenhuma das perguntas do vizir, tão transtornado que até a voz lhe tremia. Depois de relatar os fatos a Ramsés, este ordenou aos mumificadores que preparassem sumariamente os corpos dos dois conspiradores e os enterrassem num local afastado, longe da necrópole e sem ritos funerários, o mal tinha derrubado os enviados das trevas pelo braço de Hattusa.

Com a concordância do vizir, o rei decidiu devolver a princesa ao seu país, o anúncio desta libertação, que ela há tanto esperava, não desencadeou no entanto qualquer reação. Aniquilada, de olhar ausente, Hattusa deambulava perdida em mundos inacessíveis a qualquer outra pessoa.

O documento oficial que Kem remeteu a um oficial hitita evocava uma doença incurável e a necessidade da princesa voltar para junto da família. A honra do soberano estrangeiro estava assim salvaguardada, e nenhum incidente diplomático perturbaria a paz alcançada por tão elevado preço.

Sob a direção vigilante de Paser, os operários reviraram os escombros da casa de Denes e reuniram os poucos objetos encontrados. Foi o próprio Ramsés quem os examinou. Julgou o povo que o rei demonstrava assim o seu interesse pelo destino trágico do transportador e do químico, quando afinal ele apenas procurava em vão alguma pista do testamento dos deuses, roubado da grande pirâmide.

A decepção foi cruel.

— Será que nos livramos de todos os conspiradores?

— Ignoro-o, Majestade.

— De quem desconfias?

— Denes parecia ser o chefe. Tentou manipular o general Asher e a princesa Hattusa, a fim de estabelecer ligações com potências estrangeiras, tinha sem dúvida em mente uma mudança política assente no comércio.

— Sacrificar o espírito do Egito ao materialismo circundante... Eis o mais pernicioso dos projetos! Sabes se a mulher o ajudou?

— Não, Majestade. Ela nem sequer tem consciência de que o marido tentou matá-la. Foram os servos que a salvaram, saiu de Mênfis e foi morar na casa dos pais, no Norte do Delta. Dizem os médicos que a examinaram que perdeu o juízo.

— Nem ela nem Denes possuíam a envergadura necessária para conquistarem o trono.

— Supõe que o transportador guardava o testamento em casa, não terá ele sido devorado pelas chamas? Mas, se ninguém puder apresentá-lo na festa da regeneração, nem tu próprio nem o teu adversário, o que sucederá?

Uma débil esperança renasceu.

— Enquanto vizir, reunirás as autoridades do país e explicar-lhes-ás a situação, depois, falarás ao povo. Quanto a mim, celebrarei uma era de renovação dos nascimentos, marcada pela redação de um novo pacto com os deuses. Talvez venha a fracassar, pois o processo é longo e difícil, mas, pelo menos, não será um enviado das trevas a conquistar o poder. Quem dera que tivesses razão, Paser, e que Denes fosse o instigador desta conspiração.

Como faziam todas as tardes, as andorinhas dançavam sobre o jardim onde Paser e Néfêret se reencontravam ao fim de um intenso dia de trabalho. Passavam em voo rasante, soltando agudos pios de contentamento, executavam piruetas a alta velocidade e traçavam amplas curvas no céu azul do Inverno.

Constipado, respirando a custo, o vizir tinha sido alvo de um rigoroso exame da médica-chefe.

— A minha saúde frágil devia ser impeditiva do cargo que ocupo.

— É mas é uma dádiva dos céus — atalhou Néfêret. — Pelo menos, obriga-te a refletir em vez de marrares obstinadamente no trabalho como um carneiro. Além disso, não te debilita minimamente as energias.

— Parece-me ansiosa.

— Dentro de uma semana vou apresentar ao conselho dos médicos as medidas a tomar para melhorar a saúde pública. Algumas não lhes vão agradar, mas quanto a mim são indispensáveis. O confronto será duro.

Bravo e Diabrete tinham selado uma trégua. O cão dormia aos pés do dono, e a pequena saguí debaixo da cadeira da dona.

— A data da festa da regeneração foi anunciada em todo o país informou Paser. Por ocasião da próxima cheia, Ramsés, o Grande renascerá.

— Depois da morte de Denes e Chéchi, mais algum conjurado se manifestou?

— Nenhum.

— O testamento terá então sido consumido pelas chamas.

— É o que parece cada vez mais provável.

— No entanto, tu ainda tens dúvidas.

— Guardar em casa um documento de tanto valor parece-me uma aberração. Mas Denes era tão pretensioso que se julgava invulnerável.

— E Suti?

— O julgamento decorreu dentro da legalidade, sem qualquer vício de forma.

— Que fazer, então?

— Não encontro solução jurídica.

— Mas, se lhe preparares uma evasão, será um golpe de mestre.

— Tu lêes os meus pensamentos. Desta vez, Kem não me vai ajudar, se o vizir participa numa ação deste gênero, Ramsés verá o seu nome arrastado na lama e manchado o seu prestígio. Mas Suti é meu amigo e juramos ajudar-nos um ao outro fosse qual fosse a situação.

— Pensemos juntos, faz-lhe pelo menos saber que não o abandonaste.

Com dezenas de quilômetros para percorrer, um odre cheio de água e alguns peixes secos à laia de farnel, sozinha e desarmada, Pantera não tinha quaisquer possibilidades de sobrevivência. A polícia egípcia tinha-a abandonado na fronteira da Líbia, dando-lhe ordem para regressar ao seu país e não mais voltar à terra dos faraós, sob condição de sofrer uma pesada pena.

Na melhor das hipóteses, seria detectada por um bando de salteadores nômades, violada e feita escrava até ao aparecimento das primeiras rugas.

Mas a líbia de cabelos loiros voltou as costas ao seu país natal.

Jamais abandonaria Suti. Do noroeste do Delta ao forte núbio, onde o seu amante se encontrava prisioneiro, a viagem seria interminável e cheia de perigos. Teria de trilhar caminhos intransitáveis, procurar água e comida, escapar aos bandos itinerantes. Mas a senhora Tapeni não sairia vitoriosa deste combate à distância.

— Soldado Suti?

O jovem não respondeu ao graduado.

— Um ano de regime disciplinar na minha fortaleza... Os juizes deram-te um belo presente, meu menino. Tens de te mostrar digno dele. De joelhos.

Suti fitou o seu interlocutor demoradamente.

— És duro de roer... Gosto disso. Que tal, não te agrada este lugar?

O prisioneiro olhou em volta: as margens de um Nilo selvagem, o deserto, as colinas tisanadas pelo sol, um céu azul intenso, um pelicano a pescar, um crocodilo estirado sobre um rochedo.

— Tjaru tem os seus encantos. A tua presença é que estraga o ambiente.

— Espirituoso ainda por cima! Menino rico, suponho?

— Nem imaginas a dimensão da minha fortuna.

— Impressionas-me.

— E isto é só o começo.

— De joelhos. Quando se fala com o comandante desta fortaleza, é-se bem-educado.

Dois soldados empurraram Suti pelas costas, e ele caiu de borco.

— Assim está melhor. Não vieste para cá descansar, meu menino. A partir de amanhã, vais montar guarda ao nosso posto mais avançado, desarmado, está bom de ver. Se uma tribo núbica nos atacar, seremos prevenidos graças a ti. As suas torturas são tão eficazes que os gritos das vítimas chegam muito longe.

Rejeitado por Paser, separado de Pantera para sempre, esquecido por todos, Suti não sairia com vida de Tjaru, a menos que o ódio lhe desse forças para vencer o destino.

À sua espera, estavam o ouro e também a senhora Tapeni.

Bak tinha dezoito anos. Nascido numa família de oficiais, era de baixa estatura, esforçado e corajoso. De cabelos negros e ar distinto, possuía uma voz cantante e firme, depois de ter hesitado entre a carreira das armas e a paleta de escriba, tinha entrado para o serviço de arquivo precisamente antes da nomeação de Paser. Ao escriba mais novo cabiam por tradição as tarefas

mais ingratas, nomeadamente a classificação dos documentos utilizados pelo vizir durante a análise dos processos. Por essa razão, Bak tinha nas suas mãos os documentos referentes ao caso do petróleo, que, depois da morte de Chéchi, haviam deixado de ter interesse.

Meticuloso, Bak guardou-os numa caixa de madeira que o próprio vizir selaria e só voltaria a ser aberta por ordem sua. A operação seria normalmente rápida, mas Bak teve o cuidado de examinar os papéis um por um. E ainda bem que o fez. Num deles, faltava a anotação do vizir, que, obviamente, não tinha tomado conhecimento desse texto. O pormenor poderia parecer sem importância, uma vez que o caso estava encerrado, no entanto, o jovem arquivista elaborou um relatório sobre a constatação feita e remeteu-o ao seu superior, para que seguisse a via hierárquica.

Paser fazia sempre questão de ler todas as notas, observações e críticas enviadas pelos seus subordinados, fosse qual fosse o seu posto, e assim lhe veio parar às mãos a nota de Bak.

O vizir chamou o funcionário à sua presença ao fim da manhã.

— O que descobriste tu de anormal?

— Falta o teu sinete no relatório de um empregado do Tesouro que foi demitido.

— Ora deixa ver.

Com efeito, Paser descobriu um documento inédito. Um escriba da sua própria administração tinha-se certamente esquecido de o meter no estojó dos papiros relativos ao petróleo.

“O grão de areia na engrenagem”, pensou o vizir, lembrando-se do jovem juiz de província que, pelo simples prazer de fazer bem o seu trabalho, tinha descoberto um cancro que se preparava para destruir o Egito.

— A partir de amanhã, ficas responsável pelo controle dos arquivos, anotarás todas as anomalias e virás todas as manhãs ao meu gabinete fazer-me o relatório.

Ao sair do escritório do vizir, Bak correu para a rua e, ao apanhar o ar livre, soltou um grito de alegria.

— Este convite parece-me um pouco solene demais — disse Bel-Tran, calmamente. — Podíamos ter almoçado em minha casa.

— Não quero parecer excessivamente cerimonioso — declarou Paser, — mas creio que tu e eu devemos submeter-nos às nossas respectivas funções.

— Tu és o vizir e eu o diretor da Dupla Casa branca e o responsável pela economia do país, e, de acordo com a hierarquia, devo-te obediência. Terei traduzido corretamente a tua idéia?

— Assim trabalharemos em harmonia.

Bel-Tran tinha engordado e o seu rosto, redondo, começava a tornar-se lunar. E, apesar da habilidade das suas tecelãs, continuava espartilhado numa tanga muito apertada.

— O especialista em finanças és tu, não eu, os teus conselhos serão muito bem-vindos.

— Conselhos ou diretivas?

— A economia não deve sobrepor-se à arte de governar, os homens não vivem só dos bens materiais. A grandeza do Egito provém da sua visão do mundo, e não da sua pujança econômica.

Os lábios e as narinas de Bel-Tran crispavam-se, mas ele não respondeu.

— Gostava de tirar uma pequena dúvida. Mexeste recentemente num produto perigoso, o petróleo?

— Quem me acusa?

— O termo parece-me excessivo. O relatório de um funcionário, que tu demitiste, põe-te em causa.

— Que acusações me faz?

— Que terias levantado durante um curto período a interdição de se explorar petróleo numa zona bem delimitada do deserto ocidental e autorizado uma transação comercial sobre a qual recebeste antecipadamente uma percentagem significativa. Uma operação pontual e muito lucrativa, nada de ilegal, afinal, uma vez que obtiveste o acordo do especialista respectivo, o químico Chéchi. Mas acontece que ele era um criminoso, envolvido numa conspiração contra o Estado.

— Que pretendes insinuar?

— Essa relação deixa-me inquieto. Trata-se certamente de uma infeliz coincidência, mas, como amigo, peço-te uma explicação.

Bel-Tran levantou-se.

A sua fisionomia modificou-se tão brutalmente que deixou Paser estupefato. O rosto afável e caloroso deu lugar a um fâcies rancoroso e arrogante. E a sua voz, geralmente nervosa, mas ponderada, carregou-se de violência e agressividade.

— Uma explicação, como amigo... Que ingenuidade! Como és de compreensão lenta, meu caro Paser, meu vizir de pacotilha! Qadash, Chéchi, Denes... meus cúmplices? Diz antes meus dedicados servidores, tivessem ou não disso consciência! Se te apoiei contra os três, foi por causa das estúpidas ambições de Denes, queria por força ocupar o cargo de diretor da Dupla Casa branca e controlar as finanças do país. Ora esse papel era meu, uma simples etapa para chegar ao vizirato, que tu me roubaste! Toda a administração me reconhecia como o mais competente, os cortesãos só sugeriam o meu nome quando o faraó os consultava, e foi a ti, um obscuro juiz caído em desgraça, que o rei escolheu. Bela manobra, meu caro, surpreendeste-me.

— Enganas-te.

— Eu não, Paser! O passado não me interessa. Ou fazes o teu próprio jogo e perdes tudo, ou, então, obedeces-me, e faço de ti um homem muito rico, sem as preocupações de um poder que não és capaz de assumir.

— Eu sou o vizir do Egito.

— Tu não és nada, porque o faraó está condenado.

— Significa isso que tens na tua posse o testamento dos deuses?

Um esgar de satisfação aflorou o rosto lunar do financeiro.

— Com que então Ramsés fez-te confidências. Que erro monumental! Na verdade, já não é digno de reinar. Demasiadas hesitações, meu caro amigo. Então, estás comigo, ou contra mim?

— Nunca sofri um desgosto tão profundo.

— As tuas emoções não me interessam.

— Como suportas tu a tua própria hipocrisia?

— É uma arma bem mais útil do que a tua ridícula probidade.

— Sabias que a ganância é um dos maiores pecados mortais, e que te privará da sepultura?

Bel-Tran soltou uma gargalhada.

— A tua moral é igual à de uma criança retardada. Os deuses, os templos, as moradas eternas, os rituais... Tudo isso é ridículo e retrógrado. Não tens a mínima consciência do mundo novo em que estamos a entrar. Tenho grandes projetos, Paser, e pô-los-ei em prática ainda antes de destronar Ramsés, esse rei senil, preso a tradições ultrapassadas. Abre os olhos e contempla o futuro!

— Restitui os objetos roubados da grande pirâmide.

— O ouro é um metal raro e de grande valor, que sentido faz imobilizá-lo na forma de objetos rituais que só um morto pode contemplar? Os meus aliados fundiram-nos. Agora, disponho de uma fortuna suficiente para comprar um bom número de consciências.

— Posso mandar-te prender imediatamente.

— Não, não podes. Basta-me um gesto para derrubar Ramsés, e tu serás arrastado na queda. Mas hei-de intervir no momento certo e segundo o plano previamente estabelecido. Meteres-me na prisão ou fazeres-me desaparecer não impediria o curso dos acontecimentos. Tu e o teu rei estão atados de pés e mãos. Não sirvas por mais tempo um morto-vivo, serve-me antes a mim. Estou a dar-te uma última oportunidade, Paser. Agarra-a.

— Moverei contra ti um combate sem tréguas.

— Em menos de um ano, o teu nome será apagado dos anais. Usufrui bem da tua linda esposa, pois em breve tudo se desmoronará à vossa volta. O teu universo está podre, e fui eu quem roeu os pilares que o sustinham. Tanto pior para ti, vizir do Egito. Vais arrependerte de me teres subestimado.

O faraó e o seu vizir foram conversar na câmara secreta da Casa da Vida de Mênfis, longe de olhos e ouvidos indiscretos. Paser contou toda a verdade a Ramsés:

Bel-Tran, o fabricante de papiros, o notável encarregado de difundir os grandes textos, o responsável pela economia do país... Sabia-o pouco escrupuloso, ambicioso e agarrado ao dinheiro, mas não podia imaginar que fosse um traidor, um destruidor.

— Bel-Tran teve tempo para estender a sua teia, granjear cumplicidades em todas as classes sociais, gangrenar as administrações.

— Vais demiti-lo já?

— Não, Majestade. Finalmente, o mal apareceu-nos de cara descoberta, compete-nos agora descobrir a sua estratégia e encetar uma luta sem quartel.

— Bel-Tran tem na sua posse o testamento dos deuses.

— Provavelmente, não age sozinho, eliminá-lo não te garante a vitória.

— Nove meses, Paser, restam-nos nove meses, a duração de uma gestação. Declara-lhe guerra, identifica os aliados de Bel-Tran, desmantela as suas fortalezas, desarma os soldados das trevas.

— Lembremo-nos das palavras do velho sábio Ptah-hotep: Magna é a Regra, duradoura a sua

eficácia nada ousou perturbá-la desde o tempo de Osíris. A iniquidade é capaz de se apossar da quantidade, mas nunca o mal levará tal empresa a bom porto. Não te empenhes em maquinações contra a espécie humana, pois Deus castiga tal procedimento...

— Ele vivia no tempo das grandes pirâmides e era vizir, como tu. Quem dera que ele tivesse razão.

— As suas palavras atravessaram os tempos.

— Não é o meu trono que está em jogo, mas a civilização do amanhã. Ou a move a traição, ou a justiça.

Do túmulo de Branir, Paser e Néféret contemplaram a imensa necrópole de Saqqarah, que dominava a pirâmide em degraus do faraó Djéser. Os sacerdotes do ka, servidores da alma imortal, cuidavam dos jardins dos túmulos e depunham oferendas nos altares das capelas abertas aos peregrinos. Cortadores de pedra restauravam uma pirâmide do Antigo Egito, outros abriam uma sepultura. Na cidade dos mortos, reinava a serenidade.

— O que decidiste fazer? — perguntou Néféret a Paser.

— Lutar. Lutar até ao fim.

— Havemos de descobrir o assassino de Branir.

— Não foi já castigado? Denes, Chéchi e Qadash desapareceram em circunstâncias apavorantes, e a lei do deserto condenou o general Asher.

— O culpado ainda anda à solta — afirmou ela. — Quando a alma do nosso mestre conhecer enfim a paz, nascerá no céu uma nova estrela.

A jovem pousou a cabeça docemente no ombro do vizir. Fortalecido pela força e pelo amor, o juiz do Egito travaria uma batalha antecipadamente perdida, na esperança de que a felicidade daquela terra divina não desaparecesse da memória do Nilo, do granito e da luz.

FIM.